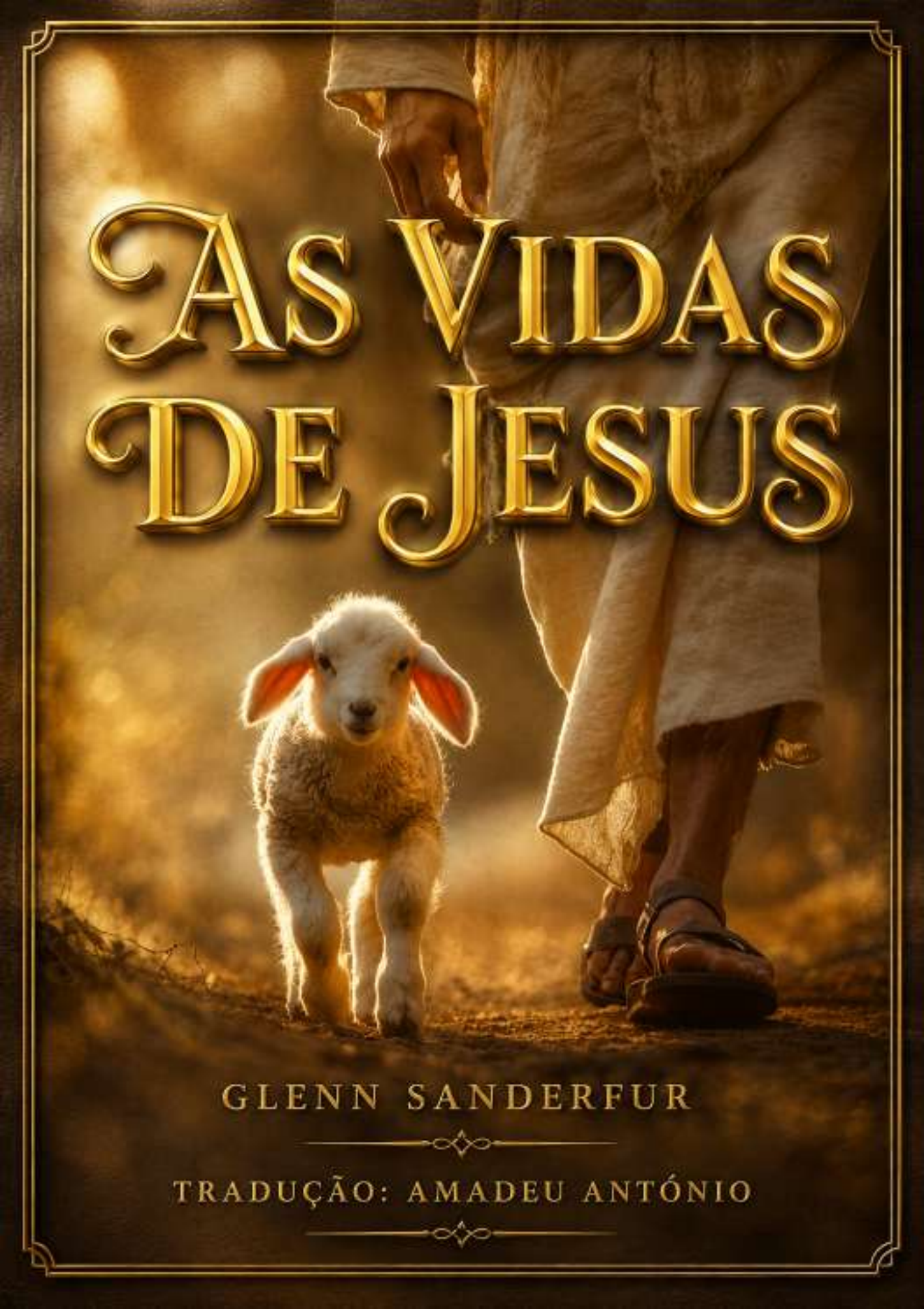
AS VIDAS DE JESUS
GLENN SANDERFUR
TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

VIDAS DO MESTRE

A OUTRA PARTE DA HISTÓRIA DE JESUS

Glenn Sanderfur, 1988

Baseado nas Leituras Psíquicas de Edgar Cayce

Índice

- Introdução
- Capítulo Um:
EDGAR CAYCE
- Capítulo Dois:
A HISTÓRIA DO MESTRE SEGUNDO EDGAR CAYCE
- Capítulo Três:
VIDAS PASSADAS?
- Capítulo Quatro:
AMÍLIO
- Capítulo Cinco:
ADÃO
- Capítulo Seis:
ENOC
- Capítulo Sete:
HERMES
- Capítulo Oito:
MELQUISEDEQUE
- Capítulo Nove:
JOSÉ
- Capítulo Dez:
JOSUÉ
- Capítulo Onze:
ASAFE
- Capítulo Doze:
JESHUA
- Capítulo Treze:
ZEND
- Capítulo Catorze:
JESUS: A SUA JUVENTUDE
- Capítulo Quinze:

JESUS: O SEU MINISTÉRIO
- Capítulo Dezasseis:
JESUS: A SUA MORTE E RESSURREIÇÃO
- Capítulo Dezassete:
JESUS: O SEU REGRESSO
- Capítulo Dezoito:
A MENSAGEM DA ANTIGUIDADE
- Capítulo Dezanove:
A NOSSA HERANÇA

Dedicatória

Este livro é dedicado em humilde gratidão ao Mestre dos Mestres — Jesus, o Cristo — cujo amor por nós se tornou, desde o início, numa jornada redentora de uma magnitude que jamais poderemos compreender e de um alcance que nunca antes tínhamos ousado sonhar. É uma jornada que continuará até que a última ovelha perdida esteja no redil.

Este livro é a história do Bom Pastor que, desde as fundações do tempo, mostrou repetidamente o caminho ao rebanho errante através do sacrifício e do martírio.

Agradecimentos

É aqui prestado o devido reconhecimento ao meu amigo Gary D. Rose, cujo incentivo, inspiração, investigação e conselhos foram inestimáveis, especialmente nos primeiros tempos, quando a escrita desta história parecia tão avassaladora e improvável.

Expressa-se também gratidão a Nell Clairmonte, que iniciou a crónica há anos, mas que cedeu com alegria a tarefa e participou neste empenho.

A estes e a todos os outros cujo amor pelo Cristo e cujas muitas contribuições foram tão motivadoras e valiosas, só posso transmitir os meus sinceros e genuínos agradecimentos.

Introdução

Deparei-me pela primeira vez com a premissa de que Jesus tinha vivido vidas anteriores enquanto lia *Edgar Cayce's Story of Jesus*, de Jeffrey Furst, há vários anos. Baseava-se em informação psíquica dada por Edgar Cayce na primeira metade do século XX.

A ideia era revolucionária. O meu historial religioso Batista do Sul era demasiado limitado em alcance para permitir ao «Filho de Deus» múltiplas vidas na terra. E, no entanto, à medida que pensava mais no conceito, comecei a «saber» que estava correto. Afinal de contas, a minha educação religiosa também não comportava a reencarnação, mas eu estava convencido de que tinha vivido vidas anteriores.

Ocorreu-me que se deveria fazer um estudo das vidas anteriores de Jesus que Cayce tinha mencionado, para ver que apoio poderia haver para elas fora das leituras e que lições poderiam ser tiradas dessas vidas. Com o tempo, a ideia fortaleceu-se e começou a aproximar-se de uma compulsão. Assistiríamos a uma progressão ordenada na espiritualidade desta alma? Teria ele errado e experimentado o tipo de problemas que todos nós temos? Estava convencido de que haveria valor num tal estudo.

Com o tempo, depois de ver que mais ninguém tinha feito este estudo, comecei a considerar a possibilidade de o fazer eu próprio. Não tinha, contudo, ilusões sobre a facilidade da tarefa nem sobre as qualificações desejáveis. Achava que algum especialista bíblico deveria fazer o estudo.

Por fim, decidi investigar o assunto e possivelmente escrever um artigo sobre as minhas descobertas; provavelmente não haveria material suficiente, pensava eu na altura, para um livro. O projeto abrangeu um período de oito anos e, por vezes, a conclusão parecia virtualmente impossível. Tive, no entanto, algumas experiências intuitivas e quase psíquicas que me ajudaram na investigação e me encorajaram na escrita.

A informação relativa às vidas anteriores de Jesus — oriunda de fontes frequentemente não relacionadas e divergentes — tornou-se em breve volumosa.

A secretária de longa data de Edgar Cayce, Gladys Davis (Turner), disse-me, pouco antes da sua morte em 1986, que a informação sobre as vidas anteriores de Jesus tinha entusiasmado e interessado o Sr. Cayce mais do que qualquer outro tópico debatido nas suas revelações psíquicas. Ela estava satisfeita por o assunto estar finalmente a ser estudado com alguma profundidade.

O estudo tem sido um trabalho de amor pontuado por um inegável sentido de dever. No processo, aprendi muito e desenvolvi um sentimento genuíno de proximidade e amor pelo Mestre. Outro resultado foi uma convicção decidida sobre a validade das leituras de Cayce — pelo menos no que diz respeito ao assunto das vidas anteriores de Jesus. O facto de Cayce ter dado esta informação antes de algumas das fontes de apoio abordadas neste livro terem sido efetivamente «descobertas» em achados arqueológicos confere ainda maior credibilidade à sua realização.

Acredito que há uma série de benefícios a extrair da história das vidas do Mestre. O Mestre torna-se um modelo mais significativo e relevante para nós seguirmos. É um modelo com fios que se estendem a muitas das principais religiões do mundo.

As realizações do homem Jesus tornam-se tanto mais significativas quando vistas sob a perspetiva das suas vidas anteriores, menos perfeitas. Surge, com este quadro mais amplo, um sentido de orquestração divina e cósmica que é impressionante, inspirador e

reconfortante para nós, mortais. Há lógica e significado em coisas que até agora tinham de ser aceites unicamente pela fé.

Quero que outros experimentem alguns dos benefícios que foram meus em resultado do estudo das vidas anteriores de Jesus. Esse é o propósito deste livro.

Salvo indicação em contrário no texto, as referências ou citações da Bíblia serão as da *Revised Standard Version*.

Por razões de simplicidade nestes capítulos, salvo se a redação ou o contexto indicarem claramente o contrário, as referências a Edgar Cayce serão, na realidade, a ele em transe psíquico e à informação que veio através dele enquanto se encontrava nesse estado. As leituras psíquicas de Edgar Cayce serão identificadas por um número de leitura. As leituras originais estão alojadas na Biblioteca da A.R.E. e na Fundação Edgar Cayce em Virginia Beach, Virgínia.

Capítulo Um:

Edgar Cayce

O local e o momento do seu nascimento não foram certamente um acaso. Um ambiente do sul do interior americano, de uma cidade pequena, ajudou-o a evitar o escrutínio público intensivo e sufocante que poderia ter encontrado numa grande área metropolitana. A época era de boa comunicação, mas felizmente não possuía as técnicas dos meios de comunicação de massa de hoje, que frequentemente resultam em fama e publicidade instantâneas de um dia para o outro. A capacidade psíquica de Edgar Cayce pôde, assim, florescer, desenvolver-se e ajustar-se gradualmente à exposição pública e ao ceticismo. No entanto, o seu talento especial foi suficientemente documentado para evitar a obscuridade e a perda para as gerações subsequentes.

O material psíquico gravado e recebido de Edgar Cayce constitui a maior massa de tal informação jamais acumulada. Abrange praticamente todos os assuntos imagináveis e, desde os primeiros

anos, foi testado e provou ser preciso nos campos da saúde e da medicina.

Edgar Cayce nasceu perto de Hopkinsville, no oeste do Kentucky, a 18 de março de 1877. A família Cayce era natural da região há um par de gerações e era constituída por gente rural respeitada, poupada e trabalhadora. A escolaridade de Edgar parou ao nível do oitavo ano, mas a sede de conhecimento alimentou as suas experiências de aprendizagem ao longo da vida. Um dia, ao preparar-se para as suas lições escolares, descobriu que, ao dormir sobre um livro, conseguia aprender o seu conteúdo palavra por palavra. Esta experiência e uma outra em que uma pessoa de aspeto angelical lhe apareceu marcaram o início da sua orientação psíquica. O jovem Edgar pediu ao «anjo» poder para ajudar a curar os outros. Foi um pedido que se cumpriu com certeza em anos posteriores.

O primeiro emprego a tempo inteiro de Edgar foi como comerciante, mas o talento para a fotografia em breve o moveu para esta profissão, onde foi bastante bem-sucedido em negócios no Kentucky e no Alabama. Durante estes primeiros anos, casou com Gertrude Evans, uma jovem atraente natural de Hopkinsville. Iriam permanecer felizmente casados pelo resto das suas vidas e criar dois rapazes, Hugh Lynn e Edgar Evans. Gertrude tornou-se uma assistente e apoio valioso para Edgar na sua vida e trabalho psíquicos.

Foi quando ainda estava em Hopkinsville que Edgar, aos 24 anos, desenvolveu um problema na garganta e ficou incapaz de falar. Um artista itinerante e hipnotizador colocou-o a dormir e Edgar — sob hipnose — diagnosticou o seu próprio problema e deu instruções sobre como o curar. O tratamento funcionou e ele pôde voltar a falar. Em breve se descobriu que Edgar, através da hipnose, também conseguia diagnosticar os males de outras pessoas e dar conselhos para a sua cura. Frequentemente, os tratamentos eram não convencionais e ridicularizados pela medicina tradicional, mas funcionavam — mesmo em casos vistos por outros como incuráveis.

Cayce recebeu a sua primeira publicidade nacional quando o Dr. Wesley H. Ketchum, um médico local que tinha estado a trabalhar com ele, apresentou um relatório numa convenção médica sobre a estranha capacidade de Edgar. A 9 de outubro de 1910, um artigo no *New York Times* sobre a apresentação de Ketchum trouxe também a Cayce uma enxurrada de publicidade e pedidos de cura.

O seu acordo de trabalho com o Dr. Ketchum acabou por terminar e Edgar, a viver agora em Selma, no Alabama, contratou uma estenógrafa local, Gladys Davis, para registar as suas leituras psíquicas. Assim começou ela a sua notável realização de gravar mais de 14 000 destas.

Uma rotina para dar leituras foi estabelecida quase desde o início. Cayce deitar-se-ia num sofá ou cama com o rosto voltado para cima. Assim que se sentia relaxado, um assistente dava-lhe algumas sugestões e ele entrava num sono profundo. O assistente lia uma diretiva preparada pedindo orientação espiritual antes de fazer as perguntas a que as pessoas desejavam respostas. Cayce dava então respostas a partir do seu sono profundo numa voz ligeiramente diferente da do seu estado consciente normal.

Inesperadamente, a carreira psíquica de Cayce tomou um novo rumo. Em Dayton, Ohio, em 1923, ele começou a falar sobre assuntos que não apenas padecimentos físicos. Começou a dar informação sobre questões filosóficas como o significado da vida, a origem da humanidade e a relação da humanidade com Deus. A humanidade era retratada como uma criação e expressão de Deus presente neste mundo material em resultado de uma escolha e de um esquecimento da sua fonte divina. O regresso a Deus poderia ser alcançado através de uma série de vidas e experiências de aprendizagem. Cayce tinha trazido à superfície um assunto — a reencarnação — que parecia estar fora do seu historial cristão protestante tradicional.

Desde o próprio início, Edgar Cayce tinha tido cautela relativamente à informação psíquica que vinha através dele quando entrava no estado de sono hipnótico, semelhante ao transe, e prometeu

abandonar a prática por completo se alguma vez resultasse algum mal para alguém por causa disso. Isto nunca aconteceu e, eventualmente, ele aceitou plenamente a validade da informação, incluindo aquela sobre vidas passadas. Ele até seguiu o conselho psíquico para mudar a sua família e trabalho para Virginia Beach, Virgínia, uma pequena aldeia de pescadores quando ele lá chegou em 1925. Aqui passou o resto da sua vida e estabeleceu uma organização permanente para dar continuidade ao seu trabalho.

Hoje em Virginia Beach, a *Association for Research and Enlightenment, Inc.*, com mais de 50 000 membros em todo o mundo, continua o trabalho iniciado por Edgar Cayce. Esta organização de membros é auxiliada pela *Edgar Cayce Foundation* e pela *Atlantic University*. As leituras psíquicas de Cayce estão alojadas numa biblioteca metafísica única, que também inclui mais de 50 000 volumes sobre assuntos relacionados com as leituras. Entre 75 e 100 livros foram já escritos especificamente sobre Edgar Cayce ou o seu trabalho, e a investigação sobre conceitos das leituras continua a um ritmo crescente.

Em 1942, a primeira biografia de Edgar Cayce, *There Is a River*, foi escrita por Thomas Sugrue. *The Sleeping Prophet*, de Jess Stearn, seguiu-se em 1967 e tornou-se um *bestseller* nacional.

O material nas leituras de Cayce abrange uma vasta gama de assuntos e interesses. Além de material médico e de saúde, as leituras incluem informação sobre tópicos como civilizações antigas, pré-história, arqueologia, religião, filosofia, psicologia, parapsicologia, meditação, sonhos, mudanças na Terra e profecias sobre o futuro. Jess Stearn, na sua biografia, chamou a Edgar Cayce «um dos mais notáveis psíquicos de todos os tempos».

O autor/teólogo Richard Drummond classifica Cayce ao lado de gigantes espirituais cristãos como S. Francisco de Assis, Martinho Lutero, S. João da Cruz, Teresa de Ávila, Inácio de Loiola, Francisco Xavier, Jakob Boehme, George Fox, John Wesley e Rudolf Steiner.1

Edgar Cayce deu-nos material que curou milhares de pessoas de enfermidades e problemas de saúde. Mas talvez ainda mais importante, este material psíquico tem o potencial de ajudar homens e mulheres a encontrar novos rumos para pensar e lidar com as suas vidas. A filosofia das leituras enfatiza a unidade e a unicidade de Deus e da humanidade — na verdade, de toda a criação de Deus. O serviço a todas as pessoas é dado como o ideal para a humanidade e o passaporte para percorrer o caminho de regresso ao estado divino — esse estado de perfeição e de unicidade do nosso propósito e da nossa vontade com a de Deus. Dois temas de promessa sem paralelo destacam-se em nítido relevo: Somos filhos de Deus, e a vida de cada alma é contínua e eterna.

A Cayce, no seu estado de transe, foi perguntada a razão do seu talento psíquico invulgar. A resposta que veio oferece uma promessa para o resto de nós:

Apenas como um dom dAquele que deu, «Se guardardes os meus caminhos, Eu te amarei, habitarei contigo e trarei à tua lembrança todas as coisas desde a fundação do mundo». **2072-8**

O talento psíquico cuja precisão pode ser testada e verificada em algumas das suas áreas temáticas deve logicamente transportar um grau de precisão para as áreas que não podem ser provadas ou desmentidas. Assim, Edgar Cayce, cujo registo médico psíquico era excelente, deverá ser capaz de nos fornecer uma janela psíquica razoavelmente precisa sobre eventos passados e a pré-história. Quando, por exemplo, a sua fonte psíquica nos diz que Jesus fez ou disse certas coisas, tais comentários são merecedores de algum respeito. Quando os detalhes não são inconsistentes com a Bíblia e com a história, são dignos de ainda mais atenção. E quando encontramos documentos antigos e factos históricos que concordam com as suas revelações psíquicas, então podemos estar justificados em conceder-lhes um grau significativo de respeito e autoridade.

Algumas pessoas podem ficar perturbadas com a ideia de usar informação de um psíquico, especialmente de alguém que, estando em

transe, nos dá material de uma fonte desconhecida. Existem proibições bíblicas contra certas práticas ocultas ou psíquicas, e no entanto tanto o Antigo como o Novo Testamento seriam vazios e sem sentido sem as experiências psíquicas das suas personagens. A sua mensagem espiritual está escrita nas palavras dos profetas e nos atos paranormais dos seus santos. O questionamento e a avaliação cuidadosos das práticas e do material psíquicos são, portanto, apropriados e devem ser encorajados.

Após peneirar os conselhos quase conflituosos da Bíblia relativamente ao uso de fenómenos psíquicos e proferimentos proféticos, parece de facto emergir uma regra ou guia com significado. Primeiro, a informação psíquica deve ser precisa e resistir ao teste da veracidade ao longo do tempo. Em segundo lugar, deve ser de uma natureza que aponte de forma infalível para Deus e, sob uma perspetiva cristã, para o Cristo.2 Se estes critérios puderem ser preenchidos, então, nas palavras de Paulo, os talentos de profecia, de falar em línguas e afins são, de facto, dons do Espírito. As instruções de Jesus sobre como distinguir o verdadeiro profeta do sedutor maligno consistem em olhar para os seus frutos — os resultados que fluem das suas obras.

Para este autor, a informação psíquica de Edgar Cayce preenche claramente os testes de validação acima referidos. Cada pessoa é, contudo, convidada a examinar os capítulos que se seguem e a fazer o seu próprio julgamento sobre a veracidade e o valor da história psíquica de Cayce respeitante às vidas do Mestre.

Uma análise de alguma da informação filosófica e religiosa não convencional de Edgar Cayce — especialmente no que se refere a este livro — pode ser melhor feita hoje do que há apenas alguns anos. Descobertas arqueológicas recentes e a disponibilidade de documentos desses achados permitem-nos olhar para material contemporâneo dos tempos do início do cristianismo e de outros períodos históricos e examinar textos que estiveram imunes a edições e alterações ao longo dos anos intermédios. O material em muitos destes documentos

antigos é bastante relevante e pertinente para a informação dada pela fonte de Edgar Cayce, que é a matéria deste livro.

Edgar Cayce morreu em janeiro de 1945, e toda a sua informação psíquica é anterior a esse ano. No final dos anos 40 e ao longo dos anos 50, uma série de documentos significativos, a maioria dos quais tinha estado perdida durante séculos, foram descobertos em Qumran, perto do Mar Morto, na Palestina (atualmente Israel), e em Nag Hammadi, no Egito.

As leituras e os documentos encontrados em Qumran

As leituras e os documentos encontrados em Qumran são geralmente tidos como tendo sido escritos entre 250 a.C. e 68 d.C., preservados e depois escondidos por uma seita dos Essénios, um grupo religioso monástico. Esta seita é mencionada frequentemente nas leituras de Cayce, e a sua existência histórica e credos gerais estão documentados pelos historiadores judeus Filo, Flávio José e Plínio.

Cayce disse que o significado do termo «Essénio» é expetativa. (254-109) Certamente que a história e os documentos essénios indicam que eles estavam à espera e a preparar-se para uma figura messiânica.

Algumas das obras descobertas em Qumran eram até então desconhecidas pelos especialistas modernos ou eram conhecidas apenas por referência noutro material. A interpretação e a análise dos documentos têm sido lentas, e alguns críticos até acusaram de atraso deliberado e encobrimento por parte de especialistas cristãos que temiam que a autoria original dos ensinamentos e ditos de Jesus pudesse ser posta em causa. A maioria dos documentos, contudo, está agora publicamente disponível e eles não impugnam a mensagem de Jesus. O impacto dos documentos na nossa compreensão dos conceitos messiânicos do cristianismo primitivo, no entanto, tem sido profundo.

Eles [os conceitos messiânicos] estavam a ser moldados por escritos e ensinamentos emanados em grande parte dos Essénios e amplamente considerados como inspirados. Até ser possível, em

tempos recentes, ter plena consciência disto e ter acesso a grande parte da literatura, a verdadeira história dos primórdios cristãos não podia ser apurada. As nossas perspetivas estavam incorretas e, quase inevitavelmente, também o estavam as nossas conclusões. As circunstâncias ainda não foram apreendidas pela grande maioria dos cristãos.3

Os primeiros livros da biblioteca egípcia de Nag Hammadi foram descobertos em dezembro de 1945, mas a sua publicação também foi muito atrasada devido a uma série de obstáculos políticos e académicos. A sua interpretação completa — e impacto — está apenas a começar.

A biblioteca de Nag Hammadi é essencialmente uma coleção de obras gnósticas do cristianismo primitivo. O gnosticismo foi uma força poderosa entre os primeiros cristãos que afirmavam «saber» o significado oculto e verdadeiro dos ensinamentos de Jesus. Durante dois ou três séculos, existiu lado a lado com grupos cristãos mais conservadores e tradicionais. Com a conversão do Império Romano ao cristianismo convencional, contudo, a hipótese de o cristianismo gnóstico sobreviver tornou-se remota, especialmente com os esforços subsequentes para padronizar o cristianismo e declarar as variantes como heréticas. No entanto, alguns especialistas hoje supõem que no material gnóstico se podem encontrar a doutrina e os ensinamentos que mais de perto se conformam com os de Jesus e dos apóstolos.4

Os Essénios podem ter sido precursores dos Gnósticos, embora exista uma diferença substancial em muitos dos seus ensinamentos e credos. Os documentos de Qumran revelam certamente tendências que se tornaram no gnosticismo.5 A história do gnosticismo tal como derivada da biblioteca de Nag Hammadi começa aproximadamente onde a história essénia dos Manuscritos do Mar Morto termina. Geralmente, os documentos do Mar Morto ou de Qumran referem-se a eventos do Antigo Testamento, ao passo que os textos de Nag Hammadi se relacionam com o cristianismo primitivo e o Novo Testamento.

Como vimos, as duas principais e mais importantes descobertas de documentos antigos ocorreram no Mar Morto e em Nag Hammadi, mas outros textos que se pensava estarem perdidos ou serem inexistentes também vieram à superfície no último século, aproximadamente, e serão usados como fontes de referência.

O facto de um documento ser antigo e ter estado indisponível durante séculos não o torna autêntico. Por outro lado, há fios condutores comuns de filosofia que atravessam muitos deles e que incidem sobre o assunto deste livro. Eles merecem um escrutínio e consideração sérios e serão referidos frequentemente nos capítulos que se seguem.

Capítulo Dois:

História do Mestre

(conforme sugerido pelas leituras de Edgar Cayce)

Então Jesus disse: «Eis, Pai, ela vagueia pela terra perseguida pelo mal. Longe do teu Sopro ela está a extraviar-se. Ela tenta fugir do amargo Caos e não sabe como há de escapar. Envia-me, ó Pai, portanto, e eu, levando o selo, descerei e vaguearei por todos os Éons, todos os mistérios revelarei. Manifestarei as formas dos deuses e ensinarei os segredos do santo caminho...» *(Salmo Naasseno do Cristianismo Primitivo)*

Uma visão geral das vidas do Mestre contada em forma de história:

Há muitos éons, antes das fundações do tempo, Deus existia. Num ato de amor, Deus criou seres para serem companheiros e cocriadores com Ele. Assim vieram a existir as almas de cada um de nós.

A primeira alma criada, aquela a quem agora chamamos nosso Irmão Mais Velho, era muito especial para Deus e ajudou no resto da criação. Foi um tempo perfeito, pois as almas recém-formadas desfrutavam de tudo o que Deus tinha criado. Havia também anjos e arcanjos e todo o tipo de vida animal, vegetal e mineral a existir em muitos planetas e mundos. Uma parte de Deus foi dada a cada alma, e toda a vida se tornou assim num reflexo de Deus.

Às almas, contudo, Deus deu uma capacidade única — a do livre-arbítrio. Elas podiam fazer tudo o que quisessem, até coisas que Deus não desejava e que distorciam o plano criativo. Este dom, que Deus não retiraria nem controlaria, mostra o imenso amor que o nosso Criador tinha por cada um de nós. Afinal, Deus é amor. É um amor que não conseguimos compreender — tal como não conseguimos compreender Deus.

Embora os anjos não tivessem tanta liberdade de arbítrio como as almas, alguns deles desafiaram Deus e houve uma guerra no céu. O líder dos anjos revoltosos foi Lúcifer ou Satanás, que acabou por ser expulso do céu. Esta guerra afetou toda a criação, incluindo a Terra e as almas que agora aqui vivem. O conflito será longo e difícil; no entanto, Deus e os anjos leais irão fundamentalmente prevalecer.

À medida que as eras passavam, muitas almas começaram a experimentar com a criação de Deus e a fazer coisas que não faziam parte do plano. Ao fazê-lo, perderam gradualmente a sua proximidade com Deus e esqueceram a sua divindade — a centelha de Deus dentro de cada uma delas. Apenas vagamente podiam estas almas recordar o seu Criador e lembrar o propósito para o qual tinham sido criadas. Era uma situação triste que continuava a piorar e parecia não haver solução. Deus podia destruir as almas perdidas, mas não podia controlá-las nem parar os erros que estavam a cometer.

Quando as almas tinham entrado inicialmente na Terra e na matéria, podiam fazê-lo apenas pelo querer. Podiam deixar os seus corpos e regressar aos reinos espirituais da mesma maneira. Mas com o passar do tempo, tornou-se cada vez mais difícil deixar o mundo material desta forma. Eventualmente chegou um momento em que estas almas não podiam deixar voluntariamente os corpos em que tinham entrado, por mais que tentassem. Tinham de esperar pela morte. Mesmo assim, as suas almas não podiam regressar aos céus espirituais e só podiam voltar ao mundo material nascendo em novos corpos. Era um círculo sem fim e sem esperança. Não havia forma de escapar ou de regressar ao Pai celestial.

Finalmente, Deus confessou ao nosso Irmão Mais Velho uma profunda tristeza por ter criado as almas e lhes ter dado o seu livre-arbítrio. Agora aqueles que tinham feito mau uso do seu poder de vontade teriam de ser destruídos. Mas o Irmão Mais Velho não podia aceitar a destruição dos seus irmãos perdidos. Ele reuniu à sua volta outras almas que ainda não estavam presas na matéria, e debateram e planearam formas de ajudar os perdidos. O Irmão Mais Velho concordou em falar com Deus sobre a situação.

Ao aproximar-se de Deus, prostrou-se aos Seus pés e suplicou: «Pai Todo-Poderoso, criaste as almas na Tua sabedoria e amor. Elas destinavam-se a ser tuas companheiras e a ajudar na criação dos mundos vindouros. Mas extraviaram-se. Não as destruas, rogo-Te. Envia-me para lhes mostrar o caminho de regresso ao Teu favor e ao seu verdadeiro lar. Envia-me a mim e a estas outras almas que não Se esqueceram de Ti. Serei o seu líder e juntos salvaremos as almas perdidas e mostrar-lhes-emos o caminho de regresso a casa.»

Deus ficou comovido por esta demonstração altruísta de amor. Estas almas não tinham perdido a sua condição celestial e, no entanto, estavam dispostas a arriscá-la a fim de ajudar aqueles que estavam perdidos. Queriam que os seus irmãos errantes também partilhassem da sua herança.

Deus não lhes podia dizer «não». Ele abençoou o Irmão Mais Velho e as almas fiéis e instou-os a começar a sua missão de misericórdia. Deus avisou-os, contudo, de que o trabalho seria difícil e o resultado incerto.

Nesta altura do desenvolvimento da Terra, a maior massa terrestre e as ilhas que a cercavam chamavam-se Atlântida. Era uma terra bela, mas as almas tinham-se envolvido na evolução e na criação das plantas e dos animais da região e não tinham continuado fielmente o desejo de Deus para a criação. Tinham desenvolvido pragas, ervas daninhas indesejáveis e bestas ferozes que se alimentavam de tudo, incluindo dos corpos das almas. Pior ainda, as almas tinham criado formas corporais que eram misturas de vários tipos de vida. Alguns corpos continham partes de animais, tais como cascos, pelagem, escamas e chifres. Outros tinham mesmo características de plantas, como folhas e troncos de árvores. A nossa memória de alma preservou estas monstruosidades nas lendas de sereias, sátiros, unicórnios e outras formas corporais estranhas.

O Irmão Mais Velho e os outros filhos de Deus não caídos vieram à Atlântida e às almas perdidas nestas formas corporais estranhas. Eles não entraram em nenhum dos corpos da Terra, contudo, porque estes eram agora formas poluídas da criação. Vieram apenas em forma de espírito, sendo todavia capazes de se comunicar com as almas perdidas. O Irmão Mais Velho era o seu líder e foi chamado Amílio nesta ocasião.

Falaram com as almas perdidas e lembraram-lhes a sua origem divina. Amílio e os seus amigos tentaram reavivar as memórias do início e da condição celestial de todas as almas, mas em vão. As almas presas nas formas corporais e na matéria apenas se riram dos filhos de Deus e continuaram nos seus desejos egoístas e no mau uso da materialidade. O seu mundo sensual era até onde podiam ver ou lembrar-se.

Até Amílio e os filhos de Deus quase se perderam neste mundo de matéria. Relutantemente, decidiram desistir da sua missão e

regressar a Deus enquanto ainda podiam. Deixaram tristemente os seus irmãos perdidos e presos e regressaram aos céus. Ao encontrarem o Pai, pediram o Seu perdão pela sua falha, mas rogaram a Deus paciência e indulgência para com as almas perdidas.

O Irmão Mais Velho veio novamente a Deus no seu papel de porta-voz das almas não caídas. Pediu a Deus outra oportunidade para ajudar os irmãos perdidos. Embora continuasse a amar todas as almas que tinham sido criadas, Deus estava mais descorçoado do que nunca relativamente aos perdidos e às hipóteses de eles alguma vez regressarem a Ele.

Deus disse ao Irmão Mais Velho: «Não posso ajudar as almas perdidas até que elas se deem conta da gravidade da sua situação e peçam a Minha ajuda. Falo com elas, mas não me conseguem ouvir. Até que alguém viva uma vida perfeita de amor e mostre o caminho, não há esperança. Então as barreiras entre nós serão removidas. Mas por agora elas esqueceram quem são e são incapazes de amor altruísta e de um regresso ao estado divino.»

O Irmão Mais Velho respondeu: «Tudo o que dizes, ó Pai, é verdade. Elas não conhecem o caminho e não escutam. Se não Te conseguem ouvir, então deixa-me ir novamente e falar com elas. Deixa-me viver a vida perfeita e ser um exemplo de amor. Então elas lembrar-se-ão de quem são e voltarão para Ti.»

Mas Deus disse: «Falaste bem, filho primogénito, e amo-te ainda mais pela tua coragem e misericórdia, mas não é suficiente. As almas perdidas já não conseguem compreender quem seja um ser espiritual. Apenas conseguem reconhecer um exemplo em alguém como elas próprias; não escutarão ninguém exceto os seus pares. Infelizmente, as formas corporais estão agora tão corrompidas que uma alma não será capaz de regressar à espiritualidade depois de entrar num corpo material. Não te deixarei fazer esta coisa e arriscar perder-te.»

O Irmão Mais Velho e as almas leais ponderaram a verdade das palavras de Deus. A perda dos seus irmãos errantes parecia inevitável. E então o Irmão Mais Velho fez uma sugestão. «Peçamos a Deus para

criar uma nova forma corporal para as almas habitarem na Terra. Tomemos estes novos corpos e neles mostremos aos nossos irmãos o caminho de regresso a Deus. Servirei de modelo para o novo corpo terrestre. Entrarei no primeiro corpo e vocês poderão seguir-me em corpos semelhantes. Viveremos vidas de amor e mostraremos aos nossos irmãos o caminho para Deus.»

Quando o Irmão Mais Velho apresentou este plano a Deus, não houve resposta imediata. Finalmente, após muita deliberação, Deus falou e disse: «Não desejo que nenhuma alma pereça.» Portanto, acordou-se um plano, que se desenrolaria desta forma:

1. Cada alma deve enfrentar os seus erros ou pecados repetidamente até ter aprendido a enfrentá-los corretamente em amor, em vez de egoísmo. A nenhuma alma, contudo, será dado mais do que ela possa aguentar em qualquer momento.

2. A cada alma seriam permitidas muitas oportunidades, através de vidas terrestres, para superar este mundo de materialidade e de egoísmo da alma. Apenas se uma alma continuar repetidamente no egoísmo e rejeitar a luz do amor é que perderá qualquer oportunidade futura de salvação e será lançada nas trevas exteriores.

3. Para ajudar as almas a perceberem a sua separação de Deus, a Lúcifer ou ao diabo seria permitido tentar as almas e levá-las a profundezas extremas de depravação. Só então poderia cada alma estar em posição de reconhecer a sua condição totalmente sem esperança e começar a procurar um regresso ao Pai. Na desilusão e no sofrimento através do tempo, do espaço e da paciência, a alma poderia chegar à perceção de que a sua verdadeira vontade é a vontade de Deus e que na prática desta vontade está a felicidade e o céu.

4. Reconhecendo a dificuldade da situação, Deus propôs que cada pecado da alma fosse perdoado e as suas consequências evitadas sempre que a alma perdoar esse pecado nos outros.

5. As linhas de comunicação confusas poderiam ser restauradas entre Deus e as almas perdidas se alguma alma vivesse uma vida perfeita de amor na materialidade.

6. Embora existam outros planos e locais para o desenvolvimento da alma, a tarefa de superar o egoísmo ou a desobediência à vontade de Deus deve ser concluída na Terra se tiver sido iniciada nela.

7. Quando uma alma tiver substituído o egoísmo por um amor genuíno pelos outros, tanto no seu pensamento como na sua conduta, pode então finalmente deixar o plano terrestre e passar para outros reinos na sua jornada de regresso ao Pai.

Deus refletiu sobre este plano e viu que era bom. Quando as almas atingissem os extremos de degradação e separação de Deus, poderiam então estar dispostas a procurar algo melhor. Nesse ponto, havia a possibilidade de a memória da sua herança perdida poder ser reavivada. Se isso acontecesse, o plano permitia às almas perdidas uma via de fuga e uma forma de regresso a Deus. E se apenas uma alma que se lembrasse pudesse mostrar o caminho às outras, então as hipóteses do seu regresso seriam fortemente melhoradas.

Deus também reconheceu que, em resultado desta longa viagem na matéria e no erro, cada alma, se voltasse, seria mais sábia e totalmente empenhada no plano divino do Pai. Cada uma estaria plenamente consciente tanto da sua unicidade com Deus como da sua própria individualidade. O caráter de cada alma seria enriquecido com as suas experiências especiais e únicas e teria uma maturidade que lhe permitiria cumprir melhor o seu papel original de criatividade e companheirismo com Deus.

As almas não caídas estavam cheias de entusiasmo pelo plano e fizeram um pacto entre si para o fazer ter sucesso. O Irmão Mais Velho seria o seu líder nesta missão na materialidade. Daí em diante, referir-se-iam a ele amorosamente como «Mestre». Nesta vida futura na Terra, contudo, ele seria conhecido como Adão.

A Terra nunca tinha conhecido tal beleza como aquela que cercava as almas não caídas quando se aproximaram dela e se prepararam para a entrada de Adão. As estrelas da manhã cantaram juntas com a música das esferas. E os anjos de Deus gritaram de alegria e prometeram ajudar o Mestre e todas as almas que procurassem promover a vontade do Pai.

O novo corpo para Adão tinha sido preparado por Deus a partir do pó da terra. Estava pronto para receber o espírito da primeira alma criada por Deus; seria também a primeira alma que Deus tinha colocado na Terra. Para efeitos de companheirismo e ajuda, Deus dividiu a alma; uma parte entrou no corpo masculino de Adão, a outra no corpo feminino de Eva. Juntas, elas trabalhariam como almas gémeas na sua experiência terrestre.

Tudo na Terra estava agora sob o controlo de Adão e Eva e existia para os servir. Nunca houve um lugar de tanta beleza como o seu lar, o Jardim do Éden. Até os anjos no céu invejavam Adão e Eva e o paraíso do Éden.

O encanto, contudo, não duraria.

O anjo caído, Lúcifer, planeou como perturbar o plano para salvar as almas perdidas. Decidiu aproximar-se de Eva disfarçado de serpente, que era então um animal deslumbrante. Disse a Eva que o plano de Deus era demasiado lento; havia um caminho mais rápido para ajudar as almas perdidas. Se ela e Adão comessem da árvore do conhecimento, seriam iguais a Deus e saberiam o caminho rápido para ajudar as almas perdidas. Deus não tinha sido justo para com eles ao tornar a sua missão tão difícil; havia na realidade um caminho mais fácil.

Eva confiou na serpente; afinal, era o mais sábio dos animais. Com certeza nenhum mal poderia vir de apenas comer algum fruto da árvore, e talvez eles realmente se tornassem como Deus.

Ela correu para Adão para lhe contar a notícia emocionante. «Adão», disse ela, «Deus não nos contou tudo. Nós também podemos ser deuses se apenas comermos da árvore do conhecimento.»

Adão lembrou-se de que Deus lhes tinha dito para não comerem desta árvore e disse a Eva que deveriam obedecer a Deus. Lembrou-lhe também a sua importante missão de mostrar às almas perdidas o caminho de regresso a Deus.

«Mas é por isso que devemos comer o fruto», disse ela. «Quando formos como Deus, poderemos salvar rapidamente os perdidos. Não há razão para tornarmos o trabalho mais difícil esperando que o plano de Deus se desenrole.» Ela estava entusiasmada com esta oportunidade recém-encontrada.

Finalmente, Adão admitiu que a lógica dela fazia sentido e juntos comeram do fruto proibido.

Deus apareceu em breve, mas Adão e Eva fugiram com medo e culpa. Não se podiam esconder de Deus, contudo, e foram confrontados com o seu pecado.

Adão culpou Eva pelo erro e Eva queixou-se de que a serpente a tinha enganado. Como punição, Deus disse que ambos teriam de sofrer a morte como as almas perdidas e que seriam banidos do Jardim. Pelo resto das suas vidas, teriam de mourejar e trabalhar a terra a fim de obterem alimento e as necessidades da vida. Eva teria de sofrer ao trazer novas formas corporais de alma para a Terra, e a serpente daí em diante rastejaria pelo chão e seria pisada e ferida pelos pés dos homens.

Ao saírem do Jardim do Éden, imploraram pela misericórdia de Deus e por uma segunda oportunidade. Mas a justiça de Deus é certa e segura, e o erro deles não podia ser desfeito. Deus prometeu a Adão, contudo, que um dia ele seria capaz de superar o seu pecado e que viria ainda a ser o salvador das almas perdidas.

Quando esta promessa foi feita a Adão, Deus avisou que a jornada seria longa. Apenas na paciência poderia Adão recobrar a glória perdida da sua alma. Ele teria de vir à Terra muitas vezes para superar os seus erros e, no processo, mostrar o caminho de regresso a todas as outras almas. Ele vaguearia pela Terra através de éons de

tempo e redescobriria e revelaria os mistérios e segredos do santo caminho.

À medida que as outras almas não caídas seguiam Adão na materialidade, elas também erraram e ficaram envolvidas na longa procissão de vidas terrestres. Teriam de confiar no Mestre para lhes mostrar o caminho para fora do caos, mas seriam um conforto e um apoio para ele na viagem de redenção.

Agora todas as almas que tinham entrado na Terra estavam presas nela. Após o banimento do Jardim do Éden, Adão e Eva aprenderam a mourejar a terra e a viver dos seus produtos. Tiveram filhos, mas mesmo aqui houve desapontamento. Um deles, Caim, foi influenciado por Lúcifer e matou o seu irmão, Abel. Caim casou-se então com uma das almas que os filhos de Deus tinham vindo salvar e perdeu-se sem esperança nos caminhos do egoísmo e da materialidade.

Um terceiro filho, Sete, manteve a espiritualidade mais elevada de Adão e Eva e recebeu de Adão os segredos que Deus tinha confiado a Adão. Através da descendência de Sete, o Mestre regressaria muitas vezes no esforço contínuo de viver uma vida perfeita de amor.

E o Mestre regressou de facto. Regressou como Enoc, que, de acordo com a Bíblia, era um homem muito espiritual. Era respeitado por todos os seus amigos e uma fonte de inspiração para eles. Passado algum tempo, Deus decidiu que chamaria Enoc aos céus e lhe revelaria todos os mistérios do universo. Enoc tinha-os conhecido outrora quando estava com Deus no início, mas tinha-se esquecido deles. Assim, Enoc foi levado ao céu e Deus revelou-lhe todos os segredos e maravilhas da criação. Deus também colocou o Seu selo sobre Enoc para o designar como aquele que triunfaria sobre o mal e seria o juiz final de todas as almas.

Enoc regressou então à Terra e contou à sua família e amigos sobre as coisas que tinha aprendido de Deus. Muitas das almas escutaram-no e ficaram suficientemente inspiradas para levarem vidas espirituais e procurarem o regresso ao seu Criador. A fama de Enoc

era grande e numerosas nações ouviram falar dele e das suas espantosas revelações. Os Egípcios chamavam-lhe Hermes. Deus ficou tão satisfeito com Enoc e com o que ele tinha realizado que a Enoc foi permitido evitar a morte e foi levado diretamente para o céu no fim da sua vida na Terra.

Após a partida de Enoc, contudo, as pessoas esqueceram-se do que ele tinha dito e cessaram de seguir os caminhos do amor e do serviço. Até os mistérios que ele tinha revelado se perderam ou foram considerados meros mitos.

Deus e o Mestre decidiram tentar novamente. Por causa da boa vida que Enoc tinha vivido, Deus disse ao Mestre que ele não teria de passar por um nascimento ou morte físicos na sua visita seguinte à Terra. Ele poderia entrar e deixar a Terra tal como as almas originalmente tinham sido capazes de fazer.

Desta vez o Mestre foi conhecido como Melquisedeque. Ele era tanto um sacerdote de Deus como rei da cidade de Jerusalém. Conhecia Abraão e encorajou-o no seu desenvolvimento espiritual. A influência de Melquisedeque foi muito poderosa e fez com que muitas almas se lembrassem do seu eu superior e regressassem a Deus. Em eras vindouras, as pessoas olhariam para trás, para a vida de Melquisedeque, e reconheceriam nele um padrão de retidão para uma vida adequada e amor. Quando Deus mais tarde falou ao Seu povo escolhido, os Hebreus, e lhes prometeu que um dia lhes seria enviado um messias, alguns raciocinaram que seria alguém como Melquisedeque.

Contudo, depois de Melquisedeque ter sido levado para o céu no fim da sua vida terrestre, as pessoas esqueceram-se novamente de Deus e regressaram aos seus caminhos egoístas. Para elas, Melquisedeque era um deus que não conhecia nascimento nem morte; ele não era como elas. Não podiam fazer o que Melquisedeque tinha feito.

Deus e o Mestre contemplaram uma possível solução. Talvez se o Mestre viesse à Terra da vez seguinte através de um nascimento e de

uma morte, tal como as outras almas, elas se identificassem com ele e se lembrassem dos seus caminhos quando ele se fosse embora.

Assim, o Mestre regressou à Terra como José e nasceu de Raquel e Jacob depois de estes terem desesperado de alguma vez terem os seus próprios filhos. Os seus meios-irmãos odiavam-no. José era demasiado bom. Os irmãos eram invejosos e tentaram matá-lo. Mas Deus protegeu José e ele foi levado para o Egito, onde viveu uma vida de fidelidade e retidão no meio dos seus problemas. Deus abençoou-o e José tornou-se um líder no Egito juntamente com o Faraó. Porque escutou a Deus e serviu os outros, José salvou os Egípcios e outros da fome de uma seca severa. Ele até perdoou aos seus irmãos que tinham tentado matá-lo, e eles vieram para o Egito para viverem em prosperidade com ele. No fim da sua vida, José percebeu que tinha vivido uma boa vida que serviria de inspiração para outras almas durante gerações vindouras. Embora elas se afetassem do caminho verdadeiro por vezes, a sua vida seria um exemplo com o qual poderiam relacionar-se e seguir. Após a sua morte, ele também sabia que devia continuar a vir à Terra até viver uma vida tão perfeita que todos conhecessem o caminho e a separação entre Deus e a humanidade fosse apagada para sempre.

O Mestre regressou a seguir como Josué, que liderou os filhos de Israel rumo à Terra Prometida após a morte de Moisés. Josué tinha fé completa em Deus, mas como o povo carecia de fé, a entrada na Terra Prometida teve de ser adiada por quarenta anos. Embora Josué estivesse então nos seus anos avançados, serviu como comandante militar que expulsou e destruiu o inimigo da terra que Deus tinha prometido ao Seu povo. Era a mesma terra à qual o Mestre viria eventualmente na sua vida final e triunfante de amor e redenção.

Uma das vidas do Mestre foi a de Asafe, um músico na casa de Deus para o Rei David e o Rei Salomão. Ele foi abençoado com o dom da profecia e isso refletir-se-ia nos seus escritos, incluindo alguns dos Salmos da Bíblia. Asafe era um homem de fé intensa e amor por Deus e pelo Templo de Deus. A sua influência estender-se-ia muito

para além do tempo da sua vida e uma corporação musical ou artística continuaria por gerações e seria conhecida como os «filhos de Asafe».

O Mestre teve outra vida como sacerdote de Deus. O seu nome desta vez era Jeshua e ele foi instrumental na reconstrução do Templo em Jerusalém após o povo judeu regressar do cativeiro na Babilónia. Durante esta vida, Jeshua foi reconhecido por um profeta de Israel como o ungido de Deus que um dia destruiria o diabo e a sua influência e restauraria o trono de Deus às almas perdidas e caídas. O Mestre ainda transportava o selo de Deus.

Em nenhuma destas vidas o Mestre tinha vivido uma vida perfeita, mas tinha feito muito para apontar o caminho de regresso a Deus. Várias vezes, tinha dado às almas perdidas revelações de Deus que descreviam os mistérios de Deus e que deveriam ter servido como um plano para a sua salvação. Mas de cada vez, o significado das revelações era esquecido quando o Mestre partia. Havia uma revelação, contudo, que não se perdeu e que continuaria a servir como um guia de regresso a Deus. Era a Bíblia Judaica, a palavra de Deus, cujas partes o Mestre tinha escrito ou influenciado ao longo de todas estas vidas.

O Mestre viveu outras vidas e influenciou todas as religiões que acreditam no único Deus verdadeiro. Uma destas vidas foi a de Zend, o pai de Zaratustra. Uma nova religião levaria o nome de Zaratustra e muito da sua mensagem foi revelado e dado através de Zend. Era uma religião que vivificou o pensamento espiritual da humanidade e ajudou a preparar para a entrada final e vida perfeita do Mestre.

Antes de o Mestre regressar novamente para atingir o seu objetivo, Deus veio até ele e falou amorosa e afetuosamente: «Meu querido filho, fizeste bem. Não tens de regressar à Terra; podes ficar Comigo para sempre no céu.»

O Mestre respondeu: «Agradeço-Te, Pai, pelo Teu amor, mas também amo os meus irmãos e irmãs. Quero mostrar-lhes o caminho, o que ainda não fiz totalmente. Estou pronto agora para viver uma vida perfeita na materialidade. Não falharei desta vez.»

Deus reconheceu o empenho e o amor do Mestre pelos seus irmãos e irmãs e ficou satisfeito. Contudo, Deus também o avisou: «Embora eu também pense que estás pronto para completar a tarefa que começaste há muito tempo, deves saber que a tua vida na Terra, mesmo que seja perfeita, será de sofrimento e dificuldade. Definiste certos padrões no teu registo terrestre que, se regressares, deves enfrentar e finalmente superar. Quando viveste como Josué, por exemplo, mataste muitas pessoas. Se hás de completar a tua missão terrestre, deves curar e restaurar a vida a pessoas nas áreas onde tiraste a vida anteriormente. E deves suportar a morte e experimentar alguma da agonia que infligiste aos outros. Se fizeres tudo isto e não errares, a tua missão estará completa. Terás removido a penalidade da morte em que incorreste como Adão. O caminho para todos seguirem será mostrado e eles não se esquecerão desta vez. O laço será finalmente restaurado entre Mim e os Meus filhos e filhas.»

O Mestre sabia o que o esperava, mas louvou a Deus e disse humildemente: «Estou pronto.»

O caminho foi preparado para a entrada do Mestre. Eva regressou para ser o canal para o seu nascimento e muitos outros que tinham trabalhado com o Mestre desde o início regressaram para o auxiliar neste empreendimento epocal.

Tal como tinham feito quando Adão entrou inicialmente na Terra, os anjos cantaram de alegria aquando do nascimento do Mestre na Terra Santa e Prometida em que Josué tinha entrado séculos antes. E os Reis Magos do Oriente e da religião de Zend vieram prestar homenagem ao regresso do Mestre. Tudo o que tinha transpirado antes estava agora centrado nesta vida presente do Mestre.

Ele foi chamado Jeshua desta vez, o que significava «Deus é a salvação». Ele já tinha tido esse nome antes; era também o mesmo que Josué em hebraico. Em grego, era Jesus.

Deus e as almas na Terra que estavam próximas de Jesus velaram por ele com cuidado. Foi-lhe dada formação especial, não apenas na religião judaica, mas noutras que acreditavam no Deus verdadeiro. Ele

viajou para o Egito, Pérsia e Índia e aprendeu muito. Ele e o seu primo João completaram as suas iniciações espirituais finais na Grande Pirâmide, que o Mestre tinha iniciado como Hermes.

Com a idade de trinta anos, Jesus estava pronto para o seu ministério de ensino e cura. Escolheu um grupo de doze discípulos para o auxiliarem. Cada um deles tinha estado com ele no início e em numerosas outras ocasiões ao tentar salvar as almas perdidas. Cada um trouxe também uma qualidade e experiência especiais à missão do Mestre. Um foi mesmo escolhido para o trair, mas que, ao fazê-lo, tornaria possível o ato final e supremo de amor do Mestre.

Os profetas de Israel tinham sido grandes, mas nenhum tinha jamais ensinado como Jesus nem realizado tais milagres. Os sacerdotes estavam perturbados com as condenações que ele lhes fazia e com a atenção que o povo lhe dispensava. Alguns dos líderes judeus estavam também preocupados com as reações dos governantes romanos a este jovem professor que afirmava ter o seu próprio reino e tinha tantos seguidores.

Durante três anos, Jesus viajou pelas regiões rurais da Galileia e da Judeia. Ele curou, ensinou o povo e deu instruções especiais aos seus discípulos. Eles teriam de continuar após a sua morte e assegurar que o propósito da vida final do Mestre não se perdia.

Por fim, em Jerusalém, Jesus foi condenado à morte e foi crucificado numa cruz. Foi sepultado, mas após três dias no sepulcro, deixou a sua tumba e apareceu novamente aos seus seguidores. Ele tinha superado a morte. O círculo sem esperança da escravização material tinha sido quebrado; ele tinha mostrado o caminho de regresso ao Pai. Deixou um mandamento ao mundo e tinha-o exemplificado totalmente. Era «amai-vos uns aos outros».

Depois de Jesus ter deixado os seus seguidores e ascendido ao céu, eles começaram a tarefa aparentemente impossível de espalhar a sua mensagem de amor por todo o mundo. A maioria do povo judeu rejeitou esta nova fé, mas os Gentios estavam prontos para uma nova religião e eventualmente abraçaram-na.

Com o passar do tempo e à medida que as nações pagãs eram convertidas à nova religião, as pessoas começaram a esquecer-se das coisas que Jesus tinha dito e do seu único mandamento. Em vez de se amarem uns aos outros, continuaram nos caminhos do egoísmo e as várias fações da fé começaram a combater e a declarar que as outras estavam erradas. Grupos que tinham sido fundados pelos discípulos e conheciam os mistérios dados por Jesus tornaram-se uma minoria e as suas crenças acabaram por se perder nas doutrinas formalizadas dos ramos romano e grego da igreja.

As pessoas esqueceram-se de que Jesus, que se tornou Deus, tinha sido alguém como elas próprias. Ele era uma alma que tinha feito o regresso a Deus, mas começaram a lembrar-se dele como Deus que podia fazer todo o tipo de coisas que elas nunca poderiam fazer. Esqueceram-se de que ele tinha dito: «Segui-me», e que as tinha instado a fazer as coisas que ele tinha feito. Queriam adorá-lo em vez de o seguir. O propósito e o significado da vida de Jesus foram ameaçados e mal compreendidos pelos irmãos que ele tinha vindo salvar. Era o mesmo problema que o Mestre tinha experimentado antes, especialmente nas suas primeiras aparições. A influência de Lúcifer continuava.

O Mestre tinha deixado uma promessa, contudo, de que viria um tempo em que a sua influência regressaria verdadeiramente à Terra. Ele reinaria como rei e as pessoas da Terra conheceriam a paz e o amor por mil anos. Embora Lúcifer fosse daí em diante solto por um tempo sobre a Terra, os caminhos do Mestre iriam fundamentalmente e permanentemente prevalecer. Ele seria então o juiz do mundo.

Ao longo de longos séculos após a sua morte, o mundo debateu-se na escuridão, no egoísmo e numa negação do amor que Jesus tinha proclamado e personificado. A igreja que transportava o seu nome fraturou-se em fações que lutavam entre si e não crentes eram mortos em seu nome. E, no entanto, houve momentos de esperança e claridade; houve santos e mestres que apareceram de tempos a tempos com a memória e a mensagem verdadeira do amor do Mestre.

E quase miraculosamente em anos recentes, Deus permitiu a descoberta de documentos antigos para nos lembrar da longa missão do Mestre e do trilho de regresso ao Pai que ele desbravou. Os escritos refletem os pensamentos e crenças dos discípulos e de outros seguidores próximos de Jesus. Falam apaixonadamente dos segredos do santo caminho e dos mistérios dos céus. Contam a história, tal como fez Edgar Cayce a partir do seu sofá psíquico, das deambulações através de muitas vidas do Mestre — o nosso Irmão Mais Velho — e da sua busca paciente e perseverante para revelar a cada um de nós o caminho de regresso ao nosso Criador e o caminho do amor.

Nos capítulos subsequentes, esta história da missão e das vidas do Mestre será examinada à luz destes documentos redescobertos, de outros que tinham sido esquecidos ou ignorados ao longo dos anos e da própria Bíblia. A análise começará com um olhar sobre o assunto da reencarnação, a crença de que as almas assumem múltiplas vidas — uma crença que é a pedra angular de muitas religiões. A sua presença e poder nas fés cristã e judaica pode surgir como uma surpresa para muitos.

Capítulo Três:

Vidas Passadas?

O nosso nascimento é apenas um sono e um esquecimento:

A alma que ascende connosco, a estrela da nossa vida,

Teve noutro lugar o seu ocaso,

E vem de longe:

Não num esquecimento total,

Nem em absoluta nudez,

Mas ostentando nuvens de glória vimos

De Deus, que é o nosso lar:

O Céu rodeia-nos na nossa infância!

(William Wordsworth)

Não é mais surpreendente nascer duas vezes do que uma; tudo na natureza é ressurreição.

(Voltaire)

Chegando Jesus à região de Cesareia de Filipe, perguntou aos seus discípulos: «Quem dizem os homens que é o Filho do homem?» Eles responderam: «Alguns dizem que é João Baptista; outros, Elias; e outros, Jeremias ou um dos profetas.» Ele disse-lhes: «E vós, quem dizeis que eu sou?» *(Mateus 16:13-15)*

O melhor psíquico dos tempos modernos respondeu a esta pergunta, que Jesus tinha feito aos seus discípulos, enquanto a fonte que falava através de Edgar Cayce em transe identificou uma série de vidas anteriores de Jesus, que se tornou o Cristo. Foi uma revelação que inicialmente trouxe consternação ao Cayce consciente, mas que gradualmente ressoou como verdadeira para ele e para outros ao seu redor, tal como tinha acontecido com a informação nas leituras médicas e noutras de carácter físico. O problema com este novo conceito, bem como com a ideia geral da reencarnação, era que, ao contrário das leituras médicas ou daquelas que podiam ser verificadas testando-as, este conceito tinha de ser aceite pela fé e não podia ser provado nem desmentido.

Edgar Cayce, após procurar na Bíblia por apoio ou rejeição da reencarnação, afirmou: «Consigo ler a reencarnação na Bíblia — e consigo lê-la exatamente para fora dela novamente!»

Seria a ideia de homens e mulheres terem vivido vidas anteriores algo estranho às Escrituras? Seria um sacrilégio especular sobre tal conceito, especialmente em ligação com Jesus, o Filho de Deus?

A última pergunta aparentemente pode ser respondida com um «não», pois, como a citação acima de Mateus e relatos semelhantes nos outros três evangelhos indicam, tal discussão era comum entre o povo do tempo de Jesus. Jesus não só não a condenou, como pediu aos seus discípulos para entrarem na especulação. Note-se que Pedro

respondeu à pergunta de «quem» Jesus era afirmando: «Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.»

A informação psíquica de Cayce também afirma esta proposição. Uma e outra vez, as leituras declaram que Jesus era o Mestre dos mestres, o primogénito de Deus, o nosso Irmão Mais Velho, o Cristo, o Filho de Deus, o Caminho e o padrão para toda a humanidade. A resposta de Pedro, contudo, não nega a possibilidade de Jesus ter sido um dos profetas regressado ou alguma outra pessoa anterior. A sua resposta apenas não abordou necessariamente a questão de que outras vidas Jesus poderia ter vivido ou se tal conceito era impossível ou errado. A resposta de Jesus à afirmação de Pedro igualmente não nega esta possibilidade nem condena tal ideia. Jesus meramente abençoou o reconhecimento de Pedro sobre o Cristo, caracterizando-o como uma revelação de Deus.

Pelo contrário, após examinar uma série de passagens bíblicas, parece que pelo menos a possibilidade do regresso de almas para vidas adicionais era aceite e assumida por Jesus e pelos seus seguidores.

A profecia com que o Antigo Testamento termina diz:

Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor.

(Malaquias 4:5)

No início do Novo Testamento, Jesus identifica-se com essa profecia:

E os seus discípulos interrogaram-no, dizendo: «Por que dizem então os escribas que é preciso que Elias venha primeiro?» E Jesus, respondendo, disse-lhes: «Em verdade Elias virá primeiro, e restaurará todas as coisas; mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles padecer também o Filho do homem.» Então entenderam os discípulos que lhes falara de João Baptista.

(Mateus 17:10-13)

Esta citação não só parece mostrar claramente Jesus a dar o exemplo de alguém que teve uma vida passada, como o facto de os discípulos terem compreendido o significado dos comentários de Jesus sem necessidade de mais esclarecimentos ou explicações sugere que eles estavam familiarizados e versados em tal conceito.

A identificação de João com Elias feita por Jesus ocorreu noutra ocasião. João, a partir da prisão, tinha enviado dois dos seus discípulos a Jesus. Depois de eles partirem, Jesus começou a falar de João e disse que ele era mais do que um profeta. Ele acrescenta (no Capítulo 11 de Mateus):

10 Porque é este de quem está escrito: «Eis que diante da tua face envio o meu anjo, que preparará diante de ti o teu caminho.»

11 Em verdade vos digo que, entre os nascidos de mulheres, não surgiu outro maior do que João Baptista...

13 Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João.

14 E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir.

15 Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

A declaração enigmática, «Quem tem ouvidos para ouvir, ouça», insinua um significado especial e é usada noutros locais do Novo Testamento em ligação com parábolas e declarações que parecem ter um alcance espiritual oculto.

Note-se que, no versículo 11 acima, Jesus afirma que, daqueles que nasceram, nenhum maior do que João «surgiu». A implicação óbvia desta declaração é que outros também surgiram, embora nenhum deles tenha sido maior do que João.

Mais uma vez, tal conceito de os mortos surgirem para uma nova vida parece ser algo aceite com naturalidade por Jesus e pelos seus discípulos.

Do mesmo modo, a familiaridade do público com tal ideia é ilustrada não só pela pergunta que Jesus fez aos seus discípulos, a qual foi citada no início desta discussão, mas também no seguinte texto:

E o tetrarca Herodes ouviu tudo o que se passava, e estava perplexo, porque diziam alguns que João ressuscitara dos mortos; e outros que Elias aparecera; e outros que um profeta dos antigos ressuscitara.

(Lucas 9:7-8)

Um especialista bíblico que examinou o assunto da reencarnação afirma:

Há uma longa tradição no judaísmo místico de crença na reencarnação, que pode ser traçada com relativa clareza até aos períodos mais remotos desta era.1

O historiador judeu Flávio José, que escreveu sobre este período da história, indica que os fariseus acreditavam que as almas boas regressavam à Terra em novos corpos.2 Ele inclui também os essénios como crentes na continuidade da vida, citando a sua filosofia de que a alma imortal ocupa corpos corruptíveis.3 O próprio Flávio José deve ter tido uma crença semelhante, pois num discurso aos soldados judeus disse:

Não vos lembrais de que todos os espíritos puros, quando partem desta vida, obtêm um lugar santíssimo no céu, de onde, nas revoluções das eras, são novamente enviados para corpos puros...?4

A Bíblia e os historiadores concordam, contudo, que os saduceus, ao contrário dos fariseus e dos essénios, acreditavam que tanto o corpo como a alma eram corruptíveis e pereciam na morte.

Uma leitura de Cayce confirma que os saduceus não acreditavam na imortalidade da alma e acrescenta que esta questão estava no cerne de uma pergunta apresentada a Jesus e debatida em três dos evangelhos. Nestes evangelhos, «os saduceus, que dizem que não há ressurreição», perguntaram a Jesus a quem pertenceria na ressurreição uma mulher que tinha estado casada com múltiplos maridos. (Ver Mateus 22:23, Marcos 12:18 e Lucas 20:27.) A resposta de Jesus parece referir-se à vida no «outro lado» e pode ter sido concebida para evitar tomar partido numa disputa doutrinária. Cayce disse que o

termo «ressurreição» significava na realidade para as pessoas daquela altura a encarnação — o surgir ou ressuscitar — de novo para a vida. (5749-8) Era o termo para o conceito envolvido nas discussões entre Jesus e os seus discípulos sobre almas que surgem da sepultura e tomam uma nova vida. Hoje chamamos-lhe reencarnação.

A ideia de que «ressurreição» significava a tomada de uma nova vida após a morte encontra apoio logo em Isaías 26:19. Aí, ao discutir o tempo em que Israel seria restaurado do seu cativeiro de então, Isaías promete: «Os teus mortos viverão, o meu corpo ressurgirá.» (tradução alternativa da RSV)

Também os Egípcios, de acordo com James Bonwick no seu livro de 1878 *Egyptian Belief and Modern Thought*, consideravam que o termo «ressurreição» significava nascer em novas vidas. Ele diz: «Os livros funerários mostram-nos claramente que a ressurreição era, na realidade, apenas uma renovação, levando a uma nova existência, a uma nova infância e a uma nova juventude.»5

Pode notar-se que em Atos 23:8 o termo «ressurreição» surge novamente:

Porque os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo, nem espírito; mas os fariseus confessam ambas as coisas.

Certamente que isto não é uma referência à ressurreição de Jesus, pois os fariseus não tinham abraçado tal conceito cristão; nem o assunto dos anjos e espíritos estaria ligado unicamente a Jesus. Se o termo «ressurreição» aqui significa o conceito de as almas surgirem da morte e tomarem uma nova vida, ou reencarnação — e certamente que deve significar, tendo em conta o que sabemos historicamente sobre as crenças doutrinárias destas seitas —, então uma passagem anterior em Atos 4:1-2 toma um significado novo e relevante:

E, falando eles ao povo, sobrevieram-lhes os sacerdotes, e o capitão do templo, e os saduceus, doendo-se muito de que ensinassem o povo, e anunciassem em Jesus a ressurreição dos mortos.

Esta passagem pareceria então estar a afirmar que os discípulos, através da autoridade de Jesus, estavam a pregar a crença na reencarnação ou na ressurreição dos mortos, a doutrina oposta pelos saduceus.

Além das instâncias já citadas, existem outras na Bíblia que parecem implicar a aceitação da crença de que as almas pré-existem à vida e podem regressar para vidas adicionais. A seguir apresentam-se alguns exemplos:

1. O nono capítulo de João começa com este incidente:

E, passando Jesus, viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos perguntaram-lhe, dizendo: «Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?» Jesus respondeu: «Nem ele pecou nem seus pais; mas foi para que nele se manifestem as obras de Deus.»

(João 9:1-3)

Os discípulos obviamente acreditavam que a cegueira era o resultado do pecado do homem ou dos seus pais; visto que o homem tinha nascido cego, o pecado, a ser dele, teria de ter ocorrido numa existência anterior. Ao declarar que o pecado não estava envolvido aqui, mas que a cegueira existia para que as obras de Deus pudessem ser manifestadas, Jesus nem refutou nem condenou a lógica da pergunta dos seus discípulos. Em vez disso, a sua resposta parece implicar que havia meramente uma explicação diferente envolvida aqui.

2. Na seguinte passagem de Provérbios 8, o autor está a falar sobre a sabedoria, mas os seus comentários parecem assumir a persona da alma:

22 O Senhor me possuiu no princípio dos seus caminhos, e antes das suas obras mais antigas.

23 Desde a eternidade fui ungida, desde o princípio, antes da terra.

24 Quando ainda não havia abismos, fui gerada, quando ainda não havia fontes carregadas de águas.

25 Antes que os montes fossem assentados, antes dos oiteiros, eu fui gerada;

26 Ainda ele não tinha feito a terra, nem os campos, nem o princípio do pó do mundo.

27 Quando ele preparava os céus, aí estava eu, quando traçava um círculo sobre a face do abismo;

28 Quando firmava as nuvens de cima, quando fortificava as fontes do abismo,

29 Quando fixava ao mar o seu termo, para que as águas não traspassassem o seu mando, quando compunha os fundamentos da terra,

30 Então eu estava com ele, e era seu arquiteto; era cada dia as suas delícias, alegrando-me perante ele em todo o tempo;

31 Regozijando-me no seu mundo habitável e achando as minhas delícias com os filhos dos homens.

(Mesmo que se conceda que o assunto abstrato da sabedoria é tudo o que se refere acima, a citação continua a ser uma confirmação impressionante do cenário da criação de Edgar Cayce, que será discutido mais tarde.)

3. Escute-se a oração de Moisés a Deus no Salmo 90, na qual ele observa a brevidade da vida, mas reconhece a exigência de muitos regressos:

1 Senhor, tu tens sido a nossa morada, de geração em geração.

2 Antes que os montes nascessem, ou que formasses a terra e o mundo, mesmo de eternidade a eternidade, tu és Deus.

3 Tu reduzes o homem à destruição; e dizes: Revolvei, filhos dos homens.

4 Porque mil anos aos teus olhos são como o dia de ontem que passou, e como a vigília da noite.

5 O tempo da sua vida será como um sono; de manhã são como a relva que muda.

6 De manhã floresce e cresce; à tarde é cortada e seca.

13 Regressa, ó Senhor. Até quando?

(tradução de Lamsa)

4. A seguinte citação não sugere que a alma de Jeremias pré-existia ao seu nascimento e conhecia a Deus?

Assim veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: «Antes que te formasse no ventre te conheci, e antes que saísses da madre te santifiquei; às nações te dei por profeta.»

(Jeremias 1:4-5)

5. A seguinte declaração bíblica parece referir-se à pré-existência da alma e a eventos que escapam à memória do homem:

Há alguma coisa de que se possa dizer: «Vê, isto é novo»? Já foi nos séculos que foram antes de nós. Já não há lembrança das coisas que precederam, nem das coisas que hão de vir haverá memória entre os que hão de vir depois.

(Eclesiastes 1:10-11)

6. As leituras de Cayce indicam que pela fé, pela graça e seguindo o exemplo de Jesus o Cristo, podemos, como o filho pródigo, regressar ao Pai e assim terminar o ciclo de encarnações ou vidas terrestres. Não é este o princípio envolvido na seguinte promessa atribuída ao Cristo?

A quem vencer eu o farei coluna no templo do meu Deus, e dele *não sairá mais*; e escreverei sobre ele o nome do meu Deus, e o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém, que desce do céu, do meu

Deus, e também o meu novo nome. *(Revelação 3:12; tradução de Lamsa — itálico do autor)*

A frase «dele não sairá mais» pareceria significar que vidas terrestres adicionais são desnecessárias para aquele que vence.

7. O conceito de sair ou ir para fora está contido numa profecia do Antigo Testamento sobre o messias que há de ser enviado a Israel a partir de Deus:

... contudo de ti me sairá o que há de reinar em Israel, cujas saídas são desde os tempos antigos, desde a eternidade.

(Miqueias 5:2; tradução de Lamsa)

O profeta está a dizer que a saída daquele que há de ser o messias não é nova, mas data desde o princípio.

8. A necessidade de vidas adicionais resulta do pecado. Até termos enfrentado os nossos erros e os termos superado através da ação reta e da graça, devemos regressar para enfrentar as coisas que fizemos e tentar novamente. As religiões orientais chamam a esta lei de ter de enfrentar o que fizemos anteriormente «karma». O princípio da lei é afirmado na Bíblia numerosas vezes:

- a. «Não vos enganeis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará.» *(Gálatas 6:7)*

- b. «Se alguém leva em cativeiro, em cativeiro irá; se alguém matar à espada, necessário é que à espada seja morto. Aqui está a paciência e a fé dos santos.» *(Revelação 13:10; tradução de Lamsa)*

- c. «E digo isto: Que o que semear pouco, pouco também ceifará; e o que semear em abundância, em abundância ceifará.» *(2 Coríntios 9:6)*

- d. «Como tu fizeste, assim se fará contigo; a tua maldade cairá sobre a tua cabeça.» *(Abdias 1:15)*

- e. «... o que semear justiça terá galardão certo.» *(Provérbios 11:18)*

É uma questão de registo histórico que muitos dos primeiros cristãos acreditavam na reencarnação. O famoso tradutor da Bíblia para o latim, S. Jerónimo, indica numa das suas cartas que o conceito de reencarnação era aceite por muitos cristãos, especialmente por aqueles nas áreas de língua grega ao redor do Mediterrâneo oriental, onde a maior parte do cristianismo se concentrava. Dois dos maiores porta-vozes do cristianismo primitivo, Clemente e Orígenes, incluíram a crença na reencarnação como parte da sua teologia. Embora Orígenes tenha perdido o favor junto da igreja estabelecida durante um tempo, ele é hoje reverenciado de modo geral como o melhor especialista bíblico dos primeiros seis séculos da Cristandade.6 Documentos descobertos em anos recentes em Nag Hammadi, no Egito, e noutros locais também revelam a crença na reencarnação por parte de várias seitas cristãs primitivas, incluindo os Gnósticos.

Mais importante para os nossos propósitos, contudo, pode ser o facto de vários grupos judaico-cristãos primitivos acreditarem especificamente que Jesus tinha experimentado encarnações humanas anteriores. Os Ebionitas ensinavam que a sua alma tinha vindo à Terra primeiro como Adão e mais tarde como Jesus. O Padre da Igreja Hipólito de Roma atribui aos Elcasaítas a crença de que o nascimento virginal de Jesus não tinha sido o seu primeiro nascimento, mas que ele tinha aparecido anterior e frequentemente noutros corpos. Esta crença era também partilhada pelos Nazarenos. Até as Homilias Clementinas expressam a visão de que o Cristo tinha aparecido como personagens históricas em várias ocasiões desde o princípio do mundo. Ele é aí identificado como Adão, Enoc, Noé, Abraão, Isaac, Jacob, Moisés e, claro, Jesus.7

Alguns especialistas concluíram que a tradução «Jesus de Nazaré», que aparece frequentemente no Novo Testamento, não está correta, devendo a frase ter sido traduzida e interpretada de modo a identificar Jesus como um Nazareno.8 Há evidências de que os primeiros cristãos eram chamados Nazarenos, Nazoreus ou Nasoreus,

e os cristãos ainda são referidos como «an-Nasara» no Alcorão.9 Mateus 2:23 indica que estava profetizado que o messias seria chamado «um Nazareno», e em Atos 24:5 Paulo é identificado como «um dos principais da seita dos Nazarenos». Esta seita era a nascente igreja cristã em Jerusalém.

Os Nazarenos ou Nazoreus eram originalmente um grupo judeu. O nome poderia ter-se aplicado a qualquer seita judaica de observância estrita da lei, especialmente se tivesse ensinamentos secretos ou mistérios ocultos dos não iniciados.10 O grupo existiu indubitavelmente desde os tempos mais remotos do cristianismo e pode ser um ramo dos Essénios, cujas doutrinas são certamente mais antigas do que os evangelhos bíblicos. Os Nazarenos acreditavam que Jesus era o mensageiro divino que tinha descido e ascendido novamente para a salvação dos homens.11 João Baptista é tido como o fundador deste grupo gnóstico, enquanto o Evangelho de João e as Epístolas Joaninas são ditos como sendo revisões cristãs das crenças nazarenas.12 Pelo menos alguma da teologia nazarena é muito semelhante à proposta por Cayce e apoiaria o conceito de vidas anteriores do Cristo.

Embora o Padre da Igreja primitivo Hipólito considerasse heréticas as crenças de um grupo religioso chamado Naassenos, que pode ser uma variação gnóstica dos Nazarenos, alguns detalhes que ele dá da sua teologia voltam a ser intimamente paralelos à informação de Cayce.13

Se o conceito de reencarnação era tão prevalecente no pensamento cristão primitivo, por que razão não faz parte da corrente principal da teologia cristã hoje? Embora tal crença tenha vindo à superfície de tempos a tempos na longa história do cristianismo, deixou de ser um fator significativo nessa religião após o Quinto Concílio Ecuménico de Constantinopla, em 553 d.C. Um dos produtos desse Concílio (embora aparentemente adicionado pelo Imperador Justiniano) foi «Os Quinze Anátemas Contra Orígenes», no qual as doutrinas de Orígenes, incluindo a crença na reencarnação, foram

condenadas. A seguir apresenta-se a redação típica retirada dessa condenação do origenismo:

Se alguém afirmar a fabulosa pré-existência das almas e afirmar a monstruosa restauração que a segue, seja anátema.

... Se alguém disser que o Cristo... teve piedade das diversas quedas que tinham aparecido nos espíritos... e que para os restaurar passou por diversas classes, teve diferentes corpos e diferentes nomes, tornou-se tudo para todos, um Anjo entre Anjos, uma Potestade entre Potestades... e finalmente tomou carne e sangue como os nossos e se tornou homem pelos homens... se alguém disser tudo isto e não professar que Deus o Verbo Se humilhou a Si mesmo e Se tornou homem; seja anátema.

... Se alguém disser que a vida dos Espíritos será semelhante à vida que existia no princípio, quando os espíritos ainda não tinham descido ou caído; de modo que o fim . . . será a verdadeira medida do princípio; seja anátema.14

Os ensinamentos de Orígenes tinham sido confirmados pela Igreja ainda recentemente, no Decreto Calcedonense de 451 d.C. Dado que o ramo ocidental ou romano da Igreja estava escassamente representado no Quinto Concílio, recusou-se a aceitar a sua legitimidade durante alguns anos. E pode mesmo nunca o ter feito oficialmente. No entanto, os pronunciamentos do Concílio em 553 tornaram-se eventualmente dogma aceite até pela Igreja Romana.

Em anos recentes, contudo, alguns responsáveis da Igreja começaram a olhar para esta questão com outros olhos. À luz das referências à reencarnação na Bíblia, das declarações dos primeiros padres da Igreja e, agora, da posição dos eruditos católicos ao desautorizarem a cruzada contra Orígenes, não é de estranhar que um número crescente de membros do clero cristão e de escritores religiosos esteja a falar favoravelmente do novo interesse pela reencarnação, e até a ter esperança de que este "acorde perdido do Cristianismo" possa ressoar mais uma vez em harmonia com os ensinamentos de Cristo sobre a esperança e a responsabilidade.15

Edgar Cayce foi uma vez questionado sobre se o Gnosticismo cristão primitivo, que aceitava amplamente o conceito de reencarnação, era o paralelo mais próximo da filosofia das leituras. Ao responder afirmativamente a essa pergunta, afirmou também que essa forma de Cristianismo era a doutrina vulgarmente aceite até que "começou a haver regras estabelecidas nas quais se tentava atalhar caminho. E não há atalhos no Cristianismo." (5749-14) O Livro Gnóstico de Baruque (atribuído a Justino) apoia a avaliação de Cayce sobre o Gnosticismo e apresenta Jesus como o primeiro iniciado na verdadeira gnose. Basílides também concluiu que Jesus foi o primeiro verdadeiro gnóstico.16

A pergunta seguinte feita a Cayce e a sua resposta foram:

P-22. Que ação da igreja primitiva, ou concílio, pode ser mencionada como sendo aquela que excluiu a reencarnação da teologia cristã? R-22. Tal como indicado — as tentativas de indivíduos para aceitarem ou tirarem vantagem, por causa deste conhecimento, percebe? 5749-14

Poderíamos aprofundar a questão da reencarnação no Cristianismo, mas tal parece desnecessário. Não é objetivo desta obra convencer quem quer que seja sobre a reencarnação na Bíblia ou como um dogma necessário da fé cristã, mas sim apontar para a redação e um contexto histórico que permitam, pelo menos, a discussão e a consideração de tal conceito. Também a partir do que vimos, não pareceria herético especular sobre as vidas anteriores de Jesus. Tal especulação e crença não são novas no Cristianismo, e dever-se-á estar disposto a ponderar objetivamente os prós e os contras de uma proposição desse tipo. O objetivo nos capítulos seguintes será examinar várias fontes que abordam esta questão.

As leituras de Edgar Cayce indicam que a alma de Jesus viveu cerca de trinta vidas diferentes e, de entre elas, identificou claramente as seguintes:

Amilius — uma encarnação apenas em forma espiritual. Adão — o primeiro homem, descrito no início da Bíblia. Enoque — um

homem que "andou com Deus", de acordo com o Génesis. Melquisedeque — um sacerdote no tempo de Abraão. José — filho de Jacob que foi vendido como escravo pelos seus irmãos. Josué — o sucessor de Moisés que liderou os israelitas até à Terra Prometida. Asafe — um músico na corte do Rei David. Jeshua — um sacerdote que ajudou a restabelecer o culto a Deus após o regresso dos israelitas do cativeiro na Babilónia. Zend — o pai do líder religioso Zoroastro. Jesus — o Cristo.

As leituras sugerem que Hermes do Egito também pode ter sido uma encarnação anterior de Jesus, e é assim tratado nesta obra.

Embora as vidas acima referidas tenham sido as únicas dadas especificamente, as leituras fornecem estas observações profundas adicionais sobre as aparições da alma de Jesus no plano terrestre:

Em todos esses períodos em que o princípio básico era a Unidade do Pai, Ele andou entre os homens. 364-8

Como foi indicado, a entidade [Jesus] — como entidade — influenciou direta ou indiretamente todas as formas de filosofia ou de pensamento religioso que ensinavam que Deus era Um. 364-9

Na leitura 364-7, uma listagem das vidas subsequentes de Adão incluiu uma como Ur. Uma pergunta de seguimento sobre Ur foi incluída na leitura 364-9, e Cayce respondeu:

Ur era antes uma terra, um lugar, uma cidade — e o pensamento, ou a intenção, ou o chamamento vinha de Ur. Ur, então, como apresentado ou representado na experiência de Jesus, como alguém que impeliu ou guiou esses pensamentos nesse período, ou experiência.

Nenhum detalhe adicional sobre Ur foi dado por Cayce. Sabe-se que Ur foi uma cidade da Mesopotâmia, a escassos quilómetros da foz do rio Eufrates. É a cidade da qual se supõe que o pai de Abraão tenha migrado e que foi habitada logo a partir de 4.000 a.C.

O nome Affa foi mencionado na leitura 364-8 como uma encarnação do Mestre. A única pista sobre esta vida é que pode ter sido egípcia numa altura em que o Egito aconselhava muitas nações.

Existe noutro local uma pista de que Ram ou Rama da Índia, que viveu cerca de 2.000 anos a.C., possa ter sido uma encarnação do Mestre.

Da mesma forma, a leitura 3360-1 parece sugerir que Jesus e Buda eram um e o mesmo, mas não é claro se a referência é aos indivíduos ou às suas filosofias.

Jesus é também identificado como "aquele Filho" na terra do sol poente do Japão e da China. É possível que esta leitura (2402-2) esteja a ligar Jesus à religião oriental do Taoísmo.

A leitura 364-9 afirma também que o "espírito" do Mestre andou entre os homens em França, na Inglaterra e na América.

Em todos estes últimos casos, a informação era tão vaga ou a ligação ao Mestre tão ténue que não se fez qualquer tentativa de examinar mais detalhadamente as vidas e o seu significado.

As leituras de Cayce proclamam que a própria vida é indestrutível; pode mudar de forma, mas continua. Este princípio é verdadeiro para todas as variedades de vida, para cada manifestação viva de Deus, quer pertença aos reinos mineral, vegetal ou animal. Ao contrário da filosofia da reencarnação que faz parte de muitas religiões orientais, a interpretação descrita nas leituras aparentemente mantém que a vida continua cada vez na mesma forma; pelo menos foi claramente afirmado que os seres humanos continuam como seres humanos no plano terrestre: não voltam como animais ou outras formas de vida. A transmigração não fazia parte da filosofia das leituras de Cayce.

Mais uma observação sobre o tema geral das vidas passadas:

Uma pergunta lógica que poderia ser feita é a razão pela qual tais vidas não são recordadas. Na verdade, algumas pessoas parecem lembrar-se de incidentes de vidas passadas — algumas até com

detalhes vívidos. No entanto, para a maioria, se há algum tipo de recordação, trata-se de um mero vislumbre de algo que não faz parte da vida presente. Estes vislumbres perturbadores e retrospetivos são comummente designados por experiências de "déjà vu".

Quando perguntaram a Cayce por que razão as pessoas não se lembram geralmente das vidas passadas, ele respondeu:

O mesmo se poderia perguntar sobre a razão de não haver a recordação do momento em que dois e dois passaram a ser quatro para a entidade, ou quando G-A-T-O formou gato. Sempre formou! Vós apenas vos tornastes conscientes disso à medida que se tornou necessário para a sua aplicação prática na experiência! 2301-4

De uma forma mais técnica, outra leitura explicava:

O nascimento no plano material é a morte no plano espiritual-mental. Daí a razão pela qual, quando essas manifestações físicas começaram a ser impressas nos centros cerebrais — essas partes de uma entidade individual que são um crescimento constante desde a primeira conceção —, existiam as impressões para impedir em vez de auxiliar a memória de outras experiências. 2390-2

Na leitura 2072-4, foi feito um pedido para aquela "informação, orientação e direção" que mais ajudasse a entidade nos seus esforços criativos espirituais e mentais. Foi-lhe dito que "poderiam ser traçados paralelos, colhidas lições e dadas instruções" a partir das encarnações ou vidas "daquele poder concedido ao homem como o ideal" — a Consciência Crística ou a Alma do Mestre, Jesus. Na crença de que o estudo de tais encarnações também poderia oferecer ajuda a outros na sua busca espiritual e mental na vida, os capítulos seguintes tentarão analisar o material fornecido nas leituras de Cayce e noutras fontes relativamente a estas vidas.

Como é que alguém, dois mil anos após a morte de Jesus, investiga a possibilidade de ele ter vivido vidas anteriores?

Provavelmente não há forma de abordar esta questão com a esperança de receber uma resposta definitiva. Mas certamente a vida e

os ditos do próprio Jesus serão uma área importante e significativa a analisar. A profecia e os comentários bíblicos deverão ser relevantes. As lendas, os mitos e os escritos antigos dos povos que rodeavam Jesus e daqueles que figuram proeminentemente na história judaica deverão ser valiosos. Por fim, podemos olhar para as lendas e para a história ligadas a cada uma das personagens que Cayce identificou como vidas anteriores de Jesus e também examinar cuidadosamente o que Cayce tinha a dizer sobre cada uma delas. De todas estas fontes pode surgir algo que apoie as alegações de Edgar Cayce — ou que deixe as ideias de Cayce extremamente questionáveis ou insustentáveis.

Esperamos que, à medida que prosseguimos esta busca, o façamos com um sentimento de abertura relativamente ao resultado. No entanto, haverá alturas, especialmente quando chegarmos aos capítulos posteriores, em que a hipótese de vidas anteriores será assumida como tendo sido suficientemente fundamentada, pelo que apenas precisaremos de explorar o seu significado para essas vidas posteriores. O leitor deverá continuar a ponderar a legitimidade de quaisquer inferências desse tipo e a fazer os seus próprios julgamentos independentes. É possível, no entanto, tal como Cayce prometeu, que no processo desta revisão seja encontrado material que seja útil para aqueles que procuram o desenvolvimento mental e espiritual.

Mesmo o cético é exortado a colocar a questão "e se?" — e a continuar a ler.

CAPÍTULO QUATRO

Amilius

Os discípulos disseram a Jesus: Dize-nos como será o nosso fim. Jesus disse: Descobristes então o princípio para perguntardes pelo fim? Porque onde estiver o princípio, aí estará o fim. Bem-aventurado aquele que permanecer no princípio, e conhecerá o fim e não provará a morte. (Evangelho Segundo Tomé, Logion 18) *

P-6. Por favor, dê as encarnações importantes de Adão na história do mundo. R-6. No princípio como Amilius . . . 364-7

... ou como o primeiro gerado do Pai que veio como Amilius na terra atlante e se deixou conduzir nos caminhos do egoísmo. 364-8

De acordo com as leituras psíquicas de Edgar Cayce, a alma que se tornou Jesus Cristo foi a primeira alma criada ou gerada por Deus. Como tal, ele é o nosso irmão mais velho e amado de Deus. Após a sua criação, ele participou com Deus em novos atos de criação.

Esta alma criada em primeiro lugar não tinha precipitado na materialidade nem se tinha perdido nela, como tinha acontecido com muitas das almas criadas depois dela. Em vez disso, este primeiro gerado de Deus liderou a segunda vaga de almas em direção ao plano terrestre, as quais vieram com o objetivo de auxiliar aqueles que aí tinham ficado enredados na matéria. O nome desta alma era então Amilius, e a sua permanência na terra deu-se apenas em forma espiritual.

Quando as almas vieram pela primeira vez para a terra e entraram na matéria, a configuração dos continentes e dos oceanos era bastante diferente da de hoje, e o período de tempo ao longo do qual ocorreram as visitações das almas remonta à antiguidade mais remota.

Ao dar tais informações de uma forma compreensível para o homem de hoje, [é] necessário que as condições da superfície da terra e a posição do homem no plano terrestre sejam compreendidas, pois a mudança ocorreu com frequência desde este período, era, época da habitação terrestre do homem, pois então, nesse período, apenas as terras agora conhecidas como o Saara e a região do Nilo apareciam nas margens agora africanas; as do Tibete, Mongólia, Cáucaso e Noruega na Ásia e Europa; as das Cordilheiras do sul e Peru no hemisfério sudoeste, e o plano dos atuais Utah, Arizona, México do hemisfério noroeste, e as esferas estavam então em latitudes muito semelhantes às apresentadas no presente.

. . . a habitação do homem era então no Saara e nas regiões do alto Nilo, com as águas a entrarem no atual Atlântico a partir da região

do Nilo, em vez de fluírem para norte. As águas no Tibete e no Cáucaso a entrarem no Mar do Norte, as da Mongólia a entrarem nos Mares do Sul, as das Cordilheiras a entrarem no Pacífico, as do planalto a entrarem nos Mares do Norte. 5748-1

. . . sendo então o número de almas humanas no plano terrestre de cento e trinta e três milhões [133 000 000] de almas. O período na existência do mundo a partir do tempo presente sendo de dez milhões e meio [10 500 000] de anos . . . 5748-2

Outra leitura de Cayce acrescenta:

... na terra das atuais forças do Utah e Nevada, quando os primeiros povos se separaram em grupos como famílias, a entidade desenvolveu-se muito e deu muito aos povos que haveriam de suceder nesta terra, e nas ruínas que se encontram e que surgiram, nos montes e cavernas na porção noroeste do Novo México, podem ser vistos alguns dos desenhos que a entidade fez então. Há cerca de dez milhões de anos. 2665-2

As pessoas também eram diferentes das pessoas de hoje. As almas estavam gradualmente a assumir a densidade da matéria, e os corpos que habitavam eram diferentes dos dos homens e mulheres modernos.

A ideia de que existiam almas na terra antes da entrada de Adão pode parecer entrar em conflito com a Bíblia. Por outro lado, tal conceito reconciliaria as referências no Génesis aos "filhos e filhas dos homens" e comentários semelhantes sobre outras aparentes almas terrestres na altura da primeira família. A Nova Enciclopédia Católica diz: "Nem a Escritura nem os ensinamentos da Igreja negam a possibilidade dos pré-adamitas."2

A aparição de Amilius na terra ocorreu há cerca de 200 000 anos, e a disposição e a forma dos continentes ainda diferiam das de hoje. Uma diferença principal era a presença de um grande continente, conhecido como Atlântida, no que é hoje chamado Oceano Atlântico.

A posição que o continente [da] Atlântida ocupava é a que fica entre o Golfo do México, por um lado — e o Mediterrâneo, por outro. Evidências desta civilização perdida encontram-se nos Pirinéus e em Marrocos, por um lado, nas Honduras Britânicas, em Yucatan e na América, por outro. Existem algumas porções salientes dentro disto que devem ter sido, num momento ou noutro, uma porção deste grande continente. As Índias Ocidentais Britânicas ou as Bahamas, e uma porção das mesmas que pode ser vista no presente — se o levantamento geológico fosse feito nalgumas destas —, especialmente, ou notavelmente, em Bimini e na Corrente do Golfo através desta vizinhança, estas podem ser mesmo assim determinadas. 364-3

Outras leituras indicam que certas montanhas da Atlântida podem ser vistas hoje acima das águas do oceano como ilhas, não só nas Bahamas, mas também nos Açores e nas Ilhas Canárias. O continente original da Atlântida é descrito como bastante belo e fértil.

Embora exista muita lenda, mito e fantasia na literatura atual sobre a Atlântida, dela se falou seriamente pela primeira vez através de Platão nos seus diálogos, "Timeu" e "Critias". Datam do século V a.C., e a informação sobre a Atlântida terá sido dada ao tio de Platão, Sólon, por certos sacerdotes egípcios em Sais, com base em registos históricos mantidos pelo sacerdócio.

Cayce diz que a Atlântida não foi o primeiro lugar visitado por almas. Outras áreas, tais como Lemúria ou Mu, La, Da e Ur tinham existido antes ou durante o período da Atlântida e foram palco de muitas das primeiras visitações das almas.

Foi no continente da Atlântida, contudo, que as almas que não tinham deixado a companhia de Deus e que eram conhecidas como os Filhos de Deus escolheram entrar numa busca espiritual para liderar as almas enredadas de volta a Deus. Esta entrada marcou o ponto alto espiritual da civilização atlante, e os Filhos de Deus tinham como seu líder Amilius, a alma criada em primeiro lugar por Deus.

No período, então — cerca de cem, cerca de noventa e oito mil anos antes da entrada de Ram na Índia —, vivia nesta terra da Atlântida um Amilius, que tinha sido o primeiro a notar a separação dos seres que habitavam essa porção da esfera ou plano terrestre desses povos em entidades ou indivíduos separados do sexo masculino e feminino. Quanto às suas formas no sentido físico, estas eram muito mais da natureza de formas de pensamento, ou capazes de se projetarem na direção em que o seu desenvolvimento tomava forma no pensamento — muito ao modo e maneira que a amiba faria nas águas de uma baía ou lago estagnado no presente. À medida que estas tomavam forma, pelo satisfazer do seu próprio desejo por aquilo que construía ou se adicionava às condições materiais, tornaram-se endurecidas ou fixas — muito na forma do corpo humano existente na época, com a cor a participar do meio envolvente, muito à maneira do camaleão no presente. 364-3

A leitura descreve o processo de entrada das almas na matéria e a maneira como, ao longo de um período de tempo, os invólucros espirituais endureceram e se tornaram corpos físicos mais parecidos com os que conhecemos hoje. Um filho de Edgar Cayce apresentou a sua interpretação sobre como este processo ocorreu:

Eu interpretaria as leituras ... no sentido de que as formas de pensamento, que outrora podiam mover-se livremente num mundo não material (ou num tipo de mundo diferente do experimentado pelos nossos cinco sentidos), se tinham projetado em corpos materiais. Uma vez feito isto, tornaram-se capazes de experimentar sensações materiais — calor, frio, prazer, dor, etc. No entanto, quanto mais procuravam o prazer sensorial, através da satisfação de desejos egoístas, menos capazes se tornavam de se mover livremente para dentro e para fora dos seus corpos materiais. Ficaram enclausuradas neles desde o nascimento até à morte e, assim, sujeitas a todas as leis do universo físico. Evidentemente, continuaram a desfrutar da sua permanência material e começaram a explorar o mundo físico e a moldá-lo para seu próprio prazer e atração.3

Outra leitura acrescenta que, depois de as almas terem entrado na materialidade:

. . . houve então — a partir de outras fontes (mundos) a entrada contínua daquelas que contribuiriam para a manutenção do equilíbrio, tal como o propósito inicial das Forças Criativas . . . percebe? e daí a segunda, ou a entrada contínua de almas naquilo que é conhecido como o plano terrestre durante este período, para essa atividade. 364-7

Amilius é descrito não só como o líder daqueles que entraram na terra procurando manter o equilíbrio com Deus, mas também como o mestre daqueles que se tinham alinhado para manter "viva nas mentes, nos corações, na mente da alma das entidades, a perceção de que se pode ver a sua relação mais próxima com as influências divinas das Forças Criativas." (364-5)

As almas presas na materialidade eram conhecidas como os filhos e filhas dos Homens ou Filhos de Belial.

Os Filhos de Belial eram de um grupo, ou daqueles que procuravam mais a satisfação, o apaziguamento, o uso das coisas materiais para o próprio, sem pensamento ou consideração quanto às fontes das mesmas nem às dificuldades nas experiências dos outros. Ou, por outras palavras, como lhe chamaríamos hoje, eram aqueles sem um padrão de moralidade. O outro grupo — aqueles que seguiam a Lei do Um — tinha um padrão. Os Filhos de Belial não tinham padrão, a não ser o próprio, o engrandecimento de si mesmos. 877-26

Os Filhos de Deus estavam na terra em forma espiritual e, como tal, não tinham divisão sexual. Cada uma dessas almas era masculina e feminina, como era o caso de Amilius. Ele observou, no entanto, que os filhos e filhas dos Homens, no processo de entrada em corpos físicos, se tinham dividido em entidades masculinas e femininas e estavam cheios de desejos de gratificação sensorial e sexual.

No processo de se projetarem numa variedade de corpos materiais, os filhos e filhas dos Homens tinham, em muitos casos, assumido características da vida vegetal e animal. Alguns corpos tinham projeções vegetais, tais como ramos de árvores ou folhas;

outros possuíam pernas ou cascos de animais, escamas de peixe, pele com pelo ou coisas do género. É a partir destas estranhas misturas que surgiram as nossas lendas de sátiros, unicórnios, sereias e outras criaturas mitológicas. Foram recordadas pelo homem através da memória da alma.

Edgar Cayce, ao dar aulas à sua Turma da Bíblia da Escola Dominical, deu uma interpretação do que tinha dito enquanto estava num estado psíquico sobre a atividade das primeiras almas:

Estas criaturas eram masculinas e femininas num só; eram imagens (em espírito) desse Deus-espírito que se moveu e trouxe a Luz à existência. Consequentemente, também tinham a capacidade de se projetarem para fora de si mesmas, ou de se dividirem em várias manifestações. Começaram a fazer isto para a sua própria gratificação egoísta, ou para a propagação do seu próprio egoísmo, e não para a glória do seu Criador. A menos que possamos ter um vislumbre de tal estado existente na terra, será impossível compreender a necessidade, mais tarde, de Deus criar um homem perfeito, através do qual todas as almas pudessem regressar à sua fonte original.

As leituras indicam que até Amilius sucumbiu aos males e ao egoísmo de um mundo material. Aparentemente não ficou irremediavelmente encurralado, pois continuou a trabalhar pela libertação de todas as almas e pelo seu regresso a Deus. Ele e outros Filhos de Deus ainda se conseguiam lembrar da sua fonte e do seu estado junto do Criador, mas os Filhos de Belial não. As leituras dizem também que Amilius estabeleceu "altares sobre os quais os sacrifícios do campo e da floresta" pudessem ser feitos como um tributo religioso a Deus. (364-4)

Amilius raciocinou que os corpos de animais em que as almas se tinham enredado não eram adequados para a habitação de uma alma. Concluiu que era necessário um corpo novo e mais perfeito para os Filhos de Deus entrarem, com o propósito de ajudarem os seus irmãos perdidos, os Filhos de Belial, a reconhecerem o seu afastamento de

Deus e a instilar neles o desejo de regressarem à companhia do seu Criador.

As leituras de Cayce indicam que Amilius e os Filhos de Deus que trabalhavam com Deus foram responsáveis pelo planeamento e desenvolvimento de um novo corpo, que viria a ser o ser humano ou *homo sapiens*.

... na terra atlante . . . quando um indivíduo [Amilius] viu pela primeira vez essas mudanças que eventualmente permitiram essa abertura para as necessidades de, ou a preparação para, a Consciência Universal trazer para a experiência aquilo que é conhecido pelo homem como o primeiro homem criado. 2454-3

Outra leitura diz que Amilius "trouxe à existência tudo o que diz respeito à habitação do homem como homem sob a forma de carne neste mundo material." (364-7)

O apoio de outras fontes para a história de Cayce sobre a aparição da alma do Mestre como Amilius é escasso, mas não totalmente inexistente. Como veremos no capítulo seguinte, há considerável autoridade a ligar Adão ao messias e a Jesus especificamente e, de acordo com os Mandeus Gnósticos, existiu um Adão Místico ou Secreto que precedeu o Adão humano por muitas miríades de anos.4 Os Hermetistas, de quem ouviremos falar muito mais em capítulos posteriores, mantinham crenças semelhantes.5 E os antigos místicos judeus afirmavam que "Deus criou primeiro o Homem Celestial, o Arquétipo, que preenchia o universo e servia como o modelo sobre o qual ele foi feito."6

Aparentemente foi um período empolgante e glorioso, à medida que Amilius e os outros Filhos de Deus preparavam o caminho para a entrada do homem físico na terra. As leituras dizem que "as estrelas da manhã cantavam juntas na glória da vinda do Senhor" (2597-1) e que "os Filhos de Deus se reuniram, e o som da vinda do Homem foi dado." (234-1) Esta descrição é ecoada no Livro de Jó onde, no Capítulo 38, Deus pergunta a Jó:

4 Onde estavas tu quando eu lançava os fundamentos da terra? 7 quando as estrelas da manhã juntas cantavam, e todos os filhos de Deus bradavam de alegria?

Foi o período:

. . . quando os Filhos de Deus se reuniram para anunciar à Matéria que um caminho estava a ser aberto para que as almas dos homens, as almas da criação de Deus, pudessem chegar novamente à consciência do seu erro. 2156-2

Foi a altura em que a alma de Amilius, o primeiro gerado de Deus, se embarcou totalmente na missão de trazer as almas perdidas de volta à glória da presença de Deus. Seria uma viagem longa e difícil, na qual esta alma se encontraria no centro do palco a desempenhar o papel principal.

CAPÍTULO CINCO

Adão

/ [Jesus] sou o Alfa e o Ómega, o primeiro e o último, o princípio e o fim. (Apocalipse 22:13)

Quando no princípio houve o advento de um homem no plano conhecido como terra, e ele se tornou uma alma vivente, sujeita às leis que governam o próprio plano conforme apresentado, o Filho do Homem entrou na terra como o primeiro homem. Daí o Filho do Homem, o Filho de Deus, o Filho da Causa Primeira, a manifestar-se num corpo material. Esta não foi a primeira influência espiritual, corpo espiritual, manifestação espiritual na terra, mas o primeiro homem — carne e sangue; a primeira casa carnal, o primeiro corpo sujeito às leis do plano na sua posição no universo. 5749-3

Depois, embora Ele fosse o primeiro do homem, o primeiro dos filhos de Deus em espírito, na carne, tornou-se necessário que Ele cumprisse todas essas associações, essas ligações que haveriam de

apagar na experiência do homem aquilo que o separa do seu Criador. 5749-6

Ele, essa Consciência Crística, é aquilo de que primeiro se falou no princípio, quando Deus disse: "Haja luz, e houve luz." E essa é a luz manifestada no Cristo. Primeiro tornou-se fisicamente consciente em Adão. E assim como em Adão todos morremos, assim no último Adão — Jesus, tornando-se o Cristo — todos somos vivificados. 2879-1

Pois, sabe que Ele — que foi elevado na Cruz no Calvário — era . . . também aquele que primeiro andou entre os homens no princípio do advento do homem na carne! Pois Ele foi e é de facto o primeiro Adão, o último Adão; esse é o caminho, a verdade, a luz! 2402-2

Um novo tipo de corpo tinha sido criado por Deus e Amilius — e possivelmente pelas outras almas não caídas que trabalhavam com eles — para uso das almas que entravam agora na experiência terrestre. Viria a ser habitado primeiro pela alma de Amilius e, como o primeiro homem, ele seria conhecido como Adão. É a mesma alma que acabaria por vir a ser conhecida como Jesus, o Cristo.

O Génesis 1:26 cita Deus dizendo: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança . . ." O uso da palavra "nossa" aqui tem sido um problema para os eruditos bíblicos porque, entre outras coisas, poderia ser interpretado como implicando politeísmo. As leituras de Cayce fornecem a resposta. "Nossa" refere-se a Deus e ao filho criado em primeiro lugar por Deus — a alma de Amilius — que participou na criação do corpo adamítico.

Há tradição para o conceito de que Amilius esteve envolvido na criação de Adão. O Zohar cabalístico descreve dois Adões: o primeiro era "um ser divino que, emergindo da mais alta escuridão original, criou o segundo Adão, ou terrestre, à Sua própria imagem."1

O relato inicial da criação do homem na Bíblia está contido no primeiro capítulo do Génesis e é referido pelos eruditos como a narrativa sacerdotal. O segundo relato está no Génesis 2 e é chamado a fonte "J" ou "Javista". No primeiro relato, a humanidade foi criada à

imagem de Deus e foi-lhe dado domínio sobre o resto da criação. Na segunda história, Deus, depois de criar o céu, a terra e outra vida, moldou um homem, ou Adão, "do pó da terra, soprou o fôlego da vida nas suas narinas e colocou-o no Jardim do Éden para ser o seu guardião."2

As leituras psíquicas de Edgar Cayce dizem que o primeiro relato da criação da humanidade se refere à criação original da alma, enquanto o segundo relato diz respeito à criação do corpo físico e terrestre. Assim, seria a alma referida no Génesis 1 a criada especificamente à imagem de Deus e à qual foi dado domínio sobre toda a outra criação, incluindo, pelo menos originalmente, a de outros planetas e esferas. E seria a criação do homem terrestre, Adão, que é descrita no Génesis 2. Em apoio a isto, deve notar-se que apenas no segundo capítulo o homem criado é realmente referido como Adão.

Alguns dos primeiros filósofos judeus tinham pontos de vista semelhantes sobre o significado dos dois relatos da criação. Filão, por exemplo, acreditava que o Génesis 1 se referia ao homem celestial criado à imagem de Deus e que o Génesis 2 descrevia o homem terrestre criado a partir do pó da terra. O homem celestial é incorpóreo, enquanto o homem terrestre é composto por elementos corpóreos e incorpóreos de corpo e mente.3 Maimónides concordava com Filão nesta interpretação.

O livro 2 (Apocalipse Eslavo de) Enoque, cuja data de composição é desconhecida, mas que provavelmente remonta ao período do Antigo Testamento e relata a antiga tradição judaica, tem alguns comentários relevantes sobre Adão e a sua criação por Deus:

De substâncias invisíveis e visíveis criei o homem. De ambas as suas naturezas vêm a morte e a vida. E (como minha) imagem ele conhece a palavra como (nenhuma) outra criatura. Mas mesmo no seu ponto mais alto ele é pequeno, e novamente no seu ponto mais baixo ele é grande. E na terra designei-o para ser um segundo anjo, honrado e grande e glorioso. E designei-o para ser um rei, para reinar [na] terra, [e] para ter a minha sabedoria. E não havia nada comparável a

ele na terra, mesmo entre as minhas criaturas que existem . . . E atribuí-lhe quatro estrelas especiais, e chamei o seu nome Adão. E dei-lhe o seu livre-arbítrio; e mostrei-lhe os dois caminhos — a luz e as trevas . . . 4

A tradição judaica retrata Adão como uma criatura perfeita. Exalta a sua beleza e diz: "A curva do calcanhar de Adão ofuscava a glória do sol; quanto mais o brilho do seu rosto."5 Tanto as lendas judaicas como as islâmicas dizem que alguns dos anjos tinham ciúmes de Adão, embora outros quisessem prestar-lhe homenagem e adorá-lo. Eventualmente, Deus apontou aos anjos as limitações do homem e, com exceção de Satanás, eles aceitaram-no.6

As leituras indicam que Amilius tinha sido masculino e feminino. Como Adão, no entanto, Deus optou por dar-lhe uma companheira ou auxiliar. A alma de Amilius foi assim dividida em contrapartes masculina (Adão) e feminina (Eva).

. . . este Amilius — Adão, como dado — percebeu primeiro que de si mesmo, não dos animais ao seu redor, poderia ser extraída — foi extraída — essa [Eva] que permitiu a propagação de seres na carne, que permitiu essa companhia como vista pela criação nos mundos materiais ao redor da mesma. 364-5

. . . isto como um ser veio como a companheira; e quando houve essa viragem para o interior, através das fontes da criação, de modo a fazer a auxiliar . . . então — de dentro de si — foi trazido aquilo que haveria de ser a auxiliar, não apenas companheira do corpo. 364-7

O Génesis 2:21-22 diz que Deus fez cair um sono profundo sobre Adão e tirou de Adão uma costela da qual foi feita a mulher ou Eva. A palavra hebraica para "costela" também significa "lado", e tirar um lado de Adão parece ajustar-se melhor ao conceito de dividir a sua alma no processo de criação de Eva. De acordo com Cayce, Adão e Eva tornaram-se assim almas gémeas; uma masculina, a outra feminina. Devido ao papel positivo e dinâmico que a alma de Adão estava destinada a desempenhar na evolução espiritual da humanidade, pode ter sido necessário que ele fosse moldado no

género masculino ativo. A alma feminina mais passiva e recetiva, Eva, também teria uma tarefa especial e particular no futuro ao complementar e auxiliar os esforços de Adão.

Deus abençoou Adão e Eva e deu-lhes domínio sobre a terra — eles deveriam repovoá-la e subjugá-la. Se Adão e Jesus são a mesma alma, não é incoerente que Mateus, no Novo Testamento, diga que todo o poder no céu e na terra tinha sido dado a Jesus. (Mateus 28:18)

A ordem da criação, de acordo quer com a Bíblia quer com Cayce, corresponde à revelada pelo registo fóssil da terra atual. Cayce diz que a Bíblia usou dias para mostrar a passagem de períodos sucessivos de criação e para expressar o poder do Deus vivo; não é uma declaração de dias como os compreendemos agora. A criação em seis dias não teria sido impossível, mas sim um processo de tempo e paciência a refletir a majestade e a omnipotência do Criador. (262-57) Ele acrescenta também que a forma humana foi uma criação especial e não descendeu do macaco. (3744-4)

Cayce acrescenta que as almas em forma humana entraram na terra em cinco locais distintos:

O homem, em Adão (como um grupo; não como um indivíduo), entrou no mundo (pois entrou em cinco lugares ao mesmo tempo, como vemos — chamado Adão num deles, percebe) . . . 900-227

A citação acima, juntamente com informações de outras leituras, parece dizer que o Adão bíblico foi auxiliado por outros Filhos de Deus ao liderar a entrada das almas no novo corpo terrestre. Os cinco locais de entrada representavam cada um uma raça diferente do homem (vermelha, amarela, branca, preta e castanha) e situavam-se no Éden, na Atlântida, nos Andes, no oeste da América e na Índia, embora os continentes e os oceanos fossem algo diferentes nessa altura em relação às configurações de hoje. (364-9, 364-13)

Significativamente, existe uma tradição islâmica que diz que Adão foi criado a partir de argila vermelha, branca e preta e que essa é a razão para as várias colorações de pele da humanidade. O Talmude também diz que a homogeneidade da raça humana multicolorida

resulta de o pó ter sido recolhido por toda a terra para a criação do corpo de Adão.7

A localização do Jardim do Éden tem sido uma questão há muito debatida, mas os eruditos bíblicos tradicionais têm-no situado geralmente entre os rios Tigre e Eufrates e provavelmente na parte noroeste da Mesopotâmia. Uma leitura de Cayce descreveu o Éden como a "terra do intermédio" e situou-o "entre o Eufrates, ou onde o Mar Vermelho, o Mar Morto" estão agora localizados. (1179-2) Outra acrescenta:

Na . . . conhecida como o princípio, ou no Cáucaso e nos Cárpatos, ou no Jardim do Éden, nessa terra que se encontra agora em grande parte no deserto, embora muito na montanha e muito nas terras onduladas aí presentes. 364-13

Algumas versões do livro apocalíptico 2 Enoque afirmam que Adão foi criado em Akhuzan, o centro da terra, e que o seu túmulo final será aí. (2 Enoque 71:34-36) Jerusalém era frequentemente referida em documentos antigos como o centro da terra.

A alma de Adão, de acordo com Cayce, permaneceu o líder dos Filhos de Deus e estabeleceu o padrão para aqueles que tinham entrado nas outras quatro áreas. É interessante notar que na descrição anterior de Adão a partir de 2 Enoque, se dizia que Deus "lhe atribuiu quatro estrelas especiais." Estas quatro estrelas especiais podem referir-se às almas que entraram nos outros quatro agrupamentos raciais. Possivelmente há também um significado oculto no seguinte versículo do Génesis 2, que até agora não tinha fornecido aos eruditos bíblicos uma descrição significativa de um lugar real:

10 E saía um rio do Éden para regar o jardim; e dali se dividia, tornando-se em quatro braços. (Tradução de Lamsa)

Adão era a interface primária entre Deus e a humanidade, e foi a partir dele que os outros quatro braços das raças se ramificaram para as suas áreas de influência.

A Bíblia descreve como Satanás, disfarçado de serpente, tentou Eva e, através dela, Adão, a desobedecer ao mandamento de Deus e a comer o fruto da árvore proibida. A serpente usou o argumento de que, ao comer desta árvore, "os vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, sabendo o bem e o mal." (Génesis 3:5; tradução de Lamsa) Cayce acrescenta uma perspetiva adicional sobre a natureza do seu erro:

Não adquiras conhecimento apenas para a tua ruína. Lembra-te de Adão. Não obtenhas aquilo que não podes tornar construtivo na tua própria experiência e na experiência daqueles com quem contactas dia a dia. 5753-2

. . . o conhecimento sem a capacidade prática de o aplicar pode tornar-se pecado. Pois foi o conhecimento mal aplicado que constituiu a queda — ou a confusão — em Eva. 281-63

Foi a impaciência egoísta com o plano de Deus e a perda de sintonia com a vontade de Deus que constituíram a essência do erro de Adão e Eva.

Depois de confrontar os dois e de receber a sua admissão de culpa, Deus pronunciou o julgamento sobre eles no Génesis 3:

16 À mulher disse: "Multiplicarei grandemente a tua dor na gravidez; com dor darás à luz filhos; contudo, o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará."

17 E a Adão disse: "Visto que escutaste a voz da tua mulher e comeste da árvore da qual te ordenei 'Não comerás dela', maldita é a terra por tua causa; em fadiga comerás dela todos os dias da tua vida;

18 espinhos e cardos te produzirá; e comerás as plantas do campo.

19 No suor do teu rosto comerás o pão até que voltes à terra, pois dela foste tirado; porque és pó e ao pó voltarás."

Cayce explica melhor este castigo:

E com o erro [pecado] entrou aquilo a que se chama morte, que é apenas uma transição — ou através da outra porta de Deus — para esse domínio onde a entidade construiu, nas suas manifestações no que respeita ao conhecimento e atividade relativos à lei da influência universal. 5749-3

Incluída na punição de Adão e Eva esteve, naturalmente, a expulsão do Jardim do Éden. Existem alguns relatos interessantes desta expulsão em vários documentos gnósticos cristãos primitivos, a maioria dos quais veio à luz em anos recentes. O tema geral nestes livros é que, depois de Adão e Eva deixarem o Éden, sofreram grandemente e ficaram extremamente desgostosos pelo seu erro. Como ato de penitência, permaneceram durante muito tempo nos rios Tigre e Jordão. Uma passagem descreve como Cristo batizará Adão no rio Jordão, e outras falam do batismo de Jesus no Jordão e da reabertura do paraíso.8

O Génesis 3:14 e 15 retrata a punição dada por Deus à serpente, mas conclui com a declaração de que a semente da mulher ferirá a cabeça da serpente. Esta profecia é considerada a primeira promessa de um redentor ou messias.

Foi feita a Cayce a pergunta específica: "Quando é que Jesus se tornou consciente de que seria o Salvador do mundo?" A resposta: "Quando ele caiu no Éden." (2067-7)

Os primeiros filhos de Adão e Eva foram Caim e Abel e, com o tempo, Caim matou o seu irmão por ciúmes. O Génesis 4:16 relata que Caim foi para a terra de Nod e conheceu a sua mulher. Apenas através da explicação de Cayce, de que antes da vinda de Adão já existiam almas na terra e enredadas na matéria, faz sentido o facto de Caim ter encontrado uma mulher.

Pouco depois, a Bíblia diz que "os Filhos de Deus" acharam as "filhas dos homens" formosas e casaram com elas. (Génesis 6:2) Estes mesmos termos, embora não explicados no relato bíblico, foram identificados por Cayce na sua narrativa da criação. As "filhas e filhos

dos homens" são as almas perdidas que os "Filhos de Deus" vieram à terra para ajudar a salvar.

Quando as Forças Criativas, Deus, fizeram então o primeiro homem — ou Homem-Deus —, ele foi o princípio dos Filhos de Deus. Então, aquelas almas que entraram através de um canal feito por Deus — não pelo pensamento, não pelo desejo, não pela luxúria, não por coisas que separavam continuamente — eram os Filhos de Deus, as Filhas de Deus. As filhas dos homens, então, foram aquelas que se tornaram os canais através dos quais a luxúria conheceu a sua atividade; e foi dessa maneira, então, que as condições se expressaram como dado antigamente, que os Filhos de Deus olharam para as filhas dos homens e viram que elas eram formosas, e cobiçaram! 262-119

Deus declarou então que o espírito não permaneceria para sempre com a humanidade "porque ela é também carne". (Génesis 6:3) Cayce acrescenta mais detalhes sobre esta deterioração das condições:

. . . encontramos estes como os Filhos da Força Criativa, conforme manifestados na sua experiência, a olhar para essas formas alteradas, ou as filhas dos homens, e aí se insinuaram essas poluições, de se poluírem a si mesmos com essas misturas que trouxeram desprezo, ódio, derramamento de sangue e aqueles que constroem para os desejos do próprio sem respeito pela liberdade dos outros, pelos desejos dos outros — e começou, então, na última porção deste período de desenvolvimento, aquilo [que] provocou . . . divergências e divisões entre os povos nas terras. 364-4

Durante este período, de acordo com Cayce, existia uma variedade de formas de corpos humanos resultante do casamento entre os "Filhos de Deus" e as "filhas dos homens". Havia gigantes com alturas de três a três metros e meio, embora a estatura e a forma ideais fossem as exemplificadas em Adão e Eva. (364-11) A existência de gigantes é assinalada na Bíblia; o Génesis 6:4 afirma:

Os Nefilins [gigantes] estavam na terra naqueles dias; e também depois, quando os filhos de Deus se uniram às filhas dos homens, e

elas lhes deram filhos. Estes foram os valentes que houve na antiguidade, os homens de renome.

A Bíblia regista que outro filho nasceu a Adão e Eva — um filho à semelhança de Adão e "conforme a sua imagem". O seu nome era Sete, e ele daria continuidade à linhagem espiritual de Adão.

Existe muita literatura apocalíptica judaica e cristã primitiva sobre Sete. Quase toda ela concorda que Adão, antes da sua morte, transmitiu um grande conhecimento espiritual a Sete. Por exemplo, o Apocalipse de Sete relata que, no fim da sua vida, Adão deu uma revelação testamentária a Sete. Ele conta a Sete as suas experiências e as de Eva no Jardim do Éden e fala de revelações especiais que lhe foram dadas por três informadores angélicos sobre o futuro da raça eleita. Estas revelações profetizam a futura destruição da terra por dilúvio e fogo e a vinda de um salvador. Sete, por sua vez, "ensinou a sua descendência" sobre as revelações recebidas de Adão, seu pai. E o Apocalipse de Adão acrescenta que revelações especiais também foram escritas "numa alta montanha, sobre uma rocha da verdade."9

Informação semelhante é dada na *Vida de Adão e Eva*, onde Eva também diz aos seus filhos para escreverem as revelações dela e de Adão em tábuas de pedra e de barro. As tábuas de pedra deveriam sobreviver a um julgamento por dilúvio, e as tábuas de barro a um julgamento por fogo.10 Esta história é muito semelhante à dada pelo historiador judeu, Flávio José, que afirma que, à data da sua escrita, as estelas ou tábuas de pedra ainda sobreviviam "na terra de Seiris."11 Pensa-se que "Seiris" representa a terra do Egito.12

No *Evangelho dos Egípcios*, Sete é retratado como o autor de um livro sobre a "história da salvação", o qual ele colocou em altas montanhas ou "na montanha que se chama Charaxio", para que pudesse ser usado como revelação no tempo do fim pelos eleitos. Um erudito sugeriu que "Charaxio" poderia ser interpretado como significando "montanha dos dignos."13

Assim, as lições espirituais e as orientações para o futuro da humanidade, tal como experimentadas e recebidas de Deus e dos Seus

anjos por Adão e Eva, foram transmitidas a Sete. De acordo com a lenda e a tradição, Sete colocou muitos destes segredos de forma permanente num local especial.

Dois documentos do achado arqueológico de Nag Hammadi, no Egito, são *Eugnosto, o Bem-Aventurado* e *A Sofia de Jesus Cristo*. Em ambas as obras gnósticas, as referências a Adão parecem identificá-lo como o "Filho do Homem". O uso deste título para Adão por estes primeiros cristãos deve certamente evidenciar o seu reconhecimento de que Adão era a mesma alma que o seu Cristo, que adotou livremente este título como seu.14

O *Primeiro Livro de Adão e Eva* é uma coleção de lendas judaicas sobre a primeira família. É de antiguidade desconhecida, mas remonta, como documento escrito, pelo menos ao início do Cristianismo, e partes da obra encontram-se no Talmude, no Alcorão e noutros locais. O Capítulo XLII contém a seguinte declaração de Deus, depois de Adão ter solicitado a Água da Vida que tinha conhecido no Éden:

7 E, novamente, quanto à Água da Vida que procuras, não te será concedida esta; mas no dia em que Eu derramar o Meu sangue sobre a tua cabeça na terra do Gólgota. 8 Pois o Meu sangue será a Água da Vida para ti, nesse tempo, e não para ti apenas, mas para todos aqueles da tua descendência que crerem em Mim; para que lhes seja para descanso para sempre. 9 O Senhor disse novamente a Adão: "Ó Adão, quando estavas no jardim, estas provações não vieram a ti 10 "Mas visto que transgrediste o Meu mandamento, todos estes sofrimentos vieram sobre ti."15

Encontramos assim, numa lenda importante para a literatura de várias religiões, uma promessa profética atribuída a Deus de que a Água da Vida que Adão tinha conhecido no Éden só seria alcançada depois de o sangue de Deus ser derramado sobre a cabeça de Adão no Gólgota. Esta profecia é uma referência óbvia à crucificação de Jesus no Gólgota e, dado que se destina a ser derramado sobre a cabeça de Adão, pareceria implicar que seria a crucificação de Adão. É provável

que esta aparente referência a Jesus tenha sido escrita ou acrescentada à obra por cristãos zelosos. Dizer, a partir deste documento, que a tradição judaica atribuía um papel messiânico a Adão pode, portanto, ser questionável, mas pelo menos a tradição cristã primitiva encontrou tal ligação entre Adão e Jesus.

Existe contudo tradição judaica que liga Adão ao messias prometido. No "Notarikon" da Cabala, diz-se que Adão, David e o Messias são todos a mesma alma.16

O *Testamento de Adão* merece comentário. Originalmente de composição judaica, baseou-se em lendas e tradições relativas à criação. Foi redigido ou acrescentado por primeiros cristãos e, na sua forma atual, data do século II ao século V d.C.17 Na secção referente à profecia, Adão fala a Sete sobre a futura vinda de Deus, que nascerá de uma virgem e fará inúmeras outras coisas associadas unicamente à vida de Jesus. Adão continua a contar a Sete sobre as suas conversas com Deus:

Ele falou-me sobre isto no Paraíso depois de eu ter colhido alguns dos frutos nos quais a morte se escondia: "Adão, Adão, não temas. Querias ser um deus; Eu farei de ti um deus, não agora mesmo, mas após um espaço de muitos anos. Estou a entregar-te à morte, e a larva e o verme comerão o teu corpo." E eu respondi e disse-lhe: "Porquê, meu Senhor?" E ele disse-me: "Porque escutaste as palavras da serpente, tu e a tua descendência sereis alimento para a serpente. Mas após um curto espaço de tempo haverá misericórdia para contigo porque foste criado à minha imagem, e não te deixarei definhar no Sheol. Por tua causa nascerei da Virgem Maria. Por tua causa provarei a morte e entrarei na casa dos mortos. Por tua causa farei um novo céu, e serei estabelecido sobre a tua descendência. "E após três dias, enquanto Eu estiver no sepulcro, ressuscitarei o corpo que recebi de ti. E colocar-te-ei à direita da minha divindade, e farei de ti um deus tal como querias. E receberei favor de Deus, e restaurarei a ti e à tua descendência aquilo que é a justiça do céu." (Sec. 3:3-4)18

Deus parece estar a dizer a Adão que, após três dias, o corpo de Adão será ressuscitado por Deus e que Adão atingirá nesse ponto o estado divino. Adão, na última frase, parece estar a dizer a Sete que ele, Adão, receberá favor de Deus e restaurará à humanidade a sua herança de direito. Os editores cristãos primitivos estariam assim a identificar Adão com o papel messiânico de Jesus e a dizer, tal como Edgar Cayce fez, que a alma do Mestre tomou consciência deste papel no momento da sua queda no Éden como Adão.

Num dos documentos mais antigos da *Pistis Sophia*, uma coleção de escritos gnósticos, um grande anjo com o nome de Jeu é frequentemente mencionado. É referido como "superintendente da luz" e o "organizador do Cosmo" e é identificado como o "Primeiro Homem."19 Uma identificação de Jesus (Jeu) como Adão (e possivelmente Amilius) parece estar aqui envolvida, e assim outro escrito cristão primitivo está a equiparar Adão a Jesus.

Os elcasaítas são um exemplo típico dos primeiros cristãos que acreditavam que Jesus tinha sido Adão. Acreditavam que Jesus tinha habitado anteriormente muitos corpos, aparecendo a intervalos para fazer recordar a humanidade da sua fonte espiritual.20 O escritor cristão primitivo Epifânio disse sobre os elcasaítas:

Alguns deles também dizem que Cristo é Adão, o primeiro criado . . . Outros dizem que ele foi criado antes de todas as coisas, superior aos anjos, governando sobre tudo e chamado Cristo. Ele vestiu o corpo de Adão, apareceu como um ser humano, foi crucificado, ressuscitou e subiu ao céu.21

Até o famoso psicólogo, Carl Jung, escreveu sobre a identificação do Cristianismo primitivo de Adão com o Filho de Deus ou Cristo.22

Não apenas os documentos apócrifos e secundários, mas a própria Bíblia parece insinuar que Jesus era Adão. O capítulo quinze de 1 Coríntios contém estas declarações enigmáticas:

22 Porque, assim como em Adão todos morrem, assim também em Cristo todos serão vivificados. 45 Assim está também escrito: "O

primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente"; o último Adão em espírito vivificante.

A implicação destes dois versículos pode razoavelmente ser interpretada como significando que a última aparição de Adão foi como Jesus Cristo. Romanos 5:14 pode ser ainda mais forte nesta sugestão através da sua referência messiânica a Adão:

No entanto, a morte reinou desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual é a figura daquele que havia de vir.

O Cristo do autor (provavelmente Paulo) não é Deus; ele é a primeira criação de Deus, Adão,23 o Homem Arquétipo.24

Após um traçado detalhado da genealogia de Maria, através de David, Lucas conclui com esta formulação:

. . . filho de Enos, filho de Sete, filho de Adão, filho de Deus. (Lucas 3:38) [Itálicos do autor]

A explicação rápida desta descrição de Adão como "o filho de Deus" é que se trata de uma mera referência ao facto de Deus o ter criado. Mas a pergunta que se segue é: Quantos títulos de "filho de Deus" existem na Bíblia? O Novo Testamento é claro em identificar Jesus como o filho unigénito de Deus e em reservar o título de "filho de Deus" para ele. Não será possível que o autor esteja aqui a reconhecer a unidade de Jesus e Adão?

Na mesma linha, as palavras citadas de Jesus no último capítulo do Novo Testamento merecem atenção:

"Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas nas igrejas. Eu sou a raiz e a geração de David, a resplandecente estrela da manhã." Apocalipse 22:16

O facto de Jesus ser a geração de David é um tema principal do Novo Testamento e o cumprimento da profecia do Antigo Testamento. Mas como é ele a raiz de David? Uma resposta é fornecida pelo

reconhecimento de que Jesus tinha sido Adão, o antepassado e originador da linhagem davídica.

Uma história da era cristã primitiva fornece outra ligação simbólica entre Adão e Jesus:

De acordo com uma tradição cristã, Adão está sepultado não na caverna de Macpela em Hebron, mas debaixo do Calvário no Santo Sepulcro, em Jerusalém, de modo que o sangue redentor de Jesus, derramado na crucificação, fluiu sobre a sua sepultura.25

Da mesma forma, um documento siríaco, *A Caverna dos Tesouros*, fala de uma caverna na qual Adão viveu e foi sepultado. Noé veio mais tarde a esta caverna, tomou os ossos de Adão e carregou-os a bordo da arca. Após o dilúvio, ele voltou a sepultar os restos mortais de Adão no Gólgota. Este tema também está contido no livro árabe, *Apocrypha Arabica*.

O livro *Vida de Adão e Eva* gozou de ampla circulação entre os primeiros cristãos e data de entre 100 a.C. e 200 d.C.26 Insinua um papel messiânico para Adão:

E todos os anjos tocaram as trombetas e disseram: "Bendito és Tu, SENHOR, que tiveste compaixão da Tua criatura." Então Sete viu a mão estendida do SENHOR a segurar Adão, e Ele entregou-o a Miguel, dizendo: "Fique sob a tua custódia até ao dia da aplicação da punição nos últimos anos, quando Eu transformar a sua dor em alegria. Então ele sentar-se-á no trono daquele que o derrubou." (Par. 47)

Outra reviravolta interessante é fornecida no *Testamento de Adão* 3:6:

E eu, Sete, escrevi este testamento. E o meu pai morreu, e sepultaram-no ao oriente do Paraíso, em frente da primeira cidade construída na terra, que foi chamada (em homenagem a) Enoque. E Adão foi levado para a sua sepultura pelos anjos e poderes do céu porque tinha sido criado à imagem de Deus. E o sol e a lua escureceram, e houve trevas espessas durante sete dias. E selámos o

testamento e colocámo-lo na caverna dos tesouros com as ofertas que Adão tinha tirado do Paraíso, ouro e mirra e incenso. E os filhos de reis, os magos, virão e obtê-los-ão, e levá-los-ão ao filho de Deus, a Belém da Judeia, à caverna.

O trecho acima parece estar a dizer que Adão foi sepultado perto de ou "em frente de" Jerusalém (que historicamente tinha sido conhecida como a primeira cidade). Além disso, o testamento ou última mensagem de Adão foi selado numa caverna de tesouros, que será aberta pelos Reis Magos, os quais trarão as suas ofertas e o testamento a Jesus. Que ligação bela e que abrange o tempo é apresentada aqui entre Adão e Jesus!

A história de Adão é profunda e cheia de significado simbólico para todos nós. Assume ainda mais destas qualidades quando vista à luz das leituras psíquicas de Edgar Cayce e do rico legado de lendas e tradições sobre Adão que data da antiguidade. Este legado apoia as revelações de Cayce, não apenas quanto a detalhes na vida de Adão, mas também no seu futuro papel messiânico e identificação com Jesus. O alcance e a majestade da história de Adão, então, conforme derivada destas fontes e da Bíblia, é provavelmente em nenhum outro lugar mais bem resumida do que em parte de uma única leitura de Edgar Cayce:

A entrada de Adão no mundo no princípio, então, deve tornar-se o salvador do mundo, conforme foi entregue aos seus cuidados: "Sê frutífero, multiplica-te e subjuga a terra!" Daí que Amilius, Adão, o primeiro Adão, o último Adão, se torna — então — aquele a quem é dado o poder sobre a terra, e — como em cada alma o primeiro a ser conquistado é o próprio — então todas as coisas, condições e elementos estão sujeitos a esse próprio! . . . Daí que, como Adão dado — o Filho de Deus — assim ele deve tornar-se aquele que seria capaz de levar o mundo, a terra, de volta a essa fonte de onde veio, e todo o poder é dado à sua guarda na terra, que ele venceu; o próprio, a morte, o inferno e até a sepultura tornam-se submissos a Ele através do conhecimento do próprio naquele feito carne; pois, como no princípio

era o Verbo, o Verbo estava com Deus, o Verbo era Deus, o mesmo estava no princípio. O Verbo veio e habitou entre os homens . . . 364-7

Adão veio ao mundo para liderar as almas perdidas de volta a Deus. No fim da sua vida, não tinha tido sucesso em subjugar e conquistar a matéria como Deus tinha ordenado. Na verdade, tinha perdido a sua batalha com o mundo e a materialidade. Tinha desafiado o mandamento de Deus de não comer da árvore do conhecimento e tinha sucumbido à tentação de ser como um deus, sabendo o bem e o mal. E contudo, mesmo quando ele falhou, Deus ofereceu-lhe a promessa de que um homem iria um dia ferir a cabeça da serpente e de que Adão iria ainda liderar os seus irmãos errantes de volta ao paraíso do Pai.

Adão haveria de sofrer a morte física pela sua desobediência, mas um Deus amoroso e misericordioso permitir-lhe-ia tentar de novo e de novo até ter enfrentado e conquistado as suas falhas e mostrado a cada alma o caminho de volta ao Criador. Teria de o fazer pelo caminho árduo e difícil — enfrentando e superando cada pecado e obstáculo que os seus irmãos tinham encontrado. Uma longa jornada terrestre estava pela frente. A alma de Adão teria de desbravar um caminho não mapeado, mas o primeiro passo tinha sido agora dado na estrada que levaria ao Calvário.

CAPÍTULO SEIS

Enoque

Pela fé Enoque foi trasladado para não ver a morte; e não foi achado, porque Deus o trasladara; visto como antes da sua trasladação alcançou testemunho de que agradara a Deus. (Hebreus 11:5)

E eis que uma voz dos céus dizia: "Este é o meu Filho amado [Jesus], em quem me comprazo." (Mateus 3:17)

Lembrem-se dessas formas que foram dadas. Primeiro, Ele foi criado — trazido à existência a partir de tudo o que havia na terra, como [Adão] um invólucro para a alma de uma entidade, uma parte do

Criador; conhecendo a separação na morte. Depois Ele foi manifestado no nascimento através da união de canais que cresciam a partir desse pensamento do Criador manifestado, mas tão expresso, tão manifestado como "Enoque" de modo a merecer escapar à morte [física] — que tinha sido o resultado . . . da desobediência. Novamente [a alma que se tornou Jesus] manifestou-se em Enoque, que frequentemente procurava andar e falar com essa influência divina; com as capacidades latentes e manifestadas no próprio para se encontrar a si mesmo nos vários domínios de consciência, contudo usando o ofício de relações como um canal através do qual bênçãos pudessem vir, bem como recomendações e avisos pudessem ser indicados a outros. 2072-4

Enoque ocupa uma posição especial tanto no Antigo como no Novo Testamento, mas é tratado de forma escassa em ambos.

Toda a cobertura do Antigo Testamento sobre Enoque está contida nos seguintes versículos do quinto capítulo do Génesis:

18 E viveu Jarede cento e sessenta e dois anos, e gerou a Enoque. 22 E andou Enoque com Deus, depois que gerou a Matusalém, trezentos anos, e gerou filhos e filhas. 23 E foram todos os dias de Enoque trezentos e sessenta e cinco anos. 24 E andou Enoque com Deus; e não apareceu mais, porquanto Deus para si o tomou.

A esperança de vida de Enoque é curta em comparação com a dos seus contemporâneos, mas o próprio número de anos que viveu pode sugerir o papel cósmico que lhe é atribuído por Cayce e pela lenda — pois os anos da sua vida correspondem ao número de dias do ano solar.

A frase "Deus para si o tomou" é geralmente interpretada como significando que ele foi levado para o céu por Deus sem sofrer a morte física, e a referência a Enoque no livro do Novo Testamento de Hebreus, citada na parte frontal deste capítulo, apoia esta interpretação.

O livro de Judas, nos versículos 14-15, completa as breves referências bíblicas a Enoque:

E destes profetizou também Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: "Eis que veio o Senhor com milhares de seus santos, para fazer julgamento contra todos e convencer todos os ímpios de todas as suas obras de impiedade que impiamente cometeram, e de todas as duras palavras que ímpios pecadores falaram contra ele."

Os eruditos bíblicos concluíram que esta referência a Enoque é extraída de um dos livros apocalípticos enóquicos que voltaram à luz em anos recentes. É sabido que existiam sob alguma forma durante a era cristã primitiva e que lhes era atribuída uma posição de reputação pelos escritores do Novo Testamento. A validade dos livros de Enoque, dos quais temos agora três versões distintas e diferentes, não é universalmente concedida, mas reconhece-se que tiveram um efeito considerável no conteúdo do Novo Testamento. A profecia nos livros de Enoque é considerada pelos eruditos da Bíblia de Scofield como a mais antiga revelação registada do Segundo Advento de Cristo.

O especialista em literatura enóquica, Dr. R.H. Charles, notou há alguns anos que "a influência de Enoque no Novo Testamento foi maior do que a de todos os outros livros apócrifos e pseudepígrafos juntos."1 O Livro Etíope de Enoque é considerado como tendo sido o livro de referência constante de Paulo; João foi bastante afetado por Enoque, especialmente no Apocalipse; e as cartas de Pedro no Novo Testamento refletem a influência considerável de Enoque.2 Lucas 9:35 foi mal traduzido pelos tradutores da *King James*; deveria ler-se: "Este é o meu Filho, o Eleito." O termo "Eleito" é usado frequentemente nos livros enóquicos para designar Enoque e foi aparentemente tomado de empréstimo por Lucas para identificar Jesus.3

Da mesma forma, o título "Filho do Homem", frequentemente usado por Jesus ao referir-se a si mesmo, encontra grande elaboração no Livro Etíope de Enoque, dado que o próprio Enoque foi chamado "Filho do Homem" por Deus. E eruditos proeminentes acreditam que foi o Livro de Enoque que forneceu este termo-chave para Jesus.4

A Epístola apócrifa de Bárnabas cita o Livro de Enoque três vezes e chama-lhe duas vezes "a Escritura" — um termo especificamente reservado para designar a palavra inspirada de Deus.5

Foi notada uma semelhança entre a história de Enoque e a lenda mesopotâmica de Enmeduranna, o sétimo rei antes do dilúvio. Este rei era devotado ao deus-sol, ao qual a sua cidade capital era dedicada, e assim está associado ao culto de um único deus. A literatura apócrifa judaica tem, através de motivos semelhantes, ligado Enoque, o sétimo depois de Adão, a Enmeduranna.6 Enoque pode, portanto, ser perfeitamente uma figura histórica de significado arquetípico comum a mais de uma raça ou nacionalidade.

Muito mais é dado sobre o homem Enoque nos livros enóquicos do que na Bíblia, e qualquer estudo sobre Enoque é provavelmente mais bem iniciado por uma revisão destes livros. Ao discutir os três livros de Enoque, serão usados as traduções, os comentários e o sistema de numeração de *The Old Testament Pseudepigrapha* de Charlesworth.7

O Primeiro Livro de Enoque, por vezes referido como o Livro Etíope de Enoque, mas ao qual chamaremos 1 Enoque, foi um documento importante tanto para os essénios judeus como para os primeiros cristãos. Foi usado pelos autores de Jubileus e de outras obras não bíblicas e, como notado anteriormente, é citado explicitamente em Judas. Possui conceitos que se encontram em vários livros do Novo Testamento, incluindo os evangelhos e o Apocalipse. Várias outras obras cristãs primitivas foram inspiradas por 1 Enoque, e diversos Padres da Igreja tinham o livro em alta conta. Tertuliano, por exemplo, considerava este livro parte do cânone cristão.8 A partir do século IV, contudo, 1 Enoque começou a perder favor e acabou por ser relegado para um quase esquecimento.

Por alguma razão, 1 Enoque permaneceu popular na Etiópia e sobreviveu ali. É por isso por vezes referido como o Livro Etíope de Enoque. Foi trazido para a Europa em 1773, mas não foi traduzido até ao século XIX, e apenas em anos recentes tem gerado muita atenção.

O livro 1 Enoque começa com a história dos filhos de Deus caídos referida no Génesis 6:1-4 e dá muitos detalhes sobre a situação dolorosa e a corrupção destes anjos caídos. A sua representação do homem primitivo e do seu estado espiritual é muito semelhante à dada por Edgar Cayce. Segue-se então muita discussão sobre o messias, o "Justo" ou "Filho do Homem", e ele é retratado como "um ser celestial pré-existente que é resplandecente e majestoso, possui todo o domínio" e senta-se em julgamento sobre todos os seres mortais e espirituais.9 O livro conclui com o julgamento final, a vinda da destruição dos ímpios e o triunfo dos justos. É aqui que se encontram as primeiras profecias de um Segundo Advento do Cristo ou messias.

Em 1 Enoque 71 lemos:

Então um anjo veio a mim [Enoque] e saudou-me e disse-me: "Tu, filho do homem, que nasceste na justiça e sobre quem a justiça habitou, a justiça do Antecedente dos Tempos não te desamparará." Ele acrescentou e disse-me: "Ele proclamar-te-á a paz em nome do mundo que há de vir. Pois daqui procede a paz desde a criação do mundo, e assim será para contigo para todo o sempre. Todos os que vierem a existir e a andar seguirão o teu caminho, visto que a justiça nunca te desampara. Juntamente contigo serão as suas moradas; e juntamente contigo será a sua porção. Eles não se separarão de ti para todo o sempre."

Enoque não é apenas chamado o "Filho do Homem", mas é descrito como aquele que percorre um caminho para outros seguirem e aquele a quem a justiça nunca desampara. A paz será para ele para sempre. Certamente, o Príncipe da Paz, o Cristo messiânico, está a ser retratado.

O significado da citação acima de 1 Enoque foi reconhecido por outros:

Como é bem sabido, 1 Enoque 71 identifica o filho do homem com o próprio Enoque. Isto pode ter alguma relevância para o texto na Sabedoria de Salomão, porque o autor dessa obra designa Enoque como o homem justo por excelência. Não requer qualquer esforço da

imaginação exegética identificar o justo exaltado em Sabedoria de Salomão 5 com Enoque.10

E outro autor acrescenta:

Assim, ao patriarca antediluviano, Enoque, é dada uma revelação que retrata o futuro papel redentor do Filho do Homem, e que ultimamente equipara o próprio Enoque a essa figura!11

Antes de Enoque ser identificado como o Filho do Homem, é-lhe dito por Deus o papel messiânico do Filho do Homem e mistérios que serão confiados apenas ao Filho (e que são eventualmente dados a Enoque). Nele estarão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento. Então é dito:

Pois o Filho do Homem foi ocultado desde o princípio, e o Altíssimo conservou-o na presença do seu poder; depois revelou-o aos santos e aos eleitos. (1 Enoque 62:7)

Enoque é tratado tanto por Deus como pelos anjos ou Vigilantes como "escriba" ou "escriba da justiça." De acordo com as leituras de Cayce, a alma de Jesus, através de inúmeras encarnações, foi responsável por escrever muito do Antigo Testamento. O título "escriba" seria, então, uma designação extremamente apropriada para descrever esta mesma alma.

De 1 Enoque vem o conceito de um messias pré-existente, o qual tem sido usado pelo Cristianismo para provar a divindade de Jesus.12 É irónico que o conceito de um messias pré-existente seja uma parte importante da crónica de Cayce, a qual é vista por muitos como estando em conflito com a teologia cristã geralmente aceite. A diferença, naturalmente, é que Cayce atribui a divindade reconquistada a Jesus, ao passo que o Cristianismo convencional diz que ele foi Deus ao longo de todo o tempo. Esta questão foi uma das que dividiu o Cristianismo primitivo e foi tema de inúmeros concílios e conclaves na Igreja jovem. Eventualmente, a teologia de que Jesus era e sempre tinha sido parte da Divindade tornou-se dogma, e a opinião inicial fortemente mantida por muitos de que Jesus era apenas um homem que se tornou Deus foi relegada para heresia.

O livro seguinte de Enoque é por vezes chamado o Apocalipse Eslavo de Enoque, mas ser-lhe-á feito a referência como 2 Enoque. É conhecido apenas a partir de um certo número de manuscritos em eslavo antigo que foram trazidos à atenção do Cristianismo ocidental em tempos recentes, tendo estado "perdidos" durante cerca de 1200 anos. O livro provavelmente chegou aos países eslavos há muitos anos a partir de textos gregos agora extintos que se baseavam em lendas e tradições semíticas. Há debate, contudo, em torno de 2 Enoque ter tido origem em círculos judeus ou cristãos. Poderia datar de qualquer altura entre os tempos pré-cristãos e o final da Idade Média, mas provavelmente remonta ao período que antecedeu imediatamente o Cristianismo.13

Em 2 Enoque há uma amplificação do Génesis 5:21-32, cobrindo a vida de Enoque e estendendo-se até à vinda do dilúvio. A primeira parte do livro trata de Enoque ser levado para os céus, das suas experiências aí perante Deus e do seu regresso à terra para contar à sua família o que tinha aprendido. A segunda parte cobre as vidas dos seus sucessores imediatos. O livro concentra-se geralmente nos conceitos da criação e representa uma das primeiras tentativas de reconciliar a ciência e a Escritura sobre este assunto. Mais uma vez, existem passagens com fortes conotações e linguagem que lembram a história da criação de Cayce. Adão, por exemplo, é retratado como uma criatura celestial original.

A Enoque, enquanto nos céus, são mostrados por Deus os segredos do universo e é-lhe dito que a informação nem sequer foi partilhada com os anjos. Enoque é instruído a escrever sobre as suas experiências para as gerações futuras da humanidade e a fazer a crónica da história dos seus antepassados de volta até Adão. Temos novamente Enoque identificado com o papel de escriba.

Após o seu regresso à terra e logo antes da sua trasladação final para o céu por Deus, a sua família e amigos terrestres suplicam a Enoque:

Ó Nosso Pai, Enoque! Que sejas abençoado pelo Senhor, o rei eterno! E agora, abençoa os teus filhos e todo o povo para que possamos ser glorificados diante do teu rosto hoje. Pois tu serás glorificado diante do rosto do SENHOR pela eternidade, porque tu és aquele que o SENHOR escolheu em preferência a todo o povo sobre a terra; e ele nomeou-te para seres aquele que faz um registo escrito de toda a sua criação, visível e invisível, e aquele que carregou o pecado da humanidade e o ajudador da tua própria casa. (Enoque 64)

Esta passagem identifica claramente Enoque como um escriba e o messias ou redentor da humanidade. A linguagem de 2 Enoque ao descrever quer Enoque quer Adão é muito semelhante. Como citado de 2 Enoque no capítulo sobre Adão, Adão é designado por Deus para ser um rei, para reinar na terra e para ter a sabedoria de Deus. Não há criatura comparável a ele. Linguagem quase idêntica é usada para Enoque e, tendo em vista o caráter exclusivo da formulação, a conclusão de que o autor está a dizer que eles são um e o mesmo pode ser razoavelmente inferida.

Finalmente chegamos a 3 Enoque, ou o Apocalipse Hebraico de Enoque, datando do século V ou VI d.C. O texto, escrito originalmente em hebraico, é atribuído ao rabi Ishmael, um famoso erudito palestiniano que morreu em 132 d.C. O livro foi escrito mais tarde do que Ishmael, mas pode ter sido baseado em tradições associadas a ele. Pretende ser um relato de como Enoque foi ao céu, "viu o trono e a carruagem de Deus, recebeu revelações do arcanjo Metatron e contemplou as maravilhas do mundo superior."14

Encontramos que 3 Enoque é fortemente corroborativo da filosofia de Edgar Cayce sobre a pré-existência da alma humana antes do nascimento e a sua sobrevivência à morte. De acordo com 3 Enoque, a alma sobrevive ao corpo e vai para as regiões celestiais — ou pelo menos aqueles que viveram uma vida justa vão para lá. A alma é retratada como existindo antes do corpo e descendo do depósito celestial para entrar nos corpos na altura do nascimento. (3 Enoque 43:3)

A hierarquia angélica é discutida detalhadamente em 3 Enoque, e Metatron emerge como o anjo mais significativo. É chamado "O YHWH Menor" e é descrito como o vice-rei de Deus que, a partir do seu trono, preside à corte celestial. Metatron é fundido com duas outras figuras celestiais: o arcanjo Yaho'el e o Enoque trasladado. Em 3 Enoque, então, Enoque é claramente identificado com os títulos arcanangélicos de Metatron e Yaho'el.

A tradição islâmica concede uma posição favorável a Enoque, identificando-o com o justo Edris ou Idris do Alcorão.18 E C.G. Jung concluiu que Cristo tinha sido Enoque.19

O texto "Zohar" da Cabala judaica espanhola também menciona Enoque: "De debaixo dos seus pés saiu um jovem [Metatron] que se estendia de uma ponta do mundo à outra . . . e que é chamado 'Enoque, o filho de Jarede.'" E de acordo com o folclore judaico, Enoque, durante a sua vida na terra, foi guardião do "segredo da intercalação" e do "cajado milagroso" que Moisés usou mais tarde para realizar milagres.20

O Segundo Livro de Adão e Eva discute Enoque e fala sobre o fim da sua vida:

Quando Enoque tinha terminado os seus mandamentos para com eles [o povo], Deus transportou-o daquela montanha para a terra da vida, para as moradas dos justos e dos escolhidos, a morada do Paraíso de alegria, em luz que chega até ao céu; luz que está fora da luz deste mundo; pois é a luz de Deus, que enche o mundo inteiro, mas que nenhum lugar pode conter. Assim, porque Enoque estava na luz de Deus, encontrou-se fora do alcance da morte; até que Deus quisesse que ele morresse. (XXII:8-9)21

Note-se que o autor deste documento antigo não se fica pela isenção da morte concedida por Deus a Enoque, mas acrescenta "até que Deus quisesse que ele morresse." Obviamente, existia a expectativa de que Enoque pudesse ainda vir a enfrentar novamente uma morte terrestre.

Há muita tradição, portanto, de que Enoque era especial e exaltado por Deus sobre todas as Suas outras criações terrestres e celestiais. Foram-lhe dados os tesouros escondidos da sabedoria e do conhecimento de Deus, os quais não foram partilhados com mais ninguém, nem mesmo com os anjos. Foi tão favorecido por Deus que foi poupado à morte física. Foi-lhe falado de um redentor ou messias vindouro e foi identificado com ele. A linguagem de Deus relativamente a Enoque é semelhante à usada para Adão. E estas tradições sobre Enoque eram partilhadas por inúmeros países e religiões.

Em suma, há apoio para as leituras de Edgar Cayce que dão um estatuto especial a Enoque e o ligam à alma que se tornou Jesus o Cristo. Mas há ainda mais a dizer no capítulo seguinte em ligação com este homem Enoque.

CAPÍTULO SÉTIMO

Hermes

A Alma passa de forma para forma; e as moradas da sua peregrinação são múltiplas. Tu despes os teus corpos como vestuário; e como vestidura os dobras. Tu és desde a antiguidade, ó Alma do Homem; sim, tu és desde a eternidade. (Livros de Hermes)1

As leituras de Edgar Cayce dizem claramente que o Mestre, ou a alma de Jesus, esteve no Egito 10 500 anos a.C., no tempo de um sacerdote chamado Ra ou Ra Ta. Muitos detalhes são dados sobre as atividades de Ra, que ajudou a estabelecer e a manter uma estrutura religiosa baseada na crença no Deus Único, mas o Mestre nunca foi especificamente identificado pelo nome. Não obstante esta falta de detalhes, aqueles que estão próximos das leituras e outros que as pesquisaram acreditam que as várias referências ao Mestre nesta altura apontam inquestionavelmente para o facto de ele ser a figura lendária de Hermes. (Ver leitura 281-10.)

As leituras colocam definitivamente Hermes juntamente com Ra neste período da história antiga. Numa leitura sobre o assunto da construção e do propósito da Grande Pirâmide de Gizé no Egito, Cayce disse:

Depois, com Hermes e Ra . . . começou a construção daquilo que é agora chamado Gizé, com o qual essas profecias que tinham estado no Templo dos Registos e no Templo Belo foram construídas, na construção disto que haveria de ser o salão dos iniciados daquela por vezes referida como a Fraternidade Branca. 5748-5

Outra leitura identifica Hermes como o "guia, ou o atual (como seria designado no presente) arquiteto construtor ou de construção" da Grande Pirâmide. (294-151) Inúmeras leituras indicam que o seu propósito era servir como um Salão de Registos ou de profecia e como um lugar de iniciação espiritual.

O que se sabe historicamente sobre este homem Hermes?

Os seus nativos egípcios conheciam-no como Thoth, ou Thoth-Hermes, e com o tempo ele tornou-se deificado como Thoth, o deus egípcio da sabedoria. Como tal, era considerado "o escriba dos deuses", o "senhor das palavras divinas" e "o coração e a língua de Ra."2 Nos desenhos egípcios, "Thoth transporta uma tábua de escrita de cera e serve como registador durante a pesagem das almas dos mortos."3

[Ele] é a personificação da Sabedoria, é o próprio intelecto do Grande Deus que formou o mundo. Não é um mensageiro, mas um mestre. É verdade que é um portador de segredos divinos, mas participa plenamente neles e é por direito próprio quer um Iniciador quer o Primeiro Iniciado, revelando conhecimento a partir da sua própria fonte inesgotável. Como Senhor da Tábua de Escrita, como portador do Estilete, é frequentemente retratado com cabeça de Íbis a registrar os julgamentos dos mortos diante do trono de Osíris.4

Os gregos chamaram-lhe mais tarde Hermes Trismegisto, que significa "três vezes grande." Este título significava que ele era o maior de todos os filósofos, o maior de todos os sacerdotes e o maior

de todos os reis. É-lhe creditado por eles o facto de ser o primeiro e grande iniciador do Egito, e vários escritos sobre astrologia, magia e alquimia são-lhe atribuídos. O bem conhecido deus grego com o nome de Hermes pode ou não ter sido a mesma figura que o Hermes Trismegisto egípcio. Se são um e o mesmo, e muitos cronistas pensam que sim, é interessante notar que o Hermes grego era o filho do seu deus supremo, Zeus. É a nossa conclusão aqui, naturalmente, que Hermes Trismegisto, como uma encarnação da alma de Jesus, era o filho do único Deus.

Nas tradições árabes, Hermes é apresentado como o discípulo de Agatodemon, um nome habitualmente associado a um ser sobrenatural.5

Nos anos da infância do Cristianismo, algumas seitas religiosas gnósticas egípcias escreveram inúmeros tratados sobre cosmologia, ética e profecia que atribuíram aos antigos ensinamentos de Hermes. Hoje estas obras são conhecidas como escritos herméticos ou *Hermetica*.

É sabido que os primeiros líderes cristãos se interessaram por Hermes Trismegisto e pelos escritos herméticos. Santo Agostinho, por exemplo, acreditava na extrema antiguidade de Hermes. Lactâncio, no século IV, ensinava que os escritos herméticos se baseavam na obra de um vidente egípcio cujas referências a um "filho de Deus" eram proféticas em relação a Cristo. Ele comparou a linguagem na *Hermetica* com certas passagens no Evangelho de João,6 e outros notaram a sua impressionante semelhança.7 Clemente de Alexandria citou 42 livros escritos por Hermes. Quase todos estes livros foram perdidos, contudo, no subsequente incêndio de Alexandria e das suas famosas bibliotecas.

Num dos poucos textos herméticos que ainda temos hoje, Hermes é chamado o "pastor de homens" e o redentor ou revelador.8 Um tema encontrado nos escritos herméticos é o de um Homem celestial que desce à terra de tempos a tempos para revelar o conhecimento do Pai, após o que ascende ou regressa a Deus o Pai.9

Num documento naasseno citado por Hipólito de Roma por volta de 200 d.C., Hermes é chamado o Logos e identificado quer com Adão quer com Cristo.10 E de acordo com Carl G. Jung, a tradição antiga diz que Adão se identifica com Thoth, o Hermes egípcio.11 Ele cita também o ensinamento dos naassenos gnósticos no sentido de que Hermes é "o Logos, o intérprete e o criador do que foi, é e será."12 O termo "Logos" é também interpretado pelos cristãos, naturalmente, como significando o Cristo.

O Texto 7 dos "Textos de Encantação" dos Manuscritos do Mar Morto refere-se a Hermes como "o Grande Senhor". E o "Comentário de Habacuc" dos Manuscritos descreve o Mestre de Justiça essénio como aquele "a quem Deus deu a conhecer todos os mistérios das palavras dos Seus servos, os profetas."13 Tal descrição ajusta-se perfeitamente àquilo que sabemos sobre Hermes e Enoque. Como veremos mais tarde, os essénios esperavam que este Mestre/Alma regressasse como o messias e ligaram-no a outros que Cayce disse serem encarnações do Mestre.

Através de fontes que não as de Cayce, portanto — na verdade pelos essénios e primeiros cristãos —, Hermes é identificado com o papel messiânico de redentor, revelador, Senhor ou Cristo. Elas apoiam a tese de que Hermes regressou como o messias ou Jesus.

Hermes está também ligado pelos egípcios à construção da Grande Pirâmide de Gizé.14 As leituras de Cayce datam a construção deste monumento do período de 10 490 a 10 390 a.C. Esta datação, contudo, é aproximadamente 8 000 anos mais antiga do que a da arqueologia convencional. Ao referir-se à Grande Pirâmide, Cayce disse:

Esta, então, recebe todos os registos desde o princípio daquele dado pelo sacerdote, Arart, Araaraart e Ra, até esse período em que haverá a mudança na posição da terra e o regresso do Grande Iniciado a essa e outras terras para o encerramento dessas profecias que aí estão retratadas. Todas as mudanças que vieram no pensamento religioso no mundo estão aí mostradas, nas variações em que a passagem através

do mesmo é alcançada, desde a base até ao topo — ou até ao túmulo aberto e ao topo. Estas são significadas quer pela camada quer pela cor em que direção a viragem é feita. 5748-5

É interessante notar o uso por Cayce do termo "Grande Iniciado" em ligação com o regresso do Iniciado num aparente papel messiânico. Hermes era frequentemente referido em documentos antigos como o Grande Iniciado ou Iniciador.

Finalmente, um estudo das leituras de Cayce sobre Hermes e Enoque leva à conclusão muito provável de que eles são um e o mesmo indivíduo. Como indicado anteriormente, as leituras nunca se referiram diretamente a Hermes como uma encarnação da alma do Mestre, Jesus, mas colocaram uma aparição dessa alma ao mesmo tempo que Hermes e fizeram outras referências que parecem apontar indiscutivelmente para o facto de Jesus ter sido Hermes. A razão pela qual Cayce não usou o nome "Hermes" ao ligá-lo especificamente à alma de Jesus pode dever-se a uma preferência pelo nome bíblico, Enoque.

Um caso conclusivo para ligar Enoque a Hermes provavelmente não pode ser feito a partir das leituras, mas existem outras tradições que ligam os dois. Foram notadas semelhanças entre 2 Enoque e a literatura hermética, e Duran, em *Heshev Ha-Efod*, identifica especificamente Hermes com Enoque.15 Os hermetistas árabes acreditavam que Hermes era Enoque, e em escavações na Babilónia foram encontradas taças de encantação que identificavam Hermes com o arcanjo Metatron.16 Como descobrimos no capítulo sobre Enoque, os livros enóquicos e outro material dizem que Metatron era o nome para o Enoque trasladado.

Embora Carl Jung não tenha chegado a dizer que Hermes e Enoque eram o mesmo, diz que "Enoque era também considerado uma pré-figuração de Cristo."17 Como notado anteriormente, ele tinha encontrado evidências de que Hermes tinha sido chamado o Logos, um termo para o Cristo. Ele concluiu também que Hermes corresponde a Adão.18

Muitos investigadores chegaram à conclusão de que Hermes é a mesma pessoa a quem os judeus se referem como Enoque, que "andou com Deus" e foi trasladado para o céu.19 À semelhança de Enoque, Hermes tem sido chamado o "Segundo Mensageiro de Deus", e Manly Hall opina que "Hermes, de todas as criaturas, era o que estava mais próximo de Deus."20 A Hermes é também creditado o facto de ser o autor dos rituais de iniciação maçónicos.21 A Hermes é creditada a reforma do calendário e o aumento dos dias do ano de 360 para 365. A idade tradicional de Enoque, tal como dada na Bíblia como sendo de 365 anos, pode assim servir como uma chave adicional na sua identificação com Hermes.

Numa citação anterior referente a Thoth [Hermes], notou-se a sua representação frequente como uma figura com cabeça de Íbis "a registrar os julgamentos dos mortos diante do trono de Osíris [Deus]". Soubemos pelos documentos enóquicos que este era também o dever de Enoque diante do trono de Deus.

Um dos livros ainda existentes atribuídos a Hermes é *Poimandres*, e tem sido por vezes chamado O Génesis de Enoque.22 O livro descreve como Hermes, "enquanto vagueava num lugar rochoso e desolado, se entregou à meditação e à oração." Revelações divinas vieram-lhe então e, tal como a Enoque, foi-lhe dada informação sobre os mistérios dos céus e o funcionamento do universo.

Pensa-se que o nome "Poimandres" representa a interpretação grega da palavra egípcia para "o Conhecimento de Ra."23 Esta interpretação ajusta-se à informação nas leituras de Cayce, pois estas também mencionam Ra, e a referência a O Génesis de Enoque reforça o caso para ligar Hermes a Enoque.

Note-se nas porções do *Poimandres* citadas abaixo a semelhança com as revelações recebidas por Enoque e como também a informação se conforma com a dada por Cayce sobre o assunto da criação e o papel de Amilius:

Então o Pai — a Mente Suprema —, sendo Luz e Vida, moldou um glorioso Homem Universal à Sua própria imagem, não um homem terrestre, mas um Homem celestial habitando na luz de Deus. A Mente Suprema amou o Homem que tinha moldado e entregou-Lhe o controlo das criações e das obras.24

Depois de descrever como a humanidade era originalmente tanto masculina como feminina e depois se enamorou da terra e ficou sujeita a ela, ele discute então como o ser humano terrestre pode escapar.

O caminho para a imortalidade é difícil e poucos o encontram. Os restantes aguardam o Grande Dia em que as rodas do universo serão paradas e as faíscas imortais escaparão dos invólucros de substância. Ai daqueles que aguardam, pois devem regressar novamente, inconscientes e sem saberem, ao solo semeado de estrelas, e aguardar um novo princípio. Aqueles que são salvos pela luz do mistério que eu te revelei, ó Hermes, e que agora te ordeno que estabeleças entre os homens, regressarão novamente ao Pai que habita na Luz Branca, e entregar-se-ão à Luz e serão absorvidos na Luz, e na Luz tornar-se-ão Poderes de Deus. Este é o caminho do Bem e é revelado apenas àqueles que têm sabedoria.

Abençoado és tu, ó Filho da Luz, a quem de entre todos os homens eu, Poimandres, a Luz do Mundo, me revelei. Ordeno-te que vás em frente, que te tornes um guia para aqueles que vagueiam nas trevas, para que todos os homens dentro dos quais habita o espírito da Minha Mente (a Mente Universal) possam ser salvos pela Minha Mente em ti, a qual chamará a Minha Mente neles. Estabelece os Meus Mistérios e eles não falharão à terra, pois Eu sou a Mente dos Mistérios e até que a Mente falhe (o que é nunca) os meus Mistérios não podem falhar.25

Hermes, novamente como Enoque, pregou então estas revelações ao povo da terra. Alguns zombaram, mas outros aceitaram a mensagem e foram "salvos."26

As referências a um aparente papel messiânico de Hermes no *Poimandres* têm sido comparadas às expressões para Cristo no Evangelho de João.27

Finalmente, a Cabala judaica relata que Enoque construiu abóbadas subterrâneas para preservar os ensinamentos secretos recebidos por Sete de Adão.28 Esta informação liga-se notavelmente bem com a informação das leituras de Cayce referente ao envolvimento de Hermes na construção da Grande Pirâmide e na preservação de registos aí.

Uma leitura descreve o Salão de Registos:

Um registo da Atlântida desde os princípios desses períodos em que o Espírito tomou forma ou começou os invólucros nessa terra, e os desenvolvimentos dos povos ao longo da sua permanência, [juntamente] com o registo da primeira destruição e as mudanças que tiveram lugar na terra, com o registo das permanências dos povos nas várias atividades noutras terras, e um registo das reuniões de todas as nações ou terras para as atividades nas destruições que se tornaram necessárias com a destruição final da Atlântida e as construções da pirâmide de iniciação; [juntamente] com quem, o quê, onde viria a abertura dos registos que são como cópias da Atlântida submersa . . . 378-16

Assim, mais uma peça de informação é acrescentada à ligação de Hermes a Enoque.

À medida que a informação é recuperada — bit a bit — da obscuridade do tempo e da era, a imagem de Hermes entra gradualmente em foco e assume forma e significado. É reconhecível como o Enoque judaico e bíblico, como a figura angélica Metatron ou Yaho'el, como o justo Idris do Alcorão e como o deus egípcio Thoth. No processo de identificação, encontramos tradição e escritos a ligar esta personagem ao messias, o redentor da humanidade, a alma que, de acordo com o Cristianismo, se tornou Jesus Cristo.

À medida que as peças do puzzle começam a encaixar perfeitamente, a credibilidade das leituras psíquicas de Edgar Cayce

— pelo menos no que se refere às vidas do Mestre — torna-se cada vez mais plausível.

CAPÍTULO OITO

Melquisedeque

[Quanto a Jesus:] sendo por Deus chamado sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque. (Hebreus 5:10)

Pois como essas experiências que Jesus . . . veio à terra, o primeiro dos filhos de Deus a entrar na carne, aí o primeiro e único gerado de Deus. Novamente, como os nomes diriam, Enoque andou com Deus, tomou consciência de Deus nos seus movimentos — ainda essa entidade, essa alma chamada Jesus — como Melquisedeque, sem pai, sem mãe, veio — ainda a alma de Jesus; a porção de Deus que se manifesta. 1158-5

. . . esta entidade [Jesus] foi aquela que se manifestou ao pai Abraão como o príncipe, como o sacerdote de Salém, sem pai e sem mãe, sem dias ou anos, mas um ser humano vivo em carne manifestado na terra a partir do desejo do Pai-Deus de preparar uma fuga para o homem . . . 5023-2

Novamente pode ser traçado para o próprio um paralelo do domínio do esclarecimento espiritual dessa entidade conhecida como Melquisedeque, um príncipe da paz, um a procurar sempre ser capaz de abençoar aqueles nos seus julgamentos que procuraram tornar-se canais para uma influência prestável sem qualquer busca de ganho material, ou glória mental ou material; mas magnificando as virtudes, minimizando as faltas nas experiências de todos . . . 2072-4

Melquisedeque é uma figura bíblica interessante, embora enigmática. É mencionado pela primeira vez no capítulo 14 do Génesis, após uma vitória milagrosa de Abrão (antes de Deus lhe mudar o nome para Abraão) e da sua casa sobre o Rei Codorlaomer e os inúmeros exércitos que ele comandava. O rei de Sodoma,

juntamente com Melquisedeque, rei de Salém, saiu ao encontro do regressado e vitorioso Abrão para oferecer graças pela sua libertação.

E Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; e era este sacerdote do Deus Altíssimo. E abençoou-o, e disse: "Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, possuidor dos céus e da terra; e bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus inimigos nas tuas mãos!" E Abrão deu-lhe o dízimo de tudo. (Génesis 14:18-20)

A frase "Deus Altíssimo", ou *El Elyon* em hebraico, é um dos termos usados para Deus nessa altura. Uma caraterização típica era a de que *El Elyon* era o "possuidor dos céus e da terra". Depois de pagar os dízimos a Melquisedeque, Abrão prestou a Melquisedeque um respeito adicional ao dirigir-se ao Senhor nestes termos como "Deus Altíssimo, o possuidor dos céus e da terra." (Génesis 14:22)

Melquisedeque está envolvido em dois atos que mais tarde se tornaram ritos judaico-cristãos e religiosos muito importantes: o pagamento de dízimos e o uso simbólico do pão e do vinho como na Eucaristia ou Ceia do Senhor. Ele recebeu os primeiros dízimos bíblicos e foi o primeiro nos relatos bíblicos a usar simbolicamente o pão e o vinho. Sabemos pelos Manuscritos do Mar Morto que os essénios judeus tinham um ritual a usar estes elementos que Jesus pode ter tomado de empréstimo.1

No Cânone da Missa, a Igreja Católica levou ainda mais longe a preeminência de Melquisedeque a receber dízimos. A Igreja reza para que o Pai aceite a sua oferta como aceitou "o sacrifício que o Vosso sumo sacerdote Melquisedeque ofereceu." Alguns teólogos cristãos têm argumentado que o nome de Melquisedeque está colocado onde o nome de Jesus deveria estar na Missa, pois foi Jesus quem sacrificou a sua vida a Deus e é considerado o mediador entre nós e Deus. Tendo em vista a relação especial que a Igreja primitiva encontrou entre Jesus e Melquisedeque, como veremos mais tarde, a substituição do nome de Jesus pelo de Melquisedeque pode ter sido propositada.

A única outra referência do Antigo Testamento a Melquisedeque está no Salmo 110, um salmo profético que faz promessas sobre o

messias: "Jurou o Senhor, e não se arrependerá: 'Tu és um sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquisedeque.'" (versículo 4) Deus, assim, sob juramento, declara que o messias estará ligado eternamente ao sacerdócio de Melquisedeque. Este salmo, no versículo citado e nos subsequentes, usa o termo "Senhor" para descrever quer Deus quer o messias. É, portanto, importante para o Cristianismo porque fornece uma validação da Divindade do messias e autoriza o título de "Senhor" para Jesus.

Melquisedeque é mencionado a seguir no livro do Novo Testamento de Hebreus. É descrito como tendo sido: "Sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida, mas feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre." (Hebreus 7:3)

O autor de Hebreus entra em grandes detalhes para ligar o sacerdócio de Melquisedeque a Jesus. O Capítulo 7 reconhece que Jesus veio da tribo de Judá, "da qual tribo Moisés nada falou quanto ao sacerdócio." (versículo 14) O autor examina o sacerdócio de Levi, que tinha sido estabelecido por Moisés quando este nomeou Aarão e os seus descendentes (a tribo de Levi) para ministrar ao povo e guardar o tabernáculo do testemunho. (Ver Hebreus 8:2.) Eles deveriam oferecer sacrifícios pelos seus próprios pecados e pelos pecados do povo, mas Hebreus 10:4 assinala: "Porque é impossível que o sangue dos touros e dos bodes tire os pecados."

Hebreus enfatiza, portanto, a insuficiência do sacerdócio levítico; uma nova e melhor aliança era necessária entre Deus e o homem. "Porque, repreendendo-os, lhes diz: Eis que virão dias, diz o Senhor, em que estabelecerei com a casa de Israel e com a casa de Judá uma nova aliança . . ." (Hebreus 8:8) Esta aliança superior é encontrada através do sacerdócio de Melquisedeque em Cristo Jesus, "que foi feito sacerdote, não segundo a lei do mandamento carnal, mas segundo o poder da vida indissolúvel." (Hebreus 7:16)

A preeminência do sacerdócio de Melquisedeque é alcançada ainda de outra maneira:

E, por assim dizer, por meio de Abraão até Levi, que recebe dízimos, pagou dízimos, porque ainda estava nos lombos de seu pai quando Melquisedeque lhe saiu ao encontro. (Hebreus 7:9-10)

Por esta lógica de Levi pagar dízimos a Melquisedeque e por Melquisedeque ser mais do que uma mera representação entre Deus e o homem de sacrifícios carnais, Melquisedeque é reconhecido no Novo Testamento como um sacerdote de uma ordem mais elevada do que a de Levi. O seu é um sacerdócio de prestígio suficiente para acolher o Filho de Deus.

Hebreus reconhece também Jesus como o Messias descrito no Salmo 110. Ao referir-se primeiro ao sacerdócio levítico, diz-se:

Porque aqueles, na verdade, foram feitos sacerdotes sem juramento; mas este com juramento, por aquele que lhe disse: Jurou o Senhor, e não se arrependerá; Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque. De tanto melhor aliança Jesus foi feito fiador. (Hebreus 7:21-22; tradução de Lamsa)

O versículo 21 contém uma citação literal do Salmo 110:4, discutido anteriormente.

Existem vários paralelos interessantes entre Melquisedeque e Jesus:

1. Ambos foram caraterizados como sacerdotes ordenados especificamente por Deus, e não pelo homem. Nenhum dos dois era elegível sob a lei e tradição judaicas para ser considerado sacerdote: Melquisedeque era um Gentio, e Jesus não era da tribo sacerdotal de Levi. Ambos representavam uma dimensão acima da lei com ordenação divina.

2. Rei de Salém significa Rei da Paz, e Jesus foi anunciado e proclamado o Príncipe da Paz.

3. Melquisedeque era quer um sacerdote quer um rei. O sacerdócio de Jesus está documentado em Hebreus, e ele foi conhecido pela placa na sua cruz como "Rei dos Judeus".

4. Ao dar a sua bênção a Abrão, Melquisedeque trouxe pão e vinho, memoriais tradicionais de oferta e sacrifício. Da mesma forma Jesus, ao abençoar os seus discípulos antes do seu julgamento e crucificação, ofereceu pão e vinho como símbolos do seu corpo e sangue e do sacrifício que iria fazer.

5. Em tábuas escavadas em Tell el-Amarna datadas de 1400 a.C., Jerusalém é referida como Uru-Salem, e no Salmo 76:2 (um salmo escrito por Asafe, que incidentalmente as leituras de Cayce dizem ter sido outra encarnação da alma do Mestre) Jerusalém é chamada simplesmente Salém. A maioria dos eruditos concluiu, tal como o historiador judeu do século I Flávio José, que Jerusalém era originalmente conhecida como Salém. Se assim for, então Melquisedeque era rei da cidade onde Jesus eventualmente foi crucificado e terminou o seu ministério. A lamentação de Jesus sobre o erro dos caminhos de Jerusalém e a sua destruição iminente ganha assim um significado especial e comovente:

Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste! Eis que a vossa casa se vos deixará deserta. Porque eu vos digo que desde agora me não vereis mais, até que digais: "Bendito o que vem em nome do Senhor." (Mateus 23:37-39)

6. Duas histórias bíblicas destacam-se como contos com profundo significado simbólico para a evolução espiritual da humanidade. Cada uma é considerada uma obra-prima de alegoria e significado esotérico e um sermão completo em si mesmo. Uma é a parábola do filho pródigo no Novo Testamento; a outra, a história do Antigo Testamento sobre Jó. A parábola do filho pródigo pertence, naturalmente, a Jesus e, de acordo com Cayce, Melquisedeque escreveu o Livro de Jó. (262-55) Cayce diz também que Jó não foi uma pessoa histórica real, mas uma figura simbólica — como é o caso do filho pródigo. Embora os eruditos modernos não tenham a certeza da

autoria de Jó, alguns colocam o livro no período histórico dos patriarcas e da aliança abraâmica — e assim no tempo de Melquisedeque.

Três capítulos na Epístola aos Hebreus (5, 6 e 7) discutem amplamente a igualdade e a semelhança de Jesus e Melquisedeque. O autor de Hebreus fica a um passo de dizer que eles eram uma e a mesma entidade, mas insinua um mistério. Hebreus 5:10 e 11 afirma que, embora Jesus fosse "chamado por Deus sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque", há mais a dizer, mas é difícil "porquanto vos fizestes negligentes para ouvir." O autor continua:

Porque, devendo já ser mestres pelo tempo, ainda necessitais de que se vos ensine quais sejam os primeiros princípios das palavras de Deus; e vos haveis feito tais que necessitais de leite, e não de alimento sólido. Porque qualquer que ainda se alimenta de leite não está experimentado na palavra da justiça, porque é menino. Mas o alimento sólido é para os perfeitos, os quais, em razão do costume, têm os sentidos exercitados para discernir tanto o bem como o mal. (Hebreus 5:12-14)

Esta mesma linguagem aparece também em 1 Coríntios 3:1 e 2, onde Paulo indica que o seu público não está preparado para ouvir a história completa.

Na mesma linha, Cayce afirmou que a crença nas vidas anteriores das pessoas, ou reencarnação, foi abandonada pela Igreja primitiva para criar um "atalho". Esta eliminação visava aparentemente a simplicidade e a aceitabilidade pelas massas. Os "meninos" não estavam preparados para o "alimento sólido" e para a aprendizagem dos mistérios da alma.

Alguns dos primeiros cristãos compreenderam, aparentemente, a plena implicação da ligação entre Melquisedeque e Jesus. Uma nota de rodapé ao Génesis 14:17-26 na *Bíblia de Jerusalém* afirma que vários dos primeiros Padres da Igreja "chegaram mesmo a defender a opinião de que Melquisedeque era uma manifestação do Filho de Deus em pessoa."2

O nome "Melquisedeque" tem sido geralmente traduzido, desde Flávio José até aos eruditos modernos, como significando Rei ou Senhor da Justiça.3 Com este significado em mente, a seguinte profecia messiânica do grande profeta hebraico Jeremias torna-se muito significativa:

Nos seus dias Judá será salvo, e Israel habitará seguro; e este é o nome com que o chamarão: "O Senhor É A Nossa Justiça." (Jeremias 23:6)

Não estará Jeremias a identificar o antecipado messias como Melquisedeque? "O Senhor é a nossa justiça" é o significado real e literal do nome "Melquisedeque".

De acordo com a literatura esotérica judaica, Abraão recebeu diretamente de Melquisedeque os ensinamentos originais, os quais foram depois transmitidos às gerações subsequentes como a Cabala Hebraica.4 Melquisedeque seria, assim, o primeiro autor destes venerados ensinamentos.

Na *Jewish Encyclopedia*, Melquisedeque é "colocado na mesma categoria [de importância] de Elias, do Messias ben Joseph e do Messias ben David."5 Os cristãos, naturalmente, reconhecem Jesus nestas referências messiânicas.

Outro comentário interessante sobre Melquisedeque está contido numa citação do Livro Etíope de Adão e Eva:

. . . Noé diz ao seu filho Sem antes da sua morte para tomar "Melquisedeque, o filho de Canaã, a quem Deus escolheu de todas as gerações de homens, e para ficar junto ao corpo morto de Adão depois de ter sido trazido da arca para Jerusalém como o centro da terra e cumprir o ministério diante de Deus." O anjo Miguel levou então Melquisedeque, quando tinha quinze anos de idade, para longe do seu pai e, depois de o ter ungido como sacerdote, trouxe-o para (Jerusalém) o centro da terra, dizendo ao seu pai para partilhar o mistério apenas com Sem, o filho de Noé, enquanto o Espírito Santo, falando de dentro da arca quando o corpo de Adão estava escondido,

saudou Melquisedeque como "o primeiro criado de Deus." [Itálicos do autor]6

As palavras "a quem Deus escolheu de todas as gerações de homens" são o tipo de fraseologia geralmente reservada para as declarações do Antigo Testamento sobre o messias e as descrições do Novo Testamento sobre Jesus. E a frase "o primeiro criado de Deus" pareceria necessariamente ser uma referência a Adão. Toda a formulação, naturalmente, diz respeito a Melquisedeque e pareceria identificá-lo quer como Adão quer como o messias.

Embora a narrativa difira quer do Novo Testamento quer de Cayce ao dar, aparentemente, um pai terrestre a Melquisedeque, é digno de nota na narrativa acima que Melquisedeque tenha sido levado para ficar junto ao corpo morto de Adão. De acordo com Cayce, Melquisedeque estaria assim junto ao corpo que a sua alma tinha habitado anteriormente. Possivelmente era esse o significado pretendido por Noé.

A *Encyclopædia Judaica* afirma que existem outras referências judaicas às funções messiânicas de Melquisedeque e que as fontes rabínicas mencionam Melquisedeque "entre as quatro figuras messiânicas alegoricamente implícitas pelos quatro 'ferreiros' de Zacarias 1:20 e 21."7

Manuscritos do Apocalipse Eslavo de Enoque (2 Enoque) foram descobertos em anos recentes na Rússia e na Sérvia. Como indicado no capítulo sobre Enoque, pensa-se que tenha sido escrito durante a era cristã primitiva e baseou-se provavelmente em tradições judaicas anteriores. Alguns destes manuscritos enóquicos eslavos contêm uma história sobre Melquisedeque ter nascido milagrosamente e estar sob os cuidados de Nir, irmão de Noé. Um anjo apareceu a Nir e disse-lhe que o arcanjo Miguel levaria Melquisedeque para o Éden, o antigo paraíso de Adão, e que Melquisedeque se tornaria o sacerdote de todos os santos sacerdotes. Ele haveria de se tornar o chefe de uma linhagem de sacerdotes da qual o messias prometido descenderia. O messias,

que há de ser quer um sacerdote quer um rei, é esperado também como um Melquisedeque escatológico.

E depois, na última geração, haverá outro Melquisedeque, o primeiro de 12 sacerdotes. E o último será o chefe de todos, um grande arquissacerdote, o Verbo e Poder de Deus, que realizará milagres, maiores e mais gloriosos do que todos os anteriores. Ele, Melquisedeque, será sacerdote e rei no lugar Akhuzan, isto é, no centro da terra, onde Adão foi criado, e aí será o seu túmulo final. E em ligação com esse arquissacerdote está escrito como ele também será sepultado aí, onde fica o centro da terra . . . (2 Enoque 71:34-36)

Jerusalém era tradicionalmente conhecida como o centro da terra, e a citação parece identificar claramente a última aparição de Melquisedeque como a do messias. O túmulo final de Melquisedeque em Jerusalém estaria correto se ele, de facto, regressou como Jesus. As referências a Adão também são intrigantes e foram referidas no capítulo sobre Adão.

O manuscrito cristão gnóstico, *Pistis Sophia*, datando dos séculos IV ou V d.C., contém mistérios supostamente dados por Jesus aos discípulos e a certos eleitos após a ressurreição e antes da sua ascensão. Faz inúmeras referências a Melquisedeque como parte da hierarquia dos mistérios e da divindade da qual Jesus fazia parte.8

Provavelmente, o caso mais forte para corroborar as declarações de Cayce de que Jesus tinha encarnado anteriormente como Melquisedeque é a própria Bíblia. Existe um certo número de referências bíblicas, incluindo um dos seus versículos mais citados, João 3:16, que se referem a Jesus como o "Filho unigénito" de Deus. O Webster define "gerado" como "trazer à existência" ou "procriar". Cayce deu uma definição bastante óbvia de "gerado de Deus" como "aqueles que entraram na carne sem esse ato que o homem conhece como copulação." (1158-5)

Jesus não é o único filho bíblico que entrou na carne sem o ato da copulação. Adão, naturalmente, foi criado por Deus e não por um ser humano, e Melquisedeque era, de acordo com Hebreus, sem pai ou

mãe terrestres. A menos que Adão e Melquisedeque sejam a mesma entidade de alma que Jesus, como Cayce disse, então a Bíblia pareceria ser contraditória ao dizer que Jesus é o único filho gerado de Deus.

Até o próprio Jesus pareceu implicar que poderia ter sido Melquisedeque quando disse:

Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se. Disseram-lhe, pois, os judeus: "Ainda não tens cinquenta anos, e viste Abraão?" Disse-lhes Jesus: "Em verdade, em verdade vos digo que, antes que Abraão existisse, Eu Sou." (João 8:56-58)

Estas citações tornam-se significativas à luz da informação de Cayce de que Jesus foi também Melquisedeque que, como sabemos pela Bíblia, encontrou e abençoou Abrão ou Abraão. Abraão assim "exultou" por ver o seu dia (de Jesus) anterior, e viu-o e "alegrou-se".

Dispersas pela liturgia cristã estão algumas orações que se pensa serem remanescentes de orações sinagogais judaicas; estão contidas nos Livros Sete e Oito das *Constituições Apostólicas*.9 Uma destas, datando de cerca de 200 d.C., contém a seguinte formulação enigmática numa suplicação a Deus:

Vós sois Aquele que libertou Abraão da impiedade ancestral, e o nomeou herdeiro do mundo, E LHE MOSTROU O VOSSO CRISTO; Aquele que nomeou Melquisedeque um sumo sacerdote no Vosso serviço . . .10

Pensa-se que as palavras destacadas acima sejam interpolações cristãs. Uma interpretação razoável de toda a citação é que ela identifica Melquisedeque, que foi mostrado a Abraão, como o Cristo.

A maioria dos documentos encontrados em anos recentes perto do Mar Morto em Qumran são livros do Antigo Testamento e materiais relacionados do período do Antigo Testamento vistos através dos olhos dos essénios. Cayce fornece a perspetiva interessante de que os essénios nasceram dos ensinamentos de Melquisedeque tal como propagados por profetas como Elias, Eliseu e

Samuel. (254-109) Pelos documentos de Qumran, sabemos que havia muito interesse em Melquisedeque entre estes essénios. Esta influência melquisedequiana poderia ser o resultado de tradições que remontam, através da escola de profetas, ao próprio Melquisedeque. Sabemos também agora que o sacerdócio essénio de Qumran foi moldado segundo o de Melquisedeque.11 A preocupação dos essénios com Melquisedeque pode ser também a base para a discussão detalhada sobre ele em Hebreus.12

Um certo número de documentos essénios referia-se a um Mestre de Justiça. No Comentário Essénio ao Livro de Habacuc, o Mestre de Justiça é referido como aquele "a quem Deus deu a conhecer todos os mistérios dos Seus servos, os profetas."13

Esperava-se que este Mestre de Justiça regressasse e inaugurasse a Era Messiânica e, de acordo com a tradição judaica, que fosse Elias ou Finéias ou Melquisedeque.14 Pelo menos um respeitado especialista nos Manuscritos do Mar Morto afirmou que Jesus nestes documentos "aparece em muitos aspetos como uma reencarnação espantosa do Mestre de Justiça."15

Nem todos os documentos encontrados em Qumran foram ainda traduzidos ou pelo menos disponibilizados ao público. Mas pelo menos um tratado agora publicamente disponível incide diretamente sobre a questão da relação de Melquisedeque com o messias prometido.

O Último Jubileu: Um Sermão "Textos de Melquisedeque" (também conhecido como "Texto 11Q Melquisedeque" ou "11Q Melquisedeque"), encontrado em Qumran e considerado parte do que é comummente conhecido como os Manuscritos do Mar Morto, refere-se em termos messiânicos a um futuro Rei da Justiça. No texto, este Rei da Justiça é descrito como a pronunciar o julgamento, no tempo do décimo ou último Jubileu, sobre Belial e os seus seguidores. Após o julgamento no céu vem a destruição daqueles que seguiram Belial em vez de Deus. O texto afirma que "aquele designado, por favor de Deus, para Rei da Justiça (que é o que, pelo seu próprio

nome, Melquisedeque prefigura) entrará no seu domínio." O tempo da sua entrada "no seu domínio" é identificado como o período que Isaías chamou o ano de favor (ou "ano aceitável do Senhor"):

O Espírito do Senhor Deus está sobre mim; porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos mansos; enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos e a abertura da prisão aos presos; a proclamar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os tristes . . . (Isaías 61:1-2)

Deve notar-se aqui que quando Jesus fez a sua primeira aparição em Nazaré após iniciar o seu ministério público, falou na sinagoga local e o livro de Isaías foi-lhe entregue. Lucas regista que ele encontrou e leu os dois versículos citados acima (Lucas 4:17-19), mas parou após a frase "o ano aceitável do Senhor" no versículo dois. Os analistas bíblicos concluíram que, ao suspender a leitura sem se referir ao dia da vingança de Deus, Jesus estava a distinguir entre o seu ministério atual de graça e o segundo advento, quando executaria os julgamentos de Deus. Por outro lado, a sua paragem após essa frase pode ter sido para efeitos de ênfase, pois era verdadeiramente o "ano do Senhor". Depois de Jesus ter concluído a sua leitura, o versículo 21 acrescenta: "Então começou a dizer-lhes: 'Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos.'"

Assim, em Lucas 4:21, Jesus parece identificar-se a si mesmo como aquele prometido por Isaías "para proclamar o ano aceitável do Senhor" quando disse: "Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos." E os Textos de Melquisedeque dos Manuscritos do Mar Morto identificam Melquisedeque como a pessoa que cumprirá essa profecia.

Os Textos de Melquisedeque de Qumran contêm vários comentários que parecem identificar claramente o Rei da Justiça como o messias prometido. Discutem o papel deste futuro Rei em derrubar Belial e executar o julgamento vingador de Deus e declaram claramente que este Rei será "Melquisedeque *redivivus*" (ou reencarnado). Um erudito resumiu o documento da seguinte forma:

Neste fragmento, escrito em hebraico, Melquisedeque aparece como um salvador escatológico que tem uma herança. A sua missão é trazer de volta no fim dos dias os exilados para lhes anunciar a sua libertação . . . e a expiação dos seus pecados.16

Foi também notada uma semelhança entre Melquisedeque e Enoque (Metatron):

Um certo número de paralelos claros entre o Melquisedeque celestial de Qumran e o Metatron de 3 Enoque sugerem-se imediatamente: ambas as figuras detêm posições exaltadas, se não preeminentes, entre os anjos; ambos são juízes celestiais . . . e ambos, aparentemente, tiveram vidas terrestres antes dos seus estados celestiais exaltados.17

Este paralelo a partir de documentos antigos dá credibilidade à proposição de Cayce de que Enoque e Melquisedeque são a mesma alma.

Um dos documentos encontrados em Nag Hammadi, no Egito, no final da década de 1940 é um texto intitulado *Melquisedeque*. Pouco se sabe sobre a sua autoria ou significado na teologia cristã primitiva, mas pelo menos uma seita gnóstica recebeu o nome de Melquisedeque. A seguinte citação pertence a este texto:

E vós crucificastes-me desde a terceira hora da véspera do Sábado até à nona hora. E depois destas coisas ressuscitei dos mortos. O meu corpo saiu do túmulo para mim. [. . .] não encontraram ninguém [. . .] saudou-me [. . .] Eles disseram-me: Sê forte, ó Melquisedeque, grande Sumo Sacerdote do Deus Altíssimo [. . .] [Os parênteses retos indicam fragmentos em falta ou formulação ilegível.]18

Pode haver pouca dúvida de que esta citação e o material relacionado — provenientes de um grupo de primeiros cristãos — se referem à crucificação e ressurreição de Jesus.

Ao comentar o texto acima, a notável autoridade Birger A. Pearson afirma: "Além disso, a aparente identificação do tratado de

Melquisedeque com Jesus Cristo ... está também documentada noutros locais no Cristianismo primitivo, particularmente no Egito."19 Na *Nag Hammadi Library* expandida, Pearson acrescenta:

Somos levados à conclusão de que, na revelação que o sacerdote Melquisedeque recebeu, ele viu que ele próprio teria um papel redentor a desempenhar como o Salvador sofredor, moribundo, ressuscitado e triunfante, Jesus Cristo! . . . Pelo que lemos ... parece que a vitória de Jesus Cristo é a vitória de Melquisedeque e que, de facto, eles são um e o mesmo.20

Em correspondência com o autor, Pearson acrescenta: "Eu entendia e entendo o texto (muito fragmentário!) do primeiro tratado como implicando que Melquisedeque foi profetizado para regressar novamente, como Jesus."

Este tratado contém outro material que pode ser relevante para as vidas do Mestre. Numa secção (12, 1), que parece citar uma fonte angélica, há uma lista de várias personagens bíblicas. Porque faltam partes do texto, não é claro o que esta lista pretende ser. Os eruditos acrescentaram os nomes de Noé e Abel à lista, mas provavelmente porque foram incluídos noutros documentos, e não porque fizessem parte do texto legível. Supôs-se que a lista possa ser de antigos heróis que também funcionaram como sacerdotes. A listagem conclui com o nome de Melquisedeque, que, como indicado, é identificado noutros locais do documento como Jesus Cristo. Os outros dois nomes legíveis na lista são Adão e Enoque. Pode facilmente deduzir-se que estes nomes são dados como outras encarnações anteriores do Mestre.

Como vimos, há evidências, além de Cayce, a identificar Melquisedeque com Jesus. Na verdade, foi feita uma profecia antes do tempo de Jesus de que o Cristo ou messias seria Melquisedeque regressado; e outra, escrita por primeiros cristãos, identifica na verdade Cristo Jesus como Melquisedeque. Deve notar-se que estes documentos não estavam disponíveis, contudo, até depois da morte de Edgar Cayce.

Melquisedeque era obviamente uma alma muito avançada. Poder-se-ia logicamente perguntar por que razão foi necessário para esta alma encarnar mais, como afirma Cayce, até atingir o estado de Cristo como Jesus. Presumivelmente, cada vida intermédia foi uma experiência de aprendizagem e, mesmo ao entrar na terra como Jesus, havia mais para esta alma aprender. Hebreus 5:8 diz: "Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu."

Thomas Sugrue escreveu a biografia definitiva de Edgar Cayce, *There Is a River*. Ao compilar a secção de filosofia desse livro, obteve aconselhamento e orientação diretos de Cayce através de leituras psíquicas. A partir dessa secção, obtemos uma teoria adicional sobre a razão pela qual a alma do Mestre voltou a encarnar após a experiência como Melquisedeque:

A alma de Cristo ajudou o homem. Como Enoque, como Melquisedeque, tomou a carne, para ensinar e liderar . . . Enoque e Melquisedeque não nasceram, não morreram. A alma de Cristo percebeu, após estas assunções da carne, que era necessário estabelecer um padrão para o homem, para lhe mostrar o caminho de volta a si mesmo. Assumiu essa tarefa e nasceu de mulher, começando voluntariamente uma nova individualidade, um novo registo da alma; embora por trás desta nova individualidade brilhasse a pura alma de Cristo. Mas sobre esta o véu caiu, e o Filho de Deus começou a Sua peregrinação.21

Assim, a alma do Mestre, após encarnar como Melquisedeque, assumiu aparentemente a missão de se relacionar diretamente com a humanidade e de se tornar o padrão para o seu regresso ao Criador através de encarnações carnais e nascimentos gerados por pais humanos. Estas vidas deveriam, então, oferecer um significado e uma relevância especiais para nós, a primeira das quais, de acordo com Cayce, foi como José, que foi vendido como escravo pelos seus irmãos.

Dispersas pelos escritos religiosos esotéricos ao longo dos séculos, e até na própria Bíblia, têm existido referências à ordem

sacerdotal de Melquisedeque, como se se tratasse de uma ordem de realização espiritual especial e elevada. Melquisedeque estabeleceu esta ordem, e ela era infinitamente mais elevada e mais perfeita do que o sacerdócio de Aarão. O sacerdócio arónico terminava com a morte, mas o sacerdócio de Melquisedeque era uma ordem espiritual cujos sacerdotes eram sacerdotes para sempre. Os sacerdotes arónico-levíticos ofereciam sacrifícios pelos pecados do seu povo; Jesus deu a sua vida como o sacrifício pelo seu povo. Ao ressuscitar o seu corpo, ele tornou o sacerdócio de Jesus-Melquisedeque eterno. Este sacerdócio, de acordo com a interpretação da *Encyclopædia Judaica* sobre Hebreus, "é excelente, superior ao da descendência de Abraão, e transcende todas as ordens humanas e imperfeitas."22

O autor de Hebreus usaria Melquisedeque como o padrão pelo qual validar o ministério sacerdotal de Jesus e dizer de Melquisedeque:

Considerai, pois, quão grande era este, a quem até o patriarca Abraão deu os dízimos dos despojos. (Hebreus 7:4)

Tendo em vista esta veneração a Melquisedeque por parte do Novo Testamento e dos primeiros cristãos, bem como a rica tradição messiânica a seu respeito que encontramos, os cristãos não deveriam, de modo algum, considerar aviltante ligar a alma de Melquisedeque à de Jesus. Certamente que ambos os indivíduos foram instrumentos importantes de Deus, e cada vida marca um passo histórico na evolução espiritual da humanidade.

CAPÍTULO NAVE

José

/ *Vê-lo-ei, mas não agora; contemplá-lo-ei, mas não de perto: uma estrela procederá de Jacob, e um cetro subirá de Israel . . .* (Profecia messiânica em Números 24:17)

A história de José, tal como contada no Génesis, é uma das mais apreciadas e belas de toda a Bíblia. É uma história que vai da riqueza

à miséria e de volta à riqueza — no molde do Livro de Jó e da parábola do filho pródigo; do bem a triunfar sobre o mal; da inocência e pureza a sacrificarem-se pelos outros; e do perdão e amor. A sua narrativa pressagia a vinda do messias ou Cristo. E Edgar Cayce diz que José foi, de facto, uma encarnação dessa alma do Mestre que se tornou Jesus.

Primeiro, no princípio, naturalmente; e depois como Enoque, Melquisedeque, na perfeição. Depois na terra como José, Josué, Jeshua, Jesus. 5749-14

A encarnação da alma do Mestre no princípio como o Adão criado por Deus foi única e especial, e como Enoque e Melquisedeque esta alma esteve num estado de perfeição no qual a morte física não era necessária. Mas como José, uma jornada através de encarnações e mortes carnais foi iniciada, a qual culminou no estado de Cristo como Jesus. Aparentemente, tais nascimentos e mortes físicos eram necessários para que o Mestre servisse como um modelo eficaz a apontar para a humanidade o caminho de regresso ao Pai. A vida de José assume, assim, um significado especial como a primeira encarnação da alma do Mestre com a qual nós, como almas ligadas à terra, nos podemos relacionar totalmente.

De acordo com a história bíblica (Génesis 37-50), Jacob, a quem Deus deu o nome de Israel, não tinha tido filhos da sua esposa favorita, Raquel. Quando José finalmente lhe nasceu, era muito formoso e tornou-se o filho favorito de Jacob. Os seus outros filhos tinham ciúmes e ressentimento de José, especialmente quando José contava sonhos que refletiam a submissão dos seus irmãos a ele. Ao verem José aproximar-se deles nos campos para entregar uma mensagem do pai deles, os irmãos decidiram matá-lo. Através da intercessão de Rúben, José foi colocado num poço em vez de ser morto de imediato e, quando uma caravana itinerante de comerciantes ismaelitas passou por ali, Judá propôs que José fosse vendido. Os irmãos venderam-no então e ensanguentaram a túnica de várias cores de José. Depois de mostrarem a túnica ao pai, disseram-lhe que José tinha sido devorado por um animal selvagem.

Os comerciantes levaram José para o Egito, onde ele se tornou servo na casa de Potifar, um oficial do faraó. Em breve tornou-se o administrador principal da casa, mas foi preso sob a acusação de seduzir a mulher de Potifar, embora na verdade tivesse rejeitado as suas investidas. Na prisão, José foi feito administrador sobre os outros prisioneiros. Quando o faraó prendeu o seu padeiro-mor e o seu copeiro-mor, José interpretou corretamente um sonho a cada um deles. José profetizou que dentro de três dias o copeiro regressaria ao rei ou faraó e que o padeiro seria decapitado e pendurado numa árvore. Quando ambas as coisas aconteceram como previsto, o copeiro esqueceu-se de falar ao faraó do talento de José, como tinha prometido fazer. Dois anos mais tarde, contudo, quando o faraó teve sonhos que mais ninguém conseguia interpretar adequadamente, o copeiro lembrou-se de José.

A partir dos sonhos do faraó, José profetizou sete anos de abundância na terra, seguidos por sete anos de fome. O faraó nomeou José segundo no comando do Egito para administrar um programa de conservação de alimentos durante os anos bons, tal como José tinha recomendado. Sete anos bons foram, de facto, seguidos pela fome, e toda a região voltou-se então para os ricos celeiros do Egito em busca de socorro.

O faraó deu a José como esposa Asenate, a filha do sacerdote de Ón. Eles tiveram dois filhos, Manassés e Efraim.

Mesmo em Canaã, o idoso pai de José e os seus irmãos foram afetados pela seca, e os seus irmãos, exceto o jovem Benjamim, foram ao Egito comprar cereal. José reconheceu os seus irmãos, mas eles não se deram conta de que estavam a comprar mantimentos a ele. José pregou-lhes uma partida, acusando-os de serem espias e mantendo Simeão como refém até que eles regressassem com Benjamim. De regresso a casa, os irmãos ficaram preocupados porque o dinheiro usado para comprar o cereal foi encontrado de volta nos seus sacos e porque Jacob se recusava a deixar Benjamim ir ao Egito.

Finalmente, a fome contínua e as garantias de Judá forçaram Jacob a ceder, e os irmãos voltaram ao Egito com Benjamim. Desta vez, depois de lhes permitir iniciar o regresso a casa e de depois os fazer voltar por ter mandado esconder uma taça do palácio no saco de cereal de Benjamim, José revelou-lhes a sua identidade. Ele perdoou os seus irmãos e exortou-os a irem buscar Jacob e a virem viver para o Egito. Eles assim fizeram, e à família de José foram dadas terras egípcias de escolha em Gósen e outros favores especiais.

Jacob viveu durante dezassete anos e morreu no Egito depois de dar bênçãos individuais aos seus filhos. É desses filhos que derivam as doze tribos de Israel. Antes da morte de José, ele previu tempos difíceis pela frente, mas disse que Deus eventualmente libertaria os israelitas do Egito para a Terra Prometida em Canaã.

Os eruditos concedem geralmente a autenticidade histórica da história de José e encontraram evidências quer de grandes secas quer de administradores semitas no Egito. Referências a sete anos de seca na Mesopotâmia e no Egito em Sehel foram descobertas, e pensa-se geralmente que José poderia ter estado no Egito em qualquer altura entre o reinado dos Hicsos e o de Ramsés II.1 O incidente de José com a mulher de Potifar, no qual ela o acusou falsamente de sedução, é até paralelo no conto egípcio "Os Dois Irmãos". E uma antiga via marítima para o oásis de Faium é conhecida até hoje como "Bahr Yusuf", ou "canal de José". As lendas árabes dizem que foi construído pelo José bíblico.2

Numa leitura psíquica para uma senhora em 1939, Cayce disse que ela tinha vivido no tempo de José:

Antes disso, encontramos que a entidade esteve na terra agora conhecida como egípcia; durante esses períodos em que houve a compreensão obtida pelas ministrações e atividades nos dias em que José governava nessa terra. A entidade estava então entre as princesas do Egito, e desse rei que promoveu o estabelecimento dessa relação mais próxima com aqueles que tinham escolhido servir o Deus vivo,

em vez de servirem a si mesmos. Pois a entidade conhecia e convivia frequentemente com José . . . 1825-1

Uma leitura de seguimento em 1943 dá detalhes adicionais:

Nesses períodos em que tinha havido a elevação de José de encarregado na prisão a um lugar de autoridade próximo do rei, então a entidade — Zerlva — era uma princesa da segunda esposa do rei do Egito nesse período. O nome dele é dado aqui no próprio Êxodo. A entidade nesses períodos conhecia a família da esposa de José; e assim tornou-se uma adoradora do Deus único. Após a fome e a restauração da princesa e dos príncipes do Egito, e dos sumos sacerdotes dos vários grupos ou cultos, a entidade interessou-se então pelas atividades desses povos que procuravam ouro e prata, e as gemas que se tornaram parte da indumentária da princesa e do príncipe do povo egípcio . . . 1825-2

As leituras acima trazem à memória o nome de Akhenaton, que também era conhecido como Amenhotep IV ou Amenófis IV. Ele assumiu o poder em 1379 a.C. na capital de Tebas e reinou ali durante seis anos. Mudou depois a sua capital quase 300 milhas para norte e rio Nilo abaixo para Akhetaton, agora conhecida como Amarna ou Tel el-Amarna. Estabeleceu uma nova religião baseada na crença num único Deus e denunciou os antigos cultos religiosos do Egito. A sua religião foi a "aproximação mais próxima do monoteísmo que o mundo alguma vez tinha visto."3 Tem-lhe sido creditado o "conceito revolucionário de um Deus eterno, absoluto, omnipotente e único", semelhante ao dos hebreus de um período posterior.4

Outros, sem atender às leituras de Cayce, identificaram José com o período de Akhenaton:

O casamento do Vice-Rei [José] com a filha de um sacerdote do Sol, e a aceitação por parte do Faraó da religião monoteísta de José, sugerem ambos que ele era Amenhotep IV, o arrojado reformador religioso que adorava apenas Aten, o disco solar, mudou o seu nome para Akhenaten [sic] e construiu uma nova capital em Amarna.5

Por outro lado, não se sabe que Akhenaton tenha tido uma segunda esposa, como Cayce disse sobre o rei na leitura citada, nem o seu nome está no Êxodo (assumindo que Cayce se referia ao livro bíblico do Êxodo). Além disso, uma leitura para outra mulher pareceria colocar o período de José numa data muito anterior. Esta leitura (355-1) indica que a Princesa Hatshepsut foi quem recolheu Moisés dos juncos do Nilo. Ela acabou por se tornar rainha, e o seu reinado precedeu o de Akhenaton em pouco mais de cem anos. Visto que José estava no Egito possivelmente 400 anos antes de Moisés, o quadro temporal parece eliminar Akhenaton e apontar para o domínio dos Hicsos, estrangeiros que tomaram o trono durante o período de 1720 a 1550 a.C. A maioria dos eruditos parece também favorecer esta datação para José.

Uma coisa em que as leituras insistem é que a vida e a influência de José ajudaram a crença num único Deus. Este resultado é um dos que, segundo elas, se seguiam sempre que havia uma aparição da alma do Mestre.

Independentemente do período temporal de José, as semelhanças e o simbolismo entre a sua vida e a de Jesus são certamente impressionantes:

1. Ambos eram amados pelo seu pai. O Génesis 37:3 diz: "E Israel amava a José mais do que a todos os seus filhos . . .", enquanto em João 3:35 se diz de Jesus e do seu Pai celestial: "O Pai ama o Filho, e todas as coisas entregou na sua mão." Mateus 3:17 acrescenta: "E eis que uma voz dos céus dizia: 'Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.'"

2. Por outro lado, ambos eram odiados pelos seus irmãos. "Vendo, pois, os seus irmãos que seu pai o amava [a José] mais do que a todos os seus irmãos, odiavam-no, e não podiam falar com ele pacificamente." (Génesis 37:4) E em João 15:25, quanto a Jesus para quem todos os homens eram contados como irmãos: "Odiaram-me sem causa."

3. Ambos reivindicaram um estatuto que foi rejeitado e ressentido. No Génesis 37:8, a situação de José é assim declarada: "Disseram-lhe, pois, os seus irmãos: 'Rinarás tu deveras sobre nós? Ou dominarás tu deveras sobre nós?' Por isso o odiavam ainda mais pelos seus sonhos e pelas suas palavras." Jesus afirmou que ele e o seu Pai, ou Deus, eram um. Foi acusado de blasfémia e declarou: "mas agora viram e odiaram tanto a mim como a meu Pai." (João 15:24)

4. Os irmãos de ambos conspiraram para os matar. No Génesis 37:18, diz-se sobre os irmãos de José: "E viram-no de longe e, antes que chegasse a eles, conspiraram contra ele, para o matarem." Da mesma forma quanto aos "irmãos" de Jesus: "Então os sumos sacerdotes, e os escribas, e os anciãos do povo reuniram-se no palácio do sumo sacerdote, que se chamava Caifás. E deliberaram entre si como prenderiam Jesus com dolo e o matariam." (Mateus 26:3-4)

5. José foi vendido por 20 moedas de prata por Judá, e Jesus foi vendido por 30 moedas de prata por Judas. Numa nota de rodapé ao relato do historiador judeu Flávio José sobre a história de José, é citada a tradição de que foram na realidade 30 moedas de prata que os irmãos receberam por José, duplicando assim até a quantia exata que esteve envolvida na traição de Jesus.6

6. Quer José quer Jesus perdoaram os irmãos errantes e os exaltaram. Provavelmente a chave para a história de José e o seu tema mais convincente é o amor imorredouro de José pelos seus irmãos e a sua prontidão para perdoar o passado e aceitá-lo como o propósito de Deus. No Génesis 50:20, ele diz aos seus irmãos: ". . . vós bem intentastes mal contra mim; porém Deus o intentou para bem, para fazer como se vê neste dia, para conservar muita gente com vida." Ele forneceu também aos seus irmãos riqueza e glória superiores ao seu estado anterior em Canaã. Da mesma forma na cruz, o apelo imortal de Jesus, conforme registado em Lucas 23:34, foi: "Pai, perdoa-lhes,

porque não sabem o que fazem." E ele prometeu: "E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim." (João 12:32) Ele não fez exceção para aqueles que o tinham maltratado injustamente; a promessa do céu era também a deles.

7. José passou três anos na prisão no Egito, e Jesus passou três dias no sepulcro antes da ressurreição. (Embora a Bíblia não seja específica, a *Jewish Encyclopedia* diz ser geralmente aceite que José passou três anos na prisão.) Pareceria haver um simbolismo ainda maior envolvido na permanência de José na prisão: José interpretou os sonhos para o copeiro-mor e para o padeiro-mor do faraó, prevendo que este último seria pendurado dentro de três dias e que o outro seria restaurado à sua posição anterior junto do rei ou faraó no mesmo período de tempo. Quão estranhamente semelhante é este episódio aos comentários de Jesus aos dois ladrões crucificados com ele, a quem ele previu que um deles se juntaria a ele no paraíso ou, dito de outra forma, seria restaurado à sua posição anterior de glória junto do rei ou Deus. Até o método de morte que José previu para o padeiro do faraó — ser pendurado numa árvore — parece ser um presságio da maneira de morte de Jesus. E o destino de Jesus seria quer a crucificação quer o regresso à sua posição anterior junto do Rei (celestial) — as duas coisas que José previu para os seus companheiros de prisão.

8. Nem José nem Jesus foram reconhecidos. Quando os irmãos de José, que representam e são os patriarcas do povo judeu, foram ao Egito comprar cereal, não reconheceram José. Quando Jesus veio como o esperado messias, ele também não foi geralmente reconhecido pelo povo judeu.

9. As vidas de quer José quer Jesus foram salvas ao irem para o Egito. José teria, de outro modo, morrido às mãos dos seus irmãos, e Jesus teria sido morto em bebé sob o decreto de morte de Herodes se ele e a sua família não tivessem escapado para o Egito.

10. E a viagem para o Egito em ambos os casos foi o resultado de sonhos. Os problemas de José com os seus irmãos foram agravados pelos seus sonhos que refletiam superioridade sobre eles, e foi um sonho do pai de Jesus, José, que motivou a família a fugir da Palestina para o Egito.

11. José começou o seu ministério como supervisor do faraó aos trinta anos de idade e, com a mesma idade, Jesus começou o seu ministério ativo para Deus.

12. Os filhos de Jacob somavam doze e foram os pais das doze tribos de Israel. Jesus, por sua vez, escolheu doze discípulos para o auxiliarem no seu ministério.

13. José passou pelo fingimento de não reconhecer os seus irmãos quando eles foram ao Egito. Jesus da mesma forma, no caminho para Emaús após a sua crucificação, fingiu não conhecer os seus amigos até partir o pão com eles no fim do dia. (Lucas 24:13-31)

14. José e Jesus ofereceram ambos uma esperança de regresso à Terra Prometida para os fiéis ou escolhidos. Antes da sua morte, José disse aos seus entes queridos: "Deus certamente vos visitará, e vos fará subir desta terra para a terra que jurou a Abraão, a Isaac e a Jacob." (Génesis 50:24) Jesus fez promessas semelhantes àqueles que o amavam: "Não temas, ó pequeno rebanho, porque a vosso Pai agradou dar-vos o reino." (Lucas 12:32) "Vou preparar-vos lugar . . . para que onde eu estiver estejais vós também." (João 14:2-3)

15. A "morte" nem de José nem de Jesus foi definitiva, mas serviu para promover os propósitos de Deus. José foi salvo da morte no poço ao ser vendido como escravo, e a morte de Jesus foi seguida pela ressurreição. Em ambos os casos, a "morte" serviu ao fim de Deus: José superou a servidão no Egito e salvou os egípcios e outros da fome; Jesus venceu o mundo e tornou-se o exemplo para toda a humanidade, o caminho de

saída da escravidão ao mundo material e de regresso ao Criador celestial.

16. Rejeitados pelo seu próprio povo, quer José quer Jesus foram aceites e exaltados por estrangeiros. Os irmãos de José expulsaram-no do seu país; no Egito ele tornou-se o segundo em autoridade a seguir ao faraó. A morte de Jesus foi provocada pelos seus compatriotas, mas a sua ressurreição e missão foram aceites pelos Gentios. Com o tempo, ele foi reconhecido como o Filho de Deus por inúmeros países estrangeiros, incluindo o poderoso Império Romano.

Embora a Bíblia reflita muitas semelhanças entre José e Jesus, não vai ao ponto de corroborar as declarações de Cayce de que José e Jesus eram encarnações da mesma alma. Existe material em livros apócrifos, contudo, que parece fazer tal ligação.

Os *Testamentos dos Doze Patriarcas* foram escritos entre 137 e 107 a.C. por um autor ou autores desconhecidos que recorreram aparentemente ao folclore e à tradição judaica. Contêm um testamento ou declaração de leito de morte de cada um dos doze filhos de Jacob, incluindo José. Os primeiros cristãos parecem ter tido um grande respeito pelos *Testamentos dos Doze Patriarcas*, e a sua influência nos escritos do Novo Testamento, tais como o Sermão da Montanha e algumas das epístolas de Paulo, é muito evidente. Vários destes Testamentos fizeram previsões, semelhantes a profecias bíblicas, de que o Cordeiro de Deus ou messias viria das tribos ou descendentes de Judá e Levi. Jesus, naturalmente, nasceu da tribo de Judá e assumiu no seu ministério um papel sacerdotal típico da tribo de Levi.

No "*Testamento de Naftali*", Naftali fala de um sonho ou visão que teve enquanto estava no Monte das Oliveiras, a qual prediva a vinda do messias. O símbolo do messias no sonho era José, que era a única pessoa que conseguia capturar uma certa criatura touro alada que ascendia com ele ao alto. A localização do sonho — no Monte das Oliveiras — tem associações especiais com Jesus.

O "*Testamento de José*" contém declarações atribuídas a José que se comparam favoravelmente com algumas de Jesus. Aos seus irmãos sobreviventes e a todos os descendentes de Jacob, ele disse: "Amai-vos também, portanto, uns aos outros, e com paciência escondei as faltas uns dos outros." Jesus admoestava frequentemente os seus discípulos e seguidores a amarem-se uns aos outros, e aconselhou-os a perdoar ao seu irmão, não apenas sete vezes, mas setenta vezes sete. (Mateus 18:21-22) Jesus disse para pagar o mal com o bem, e a seguinte declaração é atribuída a José: "E se alguém procurar fazer-vos o mal, fazei-lhe o bem e orai por ele, e sereis remidos pelo Senhor de todo o mal."

José disse:

Fui levado para o cativeiro, e a Sua mão forte socorreu-me. Estive rodeado pela fome, e o próprio Senhor me alimentou. Estive só, e Deus consolou-me; Estive doente, e o Senhor me visitou; Estive na prisão, e o meu Deus me favoreceu; Em grilhões, e Ele me libertou; Caluniado, e Ele defendeu a minha causa; Amargamente falado pelos egípcios, e Ele me livrou; Invejado pelos meus companheiros de escravidão, e Ele me exaltou. ("*Testamento de José*", I:9-17)7

Quão semelhantes são estes comentários aos de Jesus em Mateus 25:35-36:

Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me.

José fez também a seguinte profecia:

E vi que de Judá nasceu uma virgem vestida com um fato de linho, e dela nasceu um cordeiro, sem mancha; e à sua mão esquerda havia como que um leão; e todos os animais se arremessaram contra ele, e o cordeiro venceu-os e esmagou-os debaixo dos pés. E por causa dele os anjos e os homens alegraram-se, e toda a terra. E estas coisas acontecerão no seu tempo, nos últimos dias. ("*Testamento de José*", II:74-76)8

A profecia mais empolgante nos Testamentos dos Patriarcas, que certamente parece corroborar a ligação de José e Jesus feita por Cayce, é uma do "Testamento de Benjamim". Depois de Jacob se ter reencontrado com José no Egito, José pediu a Jacob que rezasse pelos seus irmãos, os filhos de Jacob, para que pudessem ser perdoados. Jacob então abraçou José e gritou-lhe:

Em ti se cumprirá a profecia do céu respeitante ao Cordeiro de Deus, e Salvador do Mundo, e que um irrepreensível será entregue por homens sem lei, e um sem pecado morrerá por homens ímpios no sangue da aliança, para a salvação dos Gentios e de Israel, e destruirá Beliar e os seus servos. ("Testamento de Benjamim", I:21)9

Uma história de provável origem judaica conta o casamento de José com Asenete, a filha virgem do sacerdote egípcio Pentephres. Esta lenda é conhecida simplesmente como "José e Asenete" e data de algures entre 100 a.C. e não mais tarde do que 117 d.C.10 Algumas autoridades pensam que pode ter tido origem nos Essénios, mas, em todo o caso, é de importância suficiente para ter sido incluída em algumas listas de livros cristãos canónicos e apócrifos.11 Na história, José é descrito como "o poderoso de Deus", "o filho de Deus", "o abençoado de Deus", "o primogénito de Deus" e o "salvador" do seu povo.12 Esta linguagem tem sido tomada como prova da identificação de José com o Redentor, Jesus Cristo.13 Um hino etíope do final do século XVI ou início do século XVII constrói sobre esta ligação:

Saudação a José, que foi chamado a semelhança

Do chefe do exército de Deus;

Todos os meus ossos cantam a este homem sábio, o portador de uma gema,

O depósito das suas riquezas, dizendo,

"Ó Maria, ele é tu mesma."14

Na história de "José e Asenete", Asenete é uma virgem e muito bela. Ela está cercada por sete outras virgens que a servem e, após

apaixonar-se por José, é visitada por um anjo celestial. O anjo diz a Asenete:

Pois eis que o teu nome foi escrito no livro dos vivos no céu; no início do livro, como o primeiríssimo de todos, o teu nome foi escrito pelo meu dedo, e não será apagado para sempre. . . Eis que te dei hoje a José por noiva, e ele próprio será o teu noivo para todo o sempre.

E o teu nome já não será chamado Asenete, mas o teu nome será Cidade de Refúgio, porque em ti muitas nações se refugiarão no Senhor Deus, o Altíssimo, e sob as tuas asas muitos povos que confiam no Senhor Deus serão abrigados, e atrás das tuas muralhas serão guardados aqueles que se ligam ao Altíssimo Deus em nome do Arrependimento.15

Este hino parece estar a identificar Asenete com Eva, cujo nome foi escrito no "início do livro" como "o primeiríssimo de todos". José (Adão) é o seu noivo para sempre. E a ela é prometido um papel especial no desenrolar do plano de Deus para o arrependimento da humanidade. Se esta alma é de facto Eva, então ouviremos falar mais sobre ela na encarnação de Eva, de acordo com Edgar Cayce, como Maria, a mãe de Jesus.

Os acontecimentos na narrativa desenrolam-se em Heliópolis, a casa de Asenete. (Heliópolis é o nome grego para On, que é o nome dado na Bíblia.) Heliópolis em grego significa "cidade do sol" e estava localizada aproximadamente a cinco milhas a nordeste da atual cidade do Cairo. Como Jesus e Maria procurando refúgio no Egito do decreto de morte infantil de Herodes, eles regressarão a esta mesma localização.

A lenda afirma que Zeitoun é um dos lugares onde a Sagrada Família permaneceu enquanto esteve no Egito; hoje é um subúrbio do Cairo. A Igreja de Santa Maria, uma Igreja Cristã Ortodoxa Cópta, foi construída num dos locais onde se supõe que tenham ficado alojados. Durante o final dos anos 1960 e início dos anos 1970, uma série de aparições sobre a igreja, apresentando Maria e por vezes toda a Sagrada Família, foram testemunhadas por milhares de pessoas.

Muitas fotografias foram tiradas do espetáculo, e o evento foi bem documentado—incluindo um número de curas milagrosas que alegadamente ali ocorreram. As aparições cessaram depois de o governo egípcio ter anunciado o evento e começado a cobrar entrada.16 Possivelmente, as aparições foram uma influência duradoura das almas que ali viveram como Maria e Jesus, e talvez também como Asenete e José. Estas vidas foram de importância crítica para a evolução espiritual da humanidade.

Sabemos agora, através dos Manuscritos do Mar Morto, que os Essénios tinham uma consideração muito elevada por José. Ele era visto por eles como um sofredor inocente que era também um profeta e um homem de sonhos. De maior significado, no entanto, foi a ligação do seu Verdadeiro Mestre ou Mestre da Justiça com José.17 Ambos estavam ligados à celebração essénia do jejum judeu, o solene Dia da Expiação. Os Essénios acreditavam que o seu Mestre da Justiça regressaria como o messias e, assim, de acordo com eles, a figura de José passou a ter significado messiânico.18 Como veremos no capítulo sobre Asafe, este Verdadeiro Mestre foi também identificado por eles como Asafe.

Pouco antes da sua morte, Jacob deu uma bênção profética a cada um dos seus filhos. Em Génesis 49:22, ele chama a José um "ramo frutífero . . . cujos ramos correm sobre o muro." Como veremos em capítulos posteriores, o termo "ramo" será usado por profetas judeus subsequentes em referências simbólicas ao messias prometido.

Quão grande foi este homem José? A tradição judaica considera José um profeta e a representação de um homem perfeitamente justo. De acordo com R. Phinehas, "o Espírito Santo habitou em José desde a sua infância até à sua morte."19 José é também aceite como profeta na literatura árabe com um tipo de beleza masculina que engendra a expressão "um segundo José" para qualquer pessoa que seja extraordinariamente bela. A tradição árabe atribui também uma grande quantidade de obras públicas no Egito a José. Ele é reputado como tendo sido um grande matemático e astrónomo, e "alguns acreditam que ele construiu a cidade de Mênfis, e que foi instrumental

na construção dos obeliscos e pirâmides."20 Não se pode deixar de perguntar aqui, dado que não há outra evidência a ligar José à construção das pirâmides, se esta reputação não pode ser o resultado de lendas árabes que atribuem a construção da Grande Pirâmide a Hermes (discutido no capítulo sobre Hermes) e por um reconhecimento de uma ligação entre os dois.

José foi honrado pelo Judaísmo pela sua firmeza contra a tentação sexual com a mulher de Potifar. Potifar tinha confiado tudo na mão de José, e José recusou-se a trair esta confiança. O Quarto Livro dos Macabeus diz:

Isto certamente é a razão pela qual louvamos o virtuoso José, porque por causa da sua Razão, com um esforço mental, ele travou o impulso carnal. Pois ele, um jovem na idade em que o desejo físico é forte, pela sua Razão extinguiu o impulso das suas paixões. (11:68)

A confiabilidade de José foi reconhecida na prisão, pois mesmo ali o carcereiro "entregou na mão de José todos os presos que estavam na prisão." E depois o faraó, meramente com base nas interpretações dos sonhos por parte de José, concluiu que não havia ninguém tão sábio quanto José e fê-lo governador sobre a terra e segundo apenas a si próprio.

Acima de tudo, José é considerado uma vítima altamente moral e "inocente de inveja e má vontade, que dá a volta aos seus perseguidores tendo sucesso apesar deles e retribuindo o mal com o bem."21 Ele exibiu perdão, paciência longa, tolerância, paciência e amor.

José, no entanto, apesar de todo o seu mérito, aparentemente ficou aquém da perfeição. No ressentimento dos seus irmãos, há a sugestão de vaidade no jovem José. Se o relato no "Testamento de José" tem alguma precisão, José no início teve dificuldade em perdoar aos seus irmãos. Certamente, a história bíblica mostra-o a brincar com eles quando vieram ao Egito comprar trigo, e ele agravou a dor deles com as suas exigências relativamente a Benjamim. Finalmente, foi José quem estabeleceu um sistema de impostos para o faraó pelo qual

o excesso de trigo para a fome se tornou do rei. Eventualmente o povo teve de o comprar de volta para sobreviver, e muitos deles no processo tornaram-se escravos económicos do faraó. (Ver Génesis 47:19-21.) A responsabilidade por este sistema foi de José, e na sua encarnação seguinte como Josué, é significativo que ele próprio seja escravizado no Egito e passe a sua vida inicial a fugir do cativeiro egípcio.

Edgar Cayce deu outra informação que faz subenredos interessantes na história de José. De acordo com ele, o irmão de José, Benjamim, tinha sido Sete, o filho de Adão. (5148-2 e 281-48) Mesmo sendo uma grande e espiritual figura, Sete não podia ser comparado com o seu pai, Adão, agora encarnado como José. E as condições sob as quais Benjamim foi trazido ao mundo não eram comparáveis com as de José:

Também da mesma atitude tomada por esses pais [Jacob e Raquel] quando o segundo filho, Benjamim, foi concebido — quais foram as características variáveis aqui? O amor material era igualmente grande; a satisfação do desejo material foi completamente preenchida; contudo faltava aquele desejo de trazer algo que fosse inteiramente um canal através do qual o espiritual se manifestasse. Mas foi um canal que eventualmente trouxe o material tornado manifesto em Saul, uma encarnação de Benjamim. 281-48

Assim, Cayce diz que Benjamim regressou como Saul, que se tornou o primeiro rei judeu.

Outra leitura implica que Jacob regressou mais tarde como o discípulo João. (3976-15) Assim como Jacob, o seu amado filho era José; como João, ele era o amado discípulo de Jesus, que fora anteriormente José.

Em resumo, vimos em José um homem de eminente significado histórico e espiritual. Tal como com outros que Cayce disse serem anteriores encarnações de Jesus, há uma antiga tradição que o identifica com o messias ou salvador que salvaria não apenas Israel, mas também os Gentios. Ele era a "estrela de Jacob" que se tornaria o cetro ou rei eventualmente surgindo de Israel.

As muitas semelhanças entre a saga de José e a de Jesus não passaram despercebidas a outros.

A Igreja sempre ligou a história de José à experiência do nosso Senhor, que foi crucificado pelos seus irmãos mas erguido pelo seu Pai celestial para ser o meio de bênção e salvação para o mundo.22

Se se quisesse resumir a vida de José, poder-se-ia dizer que ele exemplificou a obra redentora do povo de Deus, tal como fez Jesus que a levou à conclusão. A história de José é um exemplo vivo de submissão à vontade de Deus, de paraíso perdido e de paraíso reencontrado.

CAPÍTULO DEZ

Josué

E Israel serviu o Senhor todos os dias de Josué, e todos os dias dos anciãos que sobreviveram a Josué e que sabiam toda a obra que o Senhor tinha feito por Israel. (Josué 24:31)

. . . Josué, o profeta, o místico, o líder, a encarnação do Príncipe da Paz. 362-1

Pois sem Moisés e o seu líder Josué (que era Jesus em corpo) não há Cristo. CRISTO não é um homem! Jesus foi o homem; Cristo o mensageiro; Cristo em todas as eras, Jesus numa, Josué noutra . . . 991-1

Pois Josué foi o intérprete através do qual a mensagem foi dada a Israel. 3645-1

E a resposta depende sempre de haver ou não aquela escolha que foi pronunciada por outro líder [Josué] — e um protótipo Daquele que deu a Sua vida como resgate por todos — "De facto, que outros façam como entenderem, mas quanto a mim e à minha casa, serviremos a um Deus vivo." 1497-2

. . . o paciente Josué, aquele que seguiu de perto no caminho que daria ao indivíduo (que estudasse) a vida e a interpretação do Filho do homem. Estes na atividade terrestre eram muito parecidos (Josué e Jesus), não como combatentes, como nas guerras, mas em espírito e em propósito, em ideais, estes eram um.

Assim . . . podeis usar o Filho do homem, Jesus, o Mestre, como o ideal no presente, e encontrar um novo significado — se houver o estudo e o paralelismo da vida de Jesus e de Josué. 3409-1

A Bíblia é omissa relativamente a detalhes da vida inicial de Josué no cativeiro egípcio. Ele é mencionado pela primeira vez cerca de dois meses depois de os Israelitas terem partido do Egito e chegado a um local chamado Rephidim, na parte sul da Península do Sinai. Num ataque aqui por uma tribo de Amalequitas, Moisés mandou chamar o jovem Josué para defender os Israelitas. Josué tinha aparentemente já demonstrado a sua capacidade de liderança a Moisés, e foi bem-sucedido nesta ocasião contra os Amalequitas.

Daí em diante Josué é frequentemente encontrado na companhia de Moisés, e ele é referido como "ministro" de Moisés à medida que se aproximavam do Monte Sinai. (Êxodo 24:13) Ele presumivelmente acompanhou Moisés montanha acima quando Moisés recebeu revelações sagradas e direções de Deus. À medida que desciam, Josué alertou Moisés para o barulho no acampamento israelita, onde o povo tinha começado a adoração idolátrica. E quando Moisés comunicava com Deus na recém-construída tenda ou tabernáculo, Josué estava lá.

A sua presença registada em tais momentos encaixa na premissa das leituras de Cayce de que Josué era o intérprete de Moisés.

À medida que os Israelitas se aproximavam da Terra Prometida, Moisés escolheu um homem de cada uma das doze tribos para espiar a terra. Josué representou a sua tribo, Efraim, e, após o regresso dos espias, foi apoiado apenas por Calebe na recomendação de avançar para Canaã. Esta falta de fé por parte dos Israelitas resultou no decreto de Deus de que eles teriam de vagar quarenta anos no deserto e na promessa de que nenhum deles, exceto Josué e Calebe, alcançaria a Terra Prometida.

Durante quarenta anos, os Israelitas foram nómadas do deserto. Durante este período, o povo uniu-se em torno da sua endurecida determinação de estabelecer uma nação na terra que se encontrava à frente. À medida que a nova geração de pessoas era criada, estava agora pronta para entrar na Terra Prometida.

Em antecipação da sua morte, Moisés pediu a Deus alguém para liderar os Israelitas, alguém "que saia diante deles e entre diante deles, que os faça sair e os faça entrar." (Números 27:17) Deus respondeu ao pedido de Moisés e escolheu Josué.

Após a morte de Moisés, os Israelitas confrontaram-se com a tarefa de entrar e conquistar a Terra Prometida. Josué decidiu fazer uma investida no centro de Canaã e cravar uma cunha entre o norte e o sul. Na prossecução deste objetivo, ele escolheu o local para atravessar o Rio Jordão e entrar na Terra Prometida—um ponto logo ao norte do Mar Morto e aproximadamente a cinco milhas a sudeste da cidade de Jericó.

Por causa das chuvas da época, o rio estava transbordando, e a intervenção de Deus foi necessária. Ele causou uma paragem no fluxo do rio até que os Israelitas estivessem em segurança no outro lado. Interessantemente, este fenómeno ocorreu noutras ocasiões, a última das quais em 1927. Tremores de terra a 16 milhas rio acima causaram um colapso das altas margens de argila do rio, e o fluxo do Jordão foi interrompido por mais de 21 horas.1

Após a travessia, eles pararam em Gilgal, no lado ocidental do Jordão. Doze pedras tinham sido tiradas do leito do rio e foram colocadas em círculo em Gilgal como um memorial à travessia milagrosa. Os Israelitas pausaram aqui e realizaram o ritual da circuncisão em todos os machos para simbolizar a renovação da sua aliança com Deus e a conclusão da libertação do Egito para a Terra Prometida. E pela primeira vez em Canaã, a festa da Páscoa foi observada.

A cidade de Jericó ficava à frente e parecia inexpugnável. Seguindo as instruções de Josué, no entanto, os Israelitas rodearam Jericó todas as manhãs durante seis dias, com sete sacerdotes no meio deles carregando a Arca da Aliança e tocando cornetas de chifre de carneiro. No sétimo dia, eles rodearam a cidade sete vezes, os sacerdotes tocaram uma nota final longa, e os Israelitas gritaram. Diz-se então que as muralhas da cidade ruíram, seguindo-se a pilhagem e destruição de Jericó. Arqueólogos modernos encontraram evidências de um terramoto ou calamidade similar em tempos antigos—o tipo de destruição que a Bíblia descreve sob Josué e os Israelitas.

Seguiu-se agora uma conquista sistemática e sangrenta de muitas das cidades na Terra Prometida. Josué concentrou-se maioritariamente nas cidades nas colinas, evitando o terreno plano onde os carros de guerra melhor equipados dos Canaaneus teriam vantagem. Uma a uma, os Israelitas tomaram Ai, Betel, Siquém, Gibeão, Aijalon, Libna, Laquis, Eglom, Hebrão, Debir e Hazor. Embora algumas cidades, tais como Jerusalém, tivessem sido contornadas, os Israelitas estavam agora em grande parte no controlo da Terra Prometida de Canaã.

Era altura de dividir a terra entre as tribos, e Josué exigiu que esta divisão e alocação fossem feitas através do lançamento de sortes para que a vontade de Deus se pudesse manifestar. O povo de Israel começou então o processo de cultivar a terra, construir casas e cidades, assimilar os povos não judeus na sua cultura, e tornar-se uma nova nação.

Com a idade de 110 anos, Josué reuniu os homens importantes das tribos e despediu-se deles. Ele exortou-os a seguir o Senhor e a resistir às tentações dos Canaaneus pagãos. Pouco depois, Josué morreu e foi sepultado no Monte Efraim, provavelmente em Timnate-Sera.

A vida de Josué não poderia ser melhor resumida do que na sua declaração de despedida ao povo: "Mas quanto a mim e à minha casa, serviremos ao Senhor." (Josué 24:15) Com base nesta afirmação e no exemplo da sua vida, os Israelitas responderam: "Ao Senhor nosso Deus serviremos, e à sua voz obedeceremos." (Josué 24:24) Josué avisou o povo, no entanto, de que se perdessem a sua fé perderiam a sua terra.

Uma leitura de Cayce, citada anteriormente, indicou que um estudo da vida de Josué ajudaria a interpretar o significado da vida de Jesus e que na sua atividade terrestre—pelo menos no seu espírito e propósito—os dois eram muito parecidos. Por causa do extermínio sangrento por parte de Josué de muitos dos povos conquistados, o paralelo com Jesus parece difícil. A leitura, contudo, fez uma exceção para o comportamento combatente de Josué e para as guerras, mas mesmo aqui pode haver paralelos dignos de consideração.

Primeiro, deve ser lembrado que a conquista de Canaã foi conduzida como uma herem ou guerra santa. Acreditava-se que tal guerra tinha sido ordenada e dirigida exclusivamente por Deus. A vitória pertencia aos fiéis se eles obedecessem explicitamente aos comandos de Deus. A guerra contra Canaã foi travada unicamente com o propósito de ganhar um lar para o povo de Deus, os Israelitas, e acreditava-se que a terra só podia ser purificada pelo extermínio dos pagãos que ali tinham vivido.2 Esta guerra santa pode ter sido simbólica da guerra a ser ultimamente travada pelo messias contra Belial, Satanás, ou o diabo em favor de Deus e do povo de Deus. Ela prefigurou o papel a ser desempenhado por Jesus.

Pode haver outro significado para Jesus como resultado das guerras travadas por Josué em Canaã. O ministério de Jesus foi

realizado na própria localização das cidades cananeias que Josué conquistou. Pode ter sido necessário para Jesus curar e ministrar aos povos da área onde ele, como Josué, tinha morto e destruído os habitantes anteriores. As leis de Deus de justiça cármica podem ter estado em jogo aqui. Embora não se saiba informação histórica suficiente para permitir uma comparação completa dos detalhes das campanhas de Josué com os ministérios de Jesus, algumas observações interessantes podem ser feitas.

A vitória maior final de Josué em Canaã foi em Hazor sobre vários exércitos que se tinham unido em aliança contra os Israelitas. Após a batalha, Josué capturou e queimou a cidade. Hazor tinha estado localizada perto do Mar da Galileia; é aqui que Jesus passou muito do seu tempo e realizou muitos dos seus milagres. A cidade próxima de Cafarnaum foi a base principal do ministério de Jesus.

Uma das maiores vitórias de Josué ocorreu no vale de Aijalon, onde o seu exército derrotou os reis confederados da área. Foi aqui também que Josué desafiou as leis físicas e ordenou ao sol e à lua que parassem. A Bíblia diz: "Não houve dia como aquele, nem antes nem depois dele, ouvindo o Senhor assim a voz de um homem." (Josué 10:14) Ao tempo de Jesus, a cidade de Emaús ficava nesta área. Jesus, após a sua ressurreição e triunfo sobre as leis físicas da morte, apareceu aqui a dois dos seus seguidores enquanto viajavam no caminho para Emaús.

Josué tinha contornado a cidade de Jerusalém temendo a sua força. Como Jesus, no entanto, ele ignorou o conselho de amigos e entrou e enfrentou os perigos de Jerusalém. Foi aqui, claro, que ele encontrou a sua morte.

Bastante cedo na conquista militar, cinco reis de territórios prestes a serem tomados por Josué esconderam-se numa caverna em Maceda, mas foram descobertos pelos Israelitas. Por causa da pressa em perseguir os inimigos em fuga, Josué ordenou que a caverna fosse selada até que pudessem regressar e dispor dos reis. Ele disse: "Rolai grandes pedras contra a boca da caverna, e ponde homens junto dela

para os guardar." (Josué 10:18) Posteriormente, os Israelitas regressaram ao acampamento em Maceda. Quando a caverna foi aberta e os reis foram trazidos para fora, Josué instruiu os seus capitães a porem os pés sobre os pescoços dos reis e a zombarem deles. A seguir, Josué feriu-os e enforcou cada um numa árvore até à tarde. Ele então ordenou que os reis mortos fossem retirados e postos na caverna antes do pôr do sol e que a caverna fosse selada pondo grandes pedras na sua boca. A Bíblia identifica os reis; o primeiro nomeado foi o rei de Jerusalém.

Não pode haver paralelo mais forte entre estes acontecimentos e os da crucificação de Jesus. Eles podem ajudar a explicar a necessidade de alguns dos pormenores macabros da sua Paixão. O precedente de os mortos serem removidos das árvores antes do pôr do sol no tempo de Josué era ainda parte da tradição judaica que resultou em Jesus ser apressadamente retirado da cruz e colocado no seu túmulo em caverna antes do anoitecer.

Outro dos cinco reis era o rei de Hebrão, uma cidade cerca de 20 milhas ao sul de Jerusalém. Há uma caverna aqui, embora uma mesquita esteja construída sobre ela hoje, e não-Muçulmanos não têm permissão para entrar nas instalações. Esta caverna de Macpela pode ser aquela em que os cinco reis foram sepultados. Alguns estudiosos acreditam que seja a caverna onde os patriarcas judeus teriam sido sepultados3 e assim onde até, de acordo com alguma lenda, o corpo de Adão pode ter sido depositado.

Há outras ligações. A conquista da Terra Prometida por Josué começou com a travessia do Rio Jordão. O ministério de Jesus começou com o seu batismo no Jordão. De acordo com a tradição, ambos os incidentes ocorreram exatamente no mesmo local.4 Arculfo, um peregrino ao Jordão em 670 d.C., relata uma cruz no meio da corrente neste ponto perto de Jericó, identificando o local do batismo de Jesus.5 Este é também o mesmo local onde se supõe que Adão tenha começado a sua vida como um exilado do Éden, permanecendo no Rio Jordão durante quarenta dias e arrependendo-se perante Deus.6

Adão, claro, foi uma vida anterior de Josué e Jesus, de acordo com Edgar Cayce.

Depois de atravessar o Jordão e enquanto acampado em Gilgal perto de Jericó, Josué pausou por um tempo antes de começar o seu ministério de conquista. Ele queria que os Israelitas se lembrassem da sua herança e renovassem os seus votos com Deus antes de começarem as lutas que se avizinhavam. De forma semelhante, após o seu batismo no Rio Jordão, Jesus pausou durante quarenta dias (esse número novamente!) no deserto para renovar o seu compromisso com Deus e preparar-se para a missão que tinha pela frente. De acordo com a tradição, Jesus subiu a uma pequena montanha na borda do vale do Jordão com vista para Jericó.7 Este local estaria nas proximidades de Gilgal.

Durante o período de espera, a perspetiva de superar a cidade fortificada de Jericó deve ter sido assustadora para Josué. Mas a Bíblia regista que um anjo do Senhor lhe apareceu. O anjo tinha vindo como "comandante do exército do Senhor" para encorajar e animar Josué a avançar nas suas conquistas. Quando Jesus foi para o deserto, ele também deve ter tido trepidações quanto à tarefa que tinha pela frente, pois o Novo Testamento regista que ele foi tentado pelo diabo com formas mais fáceis de realizar a sua missão. Ele superou as tentações, no entanto, e "os anjos vieram e o serviram." (Mateus 4:11)

Jesus não comeu durante os seus quarenta dias no deserto, e uma das tentações apresentadas pelo diabo foi para Jesus aliviar a sua fome transformando as pedras em pão. Na sua resposta, Jesus disse: "nem só de pão viverá o homem", e indicou que tinha um novo alimento—a palavra de Deus. Interessantemente, foi aqui, após a primeira festa da Páscoa durante o tempo de Josué, que os filhos de Israel cessaram de receber o maná. Eles também tinham um novo alimento: o produto da Terra Prometida de Deus.

Deus tinha assegurado a Moisés no Monte Sinai que um anjo seria enviado para preparar o caminho "para o lugar que tenho preparado." Deus disse então:

Dá-lhe ouvidos e escuta a sua voz, não te rebeles contra ele, pois ele não perdoará a tua transgressão; porque o meu nome está nele. Mas se escutares atentamente a sua voz e fizeres tudo o que eu disser, então serei inimigo dos teus inimigos e adversário dos teus adversários. Quando o meu anjo for adiante de ti, e te introduzir aos Amorreus, e aos Hiteus, e aos Perizeus, e aos Canaaneus, aos Hiveus, e aos Jebuseus, e eu os aniquilar . . . (Êxodo 23:20-23)

Como discutido no capítulo sobre Enoque, a tradição judaica identifica este anjo como Metatron ou Yaho'el, o nome para a alma trasladada de Enoque. De acordo com Edgar Cayce, Enoque e Josué eram a mesma alma. Na promessa acima a Moisés, Deus estaria assim a referir-se à contraparte angelical de Josué, ou possivelmente ao próprio Josué—que pode simplesmente ter sido descrito por Deus em termos angelicais. Este "anjo" lideraria os Israelitas para a Terra Prometida e derrotaria os seus inimigos. Certamente esta é uma descrição precisa do que Josué realizou nos seus anos como líder do povo escolhido de Deus.

De acordo com as leituras de Cayce, Josué foi responsável pela escrita, não apenas do livro de Josué, mas também dos primeiros cinco livros do Antigo Testamento. Os estudiosos concordam geralmente que o livro de Josué é composto pelas mesmas fontes dos primeiros cinco livros e foi aparentemente posto em forma escrita final ao mesmo tempo.8 Há também tradição rabínica e talmúdica de que Josué escreveu o livro com o seu nome e que Eleazar, o filho de Aarão, escreveu a parte pertencente à morte de Josué.9

Já vimos num capítulo anterior semelhanças traçadas no livro de Hebreus do Novo Testamento entre Jesus e Melquisedeque. Precedendo as comparações com Melquisedeque, no entanto, são traçados paralelos nos capítulos terceiro e quarto de Hebreus entre Jesus e Josué. Referindo-se a Jesus, o autor diz:

7 Portanto, como diz o Espírito Santo, "Hoje, se ouvirdes a sua voz,

8 não endureçais os vossos corações, como na rebelião, no dia da tentação no deserto,

9 onde os vossos pais me tentaram e viram as minhas obras por quarenta anos."

14 Porque nos tornamos participantes de Cristo, se tão-somente mantivermos firme o princípio da nossa confiança até ao fim,

15 enquanto se diz: "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações, como na rebelião."

Foi Josué, claro, quem exortou os filhos de Israel a terem fé em Deus e a entrarem na Terra Prometida sem demora. Mas o povo endureceu os seus corações e não quis ouvir. O povo de um dia posterior está a ser exortado a não repetir o erro, mas a ouvir a voz de Jesus e a segui-lo como falharam em fazer com Josué. A Epístola não faz distinção entre a voz de Josué e a de Jesus; elas são feitas para soar como uma só.

O capítulo quatro continua neste mesmo tema:

8 Porque, se Josué lhes houvesse dado descanso [na Terra Prometida], não falaria posteriormente de outro dia.

9 Portanto, resta ainda um descanso sabático para o povo de Deus.

11 Procuremos, pois, entrar naquele descanso, para que ninguém caia no mesmo exemplo de desobediência.

14 Tendo, portanto, um grande sumo sacerdote que penetrou os céus, Jesus, Filho de Deus, conservemos firmes a nossa confissão.

A mensagem aqui parece ser a de que outro dia foi dado ao povo de Deus para seguir a promessa de fé dada anteriormente por Josué e rejeitada. A nova promessa e exemplo encontram-se em Jesus.

O Pai da Igreja primitiva Ireneu postulou que Josué, que liderou o povo para a Terra Santa, sucedeu a Moisés como o símbolo da lei suplantada.10 Esse papel foi assumido—ou reassumido—por Jesus.

A semelhança dos nomes Yehoshua (Josué) e Yeshua (Jesus) trouxe uma identificação precoce no simbolismo cristão de Josué ser um "tipo" ou prefiguração de Jesus. Muitos acontecimentos da vida de Josué foram interpretados pelos primeiros cristãos como antecipações proféticas da vida de Jesus.11

Os Amalequitas, ou Amaleque, aparecem sempre em guerra com os Israelitas no Antigo Testamento. Assim Josué, na sua primeira batalha registrada, luta e derrota Amaleque, o símbolo judaico do diabo.

E o Senhor disse a Moisés: "Escreve isto para memória num livro e recita-o aos ouvidos de Josué; que eu hei de riscar totalmente a memória de Amaleque de debaixo do céu." (Êxodo 17:14)

Os Amalequitas continuarão de facto a assolar os Israelitas por gerações vindouras. É o diabo, do qual os Amalequitas eram meros símbolos, que será totalmente apagado da memória, e isso será feito por Josué quando ele regressar como Jesus. Significativamente, Deus queria que Moisés registasse esta destruição derradeira e "a recitasse aos ouvidos de Josué."

Enquanto Josué fazia a luta, Moisés, que representa a nação judaica, observava e estendia os seus braços na posição de "cruz" (cf. Êxodo 17:11 e 12). Esta simbologia foi notada pelos primeiros cristãos.12

Os discípulos e seguidores de Jesus acreditavam que a sua Segunda Vinda era iminente. A falta de fé daqueles que ouviram a mensagem sobre a Segunda Vinda pode explicar o seu atraso. Pode ter havido uma exigência de mais "quarenta anos" de peregrinação no deserto—um período que se estendeu até ao presente.

Certamente há semelhança no espírito e no propósito de Josué com os de Jesus. Cada um exibiu uma fé total em Deus e possuiu uma determinação obstinada e uma tenacidade destemida para se manter fiel aos seus ideais. Cada um deles sentiu também que o seu propósito na vida era o propósito de Deus.

A vida inteira de Josué tem significado simbólico para a humanidade. Assim como devemos primeiro encontrar-nos no cativeiro do pecado e da separação de Deus, a vida de Josué começou na escravidão no Egito entre um povo que reconheceu a sua necessidade de fuga e libertação. Um fim a este cativeiro não era possível sem a ajuda de Deus, tal como a nossa salvação está dependente da misericórdia e da graça de Deus. O caminho de saída da escravidão para a Terra Prometida foi extremamente difícil e, se vacilarmos na nossa fé, pode exigir atrasos e desvios tais como os quarenta anos que os Israelitas passaram no deserto. Possivelmente, tal como com os Israelitas, uma falha na fé pode significar que não podemos alcançar a Terra Prometida na presente vida terrestre. Pode envolver uma nova geração, uma nova vida ou vidas, antes de estarmos prontos para entrar na glória preparada e prometida para nós mesmo antes de entrarmos no cativeiro material. Ou pode significar que uma guerra santa, tal como a que Josué conduziu, possa também ser necessária para nos purgar de influências pagãs antes de estarmos adequados e prontos para a Terra Prometida.

Talvez de extrema importância seja a necessidade de um líder, alguém que nos possa mostrar o caminho, um Josué—um Jesus—apontando a direção para esta Terra Prometida. O caminho será tornado claro; será baseado na fé em Deus e numa submissão completa à vontade de Deus. E a placa de sinalização e o guia para cada um de nós seguir dirá: "Escolhei hoje a quem servireis . . . porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor." (Josué 24:15)

CAPÍTULO ONZE

Asafe

Estou continuamente contigo; tu me seguras a mão direita.

Tu me me guias com o teu conselho, e depois me receberás em glória.

Quem tenho eu no céu senão a ti? E não há nada na terra que eu deseje além de ti.

A minha carne e o meu coração falham, mas Deus é a força do meu coração e a minha porção para sempre.

(Do Salmo 73 por Asafe)

[versículos 25, 23-24, 26]

Deus era o seu rei, e os anciãos de cada tribo eram os seus vários líderes. No entanto, esta frouxa confederação de tribos não era páreo para os poderosos Filisteus, e os Israelitas rogaram ao profeta Samuel que nomeasse um rei como o dos países vizinhos. Relutantemente Samuel fê-lo, e Saul tornou-se rei de Israel. Como Samuel temera, Saul logo perdeu a sua orientação em relação a Deus e ficou obcecado com um desejo de poder pessoal e um ciúme de um jovem pastor chamado David. Finalmente, Saul e os seus filhos foram mortos em batalha, e David, o matador de Golias e de muitos dos inimigos, assumiu o trono e começou o processo de unificação do seu povo. O que se seguiu foram os anos mais gloriosos de Israel sob o Rei David e o seu filho e sucessor, Salomão.

As leituras 364-7 e 364-8 de Edgar Cayce indicam que uma das encarnações da alma do Mestre foi como Asafe, o salmista e músico das cortes dos Reis David e Salomão. O nome "Asafe" em hebraico significa "Deus reuniu ou sustentou." Asafe era um descendente da tribo de Levi e nomeado por David para ser o seu músico-chefe.

Ohemos para o que a Bíblia tem a dizer sobre Asafe e as suas atividades.

Em I Crónicas 16, o regresso da Arca da Aliança a Jerusalém por David é descrito. Esta é a cidade conhecida como Salém quando Asafe viveu lá anteriormente como Melquisedeque; ele era rei da cidade nessa altura. Agora Asafe lidera o ministério e a celebração para o rei à medida que a Arca é depositada na tenda em Jerusalém. Ele começa a cerimónia tocando os pratos. David entrega então na mão de Asafe

um salmo de ação de graças para ser lido perante o povo. Tal como Josué serviu como intérprete ou porta-voz de Moisés para o povo, Asafe desempenha um papel semelhante para o novo líder de Israel, o Rei David. Após o serviço, Asafe e os outros sacerdotes são deixados a ministrar continuamente perante a Arca.

Em I Crónicas 6 e 15, Asafe é listado novamente como um dos três a quem David encarregou do serviço de canto na casa do Senhor após a chegada da Arca. O versículo 32 (Capítulo 6) indica que estes três ministravam perante o tabernáculo com canto "até que Salomão edificou a casa do Senhor em Jerusalém." O seu ministério continuou então no Templo.

O Capítulo 25 de I Crónicas dá mais informação sobre os deveres e a composição dos músicos e cantores, dos quais Asafe era o chefe. Eles profetizavam através das palavras da sua música, que eram apresentadas com o acompanhamento de harpas, saltérios e pratos. O versículo 2 indica que Asafe "profetizava sob a direção do rei." Tal como Josué tinha dividido a Terra Prometida através do lançamento de sortes, também os deveres dos 288 músicos e cantores foram determinados. Eles abordaram a sorte de forma igual, "tanto o pequeno como o grande, tanto o mestre como o discípulo." O versículo 9 diz que a primeira sorte saiu para Asafe e o seu filho José.

O Capítulo 26 de I Crónicas inclui também os deveres de porteiro ou guardião do portão para os filhos de Asafe. Aparentemente eram considerados uma espécie de guarda espiritual de elite.

Em II Crónicas 5 há uma descrição da cerimónia para a dedicação do novo Templo construído por Salomão. Os cantores, compostos por Asafe, Heman e Jedutum com os seus filhos e irmãos, estavam vestidos de linho branco e de pé no lado oriental do altar com os seus pratos, saltérios e harpas. Cento e vinte sacerdotes estavam com eles tocando as suas trombetas, e as vozes de todos se levantavam em cântico de louvor ao Senhor. Deve ter sido uma cerimónia magnífica e imponente. Os versículos 13 e 14 dizem que a casa foi inundada por uma nuvem, "porque a glória do Senhor encheu a casa de Deus."

Um dever específico de Asafe era o da profecia, e ele é listado em II Crónicas 35:15 como um dos videntes do rei. Ele era aparentemente muito próximo de David e uma figura importante, pois em Neemias 12:46 há uma referência de regresso aos "dias de David e Asafe na antiguidade" quando "havia um chefe dos cantores, e havia cânticos de louvor e de ação de graças a Deus." Tal como José tinha encontrado favor com o faraó no Egito, Asafe era agora um favorito do Rei David.

Os "filhos de Asafe" é um termo subsequentemente usado no Antigo Testamento para uma corporação de cantores do Templo com o nome de Asafe e alegando ser descendente dele. Eles desempenharão um papel importante, por exemplo, nas cerimónias a serem discutidas no capítulo sobre Jesua quando o Templo for restaurado em Jerusalém após o regresso judaico do exílio e cativeiro na Babilónia.

Pouca informação é dada na Bíblia sobre o caráter do homem Asafe—exceto o que pode ser descoberto nos salmos escritos por ele. Ter palavras e versos criados e expressos por alguém que se alega ter sido uma encarnação de Jesus é uma oportunidade rara e única. A partir destas obras literárias temos uma janela através da qual vislumbrar a alma de Asafe—e do Mestre.

A autoria de 12 salmos é atribuída nos textos hebraicos da Bíblia a Asafe. São os Salmos 50 e 73 a 83. Olhemos mais de perto para cada um deles, começando com o Salmo 73.

Neste salmo, Asafe expressa inveja dos ímpios para os quais vê prosperidade generalizada. Eles não estão perturbados ou atormentados como as outras pessoas, e "eles têm mais do que o coração poderia desejar." Asafe evidencia a sua própria humanidade e contudo passa a arrepender-se da sua tolice. Ele reconhece e admite o seu erro quando entra no "santuário de Deus." Então ele pode dizer:

27 Pois eis que os que estão longe de ti periciaram; tu pões fim àqueles que te são infiéis.

28 Mas para mim é bom estar perto de Deus; fiz do Senhor Deus o meu refúgio, para que possa contar todas as tuas obras.

Ele afirma a sua fé em Deus como fez Josué quando Josué declarou que ele e a sua casa serviriam o Senhor vivo. A fé triunfante de Asafe sobre a dúvida humana traz também à mente a cena de Jesus no Jardim de Getsémani, onde ele questionou a Deus e pediu que o cálice passasse dele, mas depois declarou: "Contudo não seja como eu quero, mas como tu queres." (Mateus 26:39)

No Salmo 74, Asafe expressa novamente as suas dúvidas e pergunta a Deus, "por que nos rejeitas para sempre?" Ele lamenta a profanação do santuário de Deus pelo inimigo e suplica a Deus para ser assertivo. Embora ele questione quanto tempo estas condições devem continuar, ele mais uma vez exibe a sua fé e atesta:

12 Todavia Deus, o meu Rei, é desde a antiguidade, operando a salvação no meio da terra.

Vemos a espiritualidade inerente de Asafe a vir ao de cima, e ele intima que o seu compromisso com Deus se estende no tempo. Testemunhamos também neste salmo o seu amor pelo santuário de Deus e podemos antecipar a sua ira e força quando, como Jesus, ele expulsar os mercadores e espoliadores do Templo.

No Salmo 75, Asafe vê o triunfo derradeiro dos justos e expressa a sua ação de graças e louvor ao Senhor. Ele diz novamente em palavras que lembram Josué:

9 Mas eu me rejubilarei para sempre; cantarei louvores ao Deus de Jacob.

O Salmo 76 reconhece o poder vitorioso de Deus. O versículo 2 ajuda a identificar Salém como Jerusalém com a asserção de que Salém é a localização do tabernáculo ou Templo de Deus. O salmo conclui com a declaração de que Deus cortará o espírito dos príncipes. Esta referência pode ser para o papel definitivo do messias em destruir Belial ou Satanás, o príncipe deste mundo.

Asafe no Salmo 77 relata novamente as suas dúvidas humanas e queixa-se do atraso de Deus em aplicar a justiça aos ímpios. Ele diz que a sua alma recusa ser consolada durante a noite. Mas ele encontra consolo quando medita sobre as obras e maravilhas de Deus da antiguidade. Encontramos aqui uma declaração do valor da meditação na busca pela espiritualidade e sintonia com Deus.

A preocupação de Asafe sobre a lentidão da contenção dos ímpios por parte de Deus e, contudo, a sua expressão final da certeza do julgamento de Deus é quase uma duplicação do Capítulo 24 do Livro de Jó. Claro que, de acordo com Edgar Cayce, ambos os documentos foram escritos pela mesma alma.

O Salmo 78 encontra Asafe a recitar a história de Israel de esquecer Deus e contudo ser perdoado e sustentado por Deus. Ele lembra os jovens do país de que a guerra, o cativeiro, a destruição e a aflição foram trazidos pelo erro do povo. Ele diz que é a mesma razão pela qual a casa de José (Efraim) foi abandonada por Deus em favor da de Judá—e o Templo construído no território concedido a Judá. Esta lição pode também ser pessoal para Asafe—um lembrete de que, embora ele tenha sido favorecido por Deus como José, tal estatuto pode ser perdido por falta de dedicação a Deus.

No Salmo 79, Asafe lamenta novamente as abominações dos ímpios e a sua profanação do Templo. Em fé vacilante, ele pergunta quanto tempo esta situação deve continuar e suplica que Deus derrame a sua ira sobre as nações errantes:

12 Retribui sete vezes no seu tomo os ultrajes com que te ultrajaram, Senhor!

Quão mais madura será a sua espiritualidade quando, como Jesus, ele disser aos seus discípulos que eles devem perdoar aos seus irmãos setenta vezes sete—não procurar punição de sete vezes.

Um pedido para a restauração do povo por Deus é renovado no Salmo 80. Asafe dirige-se a Deus como "tu que guias José como a um rebanho." Poeticamente, José aqui simboliza Israel. Asafe refere-se também a Israel como a vinha ou vinhedo de Deus:

15 E o vinhedo que a tua mão direita plantou, e o ramo que fizeste forte para ti.

17 Seja a tua mão sobre o homem da tua mão direita, sobre o filho do homem que fizeste forte para ti.

Quem é este homem da mão direita de Deus que plantou a vinha de Israel? Em vista do uso por parte de Asafe do nome de José para Israel, pode ser José. Por outro lado, historicamente foi Josué quem plantou o povo de Deus na Terra Prometida. Em qualquer dos casos, seria uma encarnação anterior da alma do Mestre. E no segundo versículo citado, este homem da mão direita de Deus é descrito em termos messiânicos. O termo "ramo" é usado noutras partes da Bíblia ao referir-se ao messias. Como veremos mais tarde, a frase "filho do homem" tinha um significado messiânico especial. O próprio Jesus reivindicará e usará este título.

Ao rezar para que a mão de Deus pudesse estar sobre "o homem da tua mão direita", Asafe parece simplesmente estar a procurar a orientação e o apoio de Deus como seus. Ao fazê-lo, Asafe pode estar a identificar-se como o filho do homem ou messias. Se houver alguma dúvida sobre esta identificação, ela pareceria ser dissipada pela terminologia da mão direita do Salmo 73, citado em parte na frente deste capítulo. Ali, Asafe diz que Deus "me seguras a mão direita."

O Salmo 81 é um apelo ao culto devido. Asafe pede que se faça um som musical e alegre ao Senhor. Ao apontar por que motivo Deus abandonou Israel pelos seus erros, ele diz no versículo 7: "Eu [Deus] te testei nas águas de Meribá." Meribá é o lugar onde Moisés errou, com o resultado de que a liderança do povo de Deus foi assumida por Josué antes da entrada na Terra Prometida de Canaã.

Nos seus salmos, Asafe refere-se frequentemente a José e, como indicado anteriormente, a Bíblia diz que um dos filhos de Asafe se chama José. O Salmo 81 contém uma referência significativa a José:

5 Isto [o culto a Deus] ele ordenou em José por testemunho, quando ele saiu pela terra do Egito, onde ouvi uma língua que não entendia.

Ao mudar da terceira para a primeira pessoa aqui, Asafe parece claramente estar a dizer que ouviu uma língua no Egito que não entendia e pareceria estar a identificar-se como José.

O Salmo 82 é curto e refere-se ao papel de Deus como juiz. Asafe diz que "todos os fundamentos da terra estão desordenados" e implora a todos que "defendam o pobre e o órfão; façam justiça ao aflito e ao necessitado." Estas diretivas serão ecoadas séculos mais tarde nas palavras de Jesus. No versículo 7, há novamente uma referência que sugere a queda definitiva de Satanás, o "príncipe deste mundo":

Todavia morrereis como homens, e caireis como qualquer dos príncipes.

O versículo 6 estabelece:

Eu disse: Vós sois deuses; e todos vós sois filhos do Altíssimo.

Estaremos a olhar para este versículo novamente, mas por momentos examinemos algumas das suas implicações. Primeiro, está de acordo com uma máxima das leituras de Edgar Cayce de que somos todos filhos de Deus e estamos na jornada de regresso ao Pai e à nossa própria divindade. Em segundo lugar, Asafe parece estar a reivindicar que fez esta declaração anteriormente ("Eu disse"). (A Bíblia de Jerusalém dá as suas palavras como "Eu disse uma vez.") Se sim, onde? E qual é o significado de notá-lo aqui? Uma possibilidade é que ele o tenha dito como Enoque ou Hermes e pretendesse fazer essa identificação. Tal filosofia está contida tanto na literatura enoquiana como na hermética.

Asafe no Salmo 83 regressa ao tema de lamentar a situação de Israel e até nomeia os seus inimigos. Ele é sem misericórdia ao pedir a Deus:

17 Sejam envergonhados e perturbados para sempre; pereçam em desgraça.

18 Saibam que só tu, cujo nome só é o Senhor, és o Altíssimo sobre toda a terra.

Pelo menos nesta súplica Asafe tem como propósito a glorificação de Deus, não apenas a restauração do bem para Israel.

Agora quanto ao Salmo 50. Asafe descreve o julgamento de Deus quando Deus julgar o povo. Ele muda então para a primeira pessoa e diz:

5 Ajuntai a mim os meus fiéis que fizeram uma aliança comigo por sacrifício.

Esta alma Asafe, de acordo com Edgar Cayce, tinha feito uma aliança no início como Amilius juntamente com outros santos ou almas que ainda não tinham ficado presas na matéria. Estes Filhos de Deus concordaram em fazer uma entrada sacrificial na matéria num esforço para trazer as almas perdidas de volta a Deus. Seria apropriado então que Asafe estivesse a renovar o seu apelo a estes santos.

O Salmo 50 continua declarando a glória da obra das mãos de Deus na terra, e então Asafe diz:

14 Oferece a Deus um sacrifício de ação de graças, e paga os teus votos ao Altíssimo;

15 e invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás.

Novamente ele muda da terceira pessoa para a primeira e parece estar a falar de si próprio num papel messiânico de libertar o seu povo e receber a sua glória. Se houver alguma dúvida sobre esta interpretação, continuemos.

22 Considerai pois isto, vós que vos esqueceis de Deus; para que eu vos não faça em pedaços, sem que haja quem vos livre!

23 Aquele que oferece ação de graças como seu sacrifício honra-me; e àquele que ordena bem o seu caminho eu mostrarei a salvação de Deus.

Claramente Asafe está a referir-se a si próprio como aquele que há de mostrar a salvação de Deus. Esta é a missão única do messias e

a realização concedida pelos Cristãos a Jesus Cristo. Asafe está a reivindicá-la como sua.

Não só há linguagem no Antigo Testamento que parece identificar Asafe com o messias ou Jesus, como vimos, mas o próprio Jesus identificou-se com Asafe.

No décimo capítulo de João, Jesus afirmou a sua Divindade declarando que ele e o seu Pai são um. O povo ameaçou apedrejá-lo pela blasfémia de se fazer igual a Deus.

34 Respondeu-lhes Jesus: "Não está escrito na vossa lei: 'Eu disse: vós sois deuses'?"

O único lugar onde este tipo de declaração aparece na lei ou no Antigo Testamento é no Salmo 82, escrito por Asafe. Jesus optou por não incluir as palavras do salmo que indicam que somos todos filhos do Altíssimo—palavras que teriam sido germânicas para o ponto em discussão. E ele não deu uma citação ipsis verbis do salmo, que na verdade diz: "Eu disse." Jesus deixou cair a palavra "tinha." Pode argumentar-se razoavelmente que as palavras "Eu disse" não foram usadas por Jesus numa tentativa desleixada e imprecisa de citar o salmo, mas antes transmitiam o significado literal de que ele, como Asafe, tinha feito a declaração.

O Salmo 110 foi escrito por David. Representa uma comunicação de Deus para um chamado "meu senhor" e é um oráculo sobre o messias. O Salmo que o precede, tal como vários outros, é dirigido por David ao seu músico-chefe. Se este for o caso com este salmo, então David está a chamar a Asafe seu "senhor" e daí em diante liga-o tanto ao messias como a Melquisedeque.

O livro de Hebreus do Novo Testamento liga especificamente Jesus ao Salmo 110.

As leituras psíquicas de Edgar Cayce indicam que a alma do Mestre foi um escriba e escreveu partes do Antigo Testamento. Considera-se por estudiosos que algumas porções da Bíblia datam deste período, especialmente a literatura de sabedoria, as primeiras

grandes obras literárias de Israel, e até a história de José.1 Foi notado que os nomes egípcios na história de José são aqueles em voga no tempo de David e Salomão.2

Na obra judaica Martírio e Ascensão de Isaías, que pode datar de tão cedo quanto o segundo século a.C., refere-se a Asafe no parágrafo 6 como o "registador" e um praticante da justiça na qual está a fragrância do Espírito.3 Parte do manuscrito, Livro de Noé (rastreável até ao segundo século a.C.), refere-se a Asafe como "o escritor e historiador dos Hebreus" que explica e ensina a história dos signos do zodíaco, mas usa os nomes dos filhos de Jacob ao referir-se aos signos.4

Na História de Israel de Pseudo-Fílon, faz-se referência a declarações proféticas sobre Samuel que são atribuídas a Asafe.5 Estas declarações estão contidas no Salmo 99, no qual o salmista põe Samuel na companhia de Moisés e Aarão como sacerdotes do Senhor. Se esta referência a Asafe estiver correta, então Asafe seria o autor do Salmo 99. A autoria do salmo não é conhecida; é uma obra curta e bela louvando a Deus e reverenciando a grandeza e santidade do Criador.

Documentos essénios recentemente descobertos dão-nos uma nova perspetiva sobre Asafe. Tem havido considerável especulação quanto à identidade do Mestre de Justiça essénio que era venerado como o Verdadeiro Mestre e prefiguração do messias. Um estudioso aplicou uma forma de cifra hebraica a um nome de outro modo sem significado (TAXO) para o Mestre de Justiça na obra essénia conhecida como a Assunção de Moisés. O nome torna-se então Asafe. Por esta razão e outras, o estudioso está convencido de que o Mestre de Justiça, o Verdadeiro Mestre que seria o messias, era Asafe.6 Ele encontra também uma ligação entre Asafe e José, a quem ele também liga ao Mestre de Justiça. As frequentes referências a José nos salmos de Asafe e o facto de José ter sido usado por Asafe como um sinónimo para Israel são notados.7

O Asafe bíblico tornou-se uma figura lendária tanto na literatura judaica como na muçulmana. Ele é apresentado como mestre das artes ocultas, uma figura principesca, um mestre médico, o confidencial do Rei Salomão, alguém que conhecia o Nome Inefável de Deus, e alguém que tinha o poder de realizar milagres.8 Um manuscrito antigo, variadamente intitulado Sefer Asaf, Midrash Refu'ot, e Sefer Refu'ot, tem sido atribuído a Asafe, e ele ali é referido como Asafe o Mais Jovem, Asafe o Sábio, Asafe o Médico, e Asafe o Astrónomo.9

Tem havido sempre especulação de que as fábulas recolhidas sob o venerável nome de Esopo possam na verdade ter sido escritos de Asafe. Notam-se semelhanças, não apenas entre os nomes, mas também entre as duas personagens históricas.10

Ao olhar para as expressões literárias de Asafe—isto é, os Salmos bíblicos atribuídos a ele—testemunhamos uma alma muito espiritual. E contudo, através do coração do poeta, podemos observar fraquezas humanas tais como dúvida, impaciência, ira e até vingança. É uma alma que ainda não alcançou as alturas espirituais de um Jesus, mas uma na qual uma fé positiva e dinâmica em Deus não pode ser negada. Há uma reverência impressionante pela casa ou santuário de Deus, o que é apropriado para alguém que o guarda e lidera o serviço musical no culto do Todo-Poderoso. A corporação que daqui em diante levará o seu nome é testemunho em si mesma do talento musical, literário e profético de Asafe e da elevada estima em que ele era tido pelo seu povo.

Se Asafe foi de facto uma encarnação da alma do Mestre, é uma na qual podemos ver crescimento na arte e na espiritualidade. Levará ultimamente à conclusão e inteireza no homem conhecido como o Cristo.

CAPÍTULO DOZE

Jesua

Porque eis aqui a pedra que pus diante de Josué [Jesua]; sobre uma só pedra estão sete facetas; eis que eu gravarei a sua escultura, diz o Senhor dos exércitos, e tirarei a iniquidade desta terra num só dia. Naquele dia, diz o Senhor dos exércitos, cada um de vós convidará o seu próximo para debaixo da sua videira e para debaixo da sua figueira. (Zacarias 3:9-10)

A nação de Israel alcançou o seu zénite de poder e prestígio sob os reinados de David e Salomão. Daí em diante o povo começou a perder a sua dedicação e confiança em Deus; influências pagãs e o culto pagão tornaram-se aceitáveis; e a glória da nação começou a recuar.

O povo judeu foi avisado de antemão, no entanto, sobre o erro dos seus caminhos e as consequências que se seguiriam. Através de numerosos profetas, Israel soube do desastre iminente a menos que regressasse à sua herança religiosa e crença no Deus único. Embora muitos dos profetas e das suas mensagens não fossem populares no seu dia, gerações subsequentes reverenciariam as suas palavras e lembrar-se-iam dos seus avisos. Os escritos destes profetas tornar-se-iam uma parte importante das escrituras judaicas—uma característica que diferenciaria os Judeus dos Samaritanos ao norte. Os nomes destes profetas incluem Elias, Eliseu, Isaías e Jeremias.

Eventualmente a pior das profecias tornou-se realidade: Nabucodonosor da Babilónia invadiu Israel, e Jerusalém foi capturada e saqueada em 587 a.C. O Templo foi arrasado e destruído, e durante os cinco anos seguintes, um grande número dos principais judeus foi deportado para a Babilónia. Aqueles que permaneceram em Israel foram gradualmente amalgamados nas culturas das nações vizinhas que se mudaram para Judá. Assim, a dissipação do povo judeu como um agrupamento distinto foi iniciada, e o estatuto de Israel como uma nação independente terminou até ao século XX d.C.

Os cativos judeus na Babilónia, no entanto, foram capazes de manter alguma semelhança do seu estilo de vida nacional e religião.

Ezequiel tornou-se o seu profeta principal e catalisador religioso. Ele lembrou-os dos avisos dos seus profetas e prometeu que, se a fé fosse mantida, um regresso ao seu país seria possível após o período de punição nacional ter terminado.

Em 539 a.C., Ciro da Pérsia capturou a Babilónia e foi acolhido como um libertador. No ano seguinte, ele emitiu o Édito de Restauração pelo qual todos os judeus babilonilhos podiam regressar à sua pátria e o Templo podia ser reconstruído em Jerusalém a expensas do tesouro real. O regresso do exílio começou.1

Jesua está listado na Bíblia entre os exilados que regressaram a Jerusalém vindos da Babilónia. O seu nome é dado como Josué nos livros de Ageu e Zacarias, enquanto Esdras e Neemias o chamavam Jesua. Os dois nomes são na verdade o mesmo; Jesua é a forma aramaica da palavra hebraica "Josué", que com efeito significa "salvador."2 A palavra grega é Jesus. Para o diferenciar do Josué de um período anterior, usaremos o nome aramaico "Jesua."

De acordo com Edgar Cayce, Jesua é outra encarnação da alma do Mestre que se tornou crística como Jesus. (364-7 e 5749-14)

(. . . estudai o Livro que fala d'Ele, Jesus, nascido em Belém da virgem Maria), sabei que esta é a mesma entidade-alma que fundamentou com aqueles que regressaram do cativeiro naqueles dias em que Neemias, Esdras, Zorobabel eram fatores nas tentativas do restabelecimento do culto a Deus, e que Jesua, o escriba, traduziu o resto dos livros escritos até àquela altura. 5023-2

Outra leitura que diz que ele foi uma encarnação da alma do Mestre refere-se a ele como "Jesua de Jerusalém." (3054-4)

De acordo com a Bíblia, Jesua era um sumo sacerdote e filho de Jozadaque. Ele era um neto de Seraías, o último sumo sacerdote do antigo Templo em Jerusalém. Juntamente com Zorobabel, Jesua organizou o regresso a Sião.3 Ele chefiou a família sacerdotal de Jedaías, que regressou a Judá e seria daqui em diante conhecida pelo nome de Jesua.

A liderança de Jesua no regresso à Terra Prometida repetiu o papel que ele desempenhou para os Israelitas como Josué. Apenas desta vez, ele seria um homem de paz em vez de um guerreiro sangrento.

Jesua e Zorobabel estabeleceram a ordem dos sacrifícios e ajudaram a realizá-los. Eles também planearam a reconstrução do novo Templo. Os exilados da Babilónia começaram a construção do novo Templo, mas o povo nativo de Jerusalém recusou-se a ajudar. Eles tinham abandonado os seus antigos caminhos e a crença no único Deus verdadeiro. A reconstrução do Templo por isso esmoreceu e teve de ser abandonada. Jesua e Zorobabel rejeitaram uma oferta dos Samaritanos para ajudar na reconstrução, mas a chegada de novos exilados da Babilónia eventualmente permitiu que o projeto fosse renovado. Foi concluído em 515 a.C. no início do reinado de Dario I.4

A participação de Jesua na decisão de rejeitar a oferta de ajuda samaritana deve ser notada. Como Jesus, uma das suas parábolas contará sobre um viajante ferido aceitando ajuda de um Samaritano, e a espiritualidade e generosidade do Samaritano serão louvadas.

O novo Templo não era de todo tão magnífico como o de Salomão fora, mas o seu tamanho, design e estilo eram os mesmos.5 As muralhas de Jerusalém continuavam contudo em ruínas, e foram reconstruídas apenas após a intervenção de Neemias, um judeu que tinha ganho uma posição de influência na Pérsia e tinha vindo a Judá para servir como administrador.6

Após a conclusão das muralhas, uma cerimónia triunfal foi realizada, e os filhos de Asafe desempenharam um papel importante nos serviços. (Assim a influência de uma vida anterior do Mestre continuava.) Embora ainda sob o domínio de outro país, o orgulho nacional de Israel e o sentido de missão começaram a regressar.

Outro líder importante da altura foi Esdras, um sacerdote e estudioso. Embora ele tivesse sido enviado a Israel pelos Persas, ele foi instrumental em trazer o povo judeu de volta a Deus e para longe

da idolatria pagã. O livro histórico da Bíblia de Esdras leva o seu nome.

Como indicado na citação anterior de Edgar Cayce, Neemias, Esdras, Zorobabel e Jesua estiveram todos envolvidos ao longo de um período de tempo nas tentativas de restabelecer o culto a Deus.

Um contemporâneo de Jesua foi o profeta Zacarias, que também escreveu um livro do Antigo Testamento. Zacarias foi outro dos que ajudaram a impulsionar a reconstrução do Templo. Ele escreve na parte inicial do seu livro sobre oito visões místicas que teve e que estão cheias de imagens simbólicas. Nenhum profeta do Antigo Testamento tem mais a dizer em tão pouco espaço sobre a vinda do messias do que Zacarias.

Ele prevê a segunda vinda de Cristo, o Seu reinado, o Seu sacerdócio, a Sua realeza, a Sua humanidade, a Sua Divindade, a Sua edificação do Templo do Senhor, a Sua vinda em humildade, o Seu trazer de paz permanente, a Sua rejeição e traição por trinta moedas de prata, o Seu regresso a Israel como o Crucificado, e o Seu ser ferido pela espada do Senhor.7

O que é ainda mais significativo para os nossos propósitos é a própria identificação do messias por parte de Zacarias.

O Capítulo Três começa:

1 Depois ele mostrou-me Josué [Jesua], o sumo sacerdote, que estava diante do anjo do Senhor, e Satanás estava à sua mão direita, para o acusar.

2 E o Senhor disse a Satanás: "O Senhor te repreenda, ó Satanás; sim, o Senhor, que escolheu Jerusalém, te repreenda; não é este um tição tirado do fogo?"

Jesua tinha, de uma forma de falar, sido "tirado do fogo." O seu avô Seraías tinha sido morto por Nabucodonosor, e os filhos de Seraías tinham escapado por pouco.8

Quando Jesua é apresentado a Zacarias, ele está vestido com vestes sujas, o que é um sinal de luto.9 Após repreender Satanás, o Senhor ordena que o sumo sacerdote Josué, ou Jesua, seja vestido com vestes limpas. Ele diz então:

7 Assim diz o Senhor dos exércitos: Se andares nos meus caminhos, e se guardares a minha ordenança, também tu julgarás a minha casa, e também guardarás os meus átrios, e te darei livre acesso entre os que estão aqui.

8 Ouve pois, Josué, sumo sacerdote, tu e os teus companheiros que se assentam diante de ti, porque são homens de bom augúrio; eis que eu farei vir o meu servo, o Ramo.

Os estudiosos estão universalmente de acordo que o termo "Ramo" é uma referência ao messias ou Cristo. Isaías 4:2 descreveu o messias como o "Ramo." Jeremias 23:5 tem mais a dizer sobre o assunto:

Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a David um Ramo justo; e, sendo rei, reinará e procederá sábia e prudentemente, e executará o juízo e a justiça na terra.

Israel, através do trono de David, representa a videira, e o messias, ou salvador, é retratado como o seu "Ramo."

Como discutido no capítulo sobre Asafe, o Salmo 80, escrito por Asafe, refere-se ao "ramo que tu [Deus] fizeste forte." O versículo 17 desse salmo fala também sobre o homem da mão direita de Deus e o filho do homem. Estas referências no salmo pareciam ser para José, Josué ou Asafe—ou para todos os três. Aqui em Zacarias, a referência é para Jesua. E, claro, de acordo com Edgar Cayce, todos estes nomes serviriam como rótulos adequados de identificação para o "Ramo" que há de ser o messias e o Cristo.

Na conclusão das oito visões de Zacarias, o anjo do Senhor diz no Capítulo 6:11-13:

Toma da prata e do ouro, e faze coroas, e põe-nas na cabeça de Josué, filho de Jozadaque, o sumo sacerdote. E fala-lhe, dizendo:

"Assim fala o Senhor dos exércitos, dizendo: 'Eis aqui o homem cujo nome é Ramo; ele brotará do seu lugar, e edificará o templo do Senhor. Ele mesmo edificará o templo do Senhor, e levará a glória real, e assentar-se-á e dominará sobre o seu trono, e será sacerdote no seu trono, e haverá conselho de paz entre ambos.' "

Jesua é claramente identificado como o "Ramo" messiânico que edificará o templo de Deus e se assentará e dominará sobre o trono de Deus. Ele é o messias prometido a quem os Cristãos conhecerão como Cristo Jesus.

Como notado no capítulo a ele pertencente, Melquisedeque tem sido mencionado como uma das quatro figuras messiânicas implicadas pelos quatro "ferreiros" ou artesãos de Zacarias 1:20 e 21. De acordo com o Senhor, estes artesãos deitarão fora aqueles que espalharam o povo de Deus. Temos assim uma autoridade do Antigo Testamento a encontrar uma ligação possível nas missões de Melquisedeque e Jesua.

Os deveres profissionais de escriba foram encontrados em vidas anteriores da alma do Mestre. De acordo com Cayce, Jesua é novamente um escriba que traduziu todos os livros da Bíblia escritos até esta altura. Encontramos novamente a mão do Mestre sobre a palavra escrita de Deus.

Autoridades notaram o trabalho editorial de um cronista que ocorreu nalgum momento após 561 a.C.10 O primeiro período coberto neste projeto editorial é desde a entrada de Josué em Canaã até ao meio do exílio. Dois temas-chave que foram enfatizados foram a palavra do Senhor e o culto a Deus por parte dos reis e do povo. Uma segunda parte da história de Israel estende-se ao longo do regresso a Jerusalém e da reconstrução do Templo. Quem quer que fosse o autor, era um devoto do Rei David, preocupado com matérias relacionadas com Jerusalém, e fascinado pelo papel desempenhado por sacerdotes e Levitas—e pela profecia.11 Estes atributos soam como uma combinação de Asafe e Jesua, e a datação para os escritos ajusta-se ao período de tempo de Jesua.

Numa altura em que as fortunas de Israel estão em baixo nível—de facto, quando muitos do povo de Deus estão novamente em cativeiro—encontramos Deus a mostrar misericórdia e a fornecer um caminho para a restauração da honra e orgulho nacionais judeus. E novamente encontramos a alma do Mestre a desempenhar um papel importante no regresso do seu povo à Terra Prometida, na reconstrução do Templo, e num reavivamento da fé no Deus único.

Embora pouco seja dado na Bíblia ou em outros documentos sobre o homem Jesua, ele é louvado e ungido por um profeta de Deus e identificado como o "Ramo" messiânico do Senhor. Tal como ele participou como sacerdote na reconstrução do Templo em Jerusalém, ele é profetizado como sendo o edificador do verdadeiro templo de Deus, a levar a glória de Deus, e a assentar-se e dominar como sacerdote sobre o trono eterno de Deus.

CAPÍTULO TREZE

Zend

Isto te pergunto, ó Ahura Mazda [Deus];
responde-me bem:
Quem na Criação foi o primeiro pai da
Justiça?—
Quem atribuiu o seu caminho ao sol e às
estrelas?—
Quem decretou o crescer e o minguar da
lua, se não foste Tu?—
Isto eu gostaria de saber, ó Sábio, e
outras matérias também
(Das Gathas Yasna 44 do Zend Avesta)

O profeta Isaías escreveu sobre dias escuros e difíceis no futuro que Israel e o povo de Deus teriam de suportar antes do alvorecer de uma nova era de espiritualidade. No décimo capítulo de Isaías, ele contou como a Assíria invadiria o Próximo Oriente, mas também como a Assíria por sua vez seria destruída. O décimo terceiro capítulo promete que os "santificados" de Deus virão de um país distante e trarão "o dia do Senhor." Estas pessoas são ali identificadas como os Medos, que derrubarão a glória dos reinos assírio e babilónico.

É bastante invulgar para um escritor judeu chamar a um povo estrangeiro os "santificados" de Deus e dizer que eles trarão "o dia do Senhor." Quem eram estas pessoas e em que acreditavam?

Os Medos eram uma tribo que vivia no planalto iraniano e que foi unida com os Persas num só reino por Ciro II (o Grande) em 553 a.C. Como indicado no capítulo sobre Jesua, Ciro foi responsável por permitir que os judeus exilados na Babilónia regressassem à sua pátria. O seu governo iluminado e simpatia pelo povo judeu é digno de nota. Ele foi seguido por outro líder progressista, Dario, cujo reinado se estendeu até 485 a.C.

Algures por este período de tempo, um grande profeta que defendia a crença num único Deus apareceu na terra persa que é agora o Irão. O seu nome era Zaratustra, embora os Gregos o chamem pelo seu nome mais conhecido de Zoroastro. A frase "dia do Senhor", que Isaías usou na sua profecia, é geralmente interpretada como significando aqui o dia em que Deus se revelaria à humanidade. Noutras instâncias na Bíblia, tal "dia do Senhor" revelador é cumprido através de um dos mensageiros ou profetas de Deus.1 Em vista dos acontecimentos históricos após Isaías, Zoroastro deve certamente ser o profeta e a fé profética a que ele está ligado deve cumprir a profecia do "dia do Senhor" que Isaías tinha em mente.2

A datação exata para Zoroastro não é conhecida. Tem sido situado por historiadores em qualquer ponto desde o primeiro até ao décimo século antes de Cristo.3 Por causa dos reinados

espiritualmente iluminados de Ciro e Dario, no entanto, é provável que Zoroastro os tenha precedido e tenha tido um efeito positivo na sua liderança benévola. De facto, o seguinte foi inscrito na lápide de Dario:

Um grande Deus é Ahura Mazda, que criou esta terra, que criou estes céus, que criou bênçãos para os homens . . .4

Ahura Mazda é o nome zoroastriano para Deus e significa literalmente "Senhor o Sábio." Esta inscrição, no entanto, pode ter sido adicionada mais tarde, pelo que por si só não é prova da persuasão religiosa de Dario. Há uma lenda, contudo, de que o pai de Dario, Vishtaspa, foi o primeiro grande convertido de Zoroastro.

Após um estudo exaustivo, um estudioso concluiu que Zoroastro nasceu no primeiro dia do ano 660 a.C. e morreu em 583 a.C.5 Outra autoridade apoia esta datação,6 mas está ainda longe de ser um caso encerrado.

Várias leituras de Cayce listam Zend como uma encarnação da alma do Mestre. (364-7, 364-8) Zend era, de acordo com Cayce, o pai de Zoroastro.

Há a única aproximação ao Pai através do Filho, que se manifestou na terra através das atividades que foram mais tarde, no filho de Uhjltd [Zend], as manifestações daquilo que eventualmente se tornou a consciência no Nazareno. 2982-4

P-3. Tive em alguma experiência no plano terrestre associação com Jesus Cristo antes de Ele se tornar o mestre do mundo? Se sim, onde?

R-3. Nesta mesma experiência [Pérsia], a do irmão, a encarnação anterior à entrada do Mestre no plano da terra, pois Ele tornou-se então o líder daquelas terras, e muito é ainda ganho em pensamento a partir daqueles esforços persas nesta direção; ou, como é denominado no presente, a filosofia persa. 993-3

Pois a entidade era então o guardião dos registos para o que se tornaram os propósitos religiosos zoroastrianos.

A entidade ganhou, e a entidade deve usar esses propósitos religiosos como experiências comparativas no presente — mas sabendo que estes também vêm daquele mesmo que deu, "Eu sou o caminho, a verdade e a luz" 3685-1

Zan [Zend] não no plano da terra no presente. Veio novamente como aqueles que foram os Filhos do homem, e—o Salvador do mundo. 538-32

As leituras indicam que a filosofia do Zoroastrismo veio, pelo menos em parte, de Zend.

P-2. Na experiência persa como San (ou Zend) deu Jesus os ensinamentos básicos do que se tornou o Zoroastrismo?

R-2. Em todos esses períodos em que o princípio básico foi a Unidade do Pai, Ele andou com os homens. 364-8

P-11. Estão as verdades dadas por San [Zend] ao povo incluídas no Zend Avesta?

R-11. Eram essas! 288-29

Cayce está a dizer aqui que o Zend Avesta, a bíblia zoroastriana, contém filosofias e verdades que vieram de Zend.

Há autoridade para a proposição de que os ensinamentos de Zoroastro, que estão contidos no Zend Avesta, vieram de uma fonte anterior. Zoroastro é citado a perguntar a Deus:

Ó Ahura Mazda, Espírito mais benéfico, Criador do mundo material, Tu que és Santo!

Quem foi o primeiro mortal, antes de mim mesmo, Zaratustra [Zoroastro], com quem Tu, Ahura Mazda, conversaste, a quem ensinaste a religião de Ahura, a religião de Zaratustra?

Ahura Mazda [Deus] respondeu:

O belo Yima, o bom pastor, ó santo Zaratustra! ele foi o primeiro mortal, antes de ti, Zoroastro.

A ele, ó Zaratustra, Eu, Ahura Mazda, falei, dizendo: "Bem, belo Yima, filho de Vivanghat, sê tu o pregador e o portador da minha religião!" [Após recusar este papel, que presumivelmente foi assumido por Zaratustra ou Zoroastro, Deus implora ainda mais a Yima:]

"Já que não consentes em ser o pregador e o portador da minha religião, então faz o meu mundo aumentar, faz o meu mundo crescer, consente em nutrir, governar e vigiar o meu mundo."

E o belo Yima respondeu-me, ó Zaratustra, dizendo:

"Sim! Eu farei o teu mundo aumentar, eu farei o teu mundo crescer. Sim! Eu nutrirei, governarei e vigiarei o teu mundo . . ."

Então Eu, Ahura Mazda, trouxe-lhe dois instrumentos: um selo de ouro e um punhal incrustado de ouro. Eis que aqui Yima exerce o domínio real!7

Note-se o título "o bom pastor" para aquele que precedeu Zoroastro. Nesta citação, Yima, o bom pastor, assumiu também a missão messiânica de nutridor e governante do mundo e é-lhe dado o selo real e a espada de Deus. O próprio termo "bom pastor" tinha sido usado para Hermes. E Jesus identifica-se em João 10:14: "Eu sou o bom pastor."

Note-se também, no papel atribuído por Deus a Yima, a semelhança na linguagem com a ordem que Deus tinha dado a Adão: "Sede frutíferos, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a."

Poderia parecer invulgar que Zoroastro estivesse a perguntar quem era este profeta anterior se, de facto, era o seu pai. Esta técnica de fazer perguntas cuja resposta é óbvia é empregada frequentemente no Zend Avesta—especialmente em ligação com perguntas feitas a Deus. A citação no início deste capítulo é um exemplo de Zoroastro a fazer a Deus uma série de perguntas—aparentemente para fins retóricos—cujas respostas são obviamente conhecidas por Zoroastro.

A identidade deste profeta que veio antes de Zoroastro e a quem Deus ensinou a Sua religião não é conhecida pelos estudiosos. Ele é considerado, no entanto, como tendo sido "uma manifestação de Deus

. . . que foi divinamente encarregado de guiar o homem."8 De acordo com Edgar Cayce, teria sido Zend, o pai de Zoroastro e uma encarnação da alma do Mestre.

Não deveria ser surpreendente encontrar Zend como autor da bíblia zoroastriana, pois, afinal, Cayce disse que o Mestre esteve envolvido na escrita de virtualmente todo o Antigo Testamento. E vimos numerosas vidas onde ele desempenhou o papel de escriba em ligação com as escrituras ou literatura espiritual.

Antes de prosseguir com uma discussão sobre Zend, olhemos mais de perto para o que se sabe sobre o homem Zoroastro.

O nome Zoroastro tem sido considerado como significando "o camelo dourado",9 bem como "o filho das estrelas."10 Ele nasceu em Azarbaijão, no oeste do Irão. O seu nascimento teria sido acompanhado por manifestações sobrenaturais e ocultas.11 A lenda afirma que ele viajou para longe em busca da sua herança espiritual, indo possivelmente tão longe quanto a China e a Índia. Ele começou o seu ministério aos trinta anos de idade e, tal como Moisés, fez um mar abrir-se para que os seus seguidores pudessem passar em terra seca.12

Zoroastro inicialmente encontrou pouco sucesso nos seus esforços para reformar as religiões primitivas ao seu redor que se baseavam no culto de animais. O seu primeiro convertido terá sido o seu primo,13 embora a tradição diga que ele eventualmente conquistou o rei chefe, Vishtaspa, e os seus dois ministros.14 Daí em diante o seu ministério parece ter tido grande sucesso. De acordo com a lenda, invasores turanios mataram Zoroastro enquanto ele estava ajoelhado no altar a realizar ritos religiosos no templo.15

A vida de Zoroastro conteve muitos acontecimentos que são ecoados na história de Jesus, tais como os acontecimentos sobrenaturais na natividade e o início do seu ministério aos trinta anos de idade. A sua morte no altar do templo é semelhante à morte de Zacarias, o pai do primo de Jesus, João.

Quem é Zend?

De acordo com Edgar Cayce, ele é o pai de Zoroastro e a alma do Mestre cujas vidas temos vindo a acompanhar. À parte de Cayce, no entanto, não há registo histórico aparente de Zend. Nas leituras, ele foi variadamente chamado Zend, Zen, Zan, San ou Sen.

A história de Cayce sobre Zend é muito interessante. Ele era o filho de um chefe nómada que vivia nas planícies da Pérsia. O seu pai, Uhjltd, tinha casado com a sobrinha do rei persa, Creso, depois de ela ter ajudado Uhjltd a escapar do cativeiro do rei. Uhjltd era um líder muito espiritual e bom que tinha sido grandemente influenciado pela sua mãe. Ela era uma iniciada nas religiões de mistério do Egito. Zend cresceu na cidade "nas colinas e nas planícies" que tinha sido estabelecida por Uhjltd e que tinha o nome de Is-Shlan-doen. Tinha-se tornado um centro de comércio de muito sucesso para mercadores que viajavam entre o Oriente e o Ocidente. Zend tinha um irmão, Ujndt, que com o tempo se tornou um líder muito eficaz por causa do seu julgamento idealista mas prático. Zend tornou-se também um líder forte e mestre do seu povo, mas era mais o místico e profeta. Uma leitura descreve este período:

Antes disso encontramos que a entidade esteve na terra agora conhecida como Persa ou Arábica, por aquela cidade construída nas "colinas e nas planícies", por aquilo que é agora conhecido ou chamado Shustar na Pérsia ou Arábia.

Estes eram então os locais de residência da entidade com o mestre que tinha construído ali. Daí esses ensinamentos que surgiram através do neto de Uhjltd, ou Zoroastrismo . . . 991-1

A cidade "nas colinas e nas planícies" tornou-se também notada como um centro de cura com numerosos locais de refúgio ou escolas para os profetas espalhados por perto. O uso de talentos psíquicos, cura, hospitalização, banho, e limpeza e o ensino destas coisas eram enfatizados pelo povo de Uhjltd, Zend e Zoroastro. (538, 288)

A influência em Uhjltd da sua mãe egípcia e das suas crenças religiosas egípcias foi notada por Cayce. Uhjltd tinha também tido treino espiritual no Egito, o qual ele indubitavelmente passou no

ensino e criação de Zend. A semelhança do Zoroastrismo com as religiões e mitologia egípcias tem sido comentada por estudiosos.16

As leituras sugerem que Zend era por vezes excessivamente zeloso nos seus esforços. (2091-2) A alma do Mestre aparentemente não estava ainda bastante pronta para a Qualidade de Cristo e a perfeição divina.

Se, como Cayce disse, os ensinamentos e filosofias de Zend estão contidos no Zend Avesta, o que pode então ser aprendido sobre Zend a partir do estudo do Avesta? Pode ser impossível saber muito da verdadeira natureza e crenças de Zend a partir do que está agora contido no Zend Avesta. Um dos objetivos de Alexandre o Grande quando invadiu a Pérsia foi erradicar o Zoroastrismo e todos os livros que dele tratavam. A tradição Parsi diz que as únicas duas cópias completas do Zend Avesta foram destruídas por Alexandre, mas que o texto foi reconstruído muitos anos mais tarde a partir de fragmentos que tinham sido salvos.17 Apenas uma porção do Avesta original sobrevive hoje, e considera-se que as 17 Gathas ou hinos são a única parte que remonta à revelação original.18

Olhemos para algumas destas Gathas do Zend Avesta.

Quando a iluminação zoroastriana foi dada por Deus, o profeta que a recebeu indagou:

Isto te pergunto, ó Ahura Mazda; responde-me bem:

É que, em troca de cada perceção lúcida que terei consagrado,

O Senhor do Reino, sim Tu, ó Sábio,

Tu que habitas na mesma morada que a Justiça e o Bom Pensamento,

Cumprirás para comigo as promessas dos Reinos do alto?

(Das Gathas Yasna 44 do Zend Avesta)19

Zend (assumindo que é a ele que as revelações são dadas) pergunta-se se é por causa das boas obras que é assim honrado, e a

divulgação das "promessas dos Reinos do alto" é linguagem que lembra as descrições das revelações dadas por Deus a Enoque.

O versículo seguinte é semelhante na formulação a alguns dos salmos escritos por Asafe:

Isto te pergunto, ó Ahura Mazda; responde-me bem:

(Como) nos libertaremos do mal

Ao lançá-lo de volta sobre aqueles que, cheios de rebeldia,

Não têm cuidado em seguir a Justiça

E não se dão ao trabalho de consultar o Bom Pensamento?

(Das Gathas Yasna 44 do Zend Avesta)20

Asafe tinha estado impaciente para que a ira de Deus fosse descarregada sobre os rebeldes, mas Zend (se podemos assumir aqui esta identidade) pergunta apenas, de uma forma espiritualmente mais madura, como o mal pode ser retribuído. O caráter vingativo que muitas vezes caracterizou os escritos de Asafe agora também desapareceu.

O autor das linhas seguintes parece antecipar uma missão pela frente para si próprio e a sua própria eventual Qualidade de Cristo ou unidade com Deus:

Isto te pergunto, ó Ahura Mazda; responde-me bem:

Alcançarei com a Tua ajuda o meu objetivo, ó Sábio?—

Possa eu unir-me a Ti, e possa a minha palavra ser com poder,

Para que a retidão e a imortalidade se unam,

De acordo com o Teu mandamento,

Ao campeão da Justiça.

(Das Gathas Yasna 44 do Zend Avesta)21

A passagem seguinte traz à mente o Livro de Jó, que Cayce disse ter sido escrito por Melquisedeque, uma encarnação anterior do

Mestre; a formulação é especialmente semelhante à dos capítulos 9, 26 e 38 de Jó:

Quem foi o primeiro pai da Retidão no nascimento?

Quem atribuiu o seu caminho ao sol e às estrelas?

Quem senão tu é aquele através de quem a lua cresce e mingua?

Quem pôs a Terra no seu lugar abaixo, e o céu das nuvens, para que não falhe?

Quem as águas e as plantas?

Quem atrelou os dois corcéis ao vento e às nuvens?

Quem, ó Sábio, é o criador da Boa Mente?

Que artífice fez a luz e as trevas, que artífice o sono e o despertar?

Quem fez a manhã, o meio-dia e a noite, para lembrar o homem sábio da sua tarefa?

Quem criou a Devoção, sagrada com o Domínio?

Quem fez o filho reverente na alma para com o seu pai?

Assim me esforço por reconhecer em ti, ó Sábio, como espírito sagrado, o criador de todas as coisas.

(Das Gathas Yasna 44 do Zend Avesta)22

Um dos motivos no Zend Avesta é o da agricultura e da natureza. A importância dos assuntos agrícolas é mostrada na seguinte citação que descreve pessoas que fazem "a terra regozijar-se":

*É aquele que semeia mais trigo, relva e fruta, ó Spitama Zarathustra! que rega o solo que está seco, ou drena o solo que está demasiado molhado. Infeliz é a terra que esteve muito tempo deitada sem ser semeada com a semente do semeador e quer um bom agricultor, como uma donzela bem formada que esteve muito tempo sem filhos e quer um bom marido. Aquele que lavrasse a terra, ó

Spitama Zarathustra! com o braço esquerdo e o direito, com o braço direito e o esquerdo, a ele ela trará frutos em abundância.*23

Nas suas parábolas, Jesus falará também do semeador de sementes, do bom agricultor, da colheita e de assuntos agrários semelhantes.

A religião zoroastriana é muitas vezes citada pelos seus conceitos de dualismo espiritual, mas os ensinamentos originais não são dessa tendência. Em vez disso, insistem num único Deus verdadeiro e único que criou o mundo e todo o universo.24 Tanto o bem como o mal existiam, mas Deus era considerado "omnisciente, todo-poderoso, supremo, soberano, bom e misericordioso."25

Outro tema persistente no Zoroastrismo é o da justiça, cuja personificação é Deus. A prática do bem é também da maior importância, como se reflete em parte de uma oração zoroastriana:

Louvo em voz alta o pensamento bem pensado, a palavra bem dita e a ação bem feita.

O Zoroastrismo espalhou-se por todo o lado, com locais de culto que alegadamente existiam na Ásia Menor, no Oeste, e na China, no Leste.26 Era a religião estabelecida da Pérsia antes da propagação do Islão. Muitos zoroastrianos fugiram para a Índia, no entanto, para escapar ao zelo do Islão nos séculos VII e VIII. Hoje há uma comunidade de algumas centenas de milhares de zoroastrianos em Bombaim, onde são conhecidos como Parses, por causa da terra da sua origem. Ali vivem como uma comunidade discreta notada pelos seus templos do fogo que contêm a chama sagrada e as suas torres do silêncio nas quais os abutres consomem os seus mortos para não contaminar a terra, a água ou o fogo sagrados. O declínio real do Zoroastrismo começou com o advento de outra grande religião no Médio Oriente, o Cristianismo.

Uma das razões pelas quais o Zoroastrismo se espalhou tão ampla e rapidamente foi a sua disponibilidade para todos. Algumas religiões anteriores, tais como as religiões de mistério egípcias, baseavam-se no alcance espiritual e na iniciação—uma prova de dignidade. O

Zoroastrismo estava aberto a todos os que quisessem acreditar, quer fosse o comerciante viajante da Índia ou o agricultor da aldeia local. Esta fluidez e falta de exclusividade podem tê-lo tornado vulnerável à adoção e mudança por parte de outras religiões, tais como o Cristianismo quando este surgiu.

Há muita semelhança entre o Zoroastrismo e o Judaísmo. Tinham os mesmos princípios religiosos básicos e valores culturais, e ambos denunciavam sem misericórdia todos os adoradores de ídolos e as suas práticas imorais.27 Ao surgimento do Zoroastrismo é creditada a criação, até no judeu mais convicto da altura, de um novo interesse na sua herança espiritual quase esquecida.28

Muitos dos dogmas e rituais zoroastrianos que passaram através das eras e são conhecidos no presente carregam um curioso tom pré-cristão. Praticavam o batismo, a circuncisão e uma missa sacrificial com uma comunhão de pão e vinho. As suas profecias incluíam a vinda de um Messias.29

Não só Isaías parecia estar a referir-se ao Zoroastrismo nas suas profecias, mas também outros escritores judeus. Considera-se que tanto Sofonias como Malaquias, que escreveram perto do tempo de Zend e Zoroastro, queriam dizer os zoroastrianos persas nas referências à chegada do "grande dia do Senhor" e ao honrar do nome de Deus pelos Gentios.30

Perguntaram certa vez a Cayce:

P-6. Ao canonizar a Bíblia, por que motivo foi a vida de Zan [Zend] deixada de fora?

R-6. Chamado por outros nomes. 262-60

Ele pode estar a referir-se a estas declarações proféticas do Antigo Testamento que não nomeiam Zend, mas parecem pertencer à religião iniciada por ele.

Como questão de facto histórico, o Zoroastrismo teve um efeito profundo tanto no Judaísmo como no Cristianismo, bem como no pensamento grego e gnóstico.31 Considera-se que tanto o Mitraísmo

como o Maniqueísmo tiveram as suas raízes no Zoroastrismo. O Maniqueísmo começou cerca de 250 d.C. como uma mistura gnóstica de Cristianismo, Budismo e Zoroastrismo.

Um dos dogmas mais fortes do Zoroastrismo era a sua ênfase na vinda de um messias. As Gathas falam de um reino vindouro que é aguardado pelos fiéis. Esperava-se que mais dois profetas aparecessem antes da chegada final do messias "que torna o espírito do mal impotente e causa a ressurreição e a existência futura."32

De acordo com Atos 2:9, muitos Medos e Persas estavam presentes quando Pedro se dirigiu aos cristãos no Pentecostes. Eram provavelmente zoroastrianos (a religião dos Medos e Persas), que tinham sido afetados pelos ensinamentos de Jesus.33

Os Magos eram membros do antigo sacerdócio persa que foram gradualmente absorvidos no Zoroastrismo. Aquando do nascimento de Jesus, a Bíblia regista a chegada de Homens Sábios vindos do Oriente. Eles vieram ao Rei Herodes:

Dizendo: "Onde está aquele que é nascido Rei dos Judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente, e viemos adorá-lo." (Mateus 2:2)

O termo "Homens Sábios" vem do grego magoi, uma "palavra persa para homens peritos no estudo das estrelas",34 ou astrologia. Eram Magos zoroastrianos da Pérsia. Uma leitura de Edgar Cayce lança luz adicional sobre eles:

Naqueles períodos que precederam o advento do Príncipe da Paz na terra, encontramos que a entidade estava entre os da terra que seria agora chamada persa—como um homem sábio, um conselheiro, um sábio, que aconselhava com esses povos; usando as atividades matemáticas das eras antigas, bem como os ensinamentos dos Persas desde os dias de Zend e Og e Uhjltd, trazendo para esses povos uma melhor interpretação das leis astrológicas bem como das naturais.

Daí encontramos que a entidade estava associada frequentemente com aqueles que olhavam para o dia, a hora em que esse grande propósito, esse evento, devia ser na terra uma experiência literal.

Então encontramos que a entidade estava entre os da fabulosa bem como real experiência, procurando com os Homens Sábios que vieram do Oriente durante esses períodos.

Encontramos que esta entidade foi aquela que trouxe o incenso ao menino Jesus—no nome então de Achlar. 1908-1

Os leitores podem lembrar-se da referência aos Magos no capítulo sobre Adão. No Testamento de Adão, datando dos primeiros dias do Cristianismo, Adão terá sido sepultado por Deus e pelos anjos. O seu testamento, que ele tinha dado a Sete, recebeu um tratamento especial:

E selámos o testamento e pusemo-lo na caverna dos tesouros com as ofertas que Adão tinha tirado do Paraíso, ouro e mirra e incenso. E os filhos dos reis, os magos, virão e os obterão, e os levarão ao filho de Deus, a Belém da Judeia, à caverna. (3:6)

Temos evidência novamente do laço especial entre os zoroastrianos e Jesus, da elevada estima que os Magos tinham por ele, e do desenrolar de acontecimentos cujas origens datam da primeira aparição na materialidade da alma do Mestre como Adão.

Pelo que vimos, não apenas dos Homens Sábios mas também dos zoroastrianos no Pentecostes, aparentemente muitos dessa religião reconheceram Jesus como o messias sobre o qual a sua religião e lendas tinham predito. Esta identificação com o Cristianismo pode ser a razão primária pela qual o Zoroastrismo declinou dramaticamente após a vida de Jesus e por que a Pérsia e as áreas circundantes foram um solo tão fértil para convertidos à nova religião.

Muitos dos primeiros cristãos judeus mantinham a crença de que Jesus, o messias e Filho de Deus, "tinha aparecido em ou sido prefigurado por outros 'profetas verdadeiros' ou 'profetas da

verdade'."35 Certamente Zend, um profeta do Zoroastrismo, encaixar-se-ia perfeitamente em tal conceito.

Um dos documentos gnósticos do Cristianismo primitivo era a Pistis Sophia. Nela há uma referência a Zorokothora Melgisedec. Considera-se que este nome de alguma forma liga Melquisedeque a Zoroastro ou à religião do Zoroastrismo.36 Melquisedeque teria sido, claro, uma vida anterior do Mestre, de acordo com Cayce.

O maior tratado descoberto entre os documentos antigos em Nag Hammadi, no Egito, é um intitulado "Zostrianos". Este nome é uma variante de Zoroastro e é reconhecido como tal no próprio tratado, bem como pelo Pai da Igreja primitiva Arnóbio e pelo autor neoplatónico Porfírio.37 Ao estudar este tratado, os estudiosos concluíram que ele considera Zoroastro como tendo sido uma encarnação de Sete, o filho de Adão.38 Assim, temos outro documento a encaixar Zoroastro num drama encenado há eras com o Mestre, e teríamos a relação pai-filho de Adão e Sete duplicada na de Zend e Zoroastro.

No tratado de Zostrianos, o detentor dos ensinamentos zoroastrianos de Deus (presumivelmente Zoroastro no tratado, mas o seu pai Zend, de acordo com Cayce) foi levado para todas as regiões do céu e foram-lhe mostrados os segredos do universo de uma forma semelhante à de Enoque. Ele então escreveu essas experiências numa formulação a ecoar os documentos enoquianos.

Há outra informação que novamente remete para Sete e Adão. De acordo com a lenda persa, as tábuas originais dos ensinamentos zoroastrianos estão preservadas em "uma certa grande caverna perto do cume de um pico alto das Montanhas Thian-Shan." Espera-se que estas tábuas sejam encontradas numa data futura "quando o mundo tiver crescido suficientemente sábio para interpretar os segredos misteriosos nela inscritos."39 Como encontramos no capítulo sobre Adão, a mesma história existe para Sete, que escondeu num lugar secreto os ensinamentos que Adão tinha recebido de Deus.

Pelo menos uma outra lenda sobre Zoroastro é digna de comentário. De acordo com relatos gregos, aquando da morte de Zoroastro o seu pai desceu numa grande chama e levou-o de volta aos céus estrelados de onde ele tinha vindo.40 Seria assim a alma do Mestre como Zend, de acordo com Cayce, que está a transportar e a acolher Zoroastro de volta à sua morada espiritual.

O Zoroastrismo prevaleceu durante um período importante da evolução espiritual ou religiosa da humanidade. Foi tanto um elo como um estímulo para o Judaísmo e o Cristianismo. Foi uma nova expressão da crença num único Deus, na Sua bondade e na Sua omnipotência. E a alma do Mestre, que em breve alcançará a Qualidade de Cristo como Jesus, desempenhou um papel vital na sua génese. A expectativa de um messias e o reconhecimento dele por pelo menos algumas partes do Zoroastrismo serão importantes para Zend quando ele regressar como Jesus na história que se avizinha.

Geralmente, os capítulos sobre as vidas do Mestre têm seguido uma ordem cronológica. Este capítulo pode ser uma exceção. Por causa da incerteza quanto às datas exatas de Zend e Zoroastro, a história de Zend não pôde ser colocada na cronologia das outras vidas relatadas com qualquer grau de precisão ou certeza.

Se usarmos a datação mais comumente aceite para Zoroastro, o tempo de vida de Zend deveria ter precedido o de Jesua. De facto, há algumas sugestões nas leituras de Cayce de que Zend remonta no tempo a milhares de anos antes de Jesus, e há algum apoio grego para tal antiguidade.

Por outro lado, a leitura 993-3, citada anteriormente, sugere que a vida de Zend é "a encarnação anterior à entrada do Mestre no plano da terra." (É possível, no entanto, que esta linguagem se esteja a referir à encarnação da pessoa para quem a leitura foi dada, em vez de Zend.) E um número de leituras coloca Uhjltd no período do reinado de Creso. Se este Creso é o lendário rei da riqueza que foi derrubado por Ciro, o seu reinado foi de grosso modo 560 a 546 a.C. A vida de Zend

teria começado nalgum momento perto deste período e seria assim provavelmente a encarnação seguinte à de Jesus.

Há outra possibilidade. As datas do tempo de vida de Jesua são suficientemente próximas das de Zend para que seja possível que Jesua fosse o nome hebraico para Zend e que eles fossem um e o mesmo. (Lembre-se da leitura que dizia que Zend era chamado por outros nomes na Bíblia.) A vida de Jesua começou na Babilónia, que foi conquistada pela Pérsia, mas outros pormenores parecem não coincidir. Zend supostamente cresceu na cidade das "colinas e planícies" na Pérsia, não na Babilónia. Embora o Judaísmo e o Zoroastrismo fossem semelhantes, a identificação de Jesua no Antigo Testamento como um sacerdote no Templo em Jerusalém pareceria precludir o seu ser o originador da filosofia zoroastriana, que floresceu na Pérsia.

Independentemente da sua datação real, a história de Zend é apresentada em último lugar antes da vida de Jesus por causa da proximidade nas filosofias do Zoroastrismo e do Cristianismo. E há outros fatores, tais como os Homens Sábios, que fazem uma transição e ponte suaves entre estas duas vidas epocais do Mestre.

CAPÍTULO QUATORZE

Jesus:

A Sua Vida Inicial

E tu, Belém Efrata, posto que és pequena entre os milhares de cidades de Judá, contudo de ti me sairá o que há de ser soberano em Israel; cujas saídas são desde a antiguidade, desde os dias da eternidade. (Miqueias 5:2; tradução de Lamsa)

As leituras psíquicas de Edgar Cayce confirmam os pormenores e acontecimentos dados no Novo Testamento relativamente à vida de Jesus. Elas dão também muita informação não contida no relato

bíblico. Afinal, há muito que não se sabe sobre o homem histórico. Como um autor colocou:

Ele viveu, este homem chamado Jesus, numa das menores e mais insignificantes das províncias romanas. Embora o seu nome seja conhecido hoje em todo o mundo, no seu tempo de vida, há dois mil anos, ele era virtualmente desconhecido fora da sua própria província. Ele é adorado hoje como o Filho de Deus por uma parte muito grande da população do mundo, contudo ele morreu com a morte de um criminoso. Ele mudou o curso da história mundial como nenhum outro homem jamais mudou, contudo dificilmente uma menção sobre ele pode ser encontrada na história do seu próprio tempo, a menos que a Bíblia seja contada como história. Ele é a figura central do Novo Testamento, contudo o Novo Testamento está estranhamente silencioso sobre a maioria dos anos da sua vida.1

As leituras de Cayce dão muita informação anteriormente desconhecida sobre os anos iniciais de Jesus. Começando com a natividade, a breve narrativa da Bíblia é enriquecida por Cayce com pormenores sobre a Sagrada Família, os seus amigos e a educação de Jesus. Cayce fornece também uma visão sobre as preparações para o messias, particularmente no que diz respeito ao envolvimento dos Essénios e à sua expectativa daquele cuja entrada na terra tinha sido há tanto tempo prometida e profetizada.

Comecemos com um olhar sobre os tempos e o papel deste grupo especial—os Essénios.

Para o povo judeu, era um período extremamente difícil. Eles estavam sob o domínio de Roma, com vassalos judeus de Roma em posições de autoridade e liderança. Tentativas anteriores por parte de grupos judeus, tais como os Macabeus, para resistir ao controlo estrangeiro tinham terminado em calamidade. Herodes o Grande era agora rei, embora a sua família fosse judaica apenas no nome. Várias culturas encontravam-se na Palestina, tendo o modo de vida grego o maior impacto. Muitos costumes e práticas religiosas judaicas tinham

sido abandonados pelo judeu comum. Mesmo o sacerdócio e os líderes religiosos estavam em desordem e desunião.

Por outro lado, a severidade dos tempos tinha levado muitos dos fiéis judeus a procurar e a esperar a intervenção e a libertação por parte de Deus. Afinal, Deus tinha vindo em seu auxílio muitas vezes no passado. Alguns esperavam por um líder político ou militar que os libertasse do domínio romano. Outros vislumbravam o fim do mundo e estavam à espera do messias prometido que pronunciaria e dispensaria o julgamento final de Deus.

Como um dos principais grupos religiosos judeus da época, os Saduceus representavam a aristocracia sacerdotal e aceitavam apenas a Torá (os primeiros cinco livros da Bíblia) como lei. Eles negavam a ressurreição dos mortos (a reencarnação, de acordo com Cayce) e a existência de anjos e espíritos, e aparentemente não tinham qualquer doutrina messiânica. Embora não tivessem poder político independente, eram capazes de trabalhar com a administração romana e eram frequentemente encontrados nos mesmos círculos sociais.2

Os Fariseus viviam um estilo de vida estrito e concebiam o Judaísmo como estando centrado na observância da lei. Opunham-se ao domínio estrangeiro e nunca prestaram juramento de fidelidade a Roma. Acreditavam na ressurreição dos mortos, nos anjos, nos espíritos e no julgamento. Trabalhavam em estreita aliança com os escribas e intérpretes da lei e eram intolerantes com a pessoa comum que não fosse estudiosa das regras religiosas.3

Um terceiro grupo, os Essénios, não é mencionado na Bíblia. Sabemos, contudo, através de fontes históricas (Joséfo e Fílon), que eles existiam nesta altura e exerciam uma influência considerável sobre uma porção da população judaica. Cayce disse que a ausência do nome essénio na Bíblia se deve ao facto de os cronistas não terem sentido necessidade de se nomearem a si próprios, e a esta conclusão chegaram também outros.4 De facto, a relação dos Essénios com o Cristianismo é agora considerada tão próxima e vital que uma autoridade declara:

Temos de perguntar se, sem a existência prévia e propaganda dos Essénios, as suas crenças messiânicas, e a sua organização e disciplina, o Cristianismo teria chegado sequer a existir.5

Há algumas coisas relativamente aos Essénios sobre as quais só podemos fazer especulações fundamentadas. Os estudiosos não estão unidos, por exemplo, quanto à sua origem. Alguns tomaram a posição de que eram meramente uma ordem estrita dos Fariseus; outros que eram zoroastrianos; e outros que eram budistas.6 A visão maioritária é provavelmente a de que os Essénios cresceram a partir de crenças judaicas mais tradicionais e existiram como uma seita separada e distinta juntamente com os Fariseus e os Saduceus. Tem sido argumentado que tanto João Batista como Jesus eram membros da ordem.7 João era evidentemente o mais zeloso dos dois nas suas convicções essénias. Considera-se geralmente que os agora famosos manuscritos encontrados na área do Mar Morto foram o produto de um grupo essénio que floresceu antes e durante o tempo de Jesus.

O modo de vida essénio era relativamente austero. O essénio dedicado vivia numa comunidade monástica e seguia uma rotina estrita e regrada. Renunciava aos bens materiais ao entrar na ordem, prestava culto ao nascer do sol, passava o dia em ofícios manuais, banhava-se antes da refeição comum e tomava uma dieta restrita. Os Essénios acreditavam na imortalidade da alma e na predição do futuro por certos profetas.8

De acordo com Cayce, eles estudavam as escrituras e outros documentos conexos e eram estudantes de astrologia, numerologia, frenologia e reencarnação. (5749-8) Em muitos aspetos, as suas práticas eram uma combinação das do Judaísmo e do Zoroastrismo—colocadas num contexto monástico.

Havia simpatizantes essénios que viviam uma vida mais normal fora das aldeias comunitárias. Eles auxiliavam os esforços da ordem e viajavam ocasionalmente às comunidades para visitar parentes ou amigos e para prestar culto. A extensão da influência essénia não é

totalmente conhecida e operava provavelmente muitas vezes sob a superfície sem perfil público.

De acordo com Edgar Cayce, os Essénios desempenharam um papel importante nas preparações para o próprio nascimento do messias. A palavra "Essénio", disse Cayce, significava expectativa. Eles estavam à espera da chegada do messias e prepararam "canais" ou mães apropriadas para o seu nascimento. Em palavras e atos, ajudaram a trazer um avivamento religioso e uma nova era.

Daí o grupo a que nos referimos aqui como os Essénios, que foi o resultado dos períodos de preparações a partir dos ensinamentos de Melquisedeque, tal como propagados por Elias, Eliseu e Samuel. Estes foram postos de parte para se preservarem em linha direta de escolha para a oferta de si mesmos como canais através dos quais pudesse vir a nova ou a divina origem, percebe? 254-109

Estudos modernos sobre as crenças essénias confirmam a elevada consideração dada a Melquisedeque. E parece adequado que o grupo que se preparava para a entrada do Mestre tivesse filosofias baseadas em ensinamentos dados anteriormente por ele na sua aparição como Melquisedeque.

As leituras dizem que Maria era uma de doze jovens virgens que tinham sido dedicadas em tenra idade para serem criadas pelos Essénios como candidatas para o nascimento do messias. A tradição católica de que a própria Maria foi imaculadamente concebida é confirmada por Cayce. O nome da sua mãe era Ana. Ela era membro dos Essénios no Monte Carmelo e tinha dado Maria para este propósito espiritual de ser um canal para a entrada do messias.

A seleção de Maria como aquela de quem o messias nasceria é descrita como se segue:

Os degraus do templo—ou aqueles que levavam ao altar, estes eram chamados os degraus do templo. Estes eram aqueles sobre os quais o sol brilhava quando se levantava de manhã, quando havia os primeiros períodos das virgens escolhidas a irem ao altar para a oração; bem como para a queima do incenso.

Neste dia, enquanto subiam os degraus, todas foram banhadas pelo sol matinal; o que não só fazia um quadro belo como vestia todas como que de púrpura e ouro.

Quando Maria alcançou o degrau do topo, houve então o trovão e o relâmpago, e o anjo liderou o caminho, tomando a criança pela mão diante do altar. Esta foi a forma de escolha, este foi o mostrar do caminho; pois ela liderou as outras neste dia particular. 5749-8

José, também, de acordo com Cayce, era membro dos Essénios e, embora muito mais velho do que Maria, tinha sido escolhido para ser o seu marido. Eles casaram-se no templo essénio no Monte Carmelo, e ela viveu parte do tempo antes do nascimento de Jesus com José na sua casa em Nazaré. Foi de lá que eles foram para Belém para se registarem para o recenseamento.

À medida que se aproximavam de Belém nesta ocasião, as leituras retomam a história com simples elegância:

O tempo estava fresco, e havia multidões no caminho. Pois ficava apenas à distância de uma jornada de sábado de Jerusalém. Havia grandes multidões de pessoas no caminho vindas das colinas da Judeia.

As pessoas estavam ativas nas ocupações das variadas naturezas nessa terra invulgar. Alguns eram carpinteiros—como os da casa de José, que se tinham atrasado, mesmo na jornada, pela condição da mãe. Alguns no grupo eram ajudantes de José—ajudantes de carpinteiro. Depois havia pastores, agricultores, e os variados grupos que tinham os seus pequenos ambientes como necessitado pelas condições dos campos ao redor de Nazaré.

À noite então, ou ao crepúsculo, José aproximou-se da estalagem, que estava cheia com aqueles que tinham também viajado para ali no seu caminho para serem recenseados para o imposto como imposto pelos Romanos sobre o povo da terra. Pois tinham sido enviados aqueles que deviam julgar as capacidades dos variados grupos a serem tributados. E cada indivíduo era obrigado pela lei romana a ser recenseado na cidade do seu nascimento.

Tanto José como Maria eram membros da seita chamada os Essénios; e assim foram interrogados por aqueles não só na autoridade política mas na religiosa nas cidades.

Depois houve a resposta do estalajadeiro: "Não há lugar na estalagem", especialmente para tal ocasião. Risos e zombarias seguiram-se, à vista do homem idoso com a jovem bela, sua esposa, pesada de filho. 5749-15

O texto acima é um exemplo da capacidade de Cayce para tecer informação conexa mas anteriormente desconhecida no relato bíblico tradicional.

Ele adiciona uma variação interessante sobre o estalajadeiro e a sua família: eles eram simpatizantes dos Essénios e tinham ouvido falar dos acontecimentos invulgares que já se tinham passado com o casal sagrado. A declaração do estalajadeiro de que não havia lugar na estalagem foi feita porque ele sentiu que a natureza ruidosa da multidão não era um lugar apropriado para o nascimento do messias. Outros Essénios estavam presentes e ajudavam a cuidar de José e Maria. A leitura citada anteriormente recomeça:

Assim muitos se juntaram na busca por algum lugar. A necessidade exigia que algum lugar fosse buscado—rapidamente. Então foi encontrado, sob a colina, na estribaria—acima da qual os pastores reuniam os seus rebanhos no curral.

Ali o Salvador, o Menino nasceu; que, através da vontade e da vida manifestada, se tornou o salvador do mundo—aquele canal através do qual aos antigos tinha sido dito que a promessa se cumpriria, a que foi feita a Eva; o erguer de novo de outro semelhante a Moisés; e como dado a David, a promessa de não se afastar daquele canal. Mas cada vez mais baixo o conceito do homem sobre as necessidades tinha caído.

Então—quando a esperança parecia ida—os anjos mensageiros cantaram. A estrela apareceu, que fez o espanto aos pastores, que causou o temor e a consternação a todos aqueles ao redor da estalagem; alguns fazendo troça, alguns atingidos pela convicção de

que aquelas coisas indelicadas ditas precisavam de ser reajustadas nas suas relações com as coisas a acontecer.

Todos ficaram em temor reverente enquanto o brilho da Sua estrela apareceu e resplandeceu, enquanto a música das esferas trouxe aquele coro alegre: "Paz na terra! Boa vontade para com os homens de boa fé."

Todos sentiram as vibrações e viram uma grande luz—não só os pastores acima daquela estribaria, mas também aqueles na estalagem . . .

Mesmo quando a hora da meia-noite chegou, houve o nascimento do Mestre. 5749-15

Outra leitura declara que Jesus nasceu "numa gruta que não está marcada no presente, mas que é chamada uma estribaria." (587)

A alma do Mestre tinha regressado novamente à terra. Esta é a alma amada do Criador, o único filho gerado na terra por Deus. O Mestre veio desta vez, como tinha feito antes como Adão e Melquisedeque, através de paternidade divina. Ele tinha vindo para a área onde tinha vivido como Melquisedeque, Josué, Asafe, Jesua, e possivelmente Adão. Ele tinha regressado para completar a missão iniciada há éons, e desta vez, ao contrário dos seus esforços anteriores, ele iria terminá-la. E a alma que começou a missão com ele, que tinha sido criada por Deus como ajudadora de Adão, Eva, está envolvida na sua conclusão como Maria, a mãe.

Como Eva, a relação com o Mestre tinha envolvido uma união física ou sexual, a qual em si e por si mesma não era profana. Mas como Maria, a evolução espiritual pode ser vista. A sua relação participava agora da criatividade divina permitindo o regresso do Mestre. Uma leitura de Cayce expande ainda mais sobre a sabedoria espiritual que é agora dela:

. . . não busques apenas o conhecimento. Pois, olha—olha—o que ele trouxe a Eva. Olha antes para aquela sabedoria que foi eventualmente fundada naquela que foi tratada como a serva do

Senhor, e que "ponderava essas coisas no seu coração", quanto a como e por que motivo Gabriel falaria com ela. 2072-10

As leituras dizem que o Mestre já tinha completado o seu regresso a Deus noutros planos ou sistemas quando nasceu como Jesus, mas veio voluntariamente novamente à terra por causa do seu amor pela humanidade e da sua preocupação pela sua situação espiritual. (5749-14)

Ele renunciou ao céu e entrou no ser físico para que pudésseis ter acesso ao Pai. 5081-1

Havia outros buscadores espirituais que aguardavam e esperavam a chegada de uma figura messiânica da parte de Deus.

Como indicado pelas viagens do Mestre durante os períodos de preparação, a terra inteira, o mundo inteiro olhou para, buscou o entendimento mais próximo. Daí que através dos esforços dos estudantes das várias fases de experiências do homem na terra, como pode ser literalmente interpretado a partir dos primeiros capítulos do Génesis, encontrais que aqueles que subjugaram—não os que foram governados por, mas subjugaram os entendimentos disso na terra—foram considerados, ou estavam na posição dos sábios, ou dos eruditos, ou dos que eram santos; em corpo e mente, em harmonia com os propósitos. 5749-7

Os Homens Sábios, como são chamados na Bíblia, são exemplos de sábios espirituais que, embora não judeus, estavam cientes do significado dos acontecimentos a ter lugar na Judeia.

O nome de um dos Homens Sábios foi dado por Cayce como Achlar. Ele trouxe incenso a Jesus e tinha sido guiado até ali através de interpretações tanto das leis astrológicas como das naturais, usando aqueles métodos matemáticos ensinados na Pérsia por Zend e transmitidos através das eras. (1908) Os convidados de Jesus foram assim influenciados pela sabedoria que ele tinha deixado anos antes como Zend.

Cayce disse que os Homens Sábios forneceram o encorajamento necessário para Maria e aqueles ao seu redor e que houve mais do que uma visita de Homens Sábios. Os Homens Sábios registrados na Bíblia vieram da Pérsia. Outros vieram da Pérsia, Índia, Egito, Caldeia, Gobi, e do que é agora a Terra do Indo ou do Tao. (2067) Aparentemente um número de religiões antecipou a vinda do messias, este filho especial de Deus, e esteve a par da sua chegada. Eles foram dirigidos em parte por sintonia psíquica e pela posição das estrelas que sinalizava o início da Era de Peixes. (5749-7 e -8)

A Bíblia regista a ira de Herodes quando os Homens Sábios não seguiram a sua instrução de regressar com informação sobre onde o "rei dos judeus" tinha nascido. Ele ordenou então que todas as crianças na área de Belém de idade de dois anos ou menos fossem mortas. Deus, contudo, tinha avisado José num sonho para fugir para o Egito com Maria e o bebé Jesus.

As leituras de Cayce revelam que um número de Essénios ajudou com a viagem da Sagrada Família para o Egito. Eles selecionaram uma amiga de Maria chamada Josie para sua serva e companheira durante a viagem; Josie ajudou também no treino inicial e educação de Jesus. Como discutido no capítulo sobre José, a tradição diz que a família passou algum tempo na área do atual Cairo. Era o lugar onde Jesus e Maria tinham possivelmente estado juntos como José e Asenete. As leituras dizem que eles viveram também "em e ao redor ou perto do que era então Alexandria." O tempo passado no Egito permitiu o cumprimento da profecia em Oseias 11:1 de que o filho de Deus seria chamado do Egito.

A Sagrada Família passou cinco anos ali e depois regressou à Judeia e a Cafarnaum. (5749-7) A Bíblia regista que a família viveu depois em Nazaré. Cayce diz que a família foi primeiro para Cafarnaum por razões políticas resultantes da morte de Herodes e a fim de que a educação de Jesus pudesse ser supervisionada por uma mestra essénia chamada Judy.

Lucas declara que "o menino crescia, e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele." (Lucas 2:52)

No seu décimo segundo ano, numa viagem a Jerusalém para a festa da Páscoa, ele separou-se dos seus pais, e eles perderam-no durante três dias. Ele estava com os mestres no templo, onde a sabedoria das suas perguntas e respostas maravilhava todos os que o ouviam. Aos seus pais perplexos e aflitos, ele simplesmente disse: "Não sabíeis que me convém atender aos negócios de meu Pai?" (Lucas 2:49) O amor de Jesus pelo templo e pela sua atividade foi certamente motivado em parte pelas vidas que tinha passado em dedicação a ele como Asafe e Jesua. Uma leitura de Cayce compara a obediência espiritual de Adão à de Jesus aos doze anos de idade:

No primeiro encontramos o homem a dar ouvidos àquelas influências que estavam em desacordo com o caminho de Deus. Depois no templo, mesmo aos doze anos, encontramos o homem perfeito a buscar, a perguntar e a responder a perguntas quanto à relação do homem com Deus . . .

Faz a comparação dentro de ti mesmo quanto àquelas experiências indicadas no 1.º, 2.º e 3.º do Génesis e àquelas no 2.º de Lucas—onde encontramos o nosso padrão, a nossa lição . . . um a procurar deliberadamente saber a relação com o Criador, ou a resposta: "Não sabíeis que me convém atender aos negócios de meu Pai?" Quão diferente daquela outra: "A mulher que me deste, ELA me persuadiu, e eu comi!" 262-125

A Bíblia não dá mais pormenores da vida de Jesus até ao início do seu ministério aos trinta anos. Cayce diz que Jesus passou estes anos intermédios a estudar e a viajar.

Jesus foi primeiro brevemente ao Egito. De lá ele viajou para a Índia e estudou com os seus líderes religiosos. Um dos mestres indianos listados por Cayce foi Kshjiar ou Kahanja. Jesus aprendeu "aquelas purificações do corpo como relacionadas com a preparação para a força" no físico e no mental. (1158-9, 5749-2, 5749-7)

As leituras indicam que numa vida anterior o Mestre tinha influenciado o conceito budista do Deus único. E agora ele está de volta à Índia a estudar estes ensinamentos.

Jesus foi então para a Pérsia e estudou a religião zoroastriana e a "união de forças" sob um mestre chamado Junner. Claro que como Zend, ele tinha sido responsável pelos ensinamentos originais do Zoroastrismo. Cayce diz que Jesus foi chamado de volta abruptamente para a Judeia vindo da Pérsia por causa da morte do seu pai, José. Ele tinha agora aproximadamente dezassete anos de idade. (5749-2, 5749-7)

Após o sepultamento de José, Cayce indica que Jesus regressou novamente ao Egito e sob um mestre chamado Zar estudou o conceito do sacrifício de si mesmo em relação aos ideais. Ele terá alegadamente juntado ao seu primo, João, que estava já no Egito. Ambos estudaram ali e tornaram-se iniciados no templo ou pirâmide, e Cayce diz que evidências deste treino e iniciação serão ainda encontradas em registos colocados na pirâmide. (5749-2, 5749-7) A construção da pirâmide tinha sido realizada séculos antes quando, numa encarnação como Hermes, o Mestre era já conhecido como o Grande Iniciado. Supostamente existem registos ali colocados no dia de Hermes profetizando a aparição do Mestre no tempo de Jesus. Nesta aparição, esperava-se que ele completasse a sua iniciação espiritual e propósito terrestre.

Há um século ou assim não haveria apoio real conhecido para Cayce nas suas crónicas das viagens e treino de Jesus. Em anos recentes, contudo, tem havido considerável publicidade relativamente a certos escritos e descobertas de Nicolas Notovitch, um russo que viajou pelo Afeganistão, Índia e Tibete no final dos anos 1880.9 Ele relatou ter ouvido histórias e lido sobre um Santo Issa (o equivalente budista para o nome Jesus) que tinha visitado a Índia no tempo aproximado de Jesus e que era venerado pelos Hindus e Budistas.10

Embora se afirmasse que existiam cópias em vários mosteiros tibetanos, dizia-se que o manuscrito original estava localizado no

grande mosteiro no Monte Marbour, perto de Lassa. Foi escrito em Pálio (a língua do Budismo Teravada oficial) cerca de 200 anos depois de Cristo e trazido mais tarde da Índia para o Tibete.11

Apesar do apelo de Notovitch para que outros fossem ao Tibete verificar a autenticidade do manuscrito, passaram 35 anos antes que o desafio fosse aceite. Em 1922 Swami Abhedananda foi a Hemis, viu o manuscrito e, no seu livro de viagens em bengalês, Kashmiri O Tibbetti,12 confirmou o que Notovitch tinha dito. A conquista do Tibete pela China em 1947 impediu a investigação e análise recentes dos manuscritos de Issa; contudo, um número de personalidades religiosas e de outras pessoas na Índia e no Tibete fizeram afirmações contemporâneas sobre o seu conhecimento da lenda de Issa e a sua crença de que existiram documentos num dado momento que registavam pormenores da visita de Jesus à Índia.13

Felizmente, Notovitch traduziu o manuscrito e fez um registo do seu conteúdo no seu livro, A Lenda de Santo Issa.14 De acordo com a tradução, Jesus, após a sua aparição no templo aos doze anos, viajou com mercadores para a Índia e Pérsia e passou vários anos a estudar com os seus homens santos. No capítulo IV, versículo 1, o nascimento de Jesus é descrito: ". . . o momento tinha chegado para o Juiz compassivo reencarnar em forma humana." O termo "reencarnar" é extremamente significativo para nós, pois implicaria que Jesus tinha encarnado antes em forma humana.

O relato continua, declarando que na Índia Jesus estudou os Vedas ou orações de Brahma, aprendeu a curar males físicos por meio de orações, e ensinou as Sagradas Escrituras ao povo. Ele estudou também os Sutras e pergaminhos sagrados do Buda e diz-se ter pregado em todo o lado "a suprema perfeição alcançável pelo homem." Após o regresso de Jesus à Palestina e o seu ministério ali, afirma-se que mercadores trouxeram de volta a palavra de que "o grande e justo Issa, no qual estava manifestada a alma do Universo," foi torturado e assassinado.

A terra tremeu e os céus choraram, por causa do grande crime cometido na terra de Israel. (I, 1)15

A semelhança dos ensinamentos de Jesus com as filosofias religiosas dos países que ele alegadamente visitou tem sido também notada.16 Um líder religioso indiano observou:

A voz de Jesus é, em verdade, a voz do ser eterno. Através d'Ele expressa-se o apelo do infinito ao finito, o apelo do ser cósmico ao indivíduo, o apelo de Deus ao homem. A Sua voz divina é a mesma, portanto, que a voz dos Vedas e Upanixades, a voz do Alcorão, do Zendavesta, do Dharmapada e de todas as escrituras semelhantes das grandes religiões do mundo.17

Mesmo a linguagem de Jesus sobre ser nascido duas vezes ou "nascido de novo" tem sido ligada à Índia, onde as duas castas mais elevadas entre os Hindus são chamadas as nascidas duas vezes.18

A mensagem importante a ser derivada da possibilidade de Jesus ter visitado outras terras e estudado outras religiões é muito positiva. Ela fala da universalidade de todo o pensamento religioso iluminado que é construído sobre a crença num único Deus. Se, de facto, Jesus tinha em encarnações anteriores influenciado estas outras expressões religiosas de crença em Deus, então o seu estudo delas poderia servir tanto como uma revisão da sua mensagem como uma afirmação do seu envolvimento anterior com elas. Tais viagens e estudo no mínimo ajudaram a prepará-lo para o seu ministério palestiniano, para o estabelecimento de uma nova religião que moldaria os séculos vindouros, e para as provações que resultariam na sua morte, ressurreição e Qualidade de Cristo.

Os anos anteriores ao ministério de Jesus, portanto, de acordo com Cayce e outros, não foram ociosos ou meramente um período de simples aprendizagem de carpintaria sob José em Nazaré. Antes foram anos nos quais o jovem Jesus estudou uma variedade de filosofias espirituais construídas sobre a fé no único Deus. Foi um período no qual ele se tornou consciente da sua verdadeira identidade e missão na

vida. Ele esteve envolvido no refinamento das suas capacidades como um adepto espiritual e iniciado total nos mistérios terrestres de Deus.

CAPÍTULO QUINZE

Jesus:

O Seu Ministério

Apareceu na Palestina um homem que ainda vive e cujo poder é extraordinário. Ele tem o título que lhe é dado de Grande Profeta; os seus discípulos chamam-lhe o Filho de Deus. Ele ressuscita os mortos e cura toda a espécie de doenças.

(Relatório de Publius Lentulus ao Imperador Romano Tibério)1

O povo judeu estava à espera do seu messias prometido. A sua opressão espelhava as descrições dos profetas para o tempo da sua chegada. Quase com alegria muitos deles suportavam as dificuldades do dia por causa da promessa messiânica que de certeza se seguiria.

Nesta altura veio um profeta do deserto proclamando: "Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus. Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas." (Mateus 3:2-3) Certamente este mensageiro carismático era o messias que libertaria o povo de Deus do opressor.

Multidões enormes afluíam ao vau do Rio Jordão, logo ao norte do Mar Morto, para ouvir este homem chamado João falar a sua estrondosa mensagem de arrependimento e libertação. Muitos aceitaram esta mensagem e, num ritual emprestado dos Essénios, foram batizados por ele nas águas do Jordão.

João negou que fosse o messias, mas prometeu que um viria depois dele "a quem não sou digno de desatar a correia das sandálias." (Mateus 3:11)

Numa dessas ocasiões, quando um homem emergiu da multidão e entrou na água rasa para o batismo, João deu sinais de reconhecimento. João surpreendentemente proibiu-o com a exprobração: "Eu preciso de ser batizado por ti." O estranho persistiu, no entanto, dizendo: "Deixa por agora." E João pôs as mãos sobre os ombros do homem e imergiu-o na água.

E eis que os céus se lhe abriram, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele. E eis uma voz dos céus, que dizia: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo." (Mateus 3:16-17)

Este batismo de Jesus anuncia formalmente o início do seu ministério e o seu comissionamento público por Deus. Ocorreu no local no Rio Jordão onde a tradição diz que Adão esteve e suplicou pela misericórdia de Deus após a sua queda e expulsão do Éden. É também onde Josué escolheu atravessar o Jordão e entrar na Terra Prometida com os Israelitas séculos antes. Estes tinham sido todos atos da mesma alma e eram augúrios simbólicos das razões para o ministério presente de Jesus: a queda original e, através da redenção, a entrada final do povo de Deus na Terra Prometida.

De acordo com João Batista e Jesus, o batismo devia ser feito em sinal de arrependimento pelo cometimento de pecados. Por que razão então precisou Jesus, se perfeito, do batismo? Esta pergunta tem sido há muito um problema para os teólogos. Ela pode ser bem respondida na premissa das suas vidas passadas, imperfeitas.

A história do Novo Testamento indica que Jesus, por impulso do Espírito, foi então para o deserto próximo para um período de solidão que durou quarenta dias. Em vez de uma espera de quarenta anos que tinha suportado como Josué por causa da falta de fé dos Israelitas, Jesus deve agora esperar durante quarenta dias enquanto a sua fé é tentada e provada.

Na área de deserto perto de Gilgal, onde Josué tinha pausado e acampado antes de começar a sua conquista militar da Terra Santa, Jesus também pausa antes de marchar para a frente com o seu

ministério. De uma forma semelhante, Enoque e Hermes tinham ido para o deserto ou para um lugar alto para rezar e meditar antes de receberem a revelação divina.

A Bíblia regista três tentações apresentadas por Satanás com as quais Jesus teve de lutar. Como ele tinha jejuado e não comera durante os seus quarenta dias no deserto, foi tentado primeiro a transformar as pedras em pão. A segunda tentação foi saltar ileso de um pináculo alto e provar que era o filho de Deus. A terceira foi curvar-se e adorar Satanás, que em troca prometeu dar a Jesus todos os reinos e glória do mundo. Com todas as três tentações, Jesus perseverou sobre o diabo e sobre as suas próprias dúvidas e desejos interiores. Daí em diante o diabo afastou-se, e os anjos vieram e o serviram.

Jesus teve de enfrentar e subjugar tentações físicas, mentais e espirituais. O alimento apelava aos seus desejos físicos; o espetáculo público de saltar ileso era dirigido ao seu ego mental; e a oferta de submissão ao diabo a fim de conquistar o mundo era uma tentativa de subverter a sua missão espiritual. Onde ele tinha falhado antes, ele agora sucedeu. A sua tentação original no belo Jardim do Éden—obter conhecimento antes de estar pronto para ele e em desafio ao plano de Deus—tinha sido agora enfrentada e conquistada no desolado deserto da Judeia perto de Jericó. Ele teve de "enfrentar aquilo que tinha sido a sua ruína no início" como Adão. (2067)

O ministério real de Jesus começou pouco depois quando ele ouviu que João tinha sido preso por Herodes. Ele foi para Cafarnaum e para a costa da Galileia e começou a pregar que o reino dos céus estava próximo.

O primeiro milagre registado de Jesus ocorreu num casamento em Caná da Galileia. Os casamentos judeus eram festivos e duravam frequentemente uma semana inteira. Uma leitura de Cayce adiciona pormenores ao relato bíblico de Jesus transformar água em vinho quando o suprimento ficou baixo:

A jovem a ser casada era uma filha da prima de Maria, uma filha de uma irmã mais nova de Isabel, cujo nome era também Maria. E ela

era aquela de quem se falava como "a outra Maria", e não como alguns têm suposto.

Os costumes exigiam que houvesse um banquete, que era composto pelo cordeiro assado com as ervas, os pães que tinham sido preparados das formas especiais como eram o costume e a tradição daqueles que seguiam de perto a fé na lei de Moisés, costume de Moisés, ordenanças de Moisés.

As famílias de Maria estavam presentes, bem como as do noivo. O noivo, no nome Roael, estava entre os filhos de Zebedeu; sendo um irmão mais velho de Tiago e João que mais tarde se tornaram os amigos próximos e os seguidores mais próximos de Jesus.

O Mestre, regressando com aqueles que eram acompanhantes, naturalmente procurou falar com a Sua mãe. Sabendo deste acontecimento Ele, também—com os seguidores—foram convidados a permanecer no banquete.

Muito vinho era também parte do costume. O dia era o que chamaríeis três de junho. Havia abundância de flores e coisas do campo, contudo apenas uma parte daquelas coisas necessárias. Pois o costume pedia mais das carnes preparadas com certas ervas, e vinhos.

O dia tinha sido bom; a noite estava agradável, a lua estava cheia. Isto trouxe então as atividades com o beber mais e mais vinho, mais hilaridade, e a dança—que era na forma dos círculos que eram parte dos costumes, não só daquela terra então, mas que estão na vossa própria terra agora e depois sendo reavivados.

Com essas atividades, como indicado, o vinho ficou baixo. Lembrai-vos, os filhos de Zebedeu estavam entre os da classe alta, como seria denominado; não os mais pobres. Daí a razão pela qual Maria serviu ou preparou para a sua parente o banquete. 5749-15

Cafarnaum tornou-se o centro e a base do ministério de Jesus. A cidade era notada pelo seu comércio e indústria de pesca; ficava na margem noroeste do Mar da Galileia. Nesta área, ele reuniu os seus

doze discípulos, embora Cayce indique que André tinha estado com Jesus no Jordão e esteve por perto durante a tentação. (341-19)

Só nos podemos perguntar sobre o significado da seleção dos discípulos e que relações passadas Jesus possa ter tido com cada um. Como indicado no capítulo sobre José, há a implicação numa das leituras de Cayce de que o jovem discípulo João, de quem Jesus gostava muito, tinha sido o pai de José, Jacob. As leituras sugerem também que André tinha estado com o Mestre quando ele era Amilius e Hermes. (341-1) É tentador especular ainda mais sobre envolvimentos passados com os outros discípulos.

Como era o tempo para a Páscoa judaica, Jesus e os discípulos viajaram para Jerusalém para a observância. Enquanto esteve ali, o seu grande amor pela casa de Deus veio ao de cima quando ele expulsou os cambistas. Eles tinham profanado a casa de oração fazendo dela um empreendimento comercial ou "covil de ladrões." Certamente a influência das suas experiências como sacerdote, guardião e reconstrutor do Templo nas vidas de Asafe e Jesua estava agora a ser exibida. Há também significado simbólico no derrube agressivo dos cambistas por parte de Jesus. De acordo com ele, os nossos corpos, que abrigam a alma, são templos onde podemos encontrar Deus. Para o fazer, é necessário subjugar e controlar fisicamente os desejos e atividades materiais.

A conduta de Jesus no Templo pode ter-se aproximado de uma agressividade injustificada, no entanto. João 2:17 declara que, depois de Jesus ter expulsado os cambistas e mercadores, os discípulos se lembraram de que tinha sido escrito: "O zelo da tua [de Deus] casa me consumirá." A citação é do Salmo 69, onde o Rei David escreve ao músico-chefe—Asafe—sobre a casa de Deus:

Pois o zelo da tua casa me consumiu, e as injúrias dos que te injuriam caíram sobre mim. (versículo 9)

Aparentemente os discípulos ligaram esta citação a Jesus—e possivelmente por causa de um laço reconhecido entre ele e Asafe.

Após um breve ministério na Judeia, Jesus regressou à Galileia. No caminho, eles passaram pela região salpicada do campo samaritano e pararam num poço perto de Sicar, que anteriormente tinha sido conhecido como Siquém.

Jesus permaneceu no poço enquanto os discípulos foram à cidade obter alimento. Enquanto ele descansava aqui, uma mulher samaritana aproximou-se do poço para tirar água dele. Para grande surpresa dela, Jesus pediu-lhe um pouco de água para beber. Ela era uma samaritana, e os Judeus olhavam para eles como inferiores. Ela respondeu contudo ao pedido de Jesus e deu-lhe de beber do poço fundo. Jesus prometeu dar-lhe "água viva" da qual ela nunca teria sede. Incapaz de compreender o significado das suas palavras, ela ficou atónita quando ele contou pormenores da sua vida pessoal. Jesus revelou-lhe então que ele era o messias que tinha sido prometido por Deus.

Quando os discípulos regressaram com alimento, ficaram surpreendidos quando Jesus recusou comer. Jesus explicou: "O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra." Ele deve terminar a obra iniciada há éons de trazer a humanidade de volta ao Pai.

Quando a mulher regressou à cidade, espalhou a boa palavra deste homem estranho, e Jesus e os seus discípulos foram acolhidos e ficaram ali vários dias ensinando o povo. Muitos dos Samaritanos acreditaram em Jesus como resultado dos seus ensinamentos. Este ministério não judeu serviria como um precedente e exemplo importante para os primeiros cristãos na difusão do evangelho de Jesus aos Gentios.

O poço de Siquém tinha sido originalmente aberto por Jacob, o pai de José. Assim Jesus tinha provavelmente bebido deste poço anos antes como José. Ele tinha sido enviado aqui especificamente pelo seu pai, Jacob, para verificar o bem-estar dos seus irmãos. Quando chegou a Siquém, soube que eles tinham partido e ido para Dotã. Quando Jesus foi enviado à terra pelo seu Pai celestial para verificar o bem-estar dos seus irmãos, encontrou que eles também se tinham desviado

das direções e do conhecimento do Pai. É interessante notar que nas suas dádivas finais aos seus filhos, este poço e o território circundante foram legados por Jacob a José.

A vida anterior de Josué fornece também paralelos com a visita de Jesus. Pois nesta mesma cidade de Siquém, o Mestre tinha, como Josué, reunido as tribos de Israel para empenharem a sua aliança com Deus. Josué tinha também proclamado a sua fé pessoal em Deus aqui com a ressonante afirmação: "Quanto a mim e à minha casa, serviremos ao Senhor." Quão apropriado então que nesta visita final a Siquém, a sede do Mestre seja saciada por uma estranha, e ele e o seu grupo sejam aceites e acolhidos na cidade. Assim a água viva oferecida por Jesus é baseada numa aliança de fé ou compromisso com Deus semelhante àquela que tinha sido empenhada por Josué.

Quando Jesus regressou à Galileia, multidões enormes afluíam para o ouvir enquanto ele percorria as colinas e vales verdes. De uma forma suave e persuasiva, ele proferia uma mensagem alegre sobre a disponibilidade do reino de Deus. Frequentemente às noites ou no Sábado, ele falava na sinagoga local a multidões de pessoas famintas por ouvir as suas palavras.

Quando ele veio à sua cidade natal de Nazaré, falou na sinagoga no Sábado. Foi aqui, como foi discutido no capítulo sobre Melquisedeque, que Jesus leu certas passagens do livro de Isaías. Na seleção das passagens e na sua afirmação de que a escritura se cumpria naquele dia, ele fez uma identificação possível com a vida de Melquisedeque. De acordo com a antiga profecia messiânica, Melquisedeque redividido ou reencarnado era aquele que se esperava pregar "o ano aceitável do Senhor" da citação de Isaías, a qual Jesus disse estar naquele dia a cumprir.

Jesus disse ao seu auditório em Nazaré que, tal como o profeta Elias que foi seletivo nas cidades para as quais foi enviado, ele também não estava livre para ministrar em todo o lado. A falta de fé do povo no seu próprio país ou cidade limitou a sua realização de

milagres ali; portanto, ele regressou a Cafarnaum e retomou o seu ministério de cura.

Assim, agora nas próprias áreas onde antes, como Josué, ele tinha lutado e morto, Jesus encontrava-se a ensinar e a servir o conforto físico e bem-estar do povo ao seu redor.

Muito do ensino de Jesus consistia em parábolas simples que ilustravam pontos para os menos instruídos, contudo confundiam os seus opositores mais doutos. Nestas parábolas Jesus usava frequentemente assuntos agrícolas e histórias. Assuntos tais como ovelhas, trigo, sementes, e a vindima de uvas em vinhedos eram coisas com as quais o povo rural simples da Galileia se podia relacionar. Era também um estilo semelhante ao motivo agrícola encontrado na bíblia zoroastriana, o Zend Avesta, cujos conceitos Jesus tinha fornecido numa encarnação anterior como Zend.

Jesus amava verdadeiramente as crianças e falava-lhes frequentemente. Edgar Cayce deu uma explicação para a declaração de Jesus: "Se não vos converterdes e não vos fizerdes como crianças, de modo algum entrareis nele": O reino de Deus é alcançado pelo nosso ser tão perdoadores, tão generosos e tão dependentes como as crianças pequenas. (1532)

Em breve a popularidade de Jesus e algumas das suas declarações começaram a provocar controvérsia. Os Fariseus estritos e doutos ressentiam o livre acesso ao reino de Deus que Jesus prometia ao povo. De acordo com ele, a observância ritual das leis não era necessária. Ele afirmava que o pecado podia ser perdoado, e ele próprio associava-se com marginalizados sociais. O seu insulto supremo foi a zombaria pública e condenação da piedade que os Fariseus a si próprios atribuíam.

Por vezes nas suas curas, Jesus perdoava os pecados daqueles que curava. Imediatamente o sacerdócio desafiava a autoridade e poder de Jesus para perdoar pecados. A Bíblia regista que Jesus silenciou estes críticos perguntando se era mais fácil perdoar pecados ou curar. Cayce adiciona um elemento importante à lógica da refutação de Jesus: "O

reconhecimento era de que o pecado tinha causado a perturbação física." (5749-14) Assim, a lei do karma estava no cerne da pergunta e resposta e era aparentemente aceite tanto por Jesus como pelas autoridades religiosas da época. Cayce explicou também por que motivo o Mestre perdoou pecados em alguns casos de cura e noutros não.

Os pecados são de comissão e omissão. Pecados de comissão foram perdoados, enquanto pecados de omissão foram trazidos à mente—mesmo pelo Mestre. 281-2

Jesus tinha frequentemente sessões especiais com os seus discípulos, porque reconhecia que as multidões não estavam prontas para o verdadeiro significado e espiritualidade dos seus ensinamentos. Pelo menos parte do seu famoso "sermão da montanha", por exemplo, foi proferido em privado para os seus seguidores íntimos. Após a morte de Jesus, chamados "evangelhos secretos" foram atribuídos a vários dos apóstolos e pretendiam ser ensinamentos e interpretações dados por Jesus a alguns selecionados. Um número destes "evangelhos secretos" e outras obras semelhantes estão ainda disponíveis hoje, embora não tivessem sido canonizados no Novo Testamento. Muitos deles contêm conceitos, tais como a reencarnação, que, como já vimos, estão estreitamente aparentados com as filosofias e interpretações dos ensinamentos de Jesus como dados por Edgar Cayce.

Embora de algumas formas as regras de Jesus parecessem mais fáceis do que a estrita observância das antigas leis como defendida pelo sacerdócio ortodoxo, elas pediam, por outro lado, um padrão muito elevado de conduta individual e coletiva. Elas destacavam o espírito, em vez da letra, da lei e insistiam em que o amor devia ser o motivo controlador nas relações humanas. Não havia limite para quantas vezes se devia perdoar a outro, e cada pessoa é perdoada por Deus à medida que perdoa aos outros. De acordo com Jesus, mais importante do que a conduta exterior de alguém são os pensamentos e intenções interiores dessa pessoa. Estes padrões não estavam necessariamente em conflito com as leis mosaicas; primariamente

representavam uma ênfase diferente daquela do sacerdócio convencional.

O ministério de Jesus na Galileia durou quase três anos. Rumo ao fim, os seus confrontos com líderes religiosos e oficiais do governo tornaram-se mais amargos e extremos. Jesus recebeu a notícia da decapitação de João Batista por Herodes Antipas, e deve ter reconhecido as graves dificuldades que tinha pela frente. Cada vez mais, ele dava instrução privada aos seus discípulos, muita da qual antecipava o tempo em que ele já não estaria com eles. Ele disse-lhes mesmo que seria morto mas ressuscitaria após três dias.

Jesus sentiu profundamente a morte de João. As escrituras relatam que, após ouvir a notícia, ele foi para um lugar deserto fora de Betsaida, onde presumivelmente meditou e rezou a Deus. Afinal de contas, João tinha sido primo de Jesus, seu companheiro de estudos e iniciado na Grande Pirâmide no Egito, aquele que o tinha batizado, e o grande profeta Elias que tinha reentrado no mundo para preparar o caminho para Jesus.

Foi durante este período que Jesus falou aos seus discípulos sobre a especulação pública quanto a vidas anteriores que ele próprio tinha vivido. Ele identificava-se frequentemente como "o filho do homem." Era um termo usado pelos Essénios, Nazarenos e outros para o messias que tinha vindo à terra muitas vezes para ajudar a impulsionar a evolução espiritual da humanidade. O seu uso por Jesus, em vista deste significado contemporâneo, tem de ser significativo e uma afirmação aparente das suas próprias múltiplas vidas na terra.

Numa breve visita a Betsaida, três milhas a leste de Cafarnaum, Jesus falou a um auditório cativado e depois alimentou milagrosamente a multidão de 5000 pessoas com apenas cinco pães e dois peixes. De acordo com Edgar Cayce e o Novo Testamento, tal alimentação milagrosa ocorreu na verdade em duas ocasiões diferentes, embora a outra alimentação envolvesse apenas 4000 pessoas. (1532 e Marcos 6:34-44, 8:1-10)

Pouco depois, Jesus levou Pedro, Tiago e João a uma montanha alta. Ali ele foi transfigurado diante deles. O seu rosto brilhava como o sol, e a sua veste era como uma luz branca. Com ele apareceram Moisés e Elias, e Deus identificou Jesus como o seu Eleito ou Filho Amado. Simbolicamente, tanto Moisés como Elias tinham sido predecessores essenciais do Mestre. Moisés tinha estado com Jesus quando ele era Josué e tinha preparado o caminho para Josué liderar os Israelitas para a Terra Prometida de Canaã. Elias tinha regressado como João Batista, o Precursor, que tinha preparado o caminho para Jesus mostrar o caminho para a Terra Prometida do Pai.

Amigos avisaram agora Jesus de que ele devia deixar a área, e ele deixou a Galileia pela última vez, dirigindo-se com os seus discípulos para a Judeia, onde ele já tinha predito que encontraria a sua morte. Ele passaria os últimos sete meses antes da sua crucificação nesta viagem. O seu ministério final seria conduzido ao longo do caminho.

Em vez de tomar a estrada direta para o sul através de Samaria, Jesus e o seu grupo viajaram para leste ao redor das colinas centrais de Samaria antes de se voltarem para o sul em direção ao vale do Jordão, para dentro de Jericó. À medida que percorria esta rota, ele pode ter-se lembrado da sua viagem em sentido inverso séculos antes como o comandante militar conquistador, Josué. Perto da culminação da viagem de Jesus, ele também seria acolhido como um herói pelas multidões em Jerusalém, mas ultimamente ele sofreria aí denigração pública e humilhação. Josué tinha optado por evitar o poder militar de Jerusalém e tinha marchado ao seu redor. Ele tinha, no entanto, capturado o seu rei e enforcado pessoalmente numa árvore.

Quando chegaram a Jericó, Jesus curou um cego e falou a multidões enormes. A sua fama tinha-o precedido, e até o coletor-chefe de impostos, Zaqueu, veio ouvi-lo e permitiu que Jesus ficasse na sua casa. Quando Josué se tinha aproximado pela primeira vez da cidade de Jericó anos antes, os seus dois espias e representantes tinham sido abrigados e alojados ali por uma mulher de vocação questionável, Raabe, a prostituta. Agora Josué como Jesus recebe alojamento por parte de Zaqueu, cuja vocação de recolha de impostos

era também considerada imprópria por muitos. A casa de Raabe tinha sido construída sobre a muralha de Jericó, fornecendo assim um excelente ponto para ver a atividade da cidade. Zaqueu obteve também um bom ponto de observação para ver o Mestre subindo a um sicómoro. E tal como Raabe e a sua casa foram salvas por Josué após a destruição de Jericó, Jesus prometeu a Zaqueu: "Hoje veio a salvação a esta casa." (Lucas 19:9)

Jesus e os discípulos passaram quase sete meses na área de Jericó, embora tivessem feito várias visitas a Jerusalém para participar em grandes festividades religiosas.

Enquanto em Jerusalém, Jesus ensinou no Templo sobre a natureza do reino de Deus. A simplicidade e sabedoria das suas palavras espantavam aqueles que o ouviam, e os seus seguidores cresciam. No entanto, tanto os Fariseus como os Saduceus uniram-se na convicção de que Jesus tinha de ser silenciado.

Eles tentaram sem sucesso apanhá-lo nas suas palavras. Uma adúltera foi trazida até ele, e foi-lhe perguntado se ela devia ser apedrejada de acordo com a lei de Moisés. A Bíblia regista que ele escreveu no chão e disse: "Aquele que de entre vós está sem pecado seja o primeiro que atire uma pedra contra ela." (João 8:7) À medida que os seus acusadores saíam e não havia ninguém para a condenar, Jesus adicionou que ele também não a condenava. As leituras de Cayce indicam que houve dois casos separados mas semelhantes de uma adúltera ser trazida a Jesus. Foi perguntado especificamente a Cayce o que Jesus escreveu no chão. Num caso, que ele disse envolver Maria Madalena, as palavras foram: "Aquilo que condenava cada indivíduo, à medida que cada um olhava por cima do Seu ombro enquanto Ele escrevia." (295-8) Para o outro, Cayce disse que Jesus escreveu: "Medi, Medici, Cui, ou a expressão de misericórdia e não de sacrifício." (1436)

Durante as suas visitas a Jerusalém, Jesus e os seus discípulos ficavam geralmente a passar a noite na aldeia próxima de Betânia com a família de Maria, Marta e Lázaro. As leituras de Cayce indicam que

esta Maria é a mesma que Maria Madalena e que ela tinha sido uma meretriz na cidade galileia de Magdala. (295-6) A tradição católica romana tem por vezes associado estas duas Marias, mas o relato bíblico não faz uma ligação tão clara. Após o seu confronto com Jesus, ela regressou à casa de família em Betânia e foi provavelmente a chave para a identificação de Jesus com esta família.

Jesus tinha desenvolvido uma associação próxima com eles e numa ocasião foi chamado para vir curar Lázaro que tinha ficado doente enquanto Jesus pregava do outro lado do Rio Jordão. Antes de Jesus chegar, Lázaro morreu, e Jesus chorou quando soube da sua morte. Um dos maiores milagres de Jesus ocorreu então, quando ele ressuscitou Lázaro dos mortos após este ter estado no túmulo durante quatro dias. Cayce indicou que Lázaro tinha morrido da doença a que hoje chamamos febre tifoide e que muitos dos que testemunharam o seu regresso da morte ficaram profundamente comovidos e tornaram-se seguidores dedicados de Jesus.

Algumas pessoas têm tentado pintar laços românticos entre Jesus e Maria Madalena. Foi uma vez perguntado a Cayce sobre esta possibilidade e se Jesus alguma vez teve tal relação com alguém. Ele respondeu:

Maria, a irmã de Marta, era uma meretriz — até à purificação; e não uma que Jesus tivesse amado, embora Ele amasse a todos. As associações mais próximas trazidas ao amor físico ou filial foram com as crianças—e não com aqueles da idade do Mestre. 2067-7

À medida que o tempo para a festa da Páscoa se aproximava, Jerusalém estava viva com notícias de Jesus ter ressuscitado Lázaro dos mortos e com especulação de que ele devia ser o messias. Os principais sacerdotes e Fariseus decidiram em conselho que Jesus tinha de ser morto para que os Romanos não ficassem alarmados com o seu poder e popularidade e punissem toda a nação judaica.

Quando Jesus entrou em Jerusalém vindo de Betânia alguns dias antes da Páscoa, ele montava um humilde jumento mas foi acolhido

por multidões enormes a agitar ramos de palmeira. Cayce descreve este acontecimento:

E quando houve os clamores de "Hosana!" e houve as procissões, estes trouxeram sentimentos estranhos à entidade . . . e o espanto tornou-se antes o de uma atitude de adoração.

Pois, tal como Ele deu nesse dia memorial . . . se o povo não tivesse clamado "Hosana!"—as próprias rochas, as próprias árvores, a própria natureza ao redor, clamariam contra aquelas oportunidades perdidas pelos filhos dos homens—para proclamar o grande dia do Senhor!

. . . não podeis ver o lugar . . . a cidade dos muitos ruídos estranhos, das muitas luzes estranhas, dos muitos costumes invulgares . . . e depois esta nova experiência Daquele que trouxe esperança e alegria àqueles . . . doentes no corpo, àqueles que tinham perdido a esperança através do apego às coisas materiais e aos antigos dogmas da tradição?

E não podeis ver a grande multidão enquanto estendiam as suas vestes—sim, aqueles de elevada e baixa condição ou posição . . . 1468-1

Numa procissão triunfal, a multidão seguiu Jesus através da cidade até ao Templo.

Cada vez que Jesus se aproximava de Jerusalém vindo do leste, ele avistava uma cidade majestosa cujo horizonte era dominado pelo Templo reluzente, embelezado a ouro. Uma cidade diferente da do tempo de David, Jerusalém tinha sido destruída, reconstruída e completamente transformada por Herodes com palácios, viadutos, teatros e outros monumentos públicos. A cidade era uma fonte de orgulho nacional judeu e um mostruário até para os Romanos. Enquanto Jesus observava Jerusalém nos seus últimos dias, ele previu a sua destruição vindoura, e entristeceu-se.

Enquanto contemplava a ruína de Jerusalém, ele deve ter sido sobrecarregado com memórias da alma. A tradição diz que como

Adão ele tinha passado parte da sua vida em Jerusalém e que o seu corpo tinha ultimamente sido sepultado no Gólgota. Como Melquisedeque, ele tinha sido rei da cidade. Josué não tinha conquistado Jerusalém mas tinha-a cercado com a nova nação israelita. Asafe tocou e cantou ali para os Reis David e Salomão, e Jesua tinha regressado a Jerusalém do cativeiro na Babilónia para restaurar a cidade e o seu templo.

Há pouca surpresa então que Jesus se tivesse lamentado sobre o destino de Jerusalém e que nas suas profecias sobre o reino vindouro de Deus ele falasse em termos de uma nova Jerusalém.

O ministério tradicional de Jesus tinha sido agora completado. Ele tinha defendido e demonstrado uma nova ordem de amor e serviço para com o próximo. A sua mensagem tinha sido proferida em cenários e acontecimentos que, em cumprimento poético, espelhavam as suas vidas anteriores. As sementes de uma nova religião tinham sido semeadas, e um núcleo interno de seguidores—fracos, não testados, mas cuidadosamente escolhidos—tinha recebido instruções especiais e até secretas para a disseminação e difusão da palavra de Deus. O ministério de Jesus tinha sido pontuado com parábolas de profundo simbolismo e significado e com milagres—milagres que excediam todos aqueles dos profetas anteriores de Israel.

O palco estava agora montado para a Paixão de Jesus e para o milagre final e mais importante de todos.

CAPÍTULO DEZASSEIS

Jesus:

A Sua Morte e Ressurreição

Mas falamos a sabedoria de Deus, oculta em mistério, a qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória; a qual nenhum dos príncipes deste mundo conheceu; porque, se a tivessem conhecido, nunca teriam crucificado o Senhor da glória. (I Coríntios 2:7-8)

O primeiro dia da Páscoa é marcado por um ritual festivo de costume. Ao pôr do sol, Jesus e os seus discípulos reuniram-se na casa de um amigo para tomar esta refeição. Era um acontecimento que seria daqui em diante conhecido pelo Cristianismo como a "Última Ceia."

Na sequência de uma leitura psíquica em 1932, Edgar Cayce não acordou após a sugestão habitual para o fazer ter sido dada três vezes. Ele começou então a descrever a Última Ceia espontaneamente e em belo pormenor. Por causa da sua qualidade invulgar, é citada na sua totalidade:

A Ceia do Senhor—aqui com o Mestre—vê o que eles tinham para a ceia—peixe fervido, arroz, com alhos-porros, vinho e pão. Um dos jarros em que era servido estava partido—a asa estava partida, bem como o bico do mesmo.

A túnica inteira do Mestre não era branca, mas cinzenta-pérola—tudo combinado num só—a dádiva de Nicodemos ao Senhor.

O de melhor aspeto dos doze, claro, era Judas, enquanto o mais jovem era João—rosto oval, cabelo escuro, rosto liso—o único com o cabelo curto. Pedro, o rude e pronto—sempre aquele da barba muito curta, rude e não totalmente limpo; enquanto a de André é justamente o oposto—muito escassa, mas inclinada a ser mais longa do lado e sob o queixo—longa no lábio superior—a sua túnica era sempre perto de cinzenta ou preta, enquanto as suas calças ou calções eram listados; enquanto as de Filipe e Bartolomeu eram vermelhas e castanhas.

O cabelo do Mestre é quase ruivo, inclinado a ser encaracolado em porções contudo não feminino ou fraco—forte, com olhos pesados e penetrantes que são azuis ou cinzento-aço.

O seu peso seria de pelo menos cento e setenta libras. Dedos longos e afilados, unhas bem mantidas. Unha comprida, contudo, no pequeno dedo esquerdo.

Alegre—mesmo na hora da provação. Brincando—mesmo no momento da traição.

O saco está vazio. Judas parte.

O último é dado do vinho e do pão, com o qual Ele dá os emblemas que deveriam ser tão caros a cada seguidor d'Ele. Põe de lado a Sua túnica, que é toda de uma só peça—cinge a toalha ao redor da Sua cintura, que é vestida com linho que é azul e branco. Dobra para trás as dobras, ajoelha-se primeiro diante de João, Tiago, depois perante Pedro—que recusa. Depois a dissertação quanto a "Aquele que quiser ser o maior seja o servo de todos."

A bacia é tomada como sendo sem asa, e é feita de madeira. A água é dos recipientes de pepinos, que estão nas vasilhas de boca larga que estão na casa do pai de João, Zebedeu.

E agora vem "Está consumado."

Eles cantam o Salmo noventa e um—"Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo à sombra do Omnipotente descansará. Direi do Senhor: Ele é o meu refúgio e a minha fortaleza: o meu Deus; nele confiarei."

Ele é também o músico, pois Ele usa a harpa.

Eles partem para o jardim. 5749-1

A autoria do Salmo 91 não é dada na Bíblia. Não se pode deixar de perguntar se não terá sido escrito por Asafe, o músico-chefe de David e uma encarnação anterior do Mestre. A formulação e a mensagem são muito semelhantes às de outros salmos que são atribuídos a Asafe. Certamente, como um músico agora a tocar harpa, a influência da vida de Asafe pode ser vista em Jesus.

Jesus deu significado simbólico a esta ceia dizendo que o pão representava o seu corpo e o vinho o seu sangue que seria dado como resgate por muitos. Este significado simbólico pode ter sido emprestado em parte dos Essénios, que davam ênfase simbólica especial ao pão e ao vinho. Quando a cerimónia foi concluída, Jesus disse que não beberia mais do fruto da videira "até àquele dia em que o beber novo no reino de Deus." (Marcos 14:25)

Outra leitura descreve o significado e sentido do lavar dos pés dos seus discípulos por parte de Jesus:

Embora Ele fosse o seu líder, o seu profeta, o seu Senhor, o seu Mestre, Ele significou—através da humildade do ato [lavar dos pés]—a atitude a que cada um chegaria se quisesse conhecer essa verdadeira relação com o seu Deus, com o seu próximo. 5749-10

Na conclusão da ceia, Jesus rezou a Deus:

"Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti; assim como lhe daste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste . . .

Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer. E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse." (Extrato de João 17:1-5)

Nesta oração, Jesus refere-se ao seu poder sobre toda a carne; é a tarefa que Deus tinha dado a Adão. Ele pede também a glória que tinha com Deus antes que o mundo existisse, não a glória que tinha antes de entrar na terra como Jesus. A implicação aqui pode ser a de que ele ainda não tinha alcançado esta glória completa quando veio como Jesus. A sua oração e súplica é consoante com o quadro do Mestre como dado por Cayce—um no qual a missão do Mestre se tinha estendido desde o início através de numerosas vidas até à sua conclusão em Jesus.

Jesus rezou especificamente pelos seus discípulos e notou que não tinha perdido nenhum deles exceto "o filho da perdição." (João 17:12) Foi perguntado a Cayce o significado desta formulação; a sua resposta é um aviso para cada um de nós:

Daí aquele de quem se fala que se rebelou contra o trono do céu, e se manifestou na carne e naquele que O traiu.

Então, todos são filhos da perdição—ou permitem que essa força se manifeste através deles—que O negam, ou que O traem, ou que se apresentam para ser uma coisa e—sob o ambiente terrestre ou para

ganho pessoal—ou por razões de satisfação—fazem de outro modo; pois eles não fazem senão persegui-Lo, negá-Lo, traí-Lo. 262-93

Após a partida de Judas e o cantar do Salmo 91, Jesus e os discípulos caminharam para um olival ou jardim chamado Getsémani. Eles tinham no passado reunido ali frequentemente ao pé do Monte das Oliveiras.

Jesus previu a falta de fé dos seus discípulos durante a noite e disse a Pedro que ele negaria o Mestre três vezes antes que o galo cantasse. Tomando Pedro, Tiago e João, ele foi um pouco mais adiante no jardim para rezar. Os discípulos cansados em breve adormeceram, e três vezes Jesus regressou a eles e encontrou com tristeza que eles não tinham mantido a vigília.

Nesta hora solitária e crítica, Jesus enfrentou a tentação de evitar a crucificação. A Bíblia regista-o a suar gotas de sangue em angústia e dúvida. Ele suplicou a Deus que "este cálice" pudesse passar dele, mas em gloriosa vitória e entrega de si mesmo proclamou a Deus: "Não a minha vontade, mas a tua, seja feita." A batalha final da alma tinha sido ganha. O Evangelho de Lucas regista a aparição de um anjo do céu para o fortalecer.

Esta entrega de si mesmo é indubitavelmente a mensagem mais eloquente de todo o ministério de Jesus. Foi o colocar de si mesmo à frente da vontade de Deus que tinha sido a transgressão de Adão no início—e o pecado de cada um de nós. As leituras de Cayce desafiam-nos a todos ao mesmo padrão de desprendimento e visão exemplificados por Jesus:

Orai, pois, para que estejais prontos na hora da provação ou tentação; para que possais dizer, tal como Ele: "Não a minha vontade mas a Tua, ó Deus, seja feita em mim e através de mim; para que eu possa ter esse estado Contigo que era antes de haver mundos—e estar consciente do mesmo." 3188-1

. . . pois Ele prometeu que não seremos castigados além do que somos capazes de suportar, e aquele que perseverar até ao fim usará a coroa da vida eterna! 2466-1

Quando Jesus regressou aos discípulos a dormir pela terceira vez, disse:

Basta; é chegada a hora; eis que o Filho do homem é entregue nas mãos dos pecadores. Levantai-vos, vamos; eis que é chegado aquele que me trair. (Marcos 14:41-42)

Judas e uma multidão de seguidores aproximaram-se então do grupo. Judas dirigiu-se a Jesus como "Mestre" e beijou-o em reconhecimento, identificação e traição. Guardas agarraram Jesus e arrastaram-no para o palácio de Caifás para ser julgado por blasfémia diante dos 70 membros do Sinédrio. Cayce dá uma perspetiva um pouco diferente quanto à acusação:

Estas eram as condições quando este homem, este profeta, este mestre, foi apresentado àqueles em autoridade para consideração civil; afirmando por aqueles em autoridade que tinha havido uma negligência em pagar o tributo, ou que tinha havido primeiro aquela tentativa por parte daqueles que eram como os seguidores do mesmo para impedir o imposto, as taxas a serem pagas. Esta foi a forma de apresentação em vez de muito disso como tendes registrado mesmo na Escritura Sagrada. 1151-3

O Sinédrio era composto pelos principais sacerdotes, anciãos e escribas. Eles eram os descendentes de antigas famílias governantes cuja posição tinha sido determinada séculos antes, após o regresso do cativeiro babilónico. Eles tinham considerável poder, mas não a autoridade sob o domínio romano para executar uma sentença de morte.

Uma leitura identifica um dos membros do Sinédrio:

A entidade estava então entre aqueles que eram os escarnecedores, entre aqueles do próprio Sinédrio; pois a entidade então, no nome Samaleuen, representava as tribos de Rúben, e era da casa daqueles desse povo particular. Pois representava esse mesmo nessas experiências no início da separação da casa, pois a entidade era ela própria Rúben! 693-3

Como Rúben, esta alma tinha estado anteriormente envolvida no julgamento e punição do Mestre. A alma do Mestre, como José, tinha sido traída e descartada por Rúben e pelos seus outros irmãos. Deve notar-se, contudo, que Rúben se tinha oposto à morte de José. Ele tinha proposto que José fosse lançado num poço. Nenhum pormenor é dado sobre as suas palavras agora diante do Sinédrio relativamente ao destino de Jesus.

Nas leituras de Cayce, Jesus é retratado como estando alegre ao longo desta provação e até no caminho para a cruz.

O julgamento—que não foi com as dores da dor, como tão frequentemente indicado, mas antes gloriando-se na oportunidade de tomar sobre si aquilo que endireitaria a relação do homem com o Pai—na medida em que o homem, através do seu livre-arbítrio, tinha trazido o pecado para as atividades dos filhos de Deus. Aqui o Seu Filho trazia a redenção através do derramamento de sangue para que eles pudessem ser livres. 5749-10

Pois, sabei—apenas naqueles que Deus favoreceu há a capacidade de rir, mesmo quando nuvens de dúvida surgem, ou quando toda a forma de perturbação surge. Pois, lembrai-vos, o Mestre sorria—e ria, frequentemente—mesmo no caminho para o Getsémani. 2984-1

Ao longo da noite, Jesus foi ridicularizado, blasfemado e espancado.

Na manhã seguinte, ele foi trazido ao governador romano, Pilatos, para julgamento sobre acusações de falhar em dar o devido tributo a Roma e a César. Após interrogar Jesus e saber que ele era um galileu, Pilatos enviou-o ao visitante Herodes, que tinha jurisdição sobre a Galileia. Herodes não encontrou em Jesus nada digno de morte e devolveu-o a Pilatos, que procurou então libertá-lo. As multidões exigiram contudo a sua crucificação, e instaram a que Barrabás, e não Jesus, fosse libertado sob a tradição festiva de perdoar a um criminoso. Curvando-se à pressão pública, Pilatos sentenciou Jesus à

morte por crucificação, mas negou simbolicamente a responsabilidade pelo ato lavando as suas mãos.

O Mestre tinha, como Adão, evitado a responsabilidade pela sua ação dizendo a Deus que a mulher que Deus lhe dera o tinha enganado: A queda fora obra dela. Agora Jesus, no seu teste final, está a enfrentar e deve suportar essa mesma fuga à responsabilidade e transferência de culpa por parte de Pilatos.

Após a condenação de Jesus pelo Sinédrio, a Bíblia regista que Judas devolveu as trinta moedas de prata aos principais sacerdotes e renunciou ao seu ato de traição. Daí em diante, ele saiu e enforcou-se.

Tal como Jesus foi vendido por trinta moedas de prata, o Mestre tinha como José sido vendido por vinte moedas de prata (embora o historiador judeu, Joséfo, registre a quantia real também como trinta moedas). A venda de José tinha sido proposta pelo seu irmão, Judá. A semelhança dos nomes e os incidentes nos quais cada um esteve envolvido levantam o espetro da especulação de que Judá e Judas possam ter sido uma e a mesma alma.

A razão para a traição de Jesus por parte de Judas tem sido assunto de conjetura ao longo da história. Foi perguntado a Edgar Cayce o seguinte:

P-27. Foi a ideia de Judas Iscariotes ao trair Jesus a de O forçar a afirmar-se como rei e a trazer o Seu reino nessa altura?

R-27. Antes o desejo do homem de forçar isso mesmo, e o cumprimento disso conforme Jesus falou do mesmo na Ceia. 2067-7

Outra leitura indica que os amigos de Judas procuravam proclamar Jesus como o libertador do povo do cativeiro. (1179-7) A impaciência com o plano de Deus, que Jesus exibiu no início como Adão, está agora a ser enfrentada por ele no mesmo traço em Judas e nos seus amigos.

Os soldados puseram uma coroa de espinhos na cabeça de Jesus e uma cana na sua mão direita e depois zombaram dele como o "rei dos judeus." Por volta das nove horas da manhã, Jesus foi levado pelas

ruas até uma colina fora das muralhas de Jerusalém conhecida como Calvário ou Gólgota. Foi aqui, de acordo com alguma tradição, que os ossos de Adão tinham sido sepultados e dado o seu descanso final.

Com dois outros prisioneiros em cruzes em ambos os lados dele, Jesus foi pregado à sua. Quando a cruz foi erguida para a sua posição vertical, Jesus ficou assim suspenso entre a terra e o céu.

. . . de modo que aqueles que olhassem, aqueles que contemplassem, pudessem saber que eles—eles próprios—devem passar por esse caminho, crucificando nos seus corpos aquilo que serviria para a satisfação de desejos, aquilo que serviria para uma exaltação de si mesmo em vez daqueles dogmas como Ele deu: "Um novo mandamento vos dou, que vos ameis uns aos outros." 897-1

Mesmo na sua hora de extrema angústia, Jesus reconheceu a declaração de fé e paciência de um dos ladrões na cruz e prometeu-lhe: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso." (Lucas 23:43)

Ele estava também preocupado com o bem-estar da sua mãe e até dos seus inimigos. Ele pediu ao seu discípulo João para cuidar da sua mãe, e num ato de suprema e sublime caridade rezou: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem." (Lucas 23:34)

Jesus tinha sido abandonado na cruz por todos exceto um dos seus próprios discípulos, e contudo o poder e valor da paciência podem ser vistos na sua tolerância para com eles. Nos anos vindouros, eles regressariam para testemunhar as obras e a ressurreição de Jesus e sofreriam eventualmente o seu próprio martírio. É uma demonstração eloquente da importância da paciência, tolerância e indulgência por parte de cada um de nós nas nossas relações com os nossos semelhantes.

Cayce indica que as mulheres na cruz eram as da própria casa de Jesus, a mãe de João e Tiago, Maria Madalena e outras mulheres desse agrupamento. (5749-10)

Enquanto Jesus estava suspenso na cruz, ele perguntou: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" As leituras de Cayce declaram que Jesus suportou a ausência temporária de Deus para que o resto de nós não tivesse de experimentar tal desamparo. (2466) Uma tradução possível das palavras de Jesus a partir do aramaico original poderia ser: "Deus meu, Deus meu, para isto fui poupado."1 Verdadeiramente para este momento o Mestre tinha sido poupado, mesmo desde o tempo em que como Adão ele tinha errado e sido expulso do Éden.

Perguntaram a Jesus por que motivo, se ele era o Filho de Deus, não se salvava a si próprio. A resposta é fornecida pelas leituras assim:

Embora saibais que Ele tinha o poder dentro de Si mesmo para descer da Cruz, embora Ele tivesse o poder para curar, embora Ele tivesse o poder para se livrar do próprio apoderar da morte, ela não tinha direitos sobre Ele. Porquê? vivificado pelo Pai porque a vida vivida entre os homens, o lidar entre os homens, trouxe apenas esperança, apenas paciência, apenas amor, apenas longanimidade!

Sendo este então o mandamento de Deus tornado manifesto, Ele torna-se o mandamento ao manifestar o mesmo diante do homem; e assim—como homem, tal como vós—torna-se como um com o Pai.

Pois até que vos torneis em propósito, em atividade, um salvador—sim, um deus—para o vosso próximo, não vos apoderais dessa personalidade, a individualidade de DEUS—que é a vida . . . eternidade, esperança e amor! 1158-12

A Bíblia indica que da hora sexta à hora nona houve trevas, e um terramoto ocorreu na altura da morte de Jesus. As leituras de Cayce confirmam estes fenómenos naturais invulgares e descrevem grande temor e pânico entre o povo. (333, 1747)

Jesus expressou a sua sede, mas recusou uma oferta de vinagre e fel que teria aliviado a sua dor.

O Evangelho de João diz que logo antes da sua morte, Jesus sabia "que todas as coisas estavam agora consumadas." (João 19:28) Pouco depois, ele gritou: "Está consumado", ou "Está cumprido" (João 19:30) e entregou o espírito. O primeiríssimo gerado de Deus, o nosso Irmão Mais Velho, o Bom Pastor, o Mestre, o Caminho—e agora o Cristo—estava morto. A missão iniciada há éons e levada a cabo através de numerosas vidas estava agora cumprida.

Para ter a certeza de que Jesus estava morto, um dos soldados "furou-lhe o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água." (João 19:34) Edgar Cayce foi solicitado a explicar este versículo.

O cumprimento de "Sem derramamento de sangue não há remissão de pecados." Daí que o Seu sangue tenha sido derramado como o sacrifício do justo pelo injusto, para que todos vós possais estar na mesma luz com o Pai. 5749-10

De acordo com Mateus e Lucas, o véu do Templo rasgou-se do alto a baixo aquando da morte de Jesus. O véu tradicionalmente separava o Santo dos Santos do resto do Templo e era levantado uma vez por ano pelo Sumo Sacerdote quando ele fazia uma propiciação sacrificial pelos pecados do povo. A morte de Jesus serviu como o sacrifício permanente a Deus pelos pecados da humanidade. O véu que separava simbolicamente a humanidade de Deus foi rasgado porque a separação já não existia; as pessoas tinham agora acesso direto a Deus.

A Bíblia relata que Jesus foi apressadamente retirado da cruz para que não permanecesse ali no dia de Sábado. Um autor, após examinar o Evangelho Secreto de Pedro, sugere que o precedente de ser retirado antes do pôr do sol tinha sido estabelecido anos antes por Josué (o Mestre) quando ele insistiu que os reis que ele tinha enforcado fossem removidos das suas árvores antes do pôr do sol.6 Esta experiência anterior de Josué ao enforcar cinco reis estrangeiros, incluindo o rei de Jerusalém, pode possivelmente explicar por que motivo a morte de Jesus foi de enforcamento ou crucificação numa árvore ou cruz de madeira.

O corpo de Jesus foi posto no túmulo novo de um amigo, José de Arimateia. E tal como Josué tinha feito antes com os reis, o túmulo em caverna ou sepulcro foi selado com uma pedra. Guardas romanos foram colocados à frente dele.

As leituras de Cayce falam de uma mulher que ajudou a preparar "os linho ao redor da cabeça do Mestre quando Ele foi sepultado por Josefo e pelos amigos", (1081) e de outra que:

. . . auxiliou na preparação . . . das ligaduras para a última da unção do corpo do Santo—antes as ligaduras do que as especiarias, pois Madalena e Maria e Jose [Josie], e a mãe do Senhor prepararam estas. Os lenços que estavam ao redor da Sua cabeça, e com esses selos que foram mais tarde feitos como figuras em relevo . . . 649-1

[Ela preparou] Os selos do Santo, como os selos do filho de David; a pera com a campainha, com as romãs de ambos os lados. 649-2

Em capítulos anteriores, encontrou-se uma lenda a sugerir que o local da criação de Adão tinha sido em Jerusalém e que a sepultura final de Adão e Melquisedeque seria aqui. Se assim for, a história deu uma volta completa, e o Jardim do Éden tornou-se o Jardim do Getsémani.

A Bíblia regista que Jesus esteve no túmulo durante três dias. Na manhã do terceiro dia, Maria Madalena (e possivelmente também Maria, a mãe de Jesus) veio ali para completar as preparações habituais de sepultamento mas encontrou a pedra rolada para fora e a sepultura vazia. Maria Madalena correu então para Pedro e João, e juntos encontraram o túmulo tal como ela o tinha descrito. Pedro e João partiram, e a chorar, Maria viu um anjo dentro do túmulo. Quando ela se voltou, Jesus apareceu diante dela.

Daí quando aqueles dos Seus entes queridos e aqueles dos Seus irmãos vieram naquela alegre manhã em que as notícias tinham chegado até eles, aqueles que estavam de guarda ouviram um barulho temível e viram uma luz, e—"a pedra foi rolada para fora!" Então eles entraram no jardim, e ali Maria viu primeiro o seu Senhor

ressuscitado. Então vieram aqueles dos Seus irmãos com as mulheres fiéis, aquelas que amavam a Sua mãe, aquelas que eram suas companheiras na dor, aquelas que estavam a fazer preparações para que a lei pudesse ser mantida para que mesmo ali não houvesse profanação do solo ao redor do Seu túmulo. Eles, também, dos Seus amigos, dos Seus entes queridos, dos Seus irmãos, viram os anjos. 5749-6

Jesus apareceu primeiro a uma que tinha sido uma adúltera mas uma que tinha sido perdoada por ele e cuja vida tinha sido mudada. Jesus tinha também uma vez elogiado a atenção e fidelidade de Maria Madalena sobre as da sua irmã, Marta, que estava mais preocupada com os deveres domésticos. Maria Madalena tinha-se aparentemente tornado um fator importante entre os seguidores de Jesus.

. . . [ela] foi a mesma a quem o Mestre primeiro apareceu na manhã da ressurreição; a mesma a quem muitos dos apóstolos e líderes durante essa experiência iam para conselho, nos caminhos e maneiras que são falados nos vários relatos que são mantidos no presente . . .

. . . ela pensou que Ele era o jardineiro. Isto indica toda a falta de esperança, toda a dor que é possível ser indicada na falta de esperança. Contudo a alegria deveria ser a condição como seria pensada, em vez da separação na altura. Isto é ir para trás, mesmo ser afetado pela separação—quando há a alegria como manifestada em, "Meu Senhor e meu Deus." 295-8

Daí em diante, Jesus apareceu a vários e ultimamente a todos os discípulos. No caminho para Emaús, onde como Josué ele tinha feito o sol parar, o Jesus ressuscitado visitou dois dos seus seguidores. Numa sala superior onde os onze discípulos estavam reunidos, Jesus apareceu subitamente e mostrou-lhes—especialmente ao duvidoso Tomé—as cicatrizes nas suas mãos e no seu lado. Mais tarde ele apareceu-lhes novamente na Galileia no Mar de Tiberíades e ali fez com que eles apanhassem uma multidão de peixes. Jesus comeu então

com eles e ordenou a Pedro para "Apascentar as minhas ovelhas." Esta ordem, contudo, não foi dada apenas a Pedro.

E assim possais vós no presente, tal como foi ordenado ao teu próximo, ao teu irmão no Senhor: "Apascenta os meus cordeiros . . . apascenta as minhas ovelhas." Esta é a obra das tuas mãos no presente; e estas dirigidas não pelo serviço da vista do homem mas para a unicidade de propósito de desejo de trazer aos corações dos homens de novo e de novo esperança, encorajamento; e semear de novo e de novo a semente que produz os frutos do Espírito . . . paciência, gentileza, bondade, amor fraternal, longanimidade! Pois contra tais coisas não há lei. 1529-1

Aparentemente os discípulos e seguidores de Jesus sentiram que era seguro regressar a Jerusalém vindos da Galileia. A seguinte leitura de Cayce descreve algumas das suas atividades após a ressurreição.

. . . com o regresso da Galileia e as atividades ali aquando da ascensão (que foi cinquenta dias após a ressurreição), Maria a mãe de Cristo tornou-se uma moradora na casa ou lar de João—que se juntou àqueles em Betânia; pois João, como pode ser bem conhecido, era o mais rico dos discípulos do Cristo. Os seus bens seriam contados no presente, em dinheiro americano, como estando perto de um quarto de milhão de dólares; ou nos bens onde ele era um poder junto daqueles no poder romano e judaico no período. 295-8

Jesus reuniu-se mais tarde com os seus discípulos em Jerusalém e disse-lhes para "esperarem" ali até que tivessem recebido o poder do Espírito Santo. Ele levou-os ao longo da estrada para a próxima Betânia, onde os abençoou.

E foi aqui que Jesus ascendeu ao céu.

. . . [Houve] quinhentos que O contemplaram quando Ele entrou na glória e viram os anjos, ouviram o seu anúncio do acontecimento que um dia deve acontecer—e só será para aqueles que creem, que têm fé, que procuram e que esperam vê-Lo como Ele é. 3615-1

A missão total do nosso Irmão Mais Velho—o Cristo—tinha sido agora completada. O seu cumprimento veio na entrega de si mesmo por parte de Jesus e na sua morte e ressurreição. Ele mostrou o caminho do desprendimento através da sua morte; a sua ressurreição sinalizou o reconhecimento por parte de Deus de que a morte, a penalidade do erro do homem, tinha sido superada.

O período da ressurreição—aqui encontramos aquilo em que todos vós vos possais gloriar. Pois sem o facto de Ele ter superado a morte, a totalidade da experiência teria sido como nada. 5749-10

Pois a morte não tem aguilhão, ela não tem poder sobre aqueles que conhecem a ressurreição . . . como a ressurreição trouxe à consciência do homem esse poder que Deus deu ao homem, que pode reconstruir, ressuscitar, até cada átomo de um corpo fisicamente doente, que pode ressuscitar até cada átomo de uma alma doente de pecado, pode ressuscitar a alma para que ela viva continuamente na glória de um Cristo ressuscitado, regenerado nas almas e corações dos homens! 1158-5

Outra leitura de Cayce coloca a questão desta forma:

Mas quando o Príncipe da Paz veio à terra para a conclusão do Seu PRÓPRIO desenvolvimento na terra, Ele superou a carne e a tentação. Assim Ele tornou-se o primeiro daqueles que superaram a morte no corpo, capacitando-O para assim iluminar, para assim revivificar esse corpo a ponto de o tomar de novo, mesmo quando aqueles fluidos do corpo tinham sido drenados pelos buracos dos pregos nas Suas mãos e pela lança a furar o Seu lado. 1152-1

Deus tinha agora removido a punição da morte que Ele tinha imposto ao Mestre no Éden quando, como Adão, ele errou. O Mestre tinha agora superado o salário do pecado.

Toda a humanidade podia também agora superar o aguilhão da morte—a penalidade de desobedecer aos mandamentos de Deus. Mas ela só podia ser superada por uma entrega total e completa à vontade de Deus.

Jesus tinha fornecido a chave paradoxal para obter a libertação da alma: É preciso perder a sua vida para a ganhar; ao descartar o eu—ou o egoísmo—encontramos o nosso verdadeiro eu.

Estava agora consumado. A longa jornada tinha terminado. Pela primeira vez em todas as Suas estadias na terra, o Mestre podia agora erguer-se ao abraço vitorioso do Pai e ascender à glória que O aguardava desde os princípios do tempo.

No meio do tumulto dos anjos e hóstias celestiais, havia coros de alegria e louvor para este Amado do Pai que tinha amado de tal modo os Seus irmãos e irmãs que tinha sofrido e dado o Seu tudo por eles. Ele pedia apenas em troca que eles se amassem uns aos outros.

Pelo exemplo visível do Mestre—o Cristo—o trilho estava agora aberto; a estrada estava agora marcada e iluminada para que outros a seguissem. E a memória assombradora da morada do Pai—o verdadeiro lar da alma—tinha sido reacendida nos corações e mentes daqueles que procuram.

CAPÍTULO DEZASSETE

Jesus:

O Seu Regresso

Assim também Cristo, oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para a salvação. (Hebreus 9:28)

Os Essénios e outros tinham esperado um messias sofredor, um sacerdotal e um rei. Tais expectativas baseavam-se em profecias no Antigo Testamento e noutros locais.1

Jesus obviamente tinha cumprido o conceito de messias sofredor, mas os aspetos de rei e de sacerdote não eram tão óbvios. Os escritores do Novo Testamento foram a grandes extensões para fornecer estes elementos em falta. O livro de Hebreus discute em pormenor abundante o novo sacerdócio que Jesus estabeleceu através

da sua ligação com Melquisedeque. Os evangelhos notam a linhagem do Rei David, e Jesus foi zombeteiramente ungido o "rei dos judeus", mas os incidentes habituais de realeza e de reinado estavam notavelmente ausentes da vida de Jesus.

O ministério de rei definitivo de Jesus foi abordado pela primeira vez nos livros de Enoque e é mencionado frequentemente tanto no Antigo como no Novo Testamento. A sua realeza real, contudo, espera-se que seja fornecida na sua Segunda Vinda, um assunto que é uma parte integrante do Novo Testamento.

Muito do capítulo 24 de Mateus é um relato feito por Jesus sobre o seu regresso futuro. Ele descreve guerras e outras iniquidades e refere-se às abominações profetizadas por Daniel como sinais do tempo da sua vinda. Ele avisa contra falsos profetas mas promete encurtar os dias de desolação por amor dos seus eleitos. O sol e a lua escurecerão, e então o sinal do Filho do homem aparecerá nos céus. Ele será visto "vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória", e os anjos "ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus."

Uma passagem anterior de Mateus adiciona:

Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras. Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui estão, que não provarão a morte até que vejam vir o Filho do homem no seu reino. (Mateus 16:27-28)

O regresso de Jesus foi assim pensado pelos seus seguidores como sendo iminente. Uma leitura de Cayce explica o significado da citação acima, indicando que foi mal compreendida por aqueles que a ouviram. Ela significava na verdade:

Aqueles indivíduos que estavam a ouvir e no cumprimento daquelas coisas apresentadas pelo Mestre nessa experiência estariam na forma manifestada na terra durante os períodos de cumprimentos na terra das profecias faladas. 262-60

Em outras palavras, eles reencarnariam na altura do seu regresso.

O regresso de Jesus ou a sua Segunda Vinda provavelmente deveria ser visto em mais do que um nível. Primeiro pode relacionar-se com a receção da Consciência de Cristo num indivíduo. Pode também pertencer à chegada da Consciência de Cristo numa escala nacional ou internacional nas nossas relações uns com os outros, ou o prometido "milénio." Finalmente, pode significar o regresso físico real de Jesus nos céus da forma em que ele partiu. Nesta ocasião, ele dispensará o julgamento final.

Jesus prometeu estar com aqueles que o invocam em qualquer era e tempo.

Está Ele hoje pelo mundo?

Sim, naqueles que Lhe clamam

de cada canto . . . E Ele

vem novamente nos corações e almas

e mentes daqueles que procuram

conhecer os Seus caminhos. 5749-5

Outra leitura de Cayce declara que ele não está num corpo na terra, mas que "pode vir à vontade àquele que deseja ser um com ele, e age em amor para tornar o mesmo possível." (5749-4) Também:

Há esse acesso, então, essa via, ao Trono da graça, da misericórdia, da paz, da compreensão, dentro do teu próprio ser. Pois Ele prometeu encontrar-te no teu próprio templo, no teu próprio corpo, através da tua própria mente . . . E então entra no Santo dos Santos, dentro da tua própria consciência; volta-te para dentro; vê o que te motivou. E Ele prometeu encontrar-te ali. 922-1

O véu que isolava o Santo dos Santos do Templo foi rasgado e rasgou-se simbolicamente aquando da morte de Jesus. Estamos agora livres para encontrar Deus—e o Mestre—dentro do nosso próprio templo corpóreo interior.

Paulo lembra-nos: "Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?" (I Coríntios 3:16)

O Capítulo 20 do Livro do Apocalipse descreve o atar do diabo ou Satanás por mil anos, durante os quais a sua influência na terra não será sentida. Os eleitos de Jesus reinarão com ele na terra nesta altura; eles são chamados os da "primeira ressurreição." Daí em diante Satanás será solto novamente na terra por um período. A "segunda ressurreição" ocorre nalgum momento posterior no julgamento final, quando Satanás é lançado fora para sempre.

Algumas passagens bíblicas parecem referir-se a este período de mil anos, ou milénio, em ligação com a Segunda Vinda de Jesus. A seguinte leitura de Cayce, aparentemente do Amado João, contempla também o milénio:

P-7. Quando Jesus o Cristo vier pela segunda vez, estabelecerá Ele o Seu reino na terra e será um reino eterno?

R-7. Lê as Suas promessas naquilo que escreveste das Suas palavras, tal como "Eu dei." Ele reinará por mil anos. Então Satanás será solto novamente por um período. 5749-4

Outra leitura adiciona:

. . . por mil anos Ele andará e falará com homens de cada clima. Então em grupos, em massas, e depois eles reinarão da primeira ressurreição por mil anos; pois isto será quando as mudanças materiais vierem. 364-8

Durante este período do milénio, haverá aparentemente uma nova era de amor e compreensão entre as nações e no lidar dos indivíduos uns com os outros. A influência perturbadora e enganadora do diabo estará ausente. Esta era parece ser uma caracterizada por um regresso do Mestre—ou pelo menos do seu espírito. Ao longo de tudo, ele será o monarca reinante—o messias rei finalmente.

Há outras referências bíblicas à Segunda Vinda que parecem pertencer ao seu regresso no julgamento final no fim deste mundo. O

seu regresso será nas nuvens da forma em que ele foi visto partir. E há leituras de Cayce que falam desta forma.

Pois, Ele virá como O vistes ir, no corpo que ocupou na Galileia. O corpo que Ele formou, que foi crucificado na Cruz, que ressuscitou do túmulo, que andou pelo mar, que apareceu a Simão, que apareceu a Filipe, que apareceu a "mim, mesmo João." 5749-4

Quando será o seu regresso real? Embora uma leitura de Cayce indique que o ano de 1998 pode de alguma forma relacionar-se com o regresso do Mestre, as leituras e a Bíblia concordam que apenas Deus—nem mesmo o Mestre—sabe quando ele regressará.

P-10. Ele disse que viria novamente. E quanto à Sua Segunda Vinda?

R-10. O tempo ninguém sabe. Tal como Ele deu, nem mesmo o próprio Filho. Apenas o Pai. Não até que os Seus inimigos—e a terra—estejam totalmente em sujeição à Sua vontade, aos Seus poderes.

P-11. Estamos a entrar no período de preparação para a Sua vinda?

R-11. A entrar no período de teste, antes. 5749-2

. . . como foi prometido através dos profetas e dos sábios da antiguidade, o tempo—e metade do tempo—foi e está a ser cumprido neste dia e geração, e . . . em breve aparecerá novamente na terra aquele através de quem muitos serão chamados a encontrar aqueles que estão a preparar o caminho para o Seu dia na terra. O Senhor, então, virá, "assim como o vistes ir." 262-49

Tal como os Essénios e outros foram necessários para a preparação do nascimento do Mestre como Jesus, assim também é necessária preparação para o seu regresso. Ele virá novamente "quando aqueles que são Seus tiverem feito o caminho claro, passável." (262-49) Pois ele não pode vir novamente até que haja a busca por ele. (1908-1)

A preparação para o seu regresso exige uma expectativa e um elevado padrão de conduta individual.

Que a tua vida diária seja livre de crítica, de condenação, de ódio, de ciúme. E à medida que dás poder ao Espírito de Paz, assim pode o Príncipe da Paz, o amor de Deus, manifestar-se. 3976-23

A crónica do Mestre portanto não é uma que está contida e confinada ou que terminou há 2000 anos. Antes é contínua e crescente—estendendo-se até à eternidade. Ele está disponível diariamente para aqueles que esperam por ele. Ele procura também ser uma parte da conduta das nações do mundo. E ele virá novamente—em toda a sua glória—para julgar este mundo. O seu reino é para sempre, e estende-se através dos céus. É um domínio que ele ganhou e para o qual acena e convida cada um de nós.

CAPÍTULO DEZOITO

A Mensagem da Antiguidade

Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito. (João 14:26)

Os escritores do Novo Testamento estavam preocupados com a Segunda Vinda de Jesus e não estavam preocupados com matérias de morte e do além. Eles estavam convencidos de que o seu regresso era iminente, e isso tomava precedência sobre tudo o mais. Qual era a importância de vidas subsequentes se o julgamento final está tão perto que a morte física não será experimentada? De forma semelhante, não havia necessidade de escrever os ditos e a filosofia de Jesus, pois eles podiam ser lembrados até ao tempo do fim. Afinal, Jesus tinha prometido aos seus discípulos que eles veriam o Filho do homem regressar na Sua glória.

Seria apenas à medida que os discípulos fossem envelhecendo e alguns tivessem já experimentado a morte que o valor de fazer um registo escrito histórico de Jesus e dos seus ensinamentos se tornaria

aparente. Mesmo assim, os relatos não enfatizariam a filosofia e as doutrinas metafísicas, mas contariam como ser salvo. Os escritos teriam um zelo missionário destacando a salvação através da fé. Esta mensagem era as "boas novas", que é o significado literal da palavra "evangelho." Ela estaria centrada em experiências espirituais em vez de ideologia doutrinária.

Para qualquer um que possa ainda ter dificuldade com o conceito de vidas anteriores do Mestre e insista que tal conhecimento deve estar explicitado claramente nas escrituras, o que precede deve ser tido em mente.

Devem também recordar as declarações ocasionais no Novo Testamento de que a história completa de Jesus e os mistérios de Deus não podiam ser partilhados com o público em geral. Paulo e outros insistiram que havia uma mensagem que não foi escrita porque o povo não era ainda capaz de a receber.

Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não as pode entender, porque elas se discernem espiritualmente. (I Coríntios 2:14)

E eu, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnais, como a meninos em Cristo. Com leite vos alimentei, e não com alimento sólido, porque ainda não podíeis suportar; nem ainda agora podeis . . . (I Coríntios 3:1-2)

Jesus, também, falou da necessidade de reter a sabedoria completa daqueles que não estavam espiritualmente avançados. Após declarar aos seus discípulos, "quem tem ouvidos para ouvir, ouça", Jesus continuou:

A vós vos é dado saber o mistério do reino de Deus, mas aos que estão de fora todas estas coisas se dizem por parábolas. (Marcos 4:11)

E são as parábolas de Jesus que são o alimento dos evangelhos.

O famoso teólogo da Igreja primitiva Orígenes notou que "as matérias divinas são trazidas aos homens de forma algo secreta." Ele

observou sobriamente que elas "são tanto mais secretas em proporção à falta de crença ou indignidade de alguém."1 Ele adicionou então:

Esta sabedoria, portanto, está escrita mais claramente e perfeitamente nos nossos corações, se nos tiver sido revelada de acordo com a revelação do mistério, que foi mantido secreto durante longas eras, mas é agora divulgado através dos escritos proféticos e através do aparecimento do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre.2

É essencial olhar para os escritos proféticos e outros do tempo de Jesus, que em muitos casos estão fora da Bíblia, para encontrar a filosofia real e subjacente dos primeiros cristãos tal como a tinham recebido de Jesus.

"Seria imprudente insistir em que apenas aquelas coisas são verdadeiras que se podem encontrar na Bíblia e que a pessoa não tem permissão para investigar mais."3

Havia versões secretas de alguns dos evangelhos e de outros livros que os primeiros autores cristãos afirmavam ter significado oculto compreensível apenas para o iniciado espiritual. Alguns destes documentos estão ainda disponíveis, mas frequentemente o seu significado é críptico. Examinámos muitas destas obras bem como escritos de grupos antigos que afirmavam conhecer o significado secreto e oculto das revelações de Deus ao homem. Muito frequentemente estes documentos estão em harmonia com a história de Cayce das muitas vidas do Mestre. Estas fontes incluíram também materiais de descobertas arqueológicas recentes que geralmente não foram ainda assimilados nas interpretações cristãs tradicionais dos evangelhos.

É imperativo que o Cristianismo reexamine as suas origens e doutrinas primitivas. Deveria fazê-lo à luz destes documentos recentemente disponíveis e até de outras fontes antigas que em eras passadas foram relegadas para a heresia—com ou sem boa razão. Como um estudioso coloca:

A Igreja de hoje, ainda a trabalhar sob as tolices dos credos dos seus Concílios do século IV em diante, não chegou a fazer os estudos teológicos, e ao leitor comum da Bíblia são negadas as notas explicativas e comentários que o introduziriam às interpretações essénias e judaicas.4

É tempo de o Cristianismo redescobrir a sua mensagem da antiguidade.

No livro cristão primitivo, Atos de Tomé, o Rei Misdaeus pergunta a Judas Tomé o nome do seu Mestre e Judas responde: "Não podes ouvir o seu verdadeiro nome nesta altura; mas o nome que lhe foi dado é Jesus Cristo."5 Como vimos, a Bíblia regista discussões entre Jesus e os seus discípulos quanto a quem eles e o público em geral pensavam que ele tinha sido—ou, com efeito, qual pensavam que era o seu verdadeiro nome. Tal como os Atos de Tomé indicam, a Bíblia regista Pedro a responder apenas que Jesus era o Cristo, o Filho de Deus. O Livro Etíope de Enoque indica também que o Filho do homem foi revelado por Deus apenas aos santos e eleitos. (1 Enoque 62:7) Mas Jesus usou certos termos e títulos para si próprio na Bíblia que, em exame atento, aparentemente dão alguns dos seus verdadeiros nomes, identificam-no, e ligam-no a vidas anteriores.

Um destes títulos é o de "Filho do homem." Foi mencionado em capítulos anteriores mas merece mais comentários em vista da forte identificação de Jesus com ele.

O significado hebraico de "Filho do homem" implica um membro da raça humana, mas é um homem como concebido por Deus em vez de um homem como o encontramos no seu estado presente. O título é usado na Bíblia em Daniel 7:13 numa designação messiânica de "um como o Filho do homem" que aparecerá nas nuvens diante do Ancião de Dias e receberá o seu reino eterno sobre todos os povos e nações. O título aparece frequentemente nos livros enoquianos, que eram tidos em elevada estima pelos Essénios e primeiros cristãos. O termo messiânico "Filho do homem" pode na verdade ter tido origem nos livros de Enoque, e estes, como Daniel, usaram o título ao referirem-

se a um messias vindouro. Jesus usou o título "Filho do homem" 82 vezes nos evangelhos ao referir-se a si próprio. Era um termo messiânico em uso corrente na altura, e um com o qual Jesus foi a extremos para se identificar. Como vimos anteriormente, tinha sido usado historicamente ao referir-se também a Adão e Enoque.

O "Verdadeiro Mestre" ou "Mestre da Justiça" dos Essénios, mencionado tão frequentemente nos seus documentos, mefistofelicamente epitomizava o Filho do homem. Acreditava-se por eles que esta alma vem de tempos a tempos entre nós "para nos chamar de volta para os nossos melhores eus, para o caminho da preocupação pelos outros, para o amor e bondade de coração."6 Ele é o nosso lar e o objetivo para o qual nos esforçamos. "Através dele, em espírito, alcançamos maravilhas infinitas e glórias incomparáveis."7 Em capítulos anteriores, vimos este Mestre da Justiça messiânico identificado em documentos essénios como Asafe e possivelmente José. Esperava-se que ele regressasse como o messias.

O Filho do homem era também conhecido pelos Gnósticos e outros grupos cristãos primitivos como o Homem Celestial ou Homem do Céu que desce à terra de tempos a tempos como um mero mortal a fim de ministrar direção espiritual ao povo. Este título de "Homem Celestial" era outro título para o Mestre da Justiça dos Essénios que regressaria nos tempos do fim como o messias.8

Quando nos é dado acesso ao legado dos Essénios, somos capazes de apreciar o que eles procuravam transmitir. Era para o elevado propósito de remir os Eleitos e finalmente a própria terra, e incorporar os fiéis na personalidade Messiânica, que o Homem Celestial, em cuja imagem Adão tinha sido criado, tinha encarnado no Verdadeiro Mestre nos Tempos do Fim.9

Alguns dos seguidores de Jesus reconheceram a aparição de Adão em Jesus, e podemos observar estes conceitos nos escritos paulinos. Paulo escreveu sobre o primeiro Adão e o último Adão e ligou-o a Jesus, o messias de Paulo e verdadeiro mestre dos tempos do fim.

Este Homem Celestial, Adão Kadmon, Homem do Céu, ou Homem Arquétipo está associado a e é chamado Sabedoria em muitos destes escritos antigos.10 A caracterização de Hermes como a personificação da Sabedoria, discutida no capítulo sobre Hermes, deveria também ser recordada.

O oitavo capítulo de Provérbios é considerado como sendo uma veneração da Sabedoria. O seu significado oculto e identificação com o Homem Celestial, o messias, pode agora contudo ser conjeturado. E a sua autoria por Asafe, uma encarnação do Mestre, é uma possibilidade em vista da semelhança na linguagem e estilo com os salmos de Asafe e do facto de Asafe ter sido um contemporâneo de Salomão, a quem a compilação dos provérbios é normalmente atribuída. Escutemos novamente a linguagem de Provérbios 8:22-31:

> O Senhor me possuiu no início dos seus caminhos,
> antes das suas obras antigas.
> Desde a eternidade fui ungida, desde o princípio,
> antes da terra.
> Quando ainda não havia abismos, fui gerada,
> quando ainda não havia fontes carregadas de águas.
> Antes que os montes fossem assentados, antes dos
> outeiros, eu fui gerada;
> antes que tivesse feito a terra, nem os campos, nem o
> princípio do pó do mundo.
> Quando ele preparava os céus, aí estava eu,
> quando traçava um círculo sobre a face do abismo,
> quando estabelecia as nuvens em cima, quando
> fortificava as fontes do abismo,
> quando fixava ao mar o seu termo, para que as
> águas não traspassassem o seu mando, quando
> compunha os fundamentos da terra,
> então eu estava com ele, como um mestre de obras; e
> era diariamente as suas delícias, folgando perante ele em todo o tempo,

folgando no seu mundo habitável e achando as minhas delícias com os filhos dos homens.

O texto acima serve perfeitamente como uma versão bela e poética do relato de Edgar Cayce sobre a criação e o papel do Mestre nela.

Outra doutrina essénia e cristã primitiva era a do Logos ou o Verbo. O Evangelho de João abre com esta terminologia. Fílon, o historiador judeu do século I d.C., escreveu sobre os Essénios egípcios, que eram conhecidos como os Terapeutas. De acordo com eles, este Verbo, ou Logos, exemplifica e ilumina o caminho para todos os mortais ao viajarem e encontrarem o seu caminho de regresso a Deus e tornarem-se novamente Filhos de Deus. Os Terapeutas—e aparentemente Fílon—acreditavam que o Verbo ou Logos era o Primogénito de Deus, o Princípio (Adão), e estava encarnado em Jesus. Hermes também era chamado o "Logos."

Outra palavra para o "Logos" é o "Nous" ou Mente. Num par de documentos gnósticos Hermes é também chamado o "Nous."11

Um posterior legado dos Essénios é uma forte ênfase num messias sacerdotal, que é identificado como Cristo Jesus na Epístola aos Hebreus. A ligação aqui é feita através de uma relação com Melquisedeque, que, de acordo com Cayce, era uma encarnação do Mestre.

Outro título de significado é "o Eleito." Era uma designação feita por Deus para Enoque bem como para o messias no livro 1 Enoque. Em Lucas 9:35, Deus diz na Transfiguração: "Este é o meu Filho, o meu Escolhido; ouvi-o." A melhor tradução do texto grego deveria provavelmente ler-se: "Este é o meu Filho, o Eleito; ouvi-o." É uma identificação possível de Jesus com Enoque a partir da fonte mais elevada.

Jesus chamou-se a si próprio o "bom pastor." Esta mesma designação foi usada em documentos antigos para Hermes e para Zend.

O messias foi referido no Antigo Testamento como o "ramo" da videira de Israel, (i.e., Jeremias 23:5) O sacerdote, Jesua, foi identificado como este ramo messiânico. Jesus usou também a terminologia da videira e do ramo. Possivelmente porque Israel falharia em reconhecê-lo e reivindicá-lo como o messias, Jesus substituiu-se a si próprio por Israel como a "videira." Os seus seguidores tornaram-se os "ramos." (João 15:5)

O primeiro mártir cristão, Estêvão, chamou a Jesus "O Justo." (Atos 7:52) Tal designação traz à mente o título messiânico essénio de "Mestre da Justiça" bem como o nome Melquisedeque, cujo significado real é "rei (ou Senhor) da Justiça."

Todos estes títulos e filosofias são importantes para nós porque parecem identificar Jesus com pessoas que Edgar Cayce disse serem encarnações anteriores do Mestre. Tais identificações, frequentemente feitas pelo próprio Mestre, não podem ser descartadas simplesmente como coincidência ou acidente. A forma e o contexto em que foram dadas apoiam o conceito de que a missão completa do Mestre abrangeu múltiplas vidas.

Houve, como vimos, numerosos grupos que acreditavam que o messias ou Jesus tinha vindo à terra em mais do que uma ocasião para nosso avanço espiritual.

Está a tornar-se crescentemente aparente a partir dos registos disponíveis para nós hoje que os Essénios prepararam o caminho para a Igreja Cristã e que eles "ajudaram a moldar tanto a alma da Igreja como o seu corpo."12 Os primeiros cristãos—os seguidores de Jesus—eram Essénios, ou pelo menos quase-Essénios, como um estudioso lhes chama.13 Os Essénios, podemos recordar, acreditavam que a alma que seria o messias tinha vindo à terra numerosas vezes em favor da salvação da humanidade. Ele tinha sido, por exemplo, o seu Mestre da Justiça.

Entre os Gnósticos, que abrangiam um grande número e variedade de fações, estão cristãos primitivos que também acreditavam que esta vida de Jesus não era a sua primeira. Os

Gnósticos já foram discutidos, e conhecemo-los através dos olhos dos seus críticos bem como dos seus próprios escritos, incluindo os encontrados recentemente em Nag Hammadi, Egito. O seu desaparecimento ocorreu como resultado de um esforço organizado pela Igreja para codificar a sua teologia num único credo. A partir dos escritos gnósticos, sabemos agora que eles tinham muitas tradições sobre Jesus que eram secretas e "ocultas" das massas que, no século II, se tornaram a igreja "católica".14 O "Testemunho da Verdade" gnóstico condena os cristãos ortodoxos que professam falar pelo Cristianismo mas que na verdade não sabem quem é Cristo.15

Mas há outros grupos cristãos primitivos, tais como os Nazarenos, Ebionistas e Elcasaitas, que acreditavam nas múltiplas vidas do messias ou Cristo e cujos antecedentes e identidades não são tão bem conhecidos. Redescobri-los será revelador.

Pouco depois da partida de Jesus, os apóstolos e outros que tinham estado próximos dele estabeleceram a Igreja de Jerusalém. Tornou-se a Igreja Mãe do Cristianismo e foi chefiada por Tiago, o irmão de Jesus, até ao seu martírio em 62 d.C. Aqueles que fundaram e compunham esta Igreja eram judeus e conhecidos como os Nazarenos. Eles mantinham muitos dos antigos costumes judeus e, como refletido no Novo Testamento, tinham dificuldade em ajustar-se ao alcance por parte de Paulo e outros junto dos Gentios da área do Mediterrâneo.

Após a destruição de Jerusalém em 70 d.C., a Igreja Mãe mudou-se para além do Rio Jordão no distrito de Pela. As suas fações foram conhecidas variadamente daí em diante como os Nazarenos, Ebionistas e Elcasaitas. A sua crença nas muitas vidas do Mestre está documentada não só por eles mas também pelos seus adversários, que cada vez mais incluíam os cristãos gentios. São Jerónimo disse desdenhosamente dos Ebionistas no século IV d.C.:

São eles que são chamados Nazarenos, que creem em Cristo, Filho de Deus, nascido da Virgem Maria, mas que, ao desejarem ser tanto Judeus como Cristãos, não são nem uma coisa nem outra.16

Por outro lado, os Ebionistas consideravam-se a si próprios como a verdadeira igreja mãe do Cristianismo e "guardiã da verdade como ela é em Jesus."17 Tem sido também sugerido que há ligações históricas entre estes Ebionistas judaico-cristãos e os Essénios de Qumran.18

As Igrejas Gentias Romana e Oriental, contudo, cresceram primariamente a partir dos ensinamentos de Paulo. Ele focou-se totalmente na crucificação, ressurreição e ascensão de Jesus e não estava interessado nos pormenores da vida de Jesus ou no que ele tinha dito ou ensinado. Ele pode nem sequer ter estado familiarizado com estes pormenores. A sua promulgação foi deixada à Igreja de Jerusalém e aos seus sucessores imediatos.

À medida que as Igrejas Romana e Oriental se tornavam mais organizadas, começaram a simplificar a sua teologia de modo a ampliar o seu apelo e a acomodar os ritos e crenças religiosos das populações gregas e romanas que serviam. Numerosos Concílios foram convocados durante os séculos IV e V, e certas crenças da Igreja Mãe original, as dos judaico-cristãos, foram declaradas heréticas. Como vimos anteriormente, a crença nas múltiplas vidas do Mestre foi uma dessas vítimas. Estas igrejas judaico-cristãs declinaram e foram virtualmente varridas na maré muçulmana que subsequentemente varreu o Médio Oriente.

Ao olhar para os escritos da Igreja ortodoxa primitiva, testemunhamos uma nova religião obcecada com a renúncia da "heresia." As descobertas arqueológicas neste século permitem-nos examinar objetivamente algumas destas crenças heréticas e compará-las com as doutrinas clericais bem conhecidas e padronizadas. Quando discernimos as fontes das chamadas "heresias", encontramos que muitas delas podem ser rastreáveis aos apóstolos e seguidores que conheceram Jesus e provavelmente ao próprio Mestre. No seu lugar foi imposta uma teologia simples, obrigatória, de credos e hierárquica, que foi promulgada cerca de duzentos ou mais anos após a morte de Jesus. Era uma ortodoxia que destacava o batismo ritual, a confissão do credo da Igreja, a participação no culto e a obediência ao clero.

Refletia um medo, não só de certas fações cristãs, mas também da perceção individual vinda de Deus e da orientação interior da alma.

Assim, as Igrejas Católica Romana e Ortodoxa Oriental, na pressa de padronizar a teologia cristã, perderam alguns dos ensinamentos originais de Jesus. Estes ensinamentos foram mantidos pelos Nazarenos, Ebionistas, Elcasaitas e outros até que estes grupos passaram ao esquecimento alguns séculos mais tarde. Eles não eram fações extremas e fanáticas, mas restos do núcleo interno dos seguidores fiéis de Jesus. Eles são aqueles que deveriam ter tido os ensinamentos de Jesus—mesmo os mistérios ocultos—na sua forma mais pura e não adulterada.

Uma das suas crenças importantes tinha sido a convicção de que o Mestre tinha vindo muitas vezes para ajudar os seus irmãos errantes a regressar ao redil do Pai.

CAPÍTULO DEZANOVE

O Nosso Legado

O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus e coherdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados. (Romanos 8:16-17)

Espalhadas ao longo do passado e acariciando as páginas do tempo como uma brisa refrescante esteve a entrada, em períodos aparentemente baixos na história da humanidade, de pessoas espiritualmente avançadas muito além dos seus pares. Estas figuras chegaram em momentos significativamente importantes num padrão ou esquema sugestivo de sabedoria e orquestração divinas. Se se pode dizer que a humanidade progrediu espiritualmente durante a permanência registrada na terra e se qualquer progresso desse tipo pode ser atribuído aos esforços religiosos dos mortais, então estes

poucos pioneiros espirituais desempenharam um papel catalisador notável na evolução espiritual da humanidade. As leituras de Cayce indicam que a alma do Mestre esteve envolvida em cada um destes impulsos espirituais que ensinaram que Deus é Um.

A história do Mestre estende-se do Éden ao Egito, à Pérsia, Babilónia, Judeia—mesmo à fabulosa Atlântida. E, claro, há a cidade de Jerusalém, onde ele teve experiências tão variadas—realeza, sacerdócio no Templo, e eventualmente a crucificação na cruz. Possivelmente estas experiências em Jerusalém foram em si mesmas o cumprimento das expectativas de um messias rei, sacerdotal e sofredor.

Há numerosas outras vidas do Mestre sobre cujo local só podemos adivinhar. Talvez ele tenha passado vidas naquilo que conhecemos como Índia, China, Japão, Europa e Américas, mas o registo é silencioso. Possivelmente Edgar Cayce teria identificado claramente estas outras áreas das vidas do Mestre se o seu público tivesse sido de um historial diferente do judaico-cristão. Mas pode-se suspeitar que a marca do Mestre foi deixada sobre todas as religiões verdadeiras e que as suas pegadas foram deixadas sobre as areias de todas as terras.

Cada vida do Mestre é transformada num exemplo vivo para nós seguirmos. Amilio o espírito. Adão o criado. Enoque ou Hermes o Grande Iniciado e sábio. Melquisedeque o sacerdote místico. José o chefe de estado e perdoador. Josué o guerreiro líder fiel. Asafe o artesão. Jesua o sacerdote e escriba. Zend o líder espiritual. E Jesus que amou e sofreu o seu caminho até à Qualidade de Cristo. O padrão de cada uma destas vidas do Mestre é carregado e vivificado, contudo, pelo poder da sua Qualidade de Cristo definitiva.

O termo "Cristo" vem da palavra grega christos, que significa ungido. Por este nome, os cristãos historicamente confessaram a sua crença de que Jesus era o messias.1

P-1. Qual é o significado e importância das palavras Jesus e Cristo conforme deveriam ser compreendidas e aplicadas . . .?

R-1. . . . Jesus é o homem—a atividade, a mente, as relações que Ele manteve com os outros. Sim, Ele estava atento aos amigos, Ele era sociável, Ele era amoroso, Ele era bondoso, Ele era gentil. Ele ficava fraco, Ele ficava debilitado—e contudo ganhou essa força que Ele prometeu ao tornar-se o Cristo, ao cumprir e superar o mundo! Vós sois tornados fortes—no corpo, na mente, na alma e propósito—por esse poder em Cristo. O poder, então, está no Cristo. O padrão está em Jesus. 2533-7

A Consciência de Cristo é descrita noutra leitura como "a consciência dentro de cada alma, impressa em padrão na mente e à espera de ser despertada pela vontade, da unicidade da alma com Deus." (5749-14)

Há um número de questões filosóficas que historicamente têm atormentado o Cristianismo mas que parecem ser respondidas pelas vidas de Jesus e pelos conceitos delas derivados como fornecidos por Edgar Cayce. O nosso legado é assim clarificado e tornado mais significativo.

Muito debate se tem centrado no papel da graça na dissolução do efeito dos nossos pecados e erros—o nosso karma. A resolução como encontrada nas leituras de Cayce não é a de que a graça apaga automaticamente o pecado. Antes, ela reconhece a iniciativa divina e o poder purificador da graça mas condiciona a sua operação ao nosso uso da graça ou perdão ao lidar com os outros.

Pois apenas à medida que perdoais àqueles que vos culparam sem uma causa, que falaram vilmente de vós sem razão, pode o dador da vida e da luz perdoar-vos . . . 3660-1

Uma questão estreitamente ligada é a da fé versus obras. Vem a salvação através da nossa fé ou através das obras que fizemos? Um relato do Novo Testamento diz que somos salvos através da fé, "não das obras, para que ninguém se glorie." (Efésios 2:8-9) Outro, contudo, diz que "a fé, se não tiver as obras, é morta." (Tiago 2:17) A resposta de Cayce parece ser uma combinação de ambos os conceitos. A fé é determinada não por obras exteriores, muito certamente, mas

pelo motivo interior de fé e amor exemplificado nos nossos atos de bondade, paciência, cooperação, indulgência, tolerância e misericórdia uns para com os outros. Assim, a salvação vem através da fé, mas a verdadeira fé é caracterizada por certas obras espirituais.

Foi Jesus um homem que se tornou Deus ou foi ele Deus que se tornou um homem? Esta questão foi um dos assuntos principais debatidos no primeiro Concílio da Igreja em Nicéia em 325 d.C. Um teólogo cristão de Alexandria chamado Ário afirmava que Jesus era um homem que se tornou Deus através da sua fé total e aceitação da vontade de Deus. O Concílio dividiu-se sobre o assunto mas eventualmente condenou esta ideia e enviou Ário para o exílio. O Concílio de Constantinopla em 553, ao denunciar o Origenismo, tocou também no assunto de saber se Jesus tinha ou não ganho a sua Qualidade de Cristo através de numerosos corpos e nomes; contudo, concluiu de forma algo ambígua que tal crença era heresia a menos que a pessoa admitisse também que Deus Se humilhou e Se tornou um homem. As leituras de Cayce dizem que o Mestre voluntariamente deixou o seu estado original com Deus e errou e sofreu através de muitas vidas até regressar à divindade. Quando veio como Jesus, ele tinha já completado o regresso a Deus mas escolheu terminar a sua missão terrestre. Como Jesus, ele era assim tanto Deus como homem.

Somos nós próprios deuses em formação? É tal crença blasfema? Ao defender-se contra uma acusação de blasfémia, Jesus referiu-se a e reiterou a declaração do Salmo no Antigo Testamento de que "vós sois deuses." Ele disse também: "O que eu faço vós podeis fazer"—significando aparentemente que até nós podemos alcançar a Qualidade de Cristo ou divindade. A filosofia espiritual das leituras psíquicas de Edgar Cayce baseia-se na convicção de que a humanidade, através da misericórdia de Deus e através do seguimento do exemplo do Cristo, pode atingir e regressar a uma divindade perdida—esse estado de perfeição original e unicidade do nosso propósito e da nossa vontade com Deus.

O legado que o Mestre nos deixou é também um legado de responsabilidade e dever.

Quando Jesus disse na cruz: "Está consumado", ele queria dizer que a sua missão terrestre de mostrar o caminho para superar o pecado tinha sido atingida. Tinha sido feita enfrentando e superando os seus erros anteriores. Este conceito é apoiado numa tradução possível das suas palavras, que é: "A dívida está paga." A filosofia do teólogo do século XX, Rudolf Steiner, sugere de forma semelhante:

De facto, uma compreensão do karma [e da reencarnação] é essencial para a compreensão do que se quer dizer com a doutrina cristã tradicional de que Cristo, ao passar pelo Mistério do Gólgota, remiu o homem dos seus pecados.2

O propósito para o qual o Mestre tinha originalmente entrado na terra estava consumado; ele tinha-nos mostrado o caminho de regresso à glória de Deus. A dívida terrestre, em que ele tinha incorrido ao longo do caminho, tinha sido também paga. Mas a sua obra não estava consumada; ela foi deixada nas mãos de nós que estamos ainda presor à materialidade e ao plano terrestre. Até que a última ovelha esteja de volta aos redil do Pai, a obra do Mestre está inacabada. É o nosso desafio completar esta obra da alma do Mestre que tão capazmente completou a sua parte terrestre nela e prometeu estar connosco sempre.

E à medida que sejais o canal para apressar esse glorioso dia da vinda do Senhor, então fazei com força aquilo que as tuas mãos encontrarem para fazer para promover maiores manifestações do amor do Pai na terra. Pois, à tua guarda, e aos Seus filhos e aos Seus filhos, confiou Ele a guarda da salvação do mundo, das almas dos homens . . . 262-58

O significado do nascimento e missão de Jesus aplica-se assim a cada um de nós:

Pois à medida que contemplais o rosto do vosso amigo, do vosso próximo, do vosso adversário, sim, do vosso inimigo, contemplais a imagem do vosso Salvador.

Pois vós sois todos D'Ele, comprados não só com o nascimento do Deus-Menino na carne mas com a morte—para que possais saber

que Ele, o vosso Irmão, o vosso Salvador, o vosso Cristo, tem sido e é o Caminho para o Pai neste plano material.

Pois como Ele escolheu entrar, assim vós entrastes. Como Ele escolheu viver, assim possais vós viver. Como Ele escolheu dar de Si mesmo para que pudesse haver uma maior compreensão, um maior conhecimento; sim, o manifestar da sabedoria de Deus de que Deus é amor, derramado sobre os filhos dos homens nesta experiência. 262-103

Finalmente, como é que a ideia e o significado de vidas anteriores de Jesus afetam o Cristianismo convencional? Em grande medida, nenhumas mudanças básicas no comportamento cristão são exigidas. Os ingredientes essenciais do Cristianismo fundamental permanecem intactos. A salvação é baseada no arrependimento, na crença e num compromisso total com Deus como exemplificado na vida de Jesus. Em todo o caso, como as leituras de Cayce dizem para o assunto da reencarnação em geral, se o conceito for espiritualmente útil, usai-o; se não, então descartai-o.

Por outro lado, muitos encontram um legado muito positivo nas muitas vidas do Mestre. Eles podem, através de um saber interior, reconhecer uma história quase perdida do Cristianismo mas uma que de facto era parte das antigas crenças messiânicas e um elemento indispensável de fé para muitos cristãos primitivos. Para eles, as vidas do Mestre fornecem um legado rico e poderoso. Eles encontram que a narrativa de Cristo não está limitada à história de Jesus. Antes, está vestida numa missão e tradição que se estende desde Adão—mais ainda, desde a contribuição de Amilius em forma de espírito—através de figuras lendárias e importantes na história do mundo. O papel do Mestre torna-se assim mais amplo e grandioso em conceito. O Cristianismo é mais rico quando retratado num mural tão magnífico e numa tapeçaria mais belamente tecida.

Para estas pessoas, a nossa dívida para com Jesus Cristo é muito maior do que alguma vez concebida pelo Cristianismo convencional. O sofrimento, o cuidado e o amor do Mestre são dados livremente,

não apenas numa vida, mas em muitas. Podemos verdadeiramente reconhecer na religião que ele fundou uma nova consciência humana cujo hino é o amor.

A história de Jesus sem o impacto das suas muitas aparições é como ouvir uma execução orquestral com apenas os instrumentos de percussão presentes. O ritmo básico está lá, mas ausentes estão a harmonia, os sobretons e a beleza total de todas as partes e peças a tocar juntas. Com o conhecimento das suas vidas, começamos a ouvir o concerto completo em toda a sua glória comoovente e eloquente.

Podemos agora também mais facilmente identificar-nos com a vida de Jesus e verificar a sua aplicabilidade a nós. Podemos começar a compreender a credibilidade da declaração de Jesus aos seus seguidores de que eles—e nós—podemos fazer as coisas que ele fez—e até maiores. Afinal de contas, o Mestre experimentou tudo o que nós possamos encontrar. Ele não é apenas Deus cuja experiência de vida como Jesus diferiria inerentemente da nossa. A sua história é a nossa, e é a nossa esperança. É uma narrativa recuperada do passado que não só afirma a sua divindade mas enfatiza a sua humanidade. Ela retrata o caminho de regresso ao Pai.

. . . à medida que o Filho entrou na terra ao longo das eras, como o homem conta o tempo, houve o crescimento; o crescimento que serviu para essa determinação de propósito de que o mundo, a terra e a plenitude da mesma pudessem ser um exemplo vivo da glória do Filho. E como o homem conta as falhas muitas houve, contudo tentado em tudo—mesmo nessa experiência em que "contudo sem pecado" Ele apresentou o Seu corpo diante do Trono da graça e da misericórdia . . . 262-82

À medida que ele progrediu do erro para a perfeição, assim podemos nós. Até o seu papel como salvador acena como a pedra angular do nosso crescimento espiritual.

. . . toda e qualquer alma deve tornar-se, deve ser o salvador de alguma alma! para sequer compreender o propósito da entrada do Filho na terra—para que o homem pudesse ter o caminhar mais

próximo com, sim a porta aberta para, o próprio coração do Deus vivo! 1472-3

E como nos tornamos um "salvador" para alguma alma?

. . . sorri para aqueles que estão desanimados e tristes; levanta a carga daqueles que encontram a sua demasiado pesada para carregar, em gentileza, em bondade, em longanimidade, em paciência, em misericórdia, em amor fraternal. E à medida que mostras estas coisas ao teu próximo, os caminhos e as portas da glória abrem-se diante de ti. 272-8

A perfeição como a de Jesus parece esmagadora até compreendermos que tal como Jesus não temos de a alcançar numa só vida. Ela pode ser realizada, no conselho frequentemente repetido das leituras de Cayce, "aqui um pouco, ali um pouco, linha sobre linha, e preceito sobre preceito." No processo, aprendemos a paciência, tal como fez o Mestre nas suas muitas aparições.

E contudo, a urgência do tema da salvação não é de modo algum diminuída por múltiplas vidas. Embora o Pai nos possa conceder amplo tempo para fazer a viagem para casa, a dor e a dor de encontrar os nossos erros uma e outra vez, até que sejam aprendidos ou perdoados através da graça, é tão grande que não devia haver tentação para prolongar a provação.

Assim, as vidas do Mestre—o resto da história de Jesus—têm o potencial de falar a cada um de nós com uma mensagem significativa de ação e esperança. É uma mensagem que deveria unir e trazer todas as divisões do Cristianismo juntas num esforço singular. O credo e a teologia de Jesus são simples. É o amor a Deus e a todas as pessoas que foi a sua marca registrada desde o início e ao longo das suas muitas vidas no nosso plano terrestre. Encontramos . . . contendas a surgir naquilo que é chamado no presente denominacionalismo, e cada um a clamar . . . "Eis que, a menos que façais isto ou aquilo, não tendes parte Nele." "Aquele que me ama guardará os meus mandamentos." Quais são os mandamentos? "Não terás outros Deuses diante de mim", e "Amarás o teu próximo como a ti mesmo." Nisto

está construída toda a lei e evangelho de cada era que disse: "Há UM Deus!" 364-9 O legado das suas vidas deveria também fazer-nos realizar que o Mestre não está limitado unicamente ao Cristianismo. As suas vidas tocaram e são uma parte de cada pensamento religioso que ensina que Deus é Um. Somos assim por esta dinâmica todos trazidos juntos em amor e ecumenismo. Finalmente, as vidas do Mestre são uma crónica que clama amorosa e pacientemente a cada um de nós. É dada nas palavras e atos do Mestre e proferida por ele em tons límpidos e lamentosos. Diz: "Vem para casa. "Vem para casa, ó peregrino, vem para casa. "Vem para casa para a glória preparada para ti desde as fundações do tempo. "O Criador anseia por acolher-te em casa. "Estiveste numa viagem longa e distante. "Vem para casa. "Vem para casa, pródigo, pois eu também viajei por essa estrada—mesmo até à cruz. "Vem para casa; eu mostrei-te o caminho. "Vem para casa. "Vem e segue-me." E para o seguidor fiel que responde ao seu apelo, o Mestre prometeu: Ao que vencer concederei que se assente comigo no meu trono; assim como eu venci, e me assentei com meu Pai no seu trono. A quem vencer eu o farei coluna no templo do meu Deus, e dele nunca mais sairá . . . Quem tem ouvidos, ouça . . . (Apocalipse 3:21, 12, e 22; tradução de Lamsa)

NOTAS DE RODAPÉ

CAPÍTULO UM Edgar Cayce

1. Richard H. Drummond, Unto the Churches (Virginia Beach: A.R.E. Press, 1978), pp. 17-18.

2. Lynn Elwell Sparrow, Edgar Cayce and the Born Again Christian (Virginia Beach: A.R.E. Press, 1985), pp. 45-67.

3. Hugh Schonfield, The Essene Odyssey (Longmead, England: Element Books, Ltd., 1984), p. 2.

4. Sylvia Cranston and Carey Williams, Reincarnation: A New Horizon in Science, Religion, and Society (New York: Julian Press, 1984), pp. 213-214.

5. Charles F. Pfeiffer, The Dead Sea Scrolls and the Bible (New York: Weathervane Books, 1969), pp. 136 and 145.

CAPÍTULO DOIS A História do Mestre por Edgar Cayce

1. Hippolytus, "Refutatio," vol. 10, 2, como citado em The Other Bible, ed. Willis Barnstone (San Francisco: Harper & Row, 1984), p. 636.

CAPÍTULO TRÊS Vidas Passadas?

1. Drummond, Unto the Churches, p. 21.

2. Flavius Josephus, Antiquities of the Jews, Book XVIII, 1, (3), trad. William Whiston (Grand Rapids: Kregel Publications, 1960), p. 376.

3. Flavius Josephus, Wars of the Jews, Book II, 8, (10-11), trad. William Whiston (Grand Rapids: Kregel Publications, 1960), pp. 477-478.

4. Ibid., Book III, 8, (5), pp. 515-516.

5. James Bonwick, Egyptian Belief and Modern Thought, edição reimpressa (Indian Hills: Falcon Wing's Press, 1956), pp. 82-83.

6. Drummond, Unto the Churches, pp. 20-24.

7. Ibid., pp. 85-88.

8. F.L. Cross and E.A. Livingstone, eds., The Oxford Dictionary of the Christian Church (London: Oxford University Press, 1974), p. 957. E ver R. Bultmann, Z.N.T.W. xxiv (1925), pp. 100-146, citado em C.H. Dodd, The Interpretation of the Fourth Gospel (London: Cambridge University Press, 1970), p. 121.

9. Dodd, The Interpretation of the Fourth Gospel, pp. 121-124.

10. E.S. Drower, The Secret Adam (Oxford: Clarendon Press, 1960), p. xiv.

11. Cross and Livingstone, The Oxford Dictionary of the Christian Church, pp. 957.

12. Dodd, The Interpretation of the Fourth Gospel, p. 122.

13. Hippolytus, "The Refutation of All Heresies," em The Ante-Nicene Fathers, 10 vols., eds. Alexander Roberts and James Donaldson (Grand Rapids: Eerdman's Publishing Co., 1965), V:47-58.

14. Joseph Head and Sylvia Cranston, comps., Reincarnation: An East-West Anthology (Wheaton: Theosophical Publishing House, 1981), pp. 321-324.

15. Ibid., p. 42.

16. Dodd, The Interpretation of the Fourth Gospel, pp. 99-100.

CAPÍTULO QUATRO Amilius

1. The Gospel According to Thomas, trad. A. Guillanmont, Henri-Charles Peuch, Giles Quispel, Walter Till, and Yassah 'Abd el Misah (Leiden: E.J. Brill, 1959), p. 13.

2. New Catholic Encyclopedia, 17 vols., edição reimpressa (Palatine, Illinois: Jack Heraty & Associates, 1981), XI:702.

3. Edgar Evans Cayce, Edgar Cayce on Atlantis (New York: Warner Books, 1968), pp. 59-60.

4. Drower, The Secret Adam, pp. 21-22.

5. Ibid., nota 1, p. 22.

6. Hugh Schonfield, ed., The Authentic New Testament, nota 59, p. 309, citado em Drower, The Secret Adam, nota 2, p. 21.

CAPÍTULO CINCO Adão

1. Manly P. Hall, An Encyclopedic Outline of Masonic, Hermetic, Qabbalistic and Rosicrucian Symbolical Philosophy (Los Angeles: Philosophical Research Society, Inc., 1957), p. CXXVI.

2. Encyclopedia Judaica, 16 vols. (Jerusalem: Keter Publishing House, 1972), 11:234.

3. Ibid., 11:239.

4. James H. Charlesworth, ed., The Old Testament Pseudepigrapha, Vol. I (Garden City: Doubleday & Co., 1983), p. 152.

5. Encyclopedia Judaica, 11:236.

6. Ibid., 11:237.

7. Ibid., 11:241.

8. George W.E. Nickelsburg, "Some Related Traditions in the Apocalypse of Adam, the Books of Adam and Eve, and 1 Enoch," em The Rediscovery of Gnosticism, vol. II, Proceedings of the Conference at Yale, March 1978, ed. Bentley Layton (Leiden: E.J. Brill, 1981), pp. 521-538.

9. Charlesworth, The Old Testament Pseudepigrapha, 1:719.

10. James H. Charlesworth, ed., The Old Testament Pseudepigrapha, Vol. II (Garden City: Doubleday & Co., 1985), p. 292.

11. Josephus, Antiquities of the Jews, Book I, 2, (3), p. 27.

12. Birger A. Pearson, "Sethian Gnosticism," em The Rediscovery of Gnosticism, vol. II, ed. Bentley Layton (Leiden: E.J. Brill, 1981), p. 493.

13. Ibid., p. 495.

14. Eugnostos the Blessed (NHC III, 3,81) e The Sophia of Jesus Christ (NHC III, 4, 105) em The Nag Hammadi Library, ed. geral James Robinson (San Francisco: Harper & Row, 1977, p. 217.

15. The First Book of Adam and Eve em The Forgotten Books of Eden, ed. Rutherford H. Piatt, Jr. (New York: Bell Publishing Co., 1980), p. 28.

16. Hall, An Encyclopedic Outline of. . ., p. CXXVII.

17. Charlesworth, The Old Testament Pseudepigrapha, 1:990.

18. Ibid., 1:994.

19. F. Legge, Forerunners and Rivals of Christianity, 2 vols. (New York: Peter Smith, 1950), I:lxi.

20. Drower, The Secret Adam, pp. 92-94.

21. Carl Jung, Psychology and Alchemy, Collected Works of Carl Jung, the Bollingen Series, 20 vols. (Princeton: Princeton University Press, 1958-1970), XII:368.

22. Drower, The Secret Adam, p. 102.

23. Schonfield, The Essene Odyssey, pp. 149-150.

24. Encyclopedia Judaica, 11:240.

25. Charlesworth, The Old Testament Pseudepigrapha, 11:252.

CAPÍTULO SEIS Enoque

1. Elizabeth Clare Prophet, Forbidden Mysteries of Enoch (Los Angeles: Summit University Press, 1983), p. 27.

2. Ibid., pp. 27-30.

3. Ibid., p. 32.

4. R.H. Charles, ed. e trad., The Book of Enoch (Oxford: Clarendon Press, 1893), pp. 148-150; como citado em Prophet, Forbidden Mysteries of Enoch, p. 19.

5. Prophet, Forbidden Mysteries of Enoch, p. 34.

6. Encyclopedia Judaica, VI:794.

7. Charlesworth, The Old Testament Pseudepigrapha, Vol. I.

8. Encyclopedia Judaica, VI:795.

9. Charlesworth, The Old Testament Pseudepigrapha, 1:9.

10. Nickelsburg, "Some Related Traditions in the Apocalypse of Adam, the Books of Adam and Eve, and 1 Enoch," em The Rediscovery of Gnosticism, vol. II, p. 537.

11. Birger A. Pearson, ed. de vol., Nag Hammadi Codices IX and X, em Nag Hammadi Studies, ed. geral James Robinson (Leiden: E.J. Brill, 1981), p. 29.

12. Encyclopedia Judaica, VI:795.

13. Charlesworth, The Old Testament Pseudepigrapha, 1:94-96.

14. Ibid., 1:223.

15. Ibid., 1:229-231.

16. Ibid., 1:238.

17. Ibid., 1:229.

18. W.H. Church, "As Above, So Below An Exploration of the Origins of Hermetic Philosophy," The A.R.E. Journal, vol. IX, no. 3 (May 1974), p. 91.

19. Carl Jung, Alchemical Studies, Collected Works of Carl Jung, the Bollingen Series, 20 vols. (Princeton: Princeton University Press, 1958-1970), XIII: 137n.

20. Encyclopedia Judaica, VI:794.

21. The Second Book of Adam and Eve em The Forgotten Books of Eden, ed. Rutherford H. Piatt, Jr. (New York: Bell Publishing Co., 1980), p. 81.

CAPÍTULO SETE Hermes

1. Books of Hermes como citado em Jessica Madigan, The Past Lives of Jesus and Mary, 2 vols. (Los Angeles: Mei Ling Publications, 1970), 1:11.

2. W.H. Church, Many Happy Returns (San Francisco: Harper & Row, 1984), p. 78.

3. Hall, An Encyclopedic Outline of..., p. XXXVII.

4. Manly P. Hall, Twelve World Teachers (Los Angeles: Philosophers Press, 1937), pp. 30-31.

5. Ibid., p. 33.

6. The Encyclopedia of Philosophy, 8 vols., ed. Paul Edwards (New York: Macmillan Publishing Co. and The Free Press, 1972), III:490.

7. C.H. Dodd, Historical Tradition in the Fourth Gospel (Cambridge: Cambridge University Press, 1965), p. 319.

8. Kurt Rudolph, Gnosis (New York: Harper & Row, 1983), pp. 131-132.

9. Dodd, The Interpretation of the Fourth Gospel, pp. 110-112.

10. Ibid., p. 112 e nota 2, p. 125.

11. Church, "As Above, So Below," p. 100.

12. Carl Jung, Aion, Collected Works of Carl Jung, the Bollingen Series, 20 vols. (Princeton: Princeton University Press, 1958-1970), IXii:201-202.

13. Pfeiffer, The Dead Sea Scrolls and the Bible, pp. 140 and 143.

14. Hall, An Encyclopedic Outline of. . ., p. XLIV e Peter Tompkins, Secrets of the Great Pyramid (New York: Harper & Row, 1971), p. 218.

15. Encyclopedia Judaica, VIII:372.

16. Charlesworth, The Old Testament Pseudepigrapha, 1:228.

17. Jung, Alchemical Studies, Collected Works of Carl Jung, XIII:137n.

18. Jung, Psychology and Alchemy, Collected Works of Carl Jung, XII:370.

19. Hall, Twelve World Teachers, p. 33.

20. Hall, An Encyclopedic Outline of..., p. XXXVII.

21. Ibid.

22. Ibid., p. XXXVIII.

23. Dodd, The Interpretation of the Fourth Gospel, pp. 30-31.

24. Hall, An Encyclopedic Outline of . . ., p. XXXIX.

25. Ibid., p. XL.

26. Ibid.

27. Dodd, The Interpretation of the Fourth Gospel, pp. 33-34.

28. Robert W. Krajenke, A Million Years to the Promised Land (New York: Bantam Books, Inc., 1973), p. 71.

CAPÍTULO OITO Melquisedeque

1. Millar Burrows, More Light on the Dead Sea Scrolls (New York: Viking Press, 1968), p. 332.

2. The Jerusalem Bible, ed. geral Alexander Jones (Garden City: Doubleday & Co., 1966), nota g, p. 31.

3. M. Delcor, "Melchizedek from Genesis to the Qumran Texts and the Epistle to the Hebrews," Journal of Jewish Studies (1971), p. 122.

4. Church, Many Happy Returns, p. 106.

5. The Jewish Encyclopedia, 12 vols. (London: Funk and Wagnells Co., 1904), VIII:450.

6. Ibid.

7. Encyclopedia Judaica, 11:1289.

8. Legge, Forerunners and Rivals of Christianity, II:173.

9. Charlesworth, The Old Testament Pseudepigrapha, II:671 and 673.

10. Ibid., II:693.

11. Delcor, "Melchizedek from Genesis . . .," p. 132.

12. Charlesworth, The Old Testament Pseudepigrapha, 1:95.

13. W.D. Davies, "Commentary on Habakkuk 7:13," em *Christian Origins of Judaism* (Philadelphia: Westminster Press, 1962), p. 113.

14. Theodore Gaster, *The Dead Sea Scriptures in English Translation* (New York: Doubleday & Co., 1956), nota 3, p. 29.

15. Andre Dupont-Sommer, *The Jewish Sect of Qumran and the Essenes* (Bath, England: Vallentine, Mitchell & Co., Ltd., 1956), p. 160.

16. Delcor, "Melchizedek from Genesis . . .," p. 124.

17. Ibid., p. 250.

18. Melchizedek em *The Nag Hammadi Library*, ed. geral James Robinson (San Francisco: Harper & Row, 1977), p. 403.

19. Ibid., p. 399.

20. Pearson, ed., *Nag Hammadi Codices IX and X*, pp. 28-29.

21. Thomas Sugrue, *There Is a River* (Virginia Beach: A.R.E. Press, 1984), pp. 315-316.

22. *Encyclopedia Judaica*, XI: 1290.

CAPÍTULO NOVE José

1. Roland DeVaux, *The Early History of Israel* (Philadelphia: Westminster Press, 1978), pp. 303-320.

2. Werner Keller, *The Bible as History* (New York: Bantam Books, 1982), p. 89.

3. *Encyclopedia Britannica*, 30 vols., 15.ª edição (Chicago e London: Encyclopedia Britannica, Inc., 1977), I:401-403.

4. Robert Graves e Raphael Patai, *Hebrew Myths* (New York: Greenwich House, 1983), p. 27.

5. Ibid., p. 263.

6. Josephus, *Antiquities of the Jews*, Book I, 3, (3), p. 28.

7. The Testaments of the Twelve Patriarchs em *The Forgotten Books of Eden*, ed. Rutherford H. Piatt, Jr. (New York: Bell Publishing Co., 1980), pp. 259-260.

8. Ibid, p. 265.

9. Ibid., p. 267.

10. Charlesworth, *The Old Testament Pseudepigrapha*, II:187.

11. Ibid., pp. 188 e 196.

12. Ibid., p. 470.

13. Ibid., p. 191.

14. Ibid., p. 197.

15. Ibid., p. 226.

16. Ray Stanford, *The Fatima Prophecy* (Austin: Association for the Understanding of Man, 1972), pp. 43-50.

17. Schonfield, *The Essene Odyssey*, p. 36.

18. Ibid., pp. 37-38.

19. *The Jewish Encyclopedia*, VI:248.

20. Ibid, pp. 248 e 252.

21. William Neil, *Harper's Bible Commentary* (New York: Harper & Row, 1975), p. 62.

22. Ibid., pp. 54-65.

CAPÍTULO DEZ Josué

1. David e Pat Alexander, eds., *Eerdman's Handbook to the Bible* (Herts, England: Lion Publishing, 1973), p. 210.

2. *Great People of the Bible and How They Lived* (Pleasantville: The Reader's Digest Association, Inc., 1974), p. 95.

3. John L. McKenzie, ed., *Dictionary of the Bible* (New York: Macmillan Publishing Co., 1965), p. 351.

4. Alexander, *Eerdman's Handbook to the Bible*, p. 210; *Great People of the Bible and How They Lived*, pp. 332-333.

5. Joan Comay e Ronald Brownrigg, *Who's Who in the Bible*, 2 vols. (New York: Bonanza Books, 1980), II:172.

6. Charlesworth, *The Old Testament Pseudepigrapha*, II:260-261.

7. Comay e Brownrigg, *Who's Who in the Bible*, II:172.

8. Isaac Asimov, *Asimov's Guide to the Bible, The Old Testament* (New York: Avon Books, 1971), p. 208.

9. *Encyclopedia Judaica*, X:271.

10. Ibid., X:267.

11. Ibid.

12. Ibid.

CAPÍTULO ONZE Asafe

1. Keller, *The Bible as History*, p. 96.

2. DeVaux, *The Early History of Israel*, p. 296.

3. Charlesworth, *The Old Testament Pseudepigrapha*, II:165.

4. Schonfield, *The Essene Odyssey*, p. 51.

5. Charlesworth, *The Old Testament Pseudepigrapha*, II:366.

6. Schonfield, *The Essene Odyssey*, pp. 8-9, 44, e 57.

7. Ibid., p. 46.

8. Ibid., pp. 9 e 44-45.

9. Ibid., pp. 50-51.

10. Ibid., p. 97.

CAPÍTULO DOZE Jesua

1. *Great People of the Bible . . .*, pp. 196-249.

2. Joan Comay, *Who's Who in the Old Testament* (New York: Bonanza Books, 1971), p. 207.

3. *Encyclopedia Judaica*, X:1.

4. Ibid., X:2.

5. *Great People of the Bible* . . ., p. 274.

6. Ibid., p. 276.

7. Comentários editoriais que precedem o Livro de Zacarias na edição *New Scofield Reference* da *Holy Bible* (New York: Oxford University Press, 1967), p. 964.

8. *Encyclopedia Judaica*, X:2.

9. McKenzie, *Dictionary of the Bible*, p. 459.

10. Alexander, *Eerdman's Handbook to the Bible*, p. 204.

11. Ibid., pp. 205-208.

CAPÍTULO TREZE Zend

1. Ruhi M. Afnan, *The Great Prophets* (New York: Philosophical Library, 1960), p. 113.

2. Ibid., p. 114.

3. Hall, *Twelve World Teachers*, p. 69.

4. Afnan, *The Great Prophets*, p. 122.

5. Hall, *Twelve World Teachers*, p. 72.

6. John A. Hardon, *Religions of the World* (Garden City: Doubleday & Co., 1968), p. 206.

7. Robert O. Ballou, ed., *The Portable World Bible* (New York: Penguin Books, 1985), pp. 179-180.

8. Afnan, *The Great Prophets*, pp. 109-110.

9. Hardon, *Religions of the World*, p. 206.

10. Hall, *Twelve World Teachers*, p. 70.

11. Ibid., p. 72.

12. Ibid., p. 74.

13. Ibid., p. 75.

14. Hardon, *Religions of the World*, p. 207.

15. Hall, *Twelve World Teachers*, pp. 76-77.

16. Legge, *Forerunners and Rivals of Christianity*, I:lxii.

17. Hardon, *Religions of the World*, p. 205.

18. Ibid., p. 204.

19. Afnan, *The Great Prophets*, p. 119.

20. Ibid.

21. Ibid., p. 122.

22. Hardon, *Religions of the World*, p. 208.

23. Ballou, *The Portable World Bible*, pp. 189-190.

24. Hardon, *Religions of the World*, p. 208.

25. Ibid., p. 207.

26. Afnan, *The Great Prophets*, p. 138.

27. Ibid., p. 125.

28. Ibid., p. 131.

29. Jeffrey Furst, *Edgar Cayce's Story of Jesus* (New York: Coward-McCann, Inc., 1969), p. 98.

30. Afnan, *The Great Prophets*, pp. 125-126.

31. Joseph Gaer, *What the Great Religions Believe* (New York: Dodd, Mead, and Co., 1963), pp. 217 e 227.

32. Como citado em Afnan, *The Great Prophets*, p. 110.

33. Ibid., p. 142.

34. *Holy Bible*, edição *New Scofield Reference*, p. 993.

35. Drower, *The Secret Adam*, p. 92.

36. Pfeiffer, *The Dead Sea Scrolls and the Bible*, p. 142.

37. Introdução de John H. Sieber a Zostrianos em *The Nag Hammadi Library*, ed. James Robinson (San Francisco: Harper & Row, 1977), p. 368.

38. Pearson, "Sethian Gnosticism," em *The Rediscovery of Gnosticism*, vol. II, p. 497.

39. Hall, *Twelve World Teachers*, p. 77.

40. Ibid.

CAPÍTULO CATORZE Jesus: A Sua Vida Primitiva

1. Anne Read, *Edgar Cayce on Jesus and His Church* (New York: Paperback Library, 1970), p. 11.

2. McKenzie, *Dictionary of the Bible*, pp. 758-759.

3. Ibid., p. 668.

4. Schonfield, *The Essene Odyssey*, p. 75.

5. Ibid.

6. Legge, *Forerunners and Rivals of Christianity*, p. 155.

7. Ibid., p. 156.

8. Ibid., p. 712.

9. Janet Bock, *The Jesus Mystery* (Los Angeles: Aura Books, 1980), p. 2.

10. Ibid.

11. Ibid., pp. 3 e 6.

12. Ibid.

13. Ibid., pp. 23, 29, 47-49.

14. Ibid., pp. 207-227.

15. Ibid, p. 207.

16. Ibid., p. 49.

17. Ibid., p. 50.

18. Ibid., p. 74.

CAPÍTULO QUINZE Jesus: O Seu Ministério

1. Furst, *Edgar Cayce's Story of Jesus*, p. 212.

CAPÍTULO DEZASSETE Jesus: A Sua Morte e Ressurreição

1. George M. Lamsa, trad., *Holy Bible: From Ancient Eastern Manuscripts* (Philadelphia: A.J. Holman Co., 1957), p. 986.

2. John Dominic Crossan, *Four Other Gospels* (Minneapolis: Winston Press, 1985), p. 153.

CAPÍTULO DEZASSETE Jesus: O Seu Regresso

1. Pfeiffer, *The Dead Sea Scrolls and the Bible*, pp. 126-134.

CAPÍTULO DEZOITO A Mensagem da Antiguidade

1. Orígenes, "The Scriptures Are Divinely Inspired," como citado em *The Living Testament (The Essential Writings of Christianity Since the Bible)*, eds. M. Basil Pennington, Alan Jones, e Mark Booth (San Francisco: Harper & Row, 1985), p. 41.

2. Ibid.

3. Cranston e Williams, *Reincarnation — A New Horizon in Science, Religion, and Society*, p. 213.

4. Schonfield, *The Essene Odyssey*, p. 147.

5. Rappaport, *Myth and Legend of Ancient Israel*, Vol. III, pp. 97, 200, e 204, como citado em Schonfield, *The Essene Odyssey*, p. 126.

6. Schonfield, *The Essene Odyssey*, pp. 136-137.

7. Ibid.

8. Ibid., pp. 136-139.

9. Ibid., p. 141.

10. Ibid., p. 164.

11. Tratados N.º 25, Códice VI e N.º 23, Códice VI. Ver Jean Doresse, *The Secret Books of the Egyptian Gnostics* (New York: Viking Press, 1960), p. 243.

12. Dupont-Sommer, *The Jewish Sect of Qumran and the Essenes*, p. 164.

13. Ibid., pp. 148-153.

14. Elaine Pagels, *The Gnostic Gospels* (New York: Random House, 1979), p. xix.

15. Ibid., p. 103.

16. Dupont-Sommer, *The Jewish Sect of Qumran and the Essenes*, p. 158.

17. F.F. Bruce, *Peter, Stephen, James and John — Studies in Non-Pauline Christianity* (Grand Rapids: Eerdman's Publishing Co., 1979), p. 118.

18. Pfeiffer, *The Dead Sea Scrolls and the Bible*, p. 144.

CAPÍTULO DEZANOVE O Nosso Legado

1. McKenzie, *Dictionary of the Bible*, p. 432.

2. Stewart Easton, *Man and World in the Light of Anthroposophy* (Spring Valley: The Anthroposophic Press, 1982), p. 178.